UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU-Cidade

BERNARDO BRASIL BIELSCHOWSKY

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E MEMÓRIA URBANA EM BLUMENAU/SC

Florianópolis
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU-Cidade

BERNARDO BRASIL BIELSCHOWSKY

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E MEMÓRIA URBANA EM BLUMENAU/SC

Área de concentração: Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade

Linha de pesquisa: Urbanismo, Cultura e História da Cidade

Florianópolis
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO TECNOLÓGICO – CTC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
URBANISMO, HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE – PGAU-Cidade

BERNARDO BRASIL BIELSCHOWSKY

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E MEMÓRIA URBANA EM BLUMENAU/SC

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-Cidade da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Área de concentração:
Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Linha de Pesquisa:
Urbanismo, Cultura e História da Cidade.

Orientadora:
Profª. Drª. Margareth de Castro Afeche Pimenta

Florianópolis, 2009.

Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

B587 Bielschowsky, Bernardo Brasil
Patrimônio industrial e memória urbana em Blumenau/SC [dissertação] / Bernardo Brasil Bielschowsky ; orientadora, Margareth de Castro Afeche Pimenta. - Florianópolis, SC, 2009.
211 f.: il., mapas, plantas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Arquitetura industrial - Blumenau (SC). 3. Paisagem Urbana. 4. Patrimônio - Blumenau (SC). I. Pimenta, Margareth de Castro Afeche. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. III. Título.

CDU 72

A dissertação, intitulada "Patrimônio Industrial e Memória Urbana em Blumenau/SC", de autoria de Bernardo Brasil Bielschowsky, foi submetida a processo de avaliação conduzido pela Banca Examinadora instituída pela Portaria n° 008/PGAU-Cidade/09, para a obtenção do título de Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, tendo sido aprovada sua versão final em 25 de maio de 2009, em cumprimento às normas da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade – PGAU-Cidade.

COORDENAÇÃO DO PGAU-CIDADE

Prof. Dr. Almir Francisco Reis (UFSC)
Coordenador PGAU-Cidade

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Margareth de Castro Afeche Pimenta (UFSC)
Presidente (Orientadora)

Profa. Dra. Claudia Araripe Freitas Siebert (FURB)
Membro da banca

Prof. Dr. Leonardo Barci Castriota (UFMG)
Membro da banca

Prof. Dr. Milton Luz da Conceição (UFSC)
Membro da banca

Esse trabalho é dedicado ao arquiteto Hans Broos.

Pelo que representa a sua arquitetura, suas palavras, seu amor pela profissão e, em especial, pelos seus ensinamentos sobre a vida.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

Em especial à Profª. Drª. Margareth de Castro Afeche Pimenta, orientadora deste trabalho, incentivadora e companheira em todos os momentos, sem exceções. Devo a ela grande parte de minha experiência e satisfação no meio acadêmico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e todo o seu corpo docente, em especial ao Prof. Dr. Almir Francisco Reis, coordenador do PGAU-Cidade, que não mediu esforços na busca por auxílios. Nesse mesmo sentido, agradeço à querida e competente Adriana. Agradeço também ao corpo discente do PGAU-Cidade, em especial, à minha turma. Agradeço à CAPES pela bolsa concedida para o término desta pesquisa.

Aos professores que me honraram ao aceitarem participar da minha banca final de mestrado, Prof. Dr. Milton Luz da Conceição com suas questões relacionadas ao social, Profª. Drª. Claudia A. F. Siebert com todo o seu conhecimento sobre Blumenau e ao Prof. Dr. Leonardo B. Castriota com seus conhecimentos sobre patrimônio, cidade e cultura.

Aos membros filiados ao Comitê Brasileiro para a Preservação do Patrimônio Industrial, TICCIH-Brasil, que me incentivaram desde o início e contribuíram com diversas informações importantes, em especial, Henrique Vichinewski, Ronaldo Rodrigues, Cristina Meneguello, Silvana Rubino, Ademir Santos e Simonne Teixeira.

A todas as pessoas que facilitaram esta pesquisa, como Silvana Moretti, Adalberto Day, Amélia Malheiros, Hans Prayon, Ralf Karsten, funcionários do arquivo histórico, antigos moradores, funcionários e ex-funcionários das fábricas, que colaboraram de alguma maneira para a constituição deste conjunto de informações, tão diversificado e cheio de cultura.

Ao querido Hans Broos, pela oportunidade de compartilhar tantos momentos de sabedoria e pelo apoio em todas as minhas decisões.

À minha querida família, que sempre me apoiou em tudo, principalmente minha mãe Dora, meu irmão Wagner e meu pai Rolando. Ao meu querido padrinho, Bosco Brasil.

Aos meus amigos, que tornaram ainda mais prazerosas as minhas visitas a campo, em especial ao Marcos Kurth e ao Tadeu Kirita, que me ofereceram abrigo e atenção em Blumenau. Ao Luiz Henrique Vefago, pelos “auxílios internacionais” e ao André Xavier pelo apoio moral.

E por último, meus sinceros agradecimentos à Milena, meu amor, pelo que representa e por todo o apoio que me oferece. Foi sempre minha incentivadora, inclusive nos momentos mais difíceis, servindo como fonte de energia e de inspiração para superar os diversos obstáculos que apareceram ao longo deste trabalho, assim como em tudo que faço na vida. Apesar da minha ausência, sempre esteve ao meu lado, em tudo.

Agradeço a todos por essa oportunidade de ter transformado uma paixão em algo material.

RESUMO:

BIELSCHOWSKY, Bernardo Brasil. Patrimônio Industrial e Memória Urbana em Blumenau/SC, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-Cidade, UFSC, Florianópolis, 211 págs., Orientadora: Profa. Dra. Margareth de Castro Afeche Pimenta, Linha de Pesquisa em Urbanismo, Cultura e História da Cidade).

Esse trabalho pretende demonstrar a importância da conservação e manutenção do patrimônio edificado das indústrias têxteis para a paisagem e a memória urbana da cidade industrial de Blumenau, pois este retrata a forma como o imigrante-empresário se apropriou da natureza e estabeleceu um sistema de relações locais, constituindo assim uma identidade cultural. A dinâmica urbana gerada pela lógica de implantação, pelos sucessivos processos econômicos e sociais ocorridos nos diferentes períodos e as formas de apropriação do ambiente natural, mediadas pelas técnicas existentes, pela cultura trazida pelos imigrantes e adaptadas ao meio ambiente, estão registrados na paisagem cultural e na memória coletiva de Blumenau e, por isso, devem ser considerados bens patrimoniais. Constituem um acervo de importância fundamental ao desenvolvimento da cidade, definindo características particulares pelos traços culturais, modo de vida e apropriação do espaço, o que pode reafirmar a idéia de uma identidade social constituída. Com a globalização e a flexibilização da economia mundial, as empresas passam por sucessivos processos de reestruturação industrial que terceirizam os serviços e enxugam as plantas fabris, deixando grande parte deste patrimônio edificado sem utilização e, por isso, correndo o risco de deterioração e de desaparecimento. Como os processos de substituição e deslocalização industrial se generalizam, sobretudo nas regiões metropolitanas, a discussão sobre a importância da preservação dessa paisagem que é resultado da forma de apropriação da cultura teuto-brasileira, ganha toda sua atualidade, pois as cidades brasileiras conhecem rápidos processos substitutivos, decorrentes da fraqueza da legislação urbanística que permite uma acelerada dinâmica do capital imobiliário, o que transforma o tempo numa variável determinante para a manutenção da memória urbana.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial, Memória Urbana, Blumenau/SC.

ABSTRACT:

BIELSCHOWSKY, Bernardo Brasil. Patrimônio Industrial e Memória Urbana em Blumenau/SC, 2009. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, PGAU-Cidade, UFSC, Florianópolis, 211 págs., Orientadora: Profa. Dra. Margareth de Castro Afeche Pimenta, Linha de Pesquisa em Urbanismo, Cultura e História da Cidade).

This work intends to demonstrate the importance of conservation and maintenance of building heritage on textile industries for the landscape and urban memory of Blumenau. It deals with how the businessmen immigrant appropriated of the nature and establishes a local system relationship and a cultural identity. The urban dynamics generated by the logic location, the successive economic and social processes occurred in the different periods, the manner of natural environment appropriation, and the immigrants' culture is recorded at the cultural landscape and urban memory of Blumenau. For all theses factors, this environment must be considered a heritage good. This industrial heritage has primordial importance to the development of the city. It defines peculiar features of culture and the way of living, which can reaffirm the idea of social identity constituted. The companies experiment successive processes of industrial restructure due to the globalization and the flexibilization of the worldwide economy. These companies subcontracted the services and reduced the manufacturer plants, leaving great part of these buildings useless. This Industrial Heritage can be deteriorated or even disappear because of the generalized process of usage substitution, dislocation and abandon of the old factories. The discussion about the preservation of this cultural landscape is crucial because the Brazilian cities experimented rapid substitute processes decurrently of the weakness of the urban regulation which provides a real estate market speculation. It transforms time into a determinative variable for the maintenance of the urban memory.

Keywords: Industrial Heritage, Urban Memory, Blumenau/SC.

LISTA DE FIGURAS

3. EVOLUÇÃO URBANA DE BLUMENAU

Figura 3.1: Localização das indústrias na primeira fase de industrialização..... 29
Figura 3.2: Localização das indústrias na segunda fase de industrialização..... 32

4. PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BLUMENAU

A unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro

Figura 4.1: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Cia. Hering no Bom Retiro..... 48
Figura 4.2: "*Trikotwaaren-Lager von Gebruder Hering*"..... 49
Figura 4.3: A Cia. Hering no Vale do Bom Retiro..... 50
Figura 4.4: Localização da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro..... 51
Figura 4.5: Formação do núcleo inicial da matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro..... 53
Figura 4.6: Núcleo inicial da matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro..... 55
Figura 4.7: Sótão do edifício da antiga fiação (1917)..... 56
Figura 4.8: Pavimento tipo e detalhe do edifício da antiga fiação (1917)..... 57
Figura 4.9: Pavimento tipo do terceiro edifício da fiação..... 58
Figura 4.10: Conexão entre os edifícios da fiação..... 58
Figura 4.11: Quarto edifício da fiação e detalhe da cobertura..... 59
Figura 4.12: Núcleo inicial da fiação..... 60
Figura 4.13: Núcleo inicial da matriz em 1955..... 61
Figura 4.14: Foto aérea da empresa na década de 1980..... 64
Figura 4.15: Edifícios de expansão da fiação..... 64
Figura 4.16: *Taschentuchweberei in Blumberg, Baden*..... 65
Figura 4.17: Edifício de Eiermann e o edifício de Broos..... 65
Figura 4.18: Edifício da malharia..... 66
Figura 4.19: Implantação proposta na década de 1970..... 67
Figura 4.20: Maquete da proposta na década de 1970..... 68
Figura 4.21: Vista aérea do antigo núcleo inicial..... 68
Figura 4.22: Planta baixa da costura-beneficiamento. 69
Figura 4.23: Núcleo inicial da matriz na década de 1920..... 70
Figura 4.24: Núcleo inicial da matriz na década de 1980..... 71
Figura 4.25: Perspectivas do eixo principal em 1980..... 71
Figura 4.26: *Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche*..... 72
Figura 4.27: *Neckermann Versand AG* e a Cia Hering..... 73
Figura 4.28: Detalhe construtivo da nova costura..... 74
Figura 4.29: Corte esquemático da nova costura..... 75
Figura 4.30: Edifícios da nova e da antiga costura..... 76
Figura 4.31: A relação entre a antiga e a nova costura..... 76
Figura 4.32: O edifício de beneficiamento e tinturaria..... 77

Figura 4.33: Implantação das unidades satélites..... 79
Figura 4.34: Unidade satélite de Ibirama/SC (1977)..... 80
Figura 4.35: Unidade satélite de Rodeio/SC (1978)..... 81
Figura 4.36: Unidade satélite Água Verde - Blumenau/SC (1974)..... 82
Figura 4.37: Detalhes da satélite Água Verde (1974)..... 83

A unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto

Figura 4.38: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Karsten S.A. no Testo. 84
Figura 4.39: Implantação do núcleo inicial em 1900..... 85
Figura 4.40: Núcleo inicial em 1895..... 86
Figura 4.41: Núcleo fabril em 1929..... 87
Figura 4.42: Núcleo fabril na década de 1940..... 88
Figura 4.43: Núcleo fabril na década de 1950..... 89
Figura 4.44: Núcleo fabril na década de 1960..... 89
Figura 4.45: Interior da edificação de tecelagem na década de 1960..... 90
Figura 4.46: Interior da edificação de tinturaria na década de 1960..... 90
Figura 4.47: Construção da nova chaminé na década de 1970..... 91

O complexo industrial E.I.Garcia-Artex no Garcia

Figura 4.48: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Coteminas no Garcia..... 93
Figura 4.49: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1967..... 94
Figura 4.50: Detalhe do Tapume no Ribeirão Garcia..... 95
Figura 4.51: Tecidos Roeder Ltda aproximadamente em 1900..... 96
Figura 4.52: Documentos históricos da E.I.Garcia em 1914..... 96
Figura 4.53: Ribeirão Garcia no inicio do século passado..... 97
Figura 4.54: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1912..... 98
Figura 4.55: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1926..... 99
Figura 4.56: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1935..... 100
Figura 4.57: OFFICINA-MECHANICA- FUNDIÇÃO da E.I.Garcia em 1945..... 101
Figura 4.58: Os sinos da Fundição da E.I.Garcia em 1937..... 101
Figura 4.59: Complexo E.I.Garcia-Artex em 1974..... 102
Figura 4.60: Fachada frontal do núcleo fabril inicial da Artex em 1936..... 103
Figura 4.61: Fachada lateral do núcleo fabril inicial da Artex em 1936..... 103
Figura 4.62: Edificações de apoio e novos anexos em 1937..... 104
Figura 4.63: Fachada do núcleo fabril inicial da Artex em 1938..... 104
Figura 4.64: Rua da Glória na década de 1940..... 105
Figura 4.65: Vila operária na década de 1940..... 106
Figura 4.66: Vila operária na década de 1950..... 106
Figura 4.67: Estádio do Amazonas Esporte Clube em 1964..... 107
Figura 4.68: Flâmula do Amazonas Esporte Clube e a relação com a E. I. Garcia..... 107
Figura 4.69: Escola Paroquial São José na década de 1930..... 108

Figura 4.70: Igreja Nossa Senhora da Glória na década de 1950 e 1970..... 108
Figura 4.71: Cooperativa de consumo da E. I. Garcia na década de 1950..... 109
Figura 4.72: Secos e Molhados da Família Hinkeldey..... 109
Figura 4.73: Construção da Ponte no final da Rua Emilio Tallmann em 1961..... 110
Figura 4.74: Rua Amazonas na década de 1960..... 110
Figura 4.75: Praça Getulio Vargas na década de 1960..... 111
Figura 4.76: Parque Fabril da E. I. Garcia na década de 1960..... 112
Figura 4.77: Complexo urbano-industrial da E. I. Garcia em 1967..... 113
Figura 4.78: Placas e medalhas da comemoração dos 100 anos da E. I. Garcia em 1968..... 113
Figura 4.79: Complexo urbano-industrial em 1970. Fonte: Adalberto Day..... 114
Figura 4.80: Fachada principal da E. I. Garcia em 1971..... 115
Figura 4.81: Cartão postal mostrando a Vila operária da E. I. Garcia em 1971..... 115
Figura 4.82: Complexo industrial da Artex em 1970..... 116
Figura 4.83: Portaria principal da Artex na década de 1970..... 117
Figura 4.84: Portaria principal da Artex na década de 1980..... 117
Figura 4.85: Refeitório da Artex em 1986..... 118
Figura 4.86: Salão e campo da A.D.R. Artex na década de 1970..... 118
Figura 4.87: Incorporação da E.I.Garcia pela Artex em 1974..... 119
Figura 4.88: Execução do novo traçado da Rua Amazonas em 1974..... 120
Figura 4.89: Intervenções urbanas no Garcia em 1978..... 121
Figura 4.90: Percursos no complexo industrial em 1978..... 122

O espaço urbano de concentração industrial da Itoupava Seca

Figura 4.91: Imagem atual do espaço urbano de concentração industrial na Itoupava Seca..... 124
Figura 4.92: Foto aérea da Itoupava Seca na década de 1920..... 125
Figura 4.93: Fotos aéreas da Itoupava Seca na década de 1930..... 126
Figura 4.94: Vista do início da Itoupava Seca em 1960..... 127
Figura 4.95: Vista da parte central da Itoupava Seca em 1960..... 128
Figura 4.96: Vista da parte final da Itoupava Seca em 1960..... 128
Figura 4.97: Vista da Teka e da Itoupava Seca em 1965..... 129
Figura 4.98: Vista da Altona na Itoupava Seca em 1965..... 130
Figura 4.99: Vista da Altona e da Rua Almirante Barroso em 1970..... 130
Figura 4.100: Vista da Fábrica de Gaitas Alfredo Hering na década de 1950..... 131
Figura 4.101: Complexo da Gaitas Hering na década de 1950..... 132
Figura 4.102: Construção do primeiro edifício da Cremer na Itoupava Seca em 1934..... 133
Figura 4.103: Primeiro edifício da Cremer na Itoupava Seca em 1938..... 133
Figura 4.104: Novos edifícios da Cremer na Itoupava Seca em 1941..... 134
Figura 4.105: Complexo fabril da Cremer na Itoupava Seca em 1953..... 134
Figura 4.106: Complexo da Cremer na década de 1980..... 135
Figura 4.107: Implantação da Fábrica de Chocolates Saturno no Salto na década de 1980..... 136
Figura 4.108: Complexo da Fábrica de Chocolates Saturno no Salto na década de 1980..... 136

5. A ATUAL SITUAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL HERDADO

Figura 5.1: Figura da atual situação dos complexos industriais..... 139
Figura 5.2: Unidade satélite da Cia. Hering no bairro Água Verde em Blumenau..... 141
Figura 5.3: Unidade matriz da Cia. Hering no bairro Bom Retiro em Blumenau..... 142
Figura 5.4: Unidade matriz da Karsten no bairro Testo Salto em Blumenau..... 143
Figura 5.5: Complexo industrial no bairro do Garcia em Blumenau..... 144
Figura 5.6: Espaço urbano no bairro da Itoupava Seca em Blumenau..... 145
Figura 5.7: Demolição de um patrimônio industrial na Itoupava Seca..... 146

O estado atual da unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro

Figura 5.8: Alterações na paisagem da Rua Hermann Hering..... 148
Figura 5.9: Implantação do complexo industrial na Rua Hermann Hering..... 149
Figura 5.10: Imagens do edifício preservado da fiação na Rua Hermann Hering..... 149
Figura 5.11: Imagens dos demais edifícios da fiação na Rua Hermann Hering..... 150
Figura 5.12: Imagens do edifício da malharia na Rua Hermann Hering..... 150
Figura 5.13: Imagem dos setores da malharia e da fiação na Rua Hermann Hering..... 151
Figura 5.14: Imagem da loja da empresa já na Rua Bruno Hering..... 151
Figura 5.15: Imagem do atual setor administrativo da Cia.Hering..... 152
Figura 5.16: Imagem aérea do atual setor administrativo da Cia.Hering..... 152
Figura 5.17: Imagens da antiga entrada no final da Rua Hermann Hering..... 153
Figura 5.18: Imagens da entrada de pedestres na empresa..... 153
Figura 5.19: Imagens da praça social..... 154
Figura 5.20: Imagens da cobertura do terraço-jardim..... 154
Figura 5.21: Imagens das laterais do edifício administrativo..... 155
Figura 5.22: Imagens da antiga entrada do parque fabril..... 155
Figura 5.23: Imagens do edifício preservado da antiga costura..... 156

O estado atual da unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto

Figura 5.24: Parte do complexo fabril localizado na margem da SC-418..... 157
Figura 5.25: Paisagem do entorno do parque industrial..... 158
Figura 5.26: Sucessivas ampliações do parque fabril ao longo do Ribeirão..... 158
Figura 5.27: A identidade do espaço..... 159
Figura 5.28: A passarela conectando os espaços e as residências da família Karsten..... 159
Figura 5.29: Perspectiva da passarela conectando as residências da família Karsten..... 160
Figura 5.30: Permanência da identidade do lugar..... 160
Figura 5.31: Relação entre o espaço produtivo e o seu entorno..... 161

O estado atual do espaço urbano-industrial no Garcia

Figura 5.32: Atual vista área do complexo industrial..... 162
Figura 5.33: Portaria principal no local do antigo campo do Amazonas E.C..... 163
Figura 5.34: Portaria principal na Rua Amazonas e o complexo industrial..... 163
Figura 5.35: Novo traçado da Rua Amazonas e o complexo industrial..... 164
Figura 5.36: Atual Praça Getúlio Vargas e a Rua Amazonas ao fundo..... 164

Figura 5.37: Casas populares remanescentes em frente ao complexo fabril..... 165
Figura 5.38: Edifício histórico e antiga praça sem maiores referência..... 165
Figura 5.39: Edifício histórico visto pelo lado externo do complexo fabril..... 166
Figura 5.40: Edifício histórico visto pelo lado interno do complexo fabril..... 167
Figura 5.41: Antiga portaria principal do complexo fabril..... 168
Figura 5.42: Imagem da A.D.R. Artex..... 169
Figura 5.43: Implantação da A.D.R. Artex..... 169

O estado atual do espaço urbano da Itoupava Seca

Figura 5.44: Ruínas industriais na Rua São Paulo..... 171
Figura 5.45: Edifícios preservados da Bebidas Thomsen na Rua São Paulo..... 171
Figura 5.46: Edifícios preservados da matriz da Altenburg na Rua São Paulo..... 172
Figura 5.47: Atual casa comercial e antiga residência-complexo fabril da Altenburg..... 172
Figura 5.48: Edifícios preservados da matriz da Altenburg na antiga via ferroviária..... 173
Figura 5.49: Terrenos fechados na Rua São Paulo..... 173
Figura 5.50: Espaço dos galpões da antiga E.F.S.C., atual Campus II da FURB..... 174
Figura 5.51: Antigo traçado e galpões da E.F.S.C. reutilizados pela FURB..... 175
Figura 5.52: Galpões da antiga E.F.S.C. reutilizados pela FURB..... 175
Figura 5.53: Edificações comerciais e residenciais abandonadas na R. São Paulo..... 176
Figura 5.54: Vista panorâmica da área analisada..... 177
Figura 5.55: Vista panorâmica do entorno da área analisada..... 177
Figura 5.56: Antigo traçado da ferrovia e galpões da E.F.S.C..... 178
Figura 5.57: Antigo espaço do complexo industrial da Gaitas Hering reaproveitado..... 178
Figura 5.58: Espaço interno do antigo complexo industrial reaproveitado..... 179
Figura 5.59: Antigos espaços do complexo industrial da Gaitas Hering..... 179
Figura 5.60: A relação entre o espaço abandonado e a nova praça pública..... 180
Figura 5.61: Espaço do antigo complexo industrial da Chocolates Saturno..... 181

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 01

2 ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO... 04
2.1 Lógica produtiva e organização do espaço..... 05
2.2 A importância da preservação patrimonial e do seu valor de uso..... 07
2.3 Memória urbana..... 10
2.4 Patrimônio industrial..... 14
2.5 Globalização, flexibilidade e patrimônio ameaçado..... 17

3 EVOLUÇÃO URBANA DE BLUMENAU..... 22
3.1 Colônia Blumenau (1850-1880)..... 23
3.2 Primeira fase de industrialização (1880-1915)..... 25
3.3 Segunda fase de industrialização (1915-1945)..... 31
3.4 Expansão industrial (1945-1980)..... 36
3.5 Reestruturação produtiva (1980-2000)..... 38
3.6 O poder público local e a preservação patrimonial..... 39

4 EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BLUMENAU..... 45
4.1 A unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro..... 48
4.2 A unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto..... 84
4.3 O complexo industrial E.I.Garcia-Artex no Garcia..... 92
4.4 O espaço urbano de concentração industrial da Itoupava Seca..... 123

5 A ATUAL SITUAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL HERDADO.... 137
5.1 O estado atual da unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro.. 148
5.2 O estado atual da unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto..... 157
5.3 O estado atual do espaço urbano-industrial no Garcia 162
5.4 O estado atual do espaço urbano da Itoupava Seca..... 170

6 CONCLUSÕES..... 182

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 188
7.1 Bibliografia recomendada..... 190

1. INTRODUÇÃO

A indústria têxtil deixou marcas no desenvolvimento da cidade de Blumenau e sua microrregião, pois a partir do final do século XIX, imigrantes vindos da Alemanha, voltados ao trabalho fabril, deixaram de se dedicar somente à formação de uma colônia agrícola para contribuir na urbanização e industrialização da cidade. A cultura oferece aos homens os meios de apropriação dos ambientes para aí imprimir sua característica, mediada pelas técnicas existentes. Logo, imigrantes alemães, adaptando-se às condições locais, dão lugar a uma nova cultura, teuto-brasileira, na qual mantêm ou transformam os traços lingüísticos ou comportamentais de forma diferente de sua evolução no país originário (PIMENTA, 1998). É essa cultura teuto-brasileira que vai constituir as paisagens culturais e criar a identidade cultural local.

Devido à necessidade de força motriz hidráulica, as primeiras indústrias têxteis se implantaram nos fundos de Vale e foram responsáveis pela expansão e a conformação da malha urbana de Blumenau que, condicionada pelo seu aspecto topográfico acidentado e pela sua ocupação agrícola inicial, adquire uma forma poli-nucleada. Destes pontos dispersos e autônomos, essas empresas promoveram a urbanização e a dinâmica urbana, equipando o espaço com infra-estrutura e serviços, e suprindo, em parte, a falta do apoio institucional. A proximidade entre residência e trabalho reforça as características de conformação do espaço urbano. Visando compensar dificuldades como a distância, o abastecimento de insumos e o acesso ao mercado consumidor, polarizados na região sudeste do Brasil, os empresários estabeleceram relações de trabalho peculiares, baseadas na confiança e na qualidade do trabalho, estabilidade no emprego e valorização de seus funcionários (PIMENTA, 1996). A produção do espaço urbano em Blumenau realiza-se a partir da dinâmica das atividades propriamente produtivas.

Ao período de estagnação dos anos 1980 no Brasil sucede, como pretensa solução, a abertura indiscriminada de produtos estrangeiros e a paridade cambial nos anos 1990, obrigando as empresas nacionais a rápidos processos de reestruturação industrial. Tendo que concorrer subitamente com produtos importados, devido à invasão dos produtos estrangeiros na década de 1990 - principalmente asiáticos, no caso da camiseta -, as várias empresas blumenauenses foram compelidas à reestruturação industrial, buscando reduzir gastos, alterar a qualidade dos produtos, consolidar marcas e investir na indústria da moda. Essas empresas racionalizaram a administração e desverticalizaram o sistema produtivo, terceirizando alguns setores, o que resultou no enxugamento de seus parques fabris, desativação de algumas

unidades industriais e redução do número de empregados diretos (BIELSCHOWSKY; PIMENTA, 2001). O enxugamento das plantas industriais e os processos de terceirização resultam num importante acervo fabril ocioso ou abandonado.

Muitas dessas indústrias de diferentes períodos históricos e grande valor arquitetônico, implantadas em diferentes sítios urbanos continuam presentes no cotidiano e, principalmente, na memória da população local, formam um valioso conjunto de Patrimônio Industrial. Contrariando a própria história da cidade, o atual modelo de planejamento e gestão do território não leva em consideração a relevância desse conjunto de Patrimônio Industrial que é de fundamental importância para a memória urbana e coletiva das sociedades e das futuras gerações (BIELSCHOWSKY; PIMENTA, 2004). As indústrias blumenauenses desempenharam um importante papel na estruturação do espaço urbano e na vida cotidiana das populações ali residentes. A valorização das memórias do social resulta na elaboração de novas formas de preservação, onde os espaços devem ser restituídos e reapropriados para o estabelecimento da identidade coletiva.

O objetivo do presente trabalho é analisar a importância dos espaços onde se implantaram os três principais complexos industriais têxteis (Hering, Harsten e Artex) fundados no primeiro período de industrialização (1880-1915) e do espaço urbano (Itoupava Seca) onde se concentraram importantes indústrias do segundo período de industrialização (1915-1945) para a memória urbana atual da cidade de Blumenau/SC. Os espaços escolhidos para serem analisados foram selecionados a partir de sua importância urbano-espacial e sócio-cultural para a cidade. A importância dos lugares onde se implantaram os três principais complexos industriais têxteis, fundados no primeiro período de industrialização (1880-1915), é que além de terem contribuído para o desenvolvimento local durante mais de um século, eles permanecem até hoje nesses espaços onde foram implantados inicialmente, em pleno funcionamento, contribuindo assim para a dinâmica urbana atual. A relevância do espaço urbano onde se concentraram grande parte das indústrias do segundo período de industrialização (1915-1945), é que as importantes indústrias que contribuíram para o desenvolvimento local, por no mínimo meio século, implantadas inicialmente neste espaço, encerraram suas atividades ou transferiram seus complexos industriais para outros locais de produção, modificando assim a dinâmica urbana atual, não pela sua presença, mas pela sua ausência. As empresas que ainda mantém suas implantações já realizam parte de sua produção em outros lugares espacialmente mais estratégicos, e em questão de tempo deixarão de produzir neste local.

Para analisar a importância desses quatro espaços anteriormente citados, foi utilizada como metodologia de trabalho: a análise sobre a importância desse patrimônio industrial constituído pela história da evolução urbana de Blumenau, sua distribuição espacial, as condicionantes de localização para a implantação dessas indústrias, a dinâmica urbana e social ocasionadas pela presença dessas indústrias, as diferentes formas de constituição dos espaços urbano-industriais, as formas de evolução das paisagens desses espaços e o estado atual desses espaços urbano-industriais e de suas paisagens.

A cidade de Blumenau constitui-se em um importante pólo da indústria têxtil brasileira, assim como outras regiões do país também configuraram outros pólos industriais. Apesar de haverem outras culturas, no ramo de atividade têxtil a cultura teuto-brasileira é mais determinante. Blumenau possui diversas características que a diferencia das demais cidades, como a influência direta da cultura germânica, a forma de apropriação do ambiente natural, a formação de uma cultura específica teuto-brasileira, a maneira como se constituíram seus espaços urbano-industriais e a evolução da sua paisagem. O crescimento das atividades de produção, a modernização dos espaços produtivos, a necessidade de expansões das unidades fabris, as crises econômicas de determinados períodos e os processos de reorganização funcional e espacial dessas empresas se espacializam e refletem sob diferentes formas nos diferentes espaços, que reforçam ou eliminam determinadas características que constituíram sua identidade. Como os processos de abandono, deslocalização e substituição dos parques fabris ocorrem de forma acelerada, sem aviso prévio e não existe nenhuma política pública voltada para este assunto, é necessária uma imediata reflexão sobre as conseqüências desses processos sobre os espaços urbanos e as identidades sociais já constituídas, a fim de diminuir os impactos urbanos e sociais para sociedade local e a memória urbana da cidade de Blumenau.

A importância da preservação desses espaços também se torna fundamental. Blumenau preserva ainda hoje grande parte desse acervo material e social constituído ao longo da história devido a uma estreita e simbiótica relação entre o ambiente de produção e o ambiente urbano, que se reflete também no desenvolvimento das relações sociais. A manutenção e conservação destes bens materiais simbólicos e de grande valor patrimonial garantem a identidade local e facilita a compreensão do passado histórico e da formação urbano-industrial da cidade. A sociedade local se identifica como partícipe da produção deste espaço no presente, além de as futuras gerações também terem o direito de se reconhecerem no futuro.

2. ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O quadro teórico a seguir aborda a temática entre espaços de produção e espaços urbanos, a partir de como a lógica produtiva e a cultura organizam o espaço urbano, o meio e a paisagem, constituindo uma identidade da sociedade com o ambiente construído. Esse importante patrimônio, material e imaterial, está sendo ameaçado pela lógica da produção contemporânea por meio da reprodução desse mesmo espaço, ameaçando assim não somente o patrimônio industrial edificado, como também toda a memória urbana de uma coletividade. Como a arquitetura e o urbanismo são fenômenos culturais em constante desenvolvimento, conectados às modificações ocorridas ao longo da história, o arquiteto e urbanista deve também ser um crítico em relação à produção deste espaço contemporâneo e não apenas um legitimador das ideologias propostas, passando a ser um agente questionador e de importância fundamental na produção do espaço da cidade contemporânea.

A discussão teórica inicia-se sobre como os espaços de produção organizam os espaços urbanos a partir do pensamento marxista que Lefèbvre, Castells e Milton Santos desenvolvem e conseguem fazer uma espacialização sobre a cidade. Segundo estes autores, a organização espacial urbana se desenvolve a partir das atividades de produção, visto que a concentração espacial ocorre a partir do modo de produção capitalista, que reflete na dinâmica urbana das cidades. O pensamento de Lefèbvre (1991) explica melhor a questão entre o valor de uso e o valor de troca dos espaços da teoria de Marx. Nesse sentido, ao discutir sobre a importância da preservação dos espaços industriais e suas diversas formas de influência, principalmente nas relações sociais resultantes destes espaços, é necessário discutir também a importância do valor de uso desses espaços para que não se tornem apenas mercadorias. Claval (1999) comenta sobre a importância da cultura no desenvolvimento e alterações do meio e da paisagem. Halbwachs (1990) desenvolve os seus conceitos sobre memória coletiva e a importância da memória compartilhada para a formação de uma verdadeira memória urbana a partir dos fatos sociais vivenciados no cotidiano da vida humana. Jeudy (1990) contribui nesse mesmo sentido com a importância da valorização das memórias do social e introduz a discussão das novas formas de preservação, onde os espaços devem ser restituídos e reapropriados para o estabelecimento da identidade coletiva. O acervo material e imaterial, edificado e na memória coletiva, devem ser considerados bens patrimoniais. Porém, a globalização da economia mundial e a flexibilidade produtiva (HARVEY, 1992) são ameaças presentes a esse grande acervo de patrimônio industrial de Blumenau.

2.1. Lógica produtiva e organização do espaço.

A análise da produção do espaço urbano deve sempre levar em conta a formação do urbano a partir das atividades de produção. A organização espacial urbana, a partir do modo de produção capitalista, influi diretamente sobre a dinâmica urbana e sua relação com a sociedade. Para Marx,

> "(...) quando falamos de produção, trata-se da produção num determinado nível de desenvolvimento social, trata-se da produção de indivíduos que vivem em sociedade. A produção em geral é uma abstração, mas uma abstração que possui um sentido, na medida em que realça os elementos comuns, os fixa e assim nos poupa repetições. Contudo, esses caracteres gerais ou esses elementos comuns, destacados por comparação, articulam-se de maneira muito diversa e desdobram-se em determinações distintas. São determinações sem as quais não se poderia conceber nenhuma espécie de produção. (...) não pode haver produção sem haver um trabalho acumulado no passado, mesmo que esse trabalho consista na habilidade que, pelo exercício repetido, se desenvolveu e concentrou na mão do selvagem. O capital também é um instrumento de produção; o capital também é um trabalho passado, objetivado. Logo, o capital seria uma relação natural, universal e eterna; mas só o seria se puséssemos de parte o elemento especifico que transforma "instrumento de produção" e "trabalho acumulado" em capital. Por fim, a produção não é apenas uma produção particular: constitui sempre um corpo social, um sujeito social, que atua num conjunto - mais ou menos vasto, mais ou menos rico - de ramos de produção" (MARX, 2003, p.02).

Esses ramos de produção concreta espacializam-se e promovem o desenvolvimento dos espaços urbanos. A organização do espaço dá-se a partir de elementos geográficos naturais existentes e as diversas formas como a sociedade interage com eles, em diferentes períodos. Os objetos sociais são resultado dos processos de acumulação de atividades de muitas gerações, combinando elementos naturais e objetos fabricados. Cada processo de transformação na sociedade altera as relações econômicas, políticas e sociais em ritmos e intensidades variados. "A mesma coisa acontece em relação ao espaço e a paisagem que se transformam para se adaptar às novas necessidades da sociedade" (SANTOS, 1982, p.37). A organização espacial urbana, a partir do modo de produção capitalista, influi diretamente sobre a dinâmica urbana e sua relação com a sociedade.

Milton Santos compreendeu o espaço como produção do homem na relação com a natureza e a intermediação da técnica, correspondente a um tempo histórico determinado. Para Santos, "o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos" (SANTOS, 1988, p.89). Estes elementos que são resultado da cultura fazem com que a natureza se torne mais humanizada. "O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação" (SANTOS, 1988, p.89). As técnicas se incorporam à natureza que fica cada vez mais socializada e que, cada dia mais, é o resultado do trabalho humano. Os indivíduos trabalham cada vez mais conjuntamente, ainda que disso não se apercebam. "No processo de

desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza" (SANTOS, 1988, p.89).

O ambiente existe socialmente a partir da maneira como os grupos o concebem e se apropriam pelas técnicas, historicamente, definidas.

> "O ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades, e através das técnicas que permite explorá-lo; a mediação tecnológica é essencial nas relações dos grupos humanos com o mundo que os rodeia. (...) O universo onde vivem os homens é um espaço transformado para atender as necessidades materiais dos grupos e permitir seu funcionamento. Implica valorização dos recursos e das qualidades próprias dos lugares e a consideração dos condicionantes e dos riscos. Isto necessita conhecimento, técnicas materiais e a definição de formas adequadas de divisão e de apropriação do espaço" (CLAVAL, 1999, p.219).

Manuel Castells, ao falar sobre a estrutura urbana, destaca a importância de não considerar a cidade apenas como a projeção da sociedade no espaço. Os homens estabelecem *relações sociais determinadas*, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social. "Portanto, ele não é uma pura ocasião de desdobramento da estrutura social, mas a expressão concreta da cada conjunto histórico no qual uma sociedade se especifica" (CASTELLS, 1983, p.146). Assim, não há como fazer uma teoria do espaço sem considerar a teoria social geral. "O espaço urbano é estruturado, ele não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social" (CASTELLS, 1983, p.146).

A estruturação do espaço urbano é efetuada a partir do papel que desempenha na lógica geral do processo de acumulação em determinado período histórico. Essa organização espacial é produto das relações sociais que os homens estabelecem para a reprodução da vida. Henri Lefèbvre considera a industrialização como o ponto de partida para compreender a problemática urbana sob o regime capitalista, afinal é a partir da produção fabril que se organiza a concentração da população em alguns pontos do espaço. Ocorrem então duplos processos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social. Processos esses que interferem na dinâmica urbana das cidades, visto que "a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos" (LEFÈBVRE, 1991, p.09). Em Blumenau, a dinâmica industrial organizou a vida produtiva e social, marcou a cultura e deixou traços persistentes na paisagem local.

2.2. A importância da preservação patrimonial e do seu valor de uso.

A importância de se preservar o patrimônio de uma cidade está no fato de que essa é a única maneira como a população consegue fazer uma leitura continuada sobre a história em que ela está inserida, ou seja, a história que ela recebeu de seus antepassados; se reconhecer e fazer uma leitura no contexto atual do presente para projetar seu futuro e das próximas gerações. As cidades, como é caso de Blumenau, não deveriam negar seu passado e suas raízes, porque é isso que lhes dá a singularidade, o diferencial que identifica o seu lugar.

Para Lefèbvre (1991), o conflito pelo uso do espaço é a essência do processo social, no qual a propriedade privada torna-se um empecilho à apropriação concreta de um tempo e de um espaço, e o espaço torna-se um dado no qual se inscreveu a história da sociedade que o tomou por objeto, integrando o processo de valorização como propriedade. Logo, a importância do espaço é dada pela dialética entre valor de uso e valor de troca, que produz espaço social de usos e espaços abstratos de expropriação. Assim como não tem apenas valor de troca, econômico, também não é apenas um instrumento político que visa homogeneizar a sociedade. O espaço continua sendo um protótipo permanente do valor de uso, que se opõe às generalizações do valor de troca na economia capitalista sob a autoridade de um Estado homogeneizador.

Portanto, quando discutimos sobre a importância da preservação dos espaços urbanos, como é o caso dos espaços industriais ou que deles derivam sua dinâmica, estamos discutindo sobre a preservação dos valores de uso. Se os espaços forem destinados somente à troca, ou seja, transformados em mercadoria, sua apropriação e modo de uso será subordinado ao mercado. Sendo assim, esses espaços transformados em mercadoria ou apenas em áreas de circulação diminuirão, limitando seu uso às formas de apropriação privada, cada vez mais restrita a lugares vigiados, normatizados, privados ou privatizados (LEFÈBVRE, 1972). Porém, como um depende do outro, a dialética entre os valores de uso e de troca tende a se estabilizar de acordo com os interesses predominantes nos determinados momentos.

O espaço aparece como obra histórica que se produz a partir das contradições existentes na sociedade e suas relações sociais como dominação, subordinação e uso-apropriação, que traduz a cidade apenas como valor de troca e mercantilização do solo urbano. Porém atualmente a reprodução das relações sociais se processa pela lógica de ações políticas, pelo controle sobre a técnica e o saber, e pela presença contraditória do Estado hegemônico no espaço, que determina essas relações sociais e de produção por meio da reprodução do espaço, como ação planejada. Essa reprodução espacial se desenvolve em uma sociedade hierarquizada, mas que produz de forma socializada (LEFÈBVRE, 1972).

A cidade se estrutura justamente entre o desejo da sociedade e o que é necessário para o processo de reprodução do capital. O espaço é o local de reprodução das relações sociais em nossa sociedade, que não aparece na totalidade, mas fragmentado, tal e qual como a sociedade se reproduz em nosso país. Essa fragmentação das classes sociais e do espaço é articulada por planos econômicos, políticos e sociais que visam a passagem do processo de valor de uso para valor de troca. Considerando que o espaço não deve ser apenas uma mercadoria e o cidadão não deve ser apenas força de trabalho, o espaço geográfico como produção social que se materializa formal e concretamente deve ser algo passível de ser apreendido, entendido e apropriado pela sociedade, como condição para a reprodução da vida ao longo da história (LEFÈBVRE, 1991).

A preservação do patrimônio edificado e da memória urbana é contrária à lógica capitalista, que pretende transformar o espaço e a cidade em mercadoria, sobrepondo-a somente ao valor de troca em detrimento do seu real valor de uso. Para Lefèbvre (1991:4) a própria cidade é uma obra que se opõe ao valor apenas de troca, pois a obra é valor de uso e o produto é valor de troca.

A cidade possui um conjunto significante, que apesar das sucessivas intervenções ou agressões na sua paisagem, tem o potencial de reconstituir-se, como linguagem, a partir de seus referenciais reconstruídos e evocar o passado de forma reflexiva, como ambiente de recuperação de uma identidade social presente. O arquiteto Hans Broos (2008), um dos defensores há mais tempo na luta pela preservação das áreas históricas de Blumenau e principalmente do espírito formador da cultura que esses ambientes possuem, defende que a cidade "fala", educa, faz refletir e contribui para pensar em como deve ser o seu futuro. Porém, não são todos que conseguem ou desejam escutar, ver ou sentir essas "falas" da cidade. Depende de seus interesses, porque o individualismo prevalece há anos e continua nesse sistema atual.

Reconstituir a memória urbana de Blumenau não significa apenas valorizar as lembranças mortas ou individuais através de textos, imagens ou espetáculos teatrais como sempre foi feito e inclusive permanece até hoje. Significa então, intervir nas ações de determinados sujeitos sociais, substituindo a fútil ocupação intensiva e especulativa do solo pela preservação dos espaços que ainda representam uma identidade, valorizando a memória urbana da coletividade e deixando-a viva, num processo cuja lógica de mercado necessite do real valor de uso dessa obra que é a cidade.

A cidade, como obra, nasce da história e é preciso apreendê-la em sua multiplicidade, pois constitui um acervo de situações, necessidades, aspirações e desejos que se realizam como possibilidades. E para Lefèbvre, é na vida cotidiana que esse acervo forma um conjunto e ganha sentido, forma e constituição. A vida cotidiana se define como totalidade, dependente de todas as atividades do ser humano, seus conflitos e suas diferenças, não se limitando apenas às relações de produção de mercadorias. Espaços de sociabilidade evocam os mitos fundadores de uma coletividade urbana e por isso devem ser preservados. Preservar significaria uma resistência ao processo de expropriação que as forças econômicas efetuam sistematicamente sobre os espaços da cidade (FIGUEIREDO, 2005).

A problemática sobre a cidade se revela como problemática urbana, ou seja, transcende a cidade para enfocar o homem e a sociedade urbana. O sentido da cidade é dado pelo seu uso, pelo modo de apropriação de sua sociedade para a produção e reprodução de sua maneira de viver, constituindo um lugar de identidade e de memória, tornando o ser humano em construção e obra, pois ao mesmo que tempo em que contribui para construir a obra, ele é protagonista dessa mesma obra.

Nesse contexto, a preservação do patrimônio e da memória urbana é algo em disputa, de um lado a busca pelas origens e identidades verdadeiras e do outro lado, com o apoio institucional, novas perspectivas pré-determinadas se impõem com uma nova imagem, pressupostamente durável, que visam se sobrepor aos espaços anteriores, concretizando assim o seu discurso e sua ideologia. Desse modo a cidade perderia seu verdadeiro conceito de obra, substituindo seu real valor de uso pela expropriação do valor de troca.

Os discursos progressistas pregam que as cidades devem estar inseridas no mundo globalizado, como as metrópoles, e sendo assim, os lugares mais antigos tornam-se obstáculos para o seu "crescimento" e por isso devem ser liquidados ou substituídos. É justamente o contrário do que Milton Santos defendia, quando tratava da importância da permanência das rugosidades na produção do espaço urbano, pois "o estudo da paisagem pode ser assimilado a uma escavação arqueológica" (SANTOS, 1985, p.55). Para Santos, as rugosidades são as heranças espaciais produzidas em um determinado período histórico, de um determinado modo de produção desse período, e por isso, possuem características sociais e culturais específicas (SANTOS, 1978). Nesse sentido, quanto maior for o número de rugosidades marcadas na paisagem, preferencialmente no espaço físico, mais fácil será para se fazer uma leitura da construção dessa paisagem através dos diferentes períodos e modos de produção nos quais o espaço foi culturalmente produzido, contribuindo assim, para a formação da memória urbana de uma coletividade.

2.3. Memória urbana.

Memória urbana não é a memória da cidade, pois a cidade não tem memória e nem capacidade de lembrar se seus indivíduos ou de seus grupos. É sim, o estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar. Lembranças essas que devem ser objetos de reapropriação por parte da sociedade. A história de determinado lugar é a história de seus espaços, seu modo de apropriação, suas alterações e suas paisagens culturais, disso resultantes. A memória urbana se forma a partir das memórias coletivas, que para adquirirem a verdadeira dimensão temporal e espacial, necessitam remeter a um cotidiano vivido por um grupo de pessoas num mesmo lugar (FIGUEIREDO, 2005).

Enquanto memória urbana diz respeito ao estoque de lembranças do modo de viver urbano, a memória da cidade referencia obrigatoriamente essas lembranças a uma base material precisa, um determinado lugar. Henri Lefèbvre (1991:49) distingue a morfologia material da morfologia social ao considerar a história da cidade como uma realidade presente, imediata, ao concreto, ao interno, ou seja, a história dos processos sociais que se materializaram de forma mais objetiva, como a história dos transportes, da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo e da centralidade. Já a história urbana tem como referencial a realidade social composta das relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento, ou seja, seria o abstrato, o geral, o externo, ou seja, a história das atividades que se realizam na cidade, no urbano, como a história do emprego, das classes urbanas, da divisão do trabalho, enfim, a história da socialização nas cidades.

A importância da preservação e valorização da memória urbana de Blumenau deve ser contextualizada de forma mais geral pela história da cidade, para se pensar o espaço e suas alterações no contexto das transformações decorrentes das intervenções de distintos sujeitos sociais. Sujeitos esses que, como ser social, tiveram sua cultura produzida ao longo de sua história, pela reprodução da vida, em condições e situações sociais e históricas específicas. Logo, o espaço não existe e nem pode ser pensado em si mesmo, pois é produzido e transformado pelo trabalho de distintos grupos sociais ao longo de anos e por isso é histórico e social. Como tal, é assim que deve ser contada a sua história e ser preservada sua memória.

Apesar de a memória ter uma dimensão individual, a maioria de seus referenciais são sociais, que definem a memória intersubjetiva, compartilhada ou coletiva. Maurice Halbwachs (1990) considera que toda a memória coletiva se desenvolve num quadro espacial, que é dinâmica (está em constante transformação) e dá destaque aos momentos de ruptura, de quebra de tradições, que embora possa ser curto, pode redefinir todo o quadro social das memórias de uma coletividade. Por isso é necessária uma rápida advertência, antes que seja

irreversível, com relação ao atual momento de ruptura que o processo de reestruturação industrial estabelece com a coletividade e a dinâmica urbana existentes nas indústrias têxteis da cidade de Blumenau, seus espaços, seu entorno e demais áreas de influência. A história de um lugar é o resultado da ação num determinado momento, sobre determinado espaço, de processos que atuam em escalas desiguais e combinadas. Não podem se considerar apenas os processos locais, mas esses processos relacionados aos processos mais gerais, em escalas mais amplas da ação humana. Logo, o momento de ruptura da coletividade blumenauense não se explica pelo simples fato de analisar o processo de desverticalização das indústrias têxteis locais isoladamente, mas sim o processo de reestruturação industrial que a economia global impôs às indústrias têxteis blumenauenses, brasileiras e de outros países, a partir da década de 1980.

Halbwachs (1990) considera memória coletiva como o conjunto de lembranças constituídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. Não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço. Espaço em que se habitou, trabalhou ou viveu e que foi compartilhado por uma coletividade durante certo tempo, como a sua residência, a rua, o comércio, o bairro ou o local de trabalho. Pode ser ainda definido como um hábito, ou seja, um mecanismo motor e cultural, cotidianamente presente na vida de indivíduos e grupos, estruturador das práticas sociais necessárias ao convívio em grupo. A diferença entre memória coletiva e lembrança, é justamente a capacidade de evocar um passado que ainda está vivo na consciência do grupo (HALBWACHS,1990), e não apenas a sobrevivência de um passado, que emerge a consciência na forma de imagens-lembranças (LE GOFF, 1992) como um acontecimento isolado que promove uma breve ressurreição do passado que não está mais vivo.

A verdadeira dimensão temporal e espacial não é adquirida apenas pela totalidade da sociedade global que nos é repassada pelas superestruturas políticas ideológicas como homogêneas, mas sim pela mediação da vida cotidiana. Não podemos entender o verdadeiro sentido da vida para a sociedade blumenauense a partir das notícias divulgadas pela mídia, ou pelos planos estratégicos elaborados para manipular a população local, como o Blumenau 2050, que projeta uma cidade para os próximos 50 anos sem levar em conta os reais desejos e sonhos da comunidade local. Como Lefèbvre (1991) nos adverte, a ideologia instala-se sobre a realidade vivida, alterando os verdadeiros interesses das pessoas e são representados de forma a desvirtuar a situação real.

Como os indivíduos não habitam a cidade na sua totalidade, é necessário analisar o espaço que ganha materialidade por meio das práticas sociais que se realizam em determinado lugar, como modo de apropriação deste lugar e não de uma totalidade abstrata. São frações tanto espaciais como temporais, do trabalho, da vida privada e do lazer. As lembranças da vida cotidiana, nos seus atos mais simples e banais do cotidiano, por meio do uso de determinado lugar contribuem para fixar a memória desse lugar e é nesse processo que se constrói a identidade desse espaço que sustenta e dá sentido aos usos. Cada lugar tem sua especificidade relacionada ao cruzamento de distintos períodos e pertencendo a uma totalidade que se constrói ao longo da história (FIGUEIREDO, 2005).

Os espaços de lazer têm importância fundamental na composição da memória coletiva, na memória do social. Apesar de ser uma escolha individual, após ter realizado suas obrigações, o lazer é um momento em que se podem socializar diversos interesses, mas para isso, é necessário que existam lugares para isso. Em Blumenau, e no Brasil de forma geral, existe uma carência desses espaços, pois as políticas "homogeneizadoras" baseadas no valor de troca tratam apenas de facilitar a implantação do lazer privado, ao invés de projetar e dar manutenção e suporte aos espaços que deveriam ter valor de uso.

Segundo Parker (1978), atividades de lazer permitem alargar fronteiras de seu mundo, intensificar suas comunicações com novos grupos e melhorar a percepção de seu entorno. Blumenau possui poucos espaços públicos para o lazer, e os que eram assim utilizados anteriormente, passam por sucessivas implantações de usos privados nas áreas públicas. Grande parte da memória coletiva blumenauense, principalmente dos antigos trabalhadores das empresas têxteis, está vinculada aos espaços de lazer oferecidos pelas associações recreativas, desportivas e culturais das empresas, que por muito tempo substituíram a responsabilidade do poder público neste sentido.

Processos de renovação urbana geralmente são descontínuos, são momentos de ruptura, em fragmentos espaciais e não em sua totalidade, que deveria considerar as justaposições históricas. O cidadão pode se readaptar, resistir ou produzir novas estratégias de uso para esses lugares. Porém, as transformações dos referenciais da vida urbana produzem o desaparecimento das marcas do passado histórico. Os espaços possuem esses referenciais de vida como códigos para seus usuários, que se estabelece acima das normas e está ligada aos usos, a identidade e a memória. Essas formas se concretizam com os atos da vida cotidiana, realizado pelo ser humano e seus sentidos, criando referências, produzindo identidades, que é o suporte para a memória. Por isso, as políticas de preservação dos patrimônios materiais e imateriais são essenciais para a fixação e manutenção da memória urbana, coletiva e social.

A preservação, conservação, manutenção ou até mesmo a revitalização adequada do Patrimônio Industrial de Blumenau, existente nos espaços urbanos da cidade, devem ser feitas com o intuito de resgatar antigos valores comunitários, pois além de preservar o Patrimônio material, surge a necessidade de preservar a memória coletiva das sociedades atinentes. Não se trata apenas de uma volta ao passado nostálgico, mas reverenciar o passado ainda presente. "Da restituição das identidades culturais a um tratamento das memórias coletivas, as razões de modernizar a própria idéia de conservação constituem a lógica dessa reabilitação do sentido" (JEUDY, 1990, p.01).

A cultura estampada na natureza socializada é parte do registro de um determinado tempo, e a outra parte desse registro encontra-se na memória coletiva social. Regiões de produção industrial, marcadas pela crise econômica e modificações nas formas de trabalho, "deixam atrás de si objetos, signos e vestígios vivos de uma cultura técnica. Essa arqueologia industrial, ameaçada de desaparecimento pelo próprio ritmo de inovação tecnológica, clama por uma nova concepção de patrimônio" (JEUDY, 1990, p.07). Enfatizar a questão da memória, mantendo signos e atividades vivas, que sujeitas à temporalidade, podem sofrer alterações ou não, é uma forma de manter a dinâmica da vida do local. O cenário não fica sendo apenas uma realidade desaparecida, mas adquire vida própria. Memória serve como forma de conservação, continuação e divulgação da Cultura. A busca de identidade cultural motiva e dinamiza as práticas e políticas de conservação.

> "Conservar não quer mais dizer preservar, mas restituir, reabilitar ou reapropiar. (...) A cultura não se encontra mais na cabeça das pessoas, mas diante delas, composta de um número enorme de signos a serem descobertos e interpretados, ou ainda, revividos como expressão de uma tradição incontestável. (...) Essas memórias do social, que coroam a idéia de uma "morte do social" não correm o risco de anular a forma viva das trocas? (...) a extensão da função social do patrimônio prenuncia novas relações complexas entre memória e a morte. (...) Transforma o campo da memória em teatro do conhecimento objetivo. Reapropriação das identidades culturais e a reabilitação das memórias coletivas podem ser uma das transformações sociais da relação entre memória e morte" (JEUDY, 1990, p.02).

Uma possível revitalização de alguma dessas *friches* industriais existentes em Blumenau deve ser feita com o intuito de trazer benefícios a uma população que sofre com a introdução de modificações urbanísticas, que tendem a eliminar antigos valores comunitários. Se as próprias fábricas foram responsáveis pela implantação de um estilo de vida local, quanto ao reconhecimento e incentivo dos seus operários – que se dedicavam quase integralmente à vida na fábrica e passavam seus conhecimentos de geração em geração -, como esquecer essa população que, na realidade, moldou e lapidou essa realidade e construiu esse acervo urbano? Se por algum motivo a empresa encerrou ou transferiu suas atividades para outro lugar, algo positivo que respeite essa história urbano-industrial deve ser estabelecido neste local.

Será registro do processo de construção local e da materialização dos resultados do processo industrial, através da valorização dos partícipes da história concreta. Além da preservação, conservação e manutenção desses espaços industriais e urbanos, a possível utilização desses espaços com os novos usos que possam ser estabelecidos, pode resgatar a memória coletiva abandonada, fixar a identidade local e demonstrar o reconhecimento social da importância do valor do trabalho.

2.4. Patrimônio industrial.

Aceita universalmente como o fator mais significativo dos últimos séculos, a Revolução Industrial alterou significativamente as relações sociais, técnicas e econômicas das condições de produção da humanidade. A partir dessa premissa, vários estudos vêm sendo realizados para compreender o verdadeiro impacto dessas alterações, seja pela valorização dos vestígios materiais existentes ou pelo reconhecimento de sua importância imaterial. Os estudos sobre patrimônio industrial obedecem à mesma lógica de espacialização que ocorreu com a revolução industrial, ou seja, começam na Europa e vão sendo difundidos pelo mundo afora, acompanhando também os deslocamentos e posterior sucateamento dos complexos industriais.

Esses diversos estudos feitos ao longo dos últimos séculos começaram a ter um maior significado com a compreensão e aceitação por parte da população de que as atividades relacionadas ao processo industrial têm seu valor e por isso devem ser estudadas, sua história deve ser contada e seu significado deve ser valorizado e exposto ao público em geral. O TICCIH – *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial), que é a organização mundial consagrada ao patrimônio industrial, sendo também o consultor especial do ICOMOS - *International Council on Monuments and Sites* (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) para esta categoria de patrimônio, considera ainda que "os exemplos mais significativos e característicos devem ser inventariados, protegidos e conservados, de acordo com o espírito da carta de Veneza, para uso e beneficio do presente e do futuro". Os delegados do TICCIH consideraram que além dos edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, "os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental". Aprovaram o texto da Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial na Assembléia Geral do TICCIH, de caráter trienal, que se realizou em

Nizhny Tagil, Rússia, em 17 de Julho de 2003, o qual foi posteriormente apresentado ao ICOMOS para ratificação e eventual aprovação definitiva pela UNESCO.

A Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial define:

•O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

•A arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.

•O período histórico de maior relevo para este estudo estende-se desde os inícios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até aos nossos dias, sem negligenciar as suas razões pré e proto-industriais. Para, além disso, apóia-se no estudo das técnicas de produção, englobadas pela história da tecnologia.

Além da definição de patrimônio industrial, a Carta de Nizhny Tagil contém:

•Valores do patrimônio industrial: representa o testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas conseqüências históricas; reveste um valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns; apresenta um valor científico, tecnológico e estético; aparecem como registros na composição da paisagem industrial e também como registros intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições.

•A importância da identificação, do inventário e da investigação: preservar para as gerações futuras; devem ser realizados inventários de todos os sítios identificados, proporcionarem pesquisas e acesso livre por parte do público; devem incluir descrições, desenhos, fotografias, e registro em vídeo, com as referências das fontes documentais existentes; as memórias das pessoas que aí trabalharam constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registradas e conservadas, sempre que possível.

•Proteção legal: o patrimônio industrial deve ser considerado como parte integrante do patrimônio cultural e a sua proteção legal deve levar em consideração a sua natureza específica, que deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais e áreas de resíduos industriais e ruínas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo seu valor ecológico; programas para a conservação do patrimônio industrial devem ser integrados nas políticas econômicas de desenvolvimento assim como na planificação regional e nacional; os sítios mais importantes devem ser integralmente protegidos e não deve ser autorizada nenhuma intervenção que comprometa a sua integridade histórica ou a autenticidade da sua construção; os governos devem dispor de organismos de consulta especializados que possam proporcionar pareceres independentes; assegurar a consulta e a participação das comunidades locais na proteção e conservação do seu patrimônio industrial.

•Manutenção e conservação: depende da preservação da sua integridade funcional e as intervenções realizadas devem visar à manutenção desta integridade; requer um conhecimento profundo do objetivo ou objetivos para os quais foram construídos, assim como dos diferentes processos industriais que ali se desenvolveram; a adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável; as intervenções realizadas nos sítios industriais devem ser reversíveis e provocar um impacto mínimo; a reconstrução deverá ser considerada como uma intervenção excepcional que só será apropriada se contribuir para o reforço da integridade do sítio no seu conjunto; os conhecimentos devem ser cuidadosamente registrados e transmitidos às novas gerações.

•Educação e formação: formação profissional especializada, abordando os aspectos metodológicos, teóricos e históricos do patrimônio industrial deve ser ministrada no ensino técnico e universitário; devem ser elaborados materiais pedagógicos específicos abordando o passado industrial e o seu patrimônio para os alunos em geral.

•Apresentação e interpretação: o interesse e a dedicação do público pelo patrimônio industrial e a apreciação do seu valor constituem os meios mais seguros para assegurar a sua preservação; os museus industriais e técnicos, assim como os sítios

industriais preservados, constituem meios importantes de proteção e interpretação do patrimônio industrial.

Parte importante da Carta de Nizhny Tagil, no que se refere à proteção legal, trata de questões abordadas neste trabalho, que além de ser um produto importante na composição da memória urbana de Blumenau, pretende colaborar para elaboração de políticas de prevenção, como:

- Políticas para reciclagens: a adaptação coerente, assim como a reutilização, podem constituir formas apropriadas e econômicas de assegurar a sobrevivência de edifícios industriais, e devem ser encorajadas mediante controles legais apropriados, conselhos técnicos, subvenções e incentivos fiscais.
- Políticas públicas e sociais para a flexibilização da economia: as comunidades industriais que estão ameaçadas por rápidas mudanças estruturais devem ser apoiadas pelas autoridades locais e governamentais. Devem ser previstas potenciais ameaças ao patrimônio industrial decorrentes destas mudanças, e preparar planos para evitar o recurso a medidas de emergência.
- Políticas públicas para evitar o sucateamento dos parques industriais: devem ser estabelecidos procedimentos para responder rapidamente ao encerramento de sítios industriais importantes, a fim de prevenir a remoção ou a destruição dos seus elementos significativos. Em caso necessário, as autoridades competentes devem dispor de poderes legais para intervir quando for necessário, a fim de protegerem sítios ameaçados.

2.5. Globalização, flexibilidade e patrimônio ameaçado.

As principais alterações nas estruturas sócio-ocupacionais ocorridas no Brasil nos últimos anos, sob influência direta da globalização da economia mundial são: diminuição dos segmentos modernos (metalurgia, suderurgia, eletrônico) e tradicionais (vestuário, têxtil) do proletariado industrial e aumento do proletariado de terciário, formado pelos empregados do comércio e prestadores de serviços; aumento do subproletariado urbano (ambulantes, biscateiros, doméstico); aumento das ocupações de baixa qualificação (empregados de escritório), diminuição das ocupações técnicas e artísticas (programadores, desenhistas), de supervisão (gerentes, chefes de nível médio) e dos profissionais de nível superior (engenheiros, arquitetos, administradores); crescimento das ocupações de comerciantes por conta própria. Esse novo segmento de trabalhadores autônomos reflete o deslocamento de operários mais bem qualificados, que perderam o emprego na indústria e nos segmentos não

manuais, médios e superiores. Isso tem grande impacto na requalificação da questão urbana brasileira, com a diminuição da renda e perda da estabilidade dos operários da indústria moderna, além de reforçar a fragmentação das identidades coletivas e inferiorizar certos segmentos sociais (RIBEIRO, 2002).

Em Blumenau, o momento de ruptura de identidade da cidade industrial aparece com os processos de reestruturação pelos quais as empresas passaram, como as demais indústrias têxteis do país, a partir dessa flexibilidade da economia mundial. Tendo que concorrer subitamente com produtos importados, devido à invasão dos produtos estrangeiros na década de 1990 - principalmente asiáticos -, várias empresas blumenauenses foram compelidas à reestruturação industrial, buscando reduzir custos num primeiro momento e posteriormente alterar a qualidade dos produtos, consolidar marcas e investir na indústria da moda.

A indústria têxtil brasileira acostumada com uma expressiva política protecionista e voltada ao mercado interno, baseada em elevadas alíquotas de importação, equipamentos têxteis ultrapassados e baixos custos salariais, sofreu grande impacto nos anos 1990, com o processo de abertura econômica que reduziu alíquotas de importação e eliminou barreiras tarifárias. As empresas têxteis-vestuários pararam de investir, eliminando riscos e mantiveram seus negócios. Desativaram algumas unidades produtivas, enxugaram a estrutura administrativa e cortaram linhas de produção (CAMPOS, CÁRIO, NICOLAU, 2000).

Após um longo período de prosperidade, a crise de esgotamento do modelo de acumulação instaurado no período pós-guerra, obrigou as empresas a alterarem estruturas organizacionais e os processos de trabalho (HARVEY, 1992, p.167). O setor têxtil foi gravemente atingido pela abertura das importações em 1992 e com a paridade cambial em 1994. Começa então a prática das modalidades de desverticalização das empresas, com os processos de subcontratação e de terceirização. Inúmeras pequenas e médias empresas são resultado destes processos, modificando a característica industrial local e da conformação da própria cidade de Blumenau, tornando mais complexas as relações entre as funções urbanas.

Essas empresas racionalizaram a administração, diminuíram seus parques fabris, fecharam algumas fábricas e reduziram o número de empregados diretos, terceirizando alguns setores e desverticalizando a produção. Investiram em tecnologia, concentrando-se no beneficiamento e acabamento dos produtos - o que constituí-se em diferencial -, reduzindo custos em outros setores. Fecharam algumas unidades, reduzindo a mão-de-obra direta e a necessidade de espaço físico (CAMPOS; CÁRIO; NICOLAU, 2000).

Muitas empresas enxugaram seu quadro de funcionários, renovaram parte do maquinário e reduziram seu parque fabril, apostando no sistema de subcontratação,

principalmente em setores que exigiam grandes instalações. Investiram no setor de beneficiamento, que atualmente é o grande diferencial das empresas de maior qualidade. Diminui o número de empresas no setor de fiação e tecelagem e aumenta no setor de malharia. Esse aumento deve-se à modernização das empresas que colocaram seus antigos equipamentos no mercado e que foram adquiridos em parte por seus ex-funcionários, provavelmente demitidos, criando pequenas indústrias ou inúmeras malharias pela cidade e sua microrregião (BIELSCHOWSKY; PIMENTA, 2001).

Ao analisar mais cautelosamente Blumenau e sua microrregião, podemos notar que vários novos processos surgiram como conseqüência da reestruturação industrial ocorrida após os anos 90, modificando a estrutura e a vida familiar dos antigos moradores locais. Se antigamente, havia um processo de dedicação do funcionário e de sua família à empresa que o empregava e lhe fornecia inúmeros benefícios, hoje temos um quadro totalmente diferente, onde o funcionário recebe benefícios menores, não tem estabilidade garantida em seu emprego e muito menos perspectiva de crescimento na empresa. Isso acarreta em mão-de-obra menos qualificada com funcionários desmotivados, insatisfeitos e com baixa auto-estima.

As empresas tradicionais acabaram com uma longa tradição da família têxtil, que suas antigas gerações construíram, demitindo funcionários capacitados em detrimento da reestruturação proposta, quebrando a lógica de acumulação. As grandes oscilações de demanda das grandes empresas, causadas por crises nacionais ou internacionais, devido ao processo de globalização, transferem-se então, para as empresas menores e mais instáveis nesse processo (HARVEY, 2005). Boa parte dessas pequenas empresas já é conseqüência dessa reestruturação que absorve parte da mão-de-obra demitida, mas que não consegue oferecer salários adequados, estabilidade e demais benefícios.

A procura por novos locais para se produzir mais barato, também contribuiu com o desemprego, já que deixou de fornecer empregos locais, desativou fábricas na região e estabeleceu uma relação mais exteriorizada em relação à cidade, uma vez que agora não existe mais vínculo entre empresa e funcionário, deixando de lado toda a dedicação e base de sua atividade histórica familiar. Com o processo de flexibilidade produtiva, o funcionário é apenas uma peça de reposição, pois existe um contingente de muitas outras peças reservas, em muitos outros lugares, que estão à disposição, para provavelmente, num outro momento, também serem substituídas ou excluídas (HARVEY, 2005).

Esse processo refletiu na população e em sua organização urbana e regional. Surgiram novas pequenas empresas têxteis, criadas por ex-funcionários que se reuniram em

pequenas cooperativas para atender empresas maiores e ter seu negócio próprio, ou que apenas absorveram parte da mão-de-obra demitida. Cidades como Indaial, Timbó, Pomerode e Gaspar ganharam importância devido ao surgimento de um número maior de novas empresas menores nos arredores de Blumenau. Ascurra, Benedito Novo, Rodeio e Guabiruba tornaram-se grandes fornecedores de mão-de-obra. Brusque voltou-se para o comércio alternativo, com pequenas e microempresas do setor vestuarísta, e tornando-se nacionalmente famosa por seus *outlets centers*. Outra região que cresceu devido a esse tipo de comércio, foi a da BR-470, no trecho entre Blumenau e Indaial, uma região de fácil escoamento da produção, fora do alcance das cheias e com grande potencial para abrigar novas indústrias, como já vem ocorrendo nos últimos anos (SIEBERT, 2006).

Além dos diversos fatores negativos que atuam diretamente no setor social da população local, este processo de flexibilidade produtiva é uma ameaça ao patrimônio industrial nacional. Os processos de fusão e incorporação de empresas tradicionais por grandes grupos nacionais ou internacionais que implicam em mudanças tecnológicas, modernização, substituição ou transferência dos parques fabris é uma realidade que coloca em risco a manutenção do patrimônio edificado e a história urbano-industrial de algumas cidades (FONTES, 2006). As poucas empresas tradicionais que se mantêm independentes, também passam por reestruturações de significativa importância, terceirizando vários setores de produção e deixando boa parte de seu patrimônio edificado ocioso num primeiro momento e posteriormente alugando ou vendendo, quando não demolindo, esse imóvel para outros setores de atividade com menor importância e sem significado para a cidade.

Segundo o *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement, friches urbaines*[1] são "terrenos deixados ao abandono no meio urbano, onde as *friches* da periferia urbana são terrenos ainda não construídos, mas que não são mais cultivados, esperando uma utilização do tipo urbana, se distinguem das *friches* urbanas no tecido urbano construído, que são parcelas anteriormente construídas, mas que tiveram as edificações demolidas" e *friches industrielles*[2] são "terrenos abandonados pelas indústrias, por estas terem sido relocalizadas ou cessado suas atividades. Esta expressão é estendida para os terrenos ainda ocupados por construções de indústrias, não demolidos, mas inutilizados" (CHOAY; MERLIN, 1988, p. 382).

---

[1] . *terrains laissés à l'abandon en milieu urbain. On distingue : les friches de la périphérie urbaine : terrains non encore construits, mais qui ne sont plus cultivés en attendant une utilisation de type urbain ; les friches urbaines dans le tissu urbain bâti : parcelles antérieurement bâties, mais dont les bâtiments ont éte démolis.*

[2] . *terrains abandonnés par des industries, soit qu'elles se soient relocalisées, soit qu'elles aient cessé leurs activités.Cette expression est couramment étendue à des terrains encore occupés par des bâtiments industriels non démolis mais inutilisés.*

São muitos os efeitos sociais que uma área de *friche* pode refletir: efeitos visuais, espaciais, econômicos, sociais e culturais; depreciação da paisagem urbana; influência nas práticas sociais locais; expulsão de comércio e serviços bairrista; subutilização de infra-estrutura, das redes e equipamentos existentes; desvalorização de todo um patrimônio social; marginalização e exclusão dos antigos operários no novo mercado; autonomia e flexibilização com novos valores culturais e perdas de práticas operárias hereditárias (MENDONÇA, 2001).

Com relação ao presente estudo de caso, as empresas fundadas na primeira fase da industrialização blumenauense e o espaço urbano onde se concentraram a maioria das empresas da segunda fase, refletem esses processos de diferentes maneiras, permanecendo ou abandonando seus sítios físicos de implantação, mas sempre deixando resquícios no espaço urbano e na memória coletiva da sociedade local. As paisagens culturais desses espaços ajudam a contar essa história, pelo diálogo da indústria com a natureza ou com a sociedade, pela sua arquitetura que demonstra os diversos períodos da industrialização local ou, infelizmente, pelos vazios urbanos e industriais deixados.

3. EVOLUÇÃO URBANA DE BLUMENAU

Blumenau pode ser analisada em cinco fases distintas, considerando uma periodização da evolução urbano-industrial, referentes aos ciclos migratórios, fases industriais e à forma de implantação industrial e apropriação da paisagem natural. O primeiro foi o período de colonização, que ocorreu entre 1850 e 1880, caracterizado pela escolha do sítio físico para a implantação de uma colônia agrícola privada, adaptação ao meio existente e a luta pela defesa e sobrevivência do núcleo isolado. O segundo foi o período da primeira fase de industrialização, que ocorreu entre 1880 e 1915, caracterizado por um período de acumulação, pelo progresso da capacidade produtiva das empresas nascentes e que foi o ponto de partida para a urbanização e o desenvolvimento da cidade em diversos pontos dispersos. O terceiro foi o período da segunda fase da industrialização, que ocorreu entre 1915 e 1945, caracterizado pelo desenvolvimento do setor industrial, comercial e populacional existentes, chegada de novos imigrantes alemães após a I Guerra Mundial e a introdução de novas dinâmicas urbanas, baseadas na disponibilidade de energia elétrica, na implantação da malha ferroviária e na expansão da urbanização do núcleo central. O quarto foi o período da expansão da cidade industrial, que ocorreu entre 1945 e 1980, caracterizado pelo crescimento do poder econômico, do número de fábricas e do volume de produtos, após a chegada de novos imigrantes qualificados após a II Guerra Mundial e incentivado pelos planos de nacionalização impostos pela ditadura militar para a retomada do crescimento e desenvolvimento da indústria nacional a partir da década de 1960. O quinto é o período caracterizado pela crise do setor têxtil a partir dos anos 1980, onde as empresas foram compelidas a processos de reestruturação industrial na década de 1990 que tiveram reflexos no ambiente econômico e social da cidade e promoveram o abandono de imóveis de grande importância arquitetônica e urbanística.

Com relação à periodização adotada neste trabalho, aproveitaram-se as contribuições com relação aos períodos de industrialização de Mamigonian (1965) que destacava três fases: o início da industrialização (1880-1913), industrialização no período entre guerras mundiais (1914-1939) e a terceira industrialização a partir da eclosão da II Guerra Mundial. Hering (1987, p. 10) acrescenta o período antecedente, porém fundamental, à industrialização catarinense (1820-1880), mantém a fase da primeira industrialização (1880-1914) e redefine o período de expansão das empresas (1914-1945) até o final da II Guerra Mundial, quando a cidade receberá novos imigrantes do pós-guerra. Cunha (1992) vai periodizar em duas fases (1945-1960 e 1960-1990) o período que antecede a reestruturação industrial.

3.1. Colônia Blumenau (1850-1880)

Blumenau, apesar de ser um empreendimento particular de colonização em 1850, é fruto da política de colonização européia do Governo Imperial, que necessitava de mão-de-obra livre e assalariada para substituir o trabalho escravo (fim do trafego negreiro em 1850), clarear a população brasileira e ocupar estrategicamente o Sul do país que ainda se encontrava em disputa com a Espanha, com o aval da Lei das Terras de 1850, que transformou o solo em mercadoria. Ou seja, a Colônia particular do alemão Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau nasce diretamente das relações capitalistas que estavam sendo introduzidas no país.

O fator determinante para a escolha do local para a implantação da Colônia foi o último ponto navegável do Rio Itajaí-Açú, onde pudesse instalar um porto para conectar sua Colônia com o litoral e o mundo. Utilizou o máximo aproveitamento do transporte fluvial num primeiro momento, para conectar com um outro tipo de transporte/locomoção num segundo momento, que seria a implantação da malha ferroviária. O núcleo central começou a se desenvolver a partir da praça do antigo porto fluvial, na foz do Ribeirão Garcia, onde se instalou a casa de administração e cadeia.

A demarcação dos lotes coloniais é resultado entre a adaptação ao relevo encontrado e as experiências e cultura trazida pelos imigrantes (BROOS, 1990). Os núcleos agrícolas foram fundamentais para este traçado, que passou a ser urbano com o tempo e que permanece como elemento estruturador do espaço até hoje. A demarcação dos lotes coloniais seguia os caminhos por onde os colonos transitavam, paralelamente ao longo dos cursos d'água, nas baixadas e planícies. A partir dessa espinha de peixe dorsal, foram sendo implantadas perpendicularmente novas espinhas secundárias, geralmente a partir de um ponto central de maior importância, que neste caso tratava-se de uma casa comercial ou de crédito. Analisando a cultura dos planos urbanos que estruturavam as aldeias alemãs, fica evidente que o traçado urbano de Blumenau segue a lógica do *Strassendorf*, que era o traçado utilizado na Alemanha para fazer a ligação entre duas aldeias (WEIMER, 1992, p. 58).

Se considerarmos os núcleos agrícolas dispersos nos fundos de Vale como aldeias, teremos as vias principais de conexão entre essas aldeias como elementos estruturadores do espaço, que num primeiro momento podem receber um uso residencial ou misto e posteriormente, com a abertura das vias secundárias dedicadas ao uso residencial, receberão o uso comercial. Vale lembrar aqui que além de função de trocas comerciais, essas "vendas" serviam como locais de encontros e de troca de informações e de cultura.

A estrutura inicial era minifundiária, baseada na policultura de subsistência e no trabalho familiar (SEYFERTH, 1974), exatamente ao contrário das características do restante do país, que possuía uma economia agro-exportadora baseada em latifúndios, monocultura e trabalho escravo. Os núcleos agrícolas se encontravam dispersos, como se fossem pequenas aldeias interligadas pelos caminhos principais, traçados ao longo dos cursos d'água.

Apesar de a ocupação inicial da Colônia ter sido adaptada para a utilização agrícola, as constantes chegadas de novos imigrantes com conhecimentos práticos e técnicos contribuíram para o estabelecimento e o rápido desenvolvimento de um centro comercial regional, com destacada importância aos estabelecimentos comerciais no primeiro momento e estabelecimentos bancários e de crédito posteriormente, acelerando assim o processo urbanização e introdução do colono às relações capitalistas. Os agricultores trocavam seus excedentes por mercadorias ou deixavam em consignação nas casas comerciais. As relações capitalistas iniciadas com a venda dos terrenos aos colonos, foram reforçadas pela introdução das casas comerciais que estabeleceram a relação de compra e venda entre os colonos agricultores e o comércio local, num primeiro momento, e regional depois de certo período. Os "vendeiros", como eram chamados os comerciantes locais, adquiriam os artigos manufaturados de fora, negociando a produção local. As "vendas", como eram chamadas as primeiras casas comerciais, eram implantadas nos cruzamentos das "linhas coloniais", como eram chamadas as vias principais. Com o tempo, passaram a servir também como casas de crédito, que funcionavam como verdadeiras filiais bancárias. Essas mesmas casas comerciais (e de crédito) originaram as primeiras indústrias de beneficiamento agropecuário. Logo, a produção do excedente foi transferida para o capital comercial iniciando um período de acumulação que logo se transferiu para o capital industrial (MAMIGONIAN, 1965).

Com a chegada dos novos imigrantes mais "urbanos", novas influências germânicas foram introduzidas, como o modo de viver urbano derivado das relações capitalistas, o que posteriormente contribuiu para a constituição de uma nova cultura local, teuto-brasileira, que vai organizar os espaços, definir a vida social e marcar a paisagem local com a sua cultura. A chegada desses novos imigrantes vindos de regiões que já haviam iniciado o processo de produção industrial na Alemanha foi decisiva para a implantação das primeiras unidades industriais têxteis em Blumenau. Assim como no restante do país, a industrialização inicia com a produção de bens de consumo não duráveis, como alimentos e têxteis / vestuário, com necessidade de pouco investimento financeiro e tecnologia bastante rudimentar.

3.2. Primeira fase de industrialização (1880-1915)

A produção industrial em Blumenau tem início em 1880[3], cerca de meio século mais tarde que na Alemanha, e pouco mais tarde que no Sudeste do Brasil. Blumenau recebeu imigrantes alemães vindos de zonas que estavam se adaptando às novas tecnologias e ao modo de viver industrial, visto que a industrialização alemã foi tardia em relação a outros países europeus. Esses imigrantes foram capazes de promover o desenvolvimento industrial longe do mercado fornecedor de matéria prima e consumidor que estava ainda se formando na região Sudeste. Alguns processos caracterizaram a formação das primeiras fábricas têxteis pela região: empresa familiar (Hering), associação entre tecelões, colonos e comerciantes (Roeder, Karsten & Hadlich) e firmas criadas diretamente por comerciantes (Renaux) que combinavam a capacitação técnica com o trabalho assalariado (PIMENTA,1996).

As indústrias têxteis de Blumenau estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento sócio-econômico e cultural da cidade. A lógica de implantação das indústrias nascentes obedece a alguns critérios. A força motriz hidráulica para a geração de energia, a facilidade de aquisição de grandes terrenos próximos aos pequenos núcleos agrícolas fornecedores de mão-de-obra e a facilidade de deslocamento pelas vias já existentes determinaram essa implantação em Blumenau. Os empresários instalaram suas fábricas às margens dos principais ribeirões (energia) e próximos aos pequenos núcleos agrícolas (mão-de-obra), pois ainda contavam com a vantagem do operário-colono (MAMIGONIAN, 1965). O caráter disperso da indústria local foi fundado, num primeiro momento, pela localização das unidades fabris próximo às propriedades agrícolas dispersas nas baixadas dos fundos de vale e reforçado pela utilização do sistema de acumulação baseado no trabalho do operário-colono, que combinava a jornada na fábrica com a produção agrícola, contribuindo assim para um rebaixamento dos custos industriais (PIMENTA,1996). Aos poucos, os colonos descontentes migravam para as áreas urbanas, incrementando a atividade artesanal diversificada e a pequena indústria familiar artesanal, com mão-de-obra familiar e poucos empregados no início e maior grau de industrialização no final do século XIX (SEYFERTH, 2000).

Nos meios humanizados, o ambiente torna-se um componente da cultura, que ajuda a transmitir, mas que contribui a fixar. “Os grupos humanos transformam os meios naturais onde se instalam. (...) A paisagem humanizada (cultural) toma diversas formas que refletem as escolhas e os meios de diferentes culturas” (CLAVAL, 1999, p.287). A influência germânica

[3]. Segundo Adalberto Day, a primeira unidade têxtil de Blumenau, com o nome de “Johann Henirich Grevsmuhl & Cia”, teria sido fundada por volta de 1868, porém de forma bastante rudimentar (Fonte: Adalberto Day, 2009).

na constituição do patrimônio industrial de Blumenau pode ser relacionada com a origem dos imigrantes que iniciaram as primeiras atividades industriais.

A família Hering, fundadores da primeira unidade de produção têxtil em Blumenau, é o melhor exemplo disso. A tradição foi constituída na região de Chemnitz, no Eleitorado da Saxônia, região que definiu o início da industrialização têxtil na Alemanha em 1830, meio século antes de se reproduzir no Brasil, neste caso, em Blumenau. Essa tradição da família Hering vem de longa data, pois desde os registros mais antigos encontrados pela família, que datam de 1686, todos os antepassados da Alemanha, sem distinção, foram tecelões ou mestres de tecelagem e malharia. Hermann Hering, fundador na primeira indústria têxtil de Blumenau, nasceu em Hartha, região de Cheminitz, Saxônia, Alemanha, em 1935 e era o filho mais velho de uma família com tradição têxtil que possuía uma tecelagem própria. Em 1852 entrou para a aprendizagem e em 1860 tornou-se mestre de tecelagem. Por volta de 1870, seu irmão Bruno se juntou a ele na *Gebruder Hering*, em meio à crise econômica instaurada após a unificação do Estado Alemão, devido à bancarrota vienense, que prejudicou os comerciantes com a falência de diversas firmas. A propaganda sobre o Novo Continente divulgada pelos agentes de emigração assegurava que os imigrantes seriam proprietários de terras próprias, porém não mencionava as dificuldades que eles teriam, como a adaptação ao clima, relevo e a mistura de raças. Hermann chegou ao Brasil em 1878, sozinho e somente dois anos depois chegou o resto de sua família e o seu irmão-sócio Bruno, dando assim início as atividades têxteis.

A primeira unidade têxtil, fundada em 1880, foi dedicada à produção de *T-shirts*, aquela antiga camiseta que os europeus e, sobretudo os portugueses, utilizavam sob os hábitos sociais. A pequena fábrica de camisetas "*Trikotwaaren-Lager von Gebruder Hering"* foi instalada na principal rua comercial, a *Wurststrasse*, atual Rua XV de Novembro, com recursos técnicos rudimentares, mas com uma longa tradição familiar de tecelões. A edificação era muito simples, "casinha baixa com telhado pontudo". Localizada no terreno em que foi construído a grande "Lojas Hering" e que hoje funciona como um *shopping*. Enquanto Hermann coordenava a parte produtiva, seu irmão Bruno carregava seu cavalo com algumas dúzias de camisetas e vendia os produtos em toda a colônia, de casa em casa, indo até Itajaí, distante 50 km. Pelo que consta nas fontes pesquisadas, no começo todo o trabalho da fábrica era manual e feito pela própria família. Porém, com a compra do segundo e terceiro tear, foi necessária a contratação de operários e viu-se a necessidade de maior espaço físico para se trabalhar e acomodar as máquinas, além da necessidade de uma força motriz mais adequada para movimentar os teares (Fonte: Cia. Hering).

Em 1887, os irmãos Hering mudaram a fábrica para o Vale do Ribeirão do Bom Retiro, localizado nas proximidades da zona central da cidade, onde dispunham de força motriz hidráulica do Ribeirão do Bom Retiro e um terreno para suas futuras ampliações, fazendo com que o empreendimento experimental de 1880 assumisse juridicamente o porte de empresa, registrado com a denominação de Comercial *Gebruder Hering*. Com a possibilidade da utilização da força hidráulica e um enorme terreno para expandir a fábrica, a pequena oficina familiar e comercial tomava ares de empreendimento industrial (Fonte: Cia. Hering). Em seguida foram fundadas duas tecelagens, em pontos completamente opostos, porém com a mesma lógica de implantação: aproveitamento da força hidráulica (energia), dos caminhos existentes (transporte) e proximidade dos núcleos agrícolas existentes (mão-de-obra).

A Karsten foi fundada em 1882, no Vale do Ribeirão do Testo, distante 20 km ao norte do centro de Blumenau, com nome de *Roeder, Karsten & Hadlich*, com teares adquiridos na Alemanha e uma pequena fiação, da associação entre tecelões, colonos e comerciantes, respectivamente. A família Karsten também veio da Alemanha, da pequena cidade de Hohenwestedt, no estado de Schleswig-Holstein, em 1860. Aproveitando as quedas de água que o Rio do Testo lhe fornecia, iniciou suas atividades dedicando-se à agricultura e à pecuária inicialmente, depois com a instalação de rodas d'água inaugurou um moinho para abastecer as necessidades locais, e em 1869 anexou uma serralheria rudimentar, onde os moradores locais poderiam beneficiar as toras de madeira extraídas em tábuas e pranchas para a construção das primeiras casas e ranchos. A grande enchente de 1880 levou todo esse patrimônio, fazendo com que Johann Karsten se associasse a Heinrich Hadlich, amigo e pequeno comerciante, para a instalação da tecelagem. Ainda em 1881, enquanto Karsten construía o prédio, Hadlich foi para Alemanha adquirir máquinas, e lá encontrou o técnico de tecelagem Gustav Roeder e o convidou para participar do projeto. Roeder só retornaria quase um ano depois, porém com seis teares e uma pequena fiação de 300 fusos. Nascia então, a *Roeder, Karsten & Hadlich*. Roeder e Hadlich se retiraram da sociedade em 1885 e 1886, respectivamente (Fonte: Karsten S.A.).

Roeder, o tecelão, também veio da região de produção têxtil da Alemanha, da cidade de Weida, na Saxônia. Ele se desliga da sociedade para fundar uma outra tecelagem, a empresa Tecidos Roeder Ltda, no Vale do Ribeirão Garcia, localizado ao sul da zona central, neste mesmo ano de 1885, ano que consta oficialmente como o ano de fundação da antiga Empresa Industrial Garcia.

Segundo o cientista social e pesquisador Adalberto Day, a história da E. I. Garcia teria sido formada bem antes dessa data, porém com uma grande interrupção entre 1877 e 1885. O imigrante alemão Johann Heinrich Grevsmuhl teria se associado com dois vizinhos, August Sandner, Johann Gauche que conheciam a técnica da tecelagem, para a organização de uma fábrica e associaram-se com um tecelão, conhecido como Lipmann (já possuía teares desde 1865) que ajudou a montar alguns teares e deram impulso ao que seria a primeira indústria têxtil de Blumenau, com o nome de "*Johann Henirich Grevsmuhl & Cia*" por volta de 1868 (Fonte: Adalberto Day, 2009).

Em 1876, Roeder compra essa tecelagem, porém desativa temporariamente logo em seguida, em 1877, por motivo de sua ida para a Alemanha para comprar equipamentos para sua empresa. Quando retorna ao Brasil, se associa com Karsten & Hadlich em 1882, no Testo Salto, porém se retira da sociedade em 1885 para dedicar-se a sua empresa Tecidos Roeder Ltda. Em 1906, Roeder vende a empresa para Júlio Probst e Sachtleben, passando a chamar-se *Probst & Sachtleben* num primeiro momento e *Empreza Industrial Garcia-Probst* posteriormente. Em 1918 Probst se retira e a empresa passa a se chamar apenas Empresa Industrial Garcia (HERING, 1950, p. 186).

A Fábrica de Artefatos Têxteis Artex foi fundada apenas no segundo período de industrialização de Blumenau, porém sua implantação ocorreu exatamente ao lado da E.I.Garcia e para compreender melhor o desenvolvimento urbano-industrial e a constituição da paisagem do espaço do Vale do Garcia, faz-se aqui uma breve introdução sobre a empresa. Fundada em 1936, no bairro Garcia, ao lado da E. I. Garcia, por Theophilo B. Zadrozny e Otto Huber, que compraram as terras da família Gresvsmuhl. Zadrozny não possuía conhecimento no ramo têxtil, então convidou um hábil tecelão e técnico chamado Otto Huber para começar uma nova empresa. Otto Huber (Austríaco) que havia trabalhado 30 anos na E.I.Garcia, foi convidado por Theophilo B. Zadrozny (nascido em Brusque) e juntamente com outros empregados da Empresa Industrial Garcia, fundaram a Artex. Em 1974, a Artex incorporou a E. I. Garcia, fato marcante na cidade e de grande impacto urbano e social para os moradores dos bairros do Garcia, Progresso e Glória. Posteriormente foi vendida ao Grupo Coteminas em 2000, que resulta atualmente em novos impactos urbanos e sociais para esses moradores (Fonte: Adalberto Day, 2009).

A implantação das primeiras unidades fabris próximas às "aldeias", como eram chamados esses pequenos núcleos rurais, ocasionaram posteriormente as primeiras aglomerações urbanas fora da *Staadtplatz*, que nesse momento não passava de 157 casas, ou seja, os estabelecimentos industriais precedem as aglomerações urbanas em Blumenau (MAMIGONIAN, 1965, p.136). Enquanto algumas cidades iniciavam suas atividades industriais em pontos concentrados, como próximos a malha ferroviária, por exemplo, que remete ao modelo de industrialização britânica, a implantação das indústrias nascentes em Blumenau ocorre de forma dispersa, encravadas nos fundos de Vale, remetendo assim ao modelo de industrialização germânica, e hoje se encontram presentes no tecido urbano que elas mesmo constituíram, característica que as difere das demais cidades que tiveram implantações concentradas. Foram estas pequenas unidades industriais têxteis, localizadas em diversos pontos dispersos (figura 3.1), as responsáveis pela primeira fase da industrialização de Blumenau e que representou o ponto de partida para a futura cidade industrial.

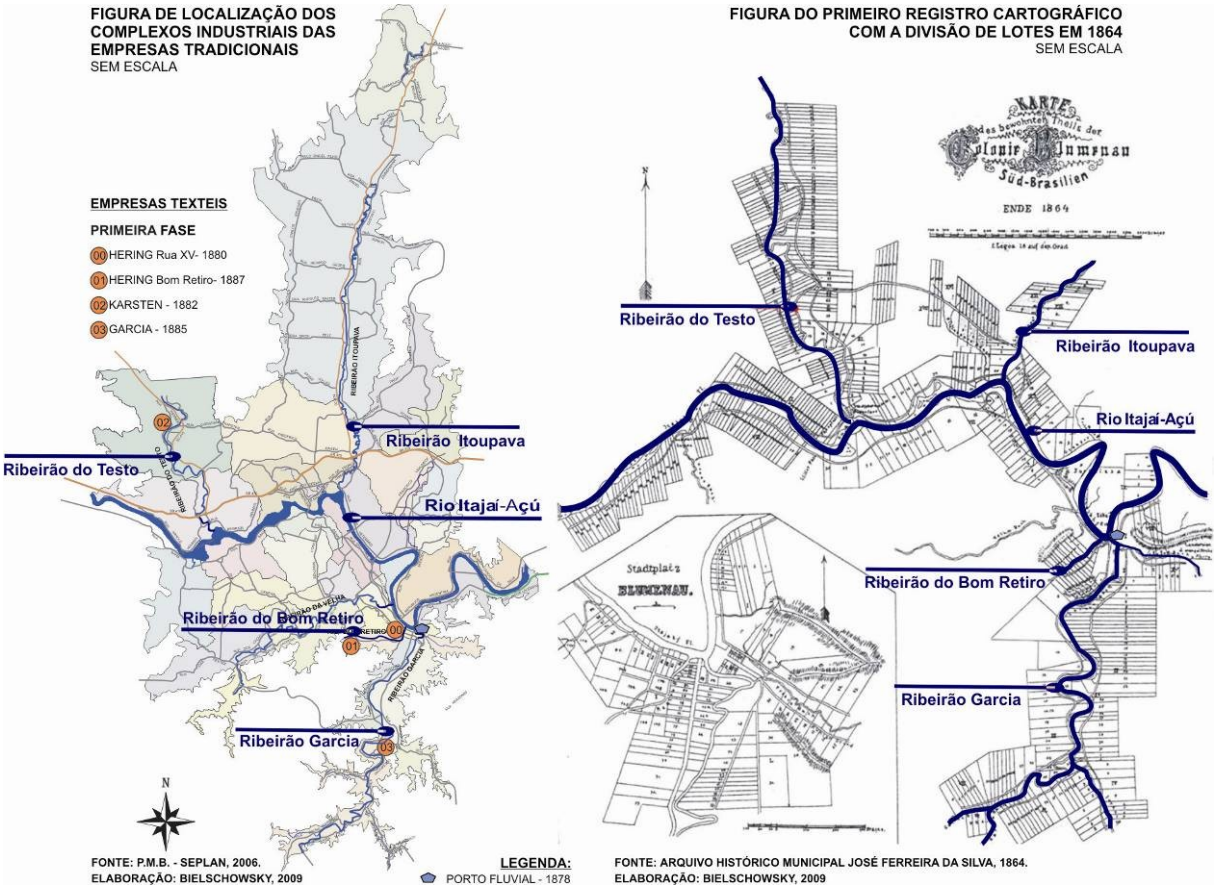


Figura 3.1: Localização das indústrias na primeira fase de industrialização (Fonte: SEPLAN, 2006 e AHMJFS, 1864). Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Em Blumenau, "a concentração relativamente isolada dos núcleos, acrescida da necessidade de suprir as carências do serviço público, incentivou organizações coletivas dos colonos, facilitando a manutenção dos costumes e da língua alemã" (SEYFERTH, 2000). A partir destas organizações comunitárias, que as indústrias apoiavam, estabeleceram-se diversos serviços institucionais, como escolas, serviços médicos, associações beneficentes, assistenciais, culturais e esportivas, que contribuíram na fixação da cultura teuto-brasileira.

A forma de apropriação do espaço natural é uma ação cultural, pois os ambientes possuem a cultura da Natureza, que o projetista deve saber interpretar para tirar proveito das situações encontradas. No momento que o ser humano começa a utilizar esse meio encontrado, ele estabelece uma dinâmica de interação constante com a paisagem, deixando de ser apenas o agente transformador, mas também um aprendiz. O espaço vai se materializando através das diversas formas de apropriação, contidos na cultura recebida de outras gerações ou adquirida pela experiência de vida, mediadas pelas técnicas locais existentes, e assim, o homem também se adapta e aprende a conviver com a natureza. O respeito a esses valores encontrados reflete nos resultados das intervenções e por isso não deixa de ser um diálogo constante, facilmente identificado na paisagem e em suas áreas de interferência.

A escolha do local passou a ser decisivo para a instalação dos complexos fabris, suas configurações espaciais, o caráter de seu conjunto fabril e a filosofia empresarial que seriam ali implantados. Segundo o arquiteto Hans Broos (2008), que foi responsável por diversas intervenções em complexos industriais, o fato de a unidade industrial estar encravada no fundo de um vale, envolvida por morros arborizados e por uma paisagem natural de grande beleza, vai refletir diretamente na ação e no comportamento do ser humano, nas formas de apropriação e de uso do espaço, que refletirão inclusive no seu método de trabalho. Para Broos, as histórias e os ambientes criados nestes locais por mais de um século foram fundamentais para o desenvolvimento dessas empresas, que refletiram na qualidade dos produtos e no aprimoramento da criatividade de cada colaborador. A continuidade física entre moradia e trabalho no início, a integração entre dirigentes e colaboradores, a relação com a paisagem, a necessidade de produção conjugada ao desejo individual de cada colaborador contribuíram para isso, e nesse ponto, a ambientação sempre foi fundamental.

Algumas empresas blumenauenses pararam suas atividades durante a I Guerra Mundial por falta de importação de matéria-prima, neste caso o fio que vinha da Alemanha. A Cia. Hering, por exemplo, já havia constituído sua fiação em 1914, ou seja, sua estrutura produtiva já era verticalizada, o que foi um fator chave para o desenvolvimento da empresa.

3.3. Segunda fase de industrialização (1915-1945)

O segundo período de industrialização ocorre no período entre a I e a II Guerra Mundial, com a consolidação das indústrias existentes já verticalizadas, o desenvolvimento da estrutura urbana com a introdução da energia elétrica, a implantação do primeiro trecho da malha ferroviária e com a chegada de numerosos imigrantes com experiência comercial e industrial a partir de 1919.

Em 1909 a produção de energia pela Hidrelétrica Busch, em 1910 a implantação do trecho inicial da estrada de ferro ligando Blumenau ao oeste do Vale do Itajaí e em 1914 a geração de energia pela empresa "Força e Luz", demonstravam o desenvolvimento urbano para a consolidação de uma cidade, modificando também a lógica de implantação das próximas indústrias do segundo período de industrialização. A segunda fase da industrialização de Blumenau (1922-1936) ocorreu no período entre guerras e se espacializou principalmente na região da Itoupava Seca (figura 3.2), próximo ao núcleo central inicial, como se fosse a continuação ou a expansão desse núcleo, onde ocorreram os maiores investimentos privados e do poder público em infra-estrutura, como a pavimentação das vias existentes, a geração de energia elétrica na proximidade e a introdução da malha ferroviária exatamente neste local, que foi um grande vetor de desenvolvimento, principalmente a partir da ligação da ferrovia com o litoral na metade do século XX.

Importantes empresas têxteis, ainda existentes, foram fundadas nesse período, como as empresas Altenburg Indústria Têxtil Ltda em 1922, Tecelagem Kuehnrich S/A (hoje, Teka) em 1926, Fábrica de Bordados e Cadarços Haco S/A em 1928 (localizada no distrito da Vila Itoupava), a W. S. Cremer S.A. em 1935 e a Fábrica de Artefatos Têxteis Artex S/A em 1936, localizada bem mais ao sul da cidade, no bairro Garcia, ao lado da E.I. Garcia, incorporando-a em 1974 e vendida ao Grupo Coteminas em 2000. Além dessas empresas têxteis, importantes empresas de outros setores foram fundadas neste período, como a Fábrica de Gaitas Alfredo Hering S/A e a Fábrica de Chocolates Saturno S/A em 1923, a fundição de ferro Auerbach & Werner em 1924 (hoje, Electro Aço Altona S.A.), a Fábrica de Chapéus Nelsa S/A em 1925, a Indústria de Chocolates Sander S/A em 1928 e a Rodolfo Thomsen & Cia Ltda em 1928, hoje Bebidas Thomsen Ltda (Fonte: Centenário de Blumenau. Blumenau: edição da Comissão dos Festejos, 1950, p.166).

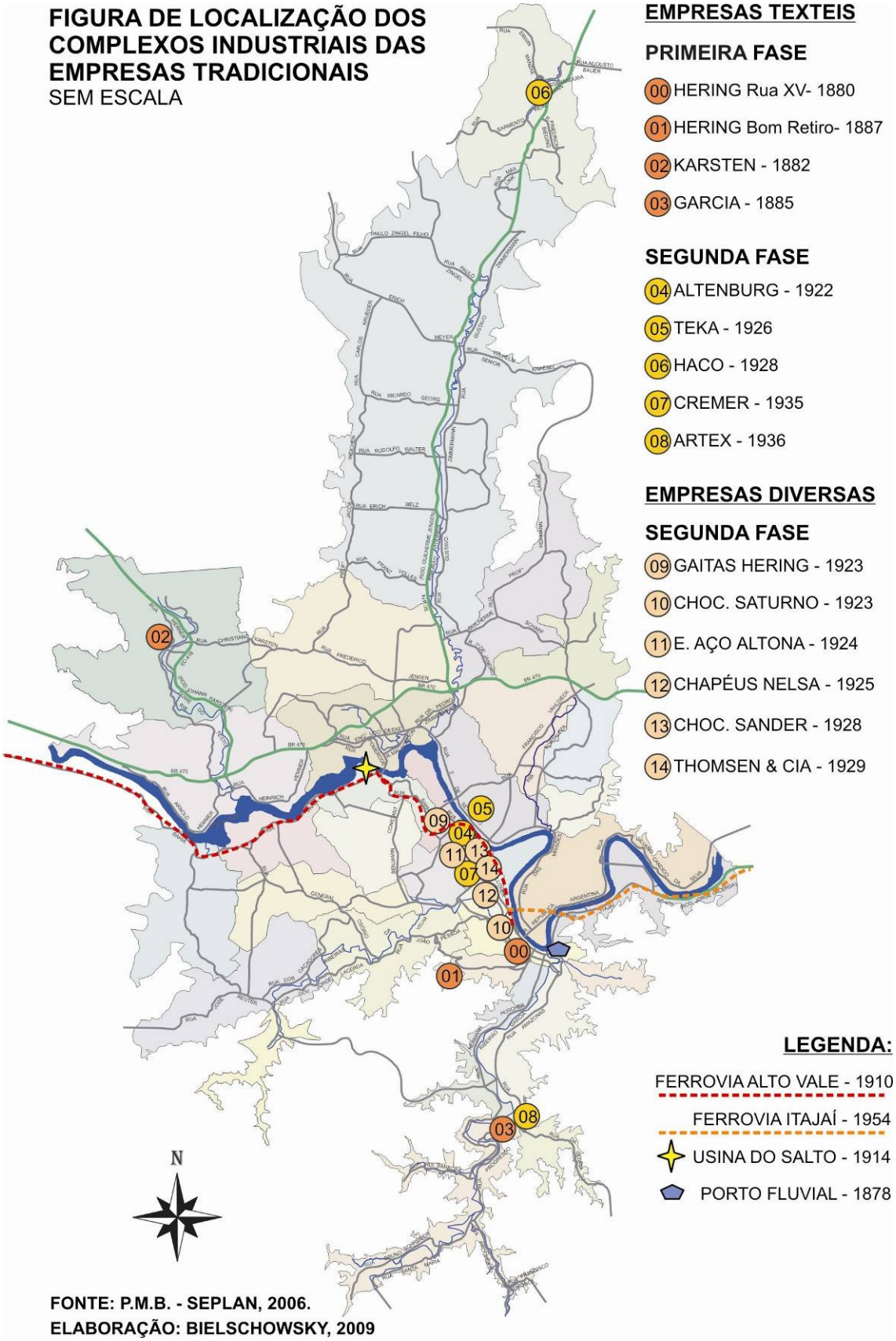


Figura 3.2: Localização das indústrias na segunda fase de industrialização (Fonte: SEPLAN, 2006). Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Nessa lógica de implantação, perde-se a relação cultural entre o estabelecimento de produção fabril e o ambiente natural. No primeiro processo de industrialização existiu toda uma forma peculiar de apropriação desse ambiente natural por parte dos empresários imigrantes, que ainda estavam se adaptando às condições e ao ambiente encontrado, para a formação de uma nova cultura, diferente à do país de origem. Essa forma de apropriação do ambiente natural encontrado, mediado pelas técnicas existentes e adaptadas ao local, contribuiu para fixar essa nova cultura teuto-brasileira. Ao contrário então, das paisagens culturais resultantes dessa relação entre estabelecimento industrial e ambiente natural do primeiro período de industrialização, o espaço urbano onde se implantaram a maioria das empresas do segundo período de industrialização caracterizou uma identidade mais urbana, sem muita relação com o ambiente natural. No primeiro período houve industrialização e urbanização simultaneamente, adaptando-se ao ambiente natural, enquanto no segundo período as empresas se localizaram no "Centro expandido" da cidade, já com certa urbanização, utilizando energia elétrica em vez de energia hidráulica e utilizando mão-de-obra dispersa em vez de local com a possibilidade de utilização do sistema ferroviário.

Com relação à lógica de implantação das indústrias desse período, com a usina hidroelétrica localizada no bairro do Salto, próximo a este ponto de concentração industrial, não dependia mais de energia hidráulica, podendo agrupar-se nos espaços mais bem estruturados. Nesse período as empresas vão se instalando nos terrenos mais planos e mais altos da cidade, grande parte seguindo o Rio e a ferrovia. Como os investimentos públicos e privados eram canalizados para esta área, os empresários tinham muitas vantagens em ter uma malha ferroviária que passasse na frente da sua empresa. A utilização dessa malha ferroviária para o transporte de seus funcionários, inclusive mudando a lógica de moradia desses funcionários, que antes era numa vila operária ao lado da fábrica, e a possibilidade de ter uma ferrovia que ligasse sua empresa diretamente ao porto de Itajaí (fato que demorou décadas), foram fatores importantes na escolha do sítio para a implantação dessas unidades fabris.

Além da função de transportar pessoas, desde o início da utilização da ferrovia, fica clara a sua preocupação em facilitar o transporte de mercadorias, com maior segurança contra os ataques dos índios e as intempéries do tempo, além da rapidez do novo meio de transporte que já era bastante utilizado na Europa, desde o final do século XVIII. A construção da linha ferroviária contribuiu para o desenvolvimento tecnológico e do setor de engenharia, que se introduziam ao mesmo tempo com as soluções que a implantação exigia, como túneis, viadutos, pontes, logística de transportes e sistema urbano integrado (WITTMANN, 2001).

O Dr. Blumenau conhecia bem o sistema ferroviário em pleno funcionamento na Europa, contava com a introdução da malha ferroviária para a expansão de sua Colônia (a colônia Blumenau abrangia 20.000 km² em sua implantação, praticamente 40 vezes mais do que o atual município de Blumenau, com 519,8 km²) e em suas viagens à Alemanha ele já tentava conseguir recursos para este fim. No discurso da inauguração do primeiro trecho da ferrovia, em 03 de maio de 1909, o Dr. Scheffler, representante da Sociedade construtora, fez um apelo ao governo para que auxiliasse a sociedade particular na elaboração de uma obra de grande interesse econômico e estratégico para Santa Catarina e para o próprio país, ao comentar que aqueles 30 km iniciais de estrada que iam ser inaugurados serviriam de fundamento para uma grande ferrovia que, partindo do porto de Itajaí, fosse até as fronteiras com a Argentina e o Paraguai (WITTMANN, 2001).

Segundo Wittmann (2001), os fatores decisivos para a implantação da linha ferroviária foram o de desenvolvimento econômico através do aumento da produção agrícola da colônia, a conexão mais rápida entre os vários núcleos dispersos, a inviabilidade do transporte fluvial entre Blumenau e o Alto Vale e os constantes assaltos indígenas, ou seja, resumindo, agilidade, economia e segurança. Em 1904 foi assinado o Decreto Estadual de concessão à Companhia Colonizadora Hanseática para a construção e exploração da via férrea. Logo, essa concessão para "exploração" acaba com o mito de que a via férrea foi criada apenas para aproximar as pessoas. Nesse momento, Blumenau abrangia 15.000 km² de extensão e uma população de 50.000 habitantes. A lavoura e a pecuária eram bem desenvolvidas, a indústria e o comércio prosperavam e a exportação superava as importações. A implantação foi então decisiva, pois os colonos mais isolados das linhas coloniais agora poderiam vender a produção de suas lavouras, de suas "fabriquetas" ou de seus engenhos com mais facilidade na sede da Colônia, além de cumprir com os seus deveres fiscais e participar da vida política administrativa e cultural da Comunidade (WITTMANN, 2001).

A Sociedade Anônima Estrada de Ferro Santa Catarina, formada em 1906 pela Companhia Colonizadora Hanseática, empresas de navegação e o Banco Alemão, iniciaram as obras neste ano. Desde o início, a ligação de Blumenau com o porto de Itajaí estava planejada, como segue o trecho de uma correspondência do Dr. Blumenau para o "Novidades" de Itajaí em 17 de Novembro de 1907. "*O essencial é que se prolongue a via-férrea até a serra, dando-se como ponto terminal um porto de mar, que deverá ser o de Itajaí, pois está provado hoje pela entrada dos vapores de Hamburgo e da Bremen que o porto de Itajaí dá franca entrada e saída a vapores transatlânticos*" (Correspondência do Dr. Blumenau para o

"Novidades" de Itajaí, de 17-11-1907). Nesta mesma carta, Dr. Blumenau comenta sobre o cais da Itoupava Seca, lugar de descarga dos trilhos, onde apenas uma lancha podia atracar, sendo que no cais da cidade atracariam três ou mais. Uma viagem destas chegava a durar um dia e meio, pois além de ser lenta dependia da quantidade de água no leito, além das correntezas. Esse local foi utilizado para as oficinas de manutenção. Esse cais da Itoupava Seca, utilizado para a descarga dos trilhos, ficava situado exatamente nas proximidades do local onde as empresas do segundo período de industrialização se implantaram e em 1926 iniciaram as obras do trecho da ferrovia entre Blumenau e Itajaí, exatamente no período de maior surgimento das empresas desse período, confirmando sua importância.

A estrada de ferro construída no início do século destinada à colonização do Alto Vale foi de fundamental importância comercial, pois partia do ponto terminal de navegação. A implantação de uma unidade fabril próximo à ferrovia, além de seus operários e clientes terem maior facilidade de acesso à empresa, facilitaria por um lado a venda de seus produtos no Alto Vale onde se instalavam novos colonos que necessitavam de produtos manufaturados e por outro lado, os produtos dessas empresas poderiam ser vendidos ao longo da ocupação regional já estabelecida entre Blumenau e Itajaí, ou o produto poderia sair do porto de Itajaí e ir para o Rio de Janeiro, capital nacional, e pensando internacionalmente, esses produtos poderiam conquistar o mundo, principalmente a Alemanha, com quem mantinham contato.

A possibilidade de utilização da energia elétrica permitiu o agrupamento de várias empresas num mesmo local, ao lado do Rio que fornecia água em maior vazão, não mais para geração de energia, mas continuou sendo essencial para o processo industrial. Com o desenvolvimento urbano do setor comercial, seria fundamental sua localização na área onde a cidade se expandia e eram concentrados os investimentos. E com a facilidade que os novos meios de locomoção ofereciam, a mão-de-obra poderia ser dispersa, não necessitando assim, a implantação de vilas operárias, como foi necessário nas empresas do primeiro período.

Na véspera da II Guerra Mundial, Blumenau já era o centro regional do Vale do Itajaí com mais de 2.000 operários, tinha seu próprio banco e diversas sedes de sucursais dos bancos nacionais. Ao mesmo tempo em que se implantam as novas empresas, ocorre a consolidação das primeiras unidades que estavam dispersas pela malha urbana (MAMIGONIAN, 1965, p.68). Com a substituição das importações ocorrida no país no período entre guerras, houve também a integração de Blumenau ao mercado nacional, especialmente com a região Sudeste. Além de abastecer o mercado nacional, inicia também o processo de exportação para países como Argentina, Uruguai e E.U.A. (Fonte: Cia. Hering).

As vilas operárias foram instaladas nas proximidades das indústrias do primeiro período, devido ao fato de esses núcleos terem sido implantados em núcleos anteriormente agrícolas e serviram como o núcleo inicial do bairro em alguns casos. Nessa época, os bairros apresentavam uma fácil leitura, a partir do sistema da espinha de peixe. As principais vias ficavam paralelas aos cursos d'água, formando a espinha dorsal. Nessa espinha dorsal se implantavam a indústria (elemento organizador deste espaço), os serviços, as residências mais ricas dos patrões, as residências médias dos técnicos e estavam equipadas com os serviços públicos mais importantes. Nas espinhas secundárias, a vila operária, geralmente composta por chalés de madeira, comumente utilizada para uso residencial. Residências essas que foram vendidas para seus operários através de negociações mais facilitadas, como foi o caso da E.I. Garcia, ou que foram simplesmente substituídas para a ampliação do parque fabril, como foi o caso da Cia. Hering no bairro do Bom Retiro, incentivando assim o crescimento do bairro da Velha, do outro lado do morro.

Com relação ao paternalismo dos patrões com seus funcionários, Mamigonian (1965, p. 107) coloca que é um fenômeno de origem germânica e que em Blumenau teve seu maior desenvolvimento principalmente antes da II Guerra Mundial. As empresas começaram a organizar vilas operárias, cooperativas de consumo, cooperativas de crédito, assistência médica, instalações esportivas, culturais e de recreação. Na década de 1940 essa preocupação se mostra evidente devido ao crescimento das empresas e as condições favoráveis para se instalar esses benefícios, atendendo assim as reivindicações dos operários que também cresciam junto com o crescimento produtivo da empresa (PETRY, 2000, p. 149).

Continua o processo de consolidação das primeiras unidades têxteis e a expansão das empresas do segundo período, fortalecidos pela II Guerra Mundial e a depressão mundial que havia se instaurado. Neste período o país completava o período de transição de uma economia agro-exportadora para uma economia industrial (MAMIGONIAN,1999, p.19).

3.4. Expansão industrial (1945-1980)

Este período, que testemunhou o crescimento do poder econômico, do número de fábricas e do volume de produtos, não será aprofundado neste trabalho, apenas serve como introdução ao próximo período de reestruturação produtiva (1980-2000). As forças foram canalizadas à técnica de produção (máquinas, equipamentos, produção em massa). O setor têxtil catarinense acompanha, de perto, todos os ciclos produtivos nacionais. Abastece, inicialmente, os mercados internos e aproveita os dois períodos de Guerras Mundiais para um

rápido processo de acumulação, transformando as divisas em renovação do parque fabril e aumento de produtividade (PIMENTA, 1996).

Os fatores mais importantes que caracterizaram essa fase foram a grande expansão das indústrias existentes e a chegada de novos imigrantes qualificados após a II Guerra Mundial. Com relação a localização industrial deste período, em 1960, Mamigonian (1965, p. 136) relata que já não se podia mais fazer distinção das aglomerações urbanas, pois eram residenciais e industriais ao mesmo tempo, que o levou a constatar que não haviam verdadeiras aglomerações urbanas antes das indústrias. Daí percebe-se a importância dessas indústrias na evolução urbana da cidade, temos aqui o maior exemplo de como industrialização e urbanização ocorreram simultaneamente em Blumenau.

O período entre o final da II Guerra Mundial e a década de 1960 foi marcado pela substituição de importações de bens de consumos duráveis no país. Enquanto a indústria têxtil nacional cedia lugar nas prioridades governamentais a esses novos ramos dinâmicos da economia, a indústria têxtil blumenauense continuava a todo vapor, com sua estrutura verticalizada produzindo em grande quantidade, alcançando o terceiro pólo do complexo têxtil / vestuário do país, beneficiando-se da melhoria de infra-estrutura nos setores de transporte e de comunicações, incentivado pelos planos de nacionalização impostos pela ditadura militar para a retomada do crescimento e desenvolvimento da indústria nacional. Com a desvalorização da moeda alemã, essas indústrias também puderam importar novos maquinários e investir na modernização de seus parques fabris (FIGUEIRA, 1980).

Ao mesmo tempo em que as empresas blumenauenses se modernizavam e avançavam no setor tecnológico, a urbanização ocorria da mesma forma pela cidade de Blumenau e a micro região do Vale do Itajaí. A Cia. Hering, por exemplo, instituiu um plano de expansão de suas atividades bastante ousado para a época, com a introdução de um sistema de unidades satélites de costura nos bairros mais populosos da cidade inicialmente e ampliando suas atividades por toda a região, como Indaial, Ibirama, Rodeio e Gaspar no Médio Vale do Itajaí, e Benedito Novo, Ascurra, Presidente Gertúlio, no alto Vale do Itajaí. Em 1964 a Cia. Hering foi a primeira empresa têxtil nacional a exportar seus produtos e em 1967 foi considerada a maior malharia da América Latina (Fonte: Cia. Hering).

Na década de 1970, chamada de época do milagre econômico brasileiro, o processo de expansão industrial blumenauense continuava em ritmo acelerado, com a criação de postos de trabalho nas indústrias maior do que o crescimento da população (SIEBERT, 2006).

Utilizando novamente a Cia. Hering como exemplo, as empresas blumenauenses expandiram suas unidades fabris por todo o país. Em 1976, com o apoio do governo federal através de recursos da SUDENE, foi implantada a unidade Hering do Nordeste S. A. em Paulista, Pernambuco. Além dessas sucessivas expansões, o Grupo Hering constituiu a Ceval Agropastoril (posteriormente vendida à Bunge) em Gaspar, Santa Catarina (Fonte: Cia. Hering).

No período entre guerras as empresas conquistam o mercado nacional e a partir do final da II Guerra Mundial conquistam o mercado internacional. Santa Catarina torna-se um estado urbano. A partir da década de 1980 ocorre um novo declínio nas atividades econômicas e ajustamentos à crise que o país passa, com inflação, déficit, dívida pública e crescimento econômico quase nulo, o que causou recessão, enfraquecimento no setor industrial e redução do investimento público (CUNHA, 1992).

3.5. Reestruturação produtiva (1980-2000)

A partir da década de 1980 as indústrias blumenauenses, assim como as demais indústrias têxteis do país, começaram a sentir os primeiros efeitos da globalização da economia mundial sobre o modo de produção com a introdução da flexibilidade espacial, submetendo assim essas empresas a um processo de reestruturação produtiva e a reorganização espacial. Em Blumenau, o setor têxtil, que empregava cerca de 40.000 trabalhadores no final da década de 1980, foi reduzido para aproximadamente 25.000 postos de trabalho em 2000, sendo que as grandes empresas foram as que mais demitiram (A Notícia, 03/05/2002). Como a economia de Blumenau se desenvolve principalmente em função das atividades industriais, esse período de reestruturação produtiva ficou muito evidente, gerando novas espacialidades, reorganizando produtivamente o território e alterando as relações de trabalho e as relações sociais. Como não poderia deixar de ser, a possibilidade de perda de uma tradição secular comprometeu a identidade coletiva da população local.

O final do século XX foi marcado pelo grande avanço tecnológico dos meios de transporte e das comunicações, introduzindo uma integração econômica globalizada com elevado intercâmbio comercial entre os países. O modo de produção capitalista passou a adotar a produção flexível como evolução do *fordismo* e do *taylorismo*. Utilizam-se linhas de montagem flexíveis, programáveis e informatizadas, permitindo uma produção muito mais

variada, em pequenos lotes e voltada para a demanda, com a possibilidade de ajustamento rápido às transformações de mercado (HARVEY, 2005).

Porém, foi na década de 1990 que o governo federal adotou uma política econômica neoliberal, com a abertura das importações em 1992 e a paridade cambial em 1994. Muitas empresas nacionais faliram nesse período e as que sobreviveram foram compelidas a reestruturação industrial como forma de se reinserirem competitivamente à nova divisão internacional do trabalho (CAMPOS, CÁRIO, NICOLAU, 2000). Em Blumenau não poderia ser diferente, com a invasão dos produtos importados, principalmente asiáticos, as empresas de grande porte se reestruturaram durante alguns anos, enquanto pequenas e médias empresas têxteis não sobreviveram ou não tiveram o tempo suficiente para se readaptarem ao novo sistema. Além dos produtos têxteis, brinquedos e instrumentos musicais estrangeiros invadiram o mercado nacional, levando a fábrica de brinquedos e instrumentos musicais Gaitas Hering, por exemplo, que contribuía como um importante elemento na dinâmica urbana de Blumenau, ao processo de falência.

As empresas se reestruturaram produtivamente, desde o modelo de gestão administrativa, passando pelo processo produtivo e desencadeando em novas formas de distribuição em diferentes fatias de mercado, para tornarem-se competitivas no mercado mundial globalizado, visto que o mercado nacional estava integrado e fazendo parte do mercado internacional neste momento. A desverticalização produtiva foi o primeiro passo, iniciando assim os processos de terceirizações e subcontratações, descentralizando espacialmente a cadeia produtiva e informatizando cada vez mais o processo produtivo através de sistemas de automação (CAMPOS, CÁRIO, NICOLAU, 2000). Algumas empresas locais foram adquiridas por grandes grupos nacionais, onde as decisões sobre as estratégias de mercado que influenciam nos processos produtivos locais são determinados por centros de controle externos.

Essa reestruturação industrial para se adaptar ao novo modo de produção global flexível desencadeou uma série de transformações econômicas, espaciais, sociais e culturais (HARVEY, 2005). As empresas que sobreviveram, porque muitas fecharam, tiveram suas relações de trabalho prejudicadas. Muitas micro e pequenas empresas surgiram como resultado desse processo, o desemprego e a informalidade aumentaram e os benefícios trabalhistas diminuíram sensivelmente. O setor secundário perdeu importância para o setor terciário, onde comércio e prestação de serviços se desenvolveram principalmente devido a estes processos de terceirizações e subcontratações (SIEBERT, 2006).

3.6. O poder público local e a preservação patrimonial

As cidades são vítimas da lógica capitalista de apropriação espacial. Com relação à Blumenau, fica claro a ação do capital sobre a paisagem, modo de viver e cultura nos núcleos urbanos mais antigos. As principais vias e espaços históricos já se descaracterizaram, há muito tempo, num processo contínuo de apropriação espacial por parte do capital privado e de descaracterização do ambiente construído. Mesmo havendo forte resistência nesses processos, o poder público sempre se omitiu frente a esta situação. Tomando as três principais vias históricas da cidade de Blumenau (Rua XV de Novembro, Rua Hermann Hering e a Rua das Palmeiras) é possível exemplificar, em parte, esse processo.

A Rua XV de Novembro foi totalmente descaracterizada em seu conjunto original, onde se perderam os elementos referenciais, inclusive as técnicas construtivas, em prol da ideologia do "progresso" que necessitava se reproduzir neste espaço. Ao invés de uma edificação de dois pavimentos, foi necessário reproduzir o valor do solo por até quinze vezes, acabando com o conjunto urbano original, a ambientação e a paisagem local. Se não bastasse o poder público permitir esse prejuízo ao conjunto urbano já configurado, visto as condições geomorfológicas, climáticas e ambientais do sítio natural, na década de 1970 ele institui uma lei que dava incentivos tributários para quem reproduzisse, porém de forma inadequada, a técnica construtiva do enxaimel. Tratava-se apenas de um fachadismo, ou seja, técnicas construtivas modernas com elementos decorativos apenas nas fachadas para simular uma realidade que nunca existiu naquele local.

A Rua Hermann Hering, no bairro Bom Retiro, era considerada uma espécie de "museu ao ar livre", encravada num fundo de Vale, que contava toda uma história de ocupação e forma de apropriação muito específica dos imigrantes mais abastados, caracterizadas pelas residências-jardins implantadas no ambiente natural existente até se chegar ao núcleo industrial da matriz da Cia. Hering, ambiente que também preservou parte de suas características históricas pela justaposição dos diversos exemplos de arquitetura fabril. Na década de 1980, o poder público permitiu a construção de um edifício que reproduziu o valor do solo por até quinze vezes nesta rua histórica, justamente em frente ao antigo castelinho, como era chamado este espaço que dispunha até de teatro, considerado como um dos principais locais das atividades culturais ocorridas na cidade. Com o decorrer do tempo, novos empreendimentos foram sendo construídos ao longo desta via histórica, que apesar de não possuírem os 15 pavimentos como o edifício anteriormente citado, degradam o conjunto urbano edificado e sua relação com a paisagem local. No século XXI, o poder público

continua contribuindo para a descaracterização do Bom Retiro, ao permitir a transferência de potencial construtivo para esta área histórica.

A *Palmenalle*, conhecida atualmente como Rua das Palmeiras, foi a primeira rua projetada, em 1852 e ligava o núcleo inicial da cidade, desde o antigo porto fluvial e a casa da administração e cadeia à Igreja Evangélica, ambas as edificações também construídas por Krohberger. Palmeiras imperiais ainda formam um eixo monumental onde se podia ter a visão de um lado o porto fluvial na baixada junto ao Rio (símbolo de conexão de Blumenau com o mundo na forma material) e do outro lado, em cima do morro, a Igreja Evangélica (símbolo de conexão de Blumenau com o "outro" mundo, imaterial). Pois foi bem ali, na perspectiva em direção à baixada, antigo porto fluvial e o Rio Itajaí-Açú, desse projeto urbanístico elaborado há cerca de 150 anos pelo auxiliar de serviços técnicos do Dr. Blumenau, onde ocorreu a maior agressão sobre a paisagem blumenauense. Foi levantado o esqueleto de um edifício de aproximadamente 15 pavimentos, que foi embargado, permanece inacabado, porém ainda não foi implodido, que continua a mal tratar a história local. Além disso, na praça pública em frente ao antigo porto fluvial da cidade, foi construída uma cervejaria e um museu da cerveja, demonstrando mais uma vez a apropriação do espaço público para fins privados, privatizando assim, parte deste espaço e desconfigurando a paisagem e sua ambientação. A antiga prefeitura, edificação mais antiga da cidade virou um centro cultural, porém sem a apropriação da população local por diversos fatores, como a falta de atividades nos horários em que a população pode utilizar (funciona em horário comercial e o espaço do térreo que é para apropriação coletiva fica fechado após este horário) e a obra está inacabada por falta de recursos (foi reconstruída a parte que havia sido incendiada em 1958, porém falta a parte de reforma e restauro da parte antiga, inclusive com o projeto já aprovado pala prefeitura). E para não ficar somente nas gestões anteriores, um espaço na Rua das Palmeiras, esta zona histórica fundamental, onde se localizava o estádio de futebol do Blumenau Esporte Clube (BEC), foi leiloado recentemente.

Esses são só alguns exemplos da falta de uma política de preservação do patrimônio e principalmente, do ambiente construído. E a atual gestão do território se dá da mesma forma, canalizando investimentos nessas áreas de maior interesse coletivo, porém não para se preservar alguma coisa, mas pelo contrário, visando substituir seus usos e suas edificações como se fossem mercadorias para atender à moda das grandes cidades e interesses particulares locais.

Blumenau, assim como as demais cidades de porte médio do Brasil, observou calada a substituição e posterior verticalização de sua área central, apoiada pelo regime ditatorial

instalado em 1964 e por políticas públicas para as cidades de porte médio nos anos 1970 e 1980, onde os incorporadores imobiliários tiveram papel fundamental.

O poder público local deveria evitar o desaparecimento ou a substituição dos lugares que se tornaram referências espontâneas da memória urbana, como é o caso das unidades fabris e seu entorno. Alguns desses espaços que sempre foram referências sofrem distintas intervenções ou abandonos. Alguns espaços recentemente alterados, para não repetir os já citados anteriormente, como a antiga PROEB, o antigo estádio do BEC e a antiga fábrica Gaitas Hering comprovam a teoria de que o poder público investe nessas áreas, mas não para preservar e sim para renovar, condicionando assim, o valor de uso para o valor de troca.

A antiga PROEB virou o Parque Vila Germânica, ou seja, foi investida significativa quantidade de dinheiro para renovar o antigo parque de eventos da cidade. O local é um fundo de vale, constantemente inundado, projetado para receber feiras, eventos e festas como a Oktoberfest, que chega a reunir aproximadamente 100.000 pessoas num mesmo dia neste local, interrompendo completamente as condições de circulação quando acontecem grandes eventos neste local. Além da renovação dos pavilhões, já foi feita a reforma do Galegão (ginásio esportivo fora das medidas necessárias para eventos oficiais) e o projeto ainda prevê a construção de um edifício garagem, de um hotel de eventos, a criação de um parque urbano e a transformação da feira livre existente em um "mercado" elitista para turistas. Trata-se de um investimento em uma área inundável, que não comporta esse fluxo de pessoas e veículos, visto que nada foi pensado em relação ao transporte coletivo e onde ocorrerá a "gentrificação" das pessoas que ali viviam pelo alto valor que o solo comercial ganhou no bairro mais populoso da cidade. Seria mais recomendável comprar um terreno adequado para este tipo de empreendimento, numa área mais afastada da cidade, que não fosse inundável e nem prejudicasse o trânsito. Porém, numa ação rápida do governo estadual, em parceria com o governo municipal, foram obtidos os recursos para a primeira fase das obras numa das ações de descentralização que o marketing do governo estadual utilizou para sua reeleição neste mesmo ano.

Outro espaço, que parecia supostamente abandonado nos últimos anos, é o terreno do campo de futebol do BEC, o Blumenau Esporte Clube (1980-1998), antigo Brasil Football Club (1919-1944) que virou Palmeiras Esporte Clube (1944-1980) por determinação do decreto lei de Getulio Vargas que proibia clubes esportivos de possuírem nomes de nação e pelo clube realizar seus jogos na Rua das Palmeiras. Num terreno também inundável, no embrião da zona histórica, como a primeira rua projetada em 1852 por Krohberger, foi lançado recentemente um estudo para implantação de torres residenciais no antigo campo de

futebol do BEC, um local que originalmente havia sido doado para as práticas esportivas e que condicionava seu uso a isso, além de estar numa zona histórica fundamental.

Mesmo tendo encerrado suas atividades, o "velho Deba" como era carinhosamente chamado o estádio Ardebal Ramos da Silva, seus jogos semanais que ali ocorreram durante anos, a saudável rivalidade entre os clubes, os hinos das torcidas e o esforços dos atletas permanecem vivos na memória coletiva da população local. O espaço com área de 20.000m² foi a leilão em 2006, devido a uma dívida do clube com o INSS de cerca de R$ 1,3 milhão, que era o lance mínimo, e foi arrematado por R$ 1,305 milhão por um grupo de empresários de Curitiba (Fonte: Site da TV Galega, 24/09/2007), com a total omissão do governo municipal que fingiu não ter nenhuma responsabilidade sobre essa área histórica tão importante para a cidade. Esse grupo de empresários da iniciativa privada pretende construir quatro torres residenciais de 16 pavimentos cada e uma grande área comercial (Fonte: Site da TV Galega, 11/08/2008), neste espaço inundável, histórico e cultural, anteriormente utilizado pela coletividade. Novamente podemos perceber que o valor de uso foi trocado pelo valor de mercado, fragmentando e privatizando o espaço anteriormente utilizado pela coletividade em benefício de uma minoria segregadora.

O exemplo mais interessante para este trabalho que trata das questões relativas ao patrimônio industrial, é o caso da "Gaitas Hering", uma antiga fábrica de instrumentos musicais e brinquedos, onde num processo de abandono que durou mais de quinze anos, o edifício principal que foi a referência imediata da comunidade local por quase 70 anos e também referência regional devido sua localização, foi destruído. Dos três quarteirões que formavam o conjunto fabril, dois foram vendidos à iniciativa privada e o ponto principal virou uma praça pública sem referência alguma à memória urbana local, com total omissão do poder público, que deixou de lado sua responsabilidade sobre essa área histórica tão importante para a cidade. O poder público municipal tratou dessa questão privatizando os espaços que havia obtido e no ano eleitoral de 2008 construiu uma praça pública num dos pontos mais estratégicos da cidade, contribuindo assim para sua reeleição no mesmo ano.

O que se pretende demonstrar com isso é que, o fim desses espaços não se dá ao acaso, como a mídia e o poder público tentam nos fazer acreditar. É feito num processo muito bem planejado e cheio de interesses, onde abandono, destruição e reconstrução são passos marcados. Porém, existe uma memória urbana extra-oficial, que não morre junto com esses processos e permanece viva na coletividade. Esses espaços não morrem, eles são assassinados, e como estamos alertando, existem culpados. A morte ocorre de forma

premeditada, precoce e desmedida porque não serve para o atual modelo de gestão, vinculado ao capital. A mercadoria saiu da moda e deve entrar em liquidação o mais rápido possível.

Preservando as áreas mais baixas com suas grandes encostas da região Central-Sul da cidade, limitando as ocupações irregulares, implantando um modelo de gestão ambiental adaptado às necessidades locais e investindo em infra-estrutura, serviços, transporte coletivo, habitação e oportunidades de emprego na "cidade alta" pode-se ter um modelo de cidade que valorize sua memória urbana, onde se poderá ler a paisagem cultural composta pelas diversas fases de expansão de desenvolvimento sócio-econômico e cultural de Blumenau.

4. EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE BLUMENAU

O valor do Patrimônio Industrial de Blumenau é o seu conjunto, desde a influência germânica e a criação da cultura teuto-brasileira para a formação de uma cidade industrial, passando pelos diversos períodos de desenvolvimento e crises, até seu significado atual, desde o patrimônio edificado (este também representa os diversos períodos na sua paisagem) até o patrimônio social (que é imaterial, mas tem muito valor na memória coletiva), formando uma memória urbana especialmente peculiar e diferente de qualquer outra.

A cultura oferece aos homens os meios de apropriação dos ambientes, aí imprimindo suas características com a mediação das técnicas existentes, que resultam nas paisagens culturais que se desenvolvem com tempo. O Patrimônio Industrial de Blumenau evolui de acordo com a cultura local, que organiza o espaço, molda os indivíduos e define os contextos da vida social. Sendo assim, as rugosidades preservadas na paisagem local servem de testemunhos de um determinado período histórico e de seu modo de produção.

> "A cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas, que daí resultam, limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço" (CLAVAL, 1999, p.61).

A dimensão simbólica da vida não pode ser ignorada, além da econômica, pois é necessário dar sentido àquilo que nos cerca. A paisagem algumas vezes é valorizada por si mesma: deixa de ser apenas uma expressão da vida social, toma uma dimensão estética ou funda a identidade de um grupo. Os espaços humanizados são em parte funcionais e em parte simbólicos, pois a cultura marca-os de diversas maneiras (CLAVAL, 1999). Os espaços que serão analisados a seguir apresentam grande dimensão simbólica, dando sentido ao contexto urbano-social de cada período histórico. Elementos construídos vão servir de referenciais urbanos locais e regionais, dependendo de sua inserção no contexto, além de criarem uma identidade para toda uma coletividade de um determinado espaço. Vão definir o cotidiano das pessoas, através de seus horários de produção, que determinarão a dinâmica urbana local.

A principal característica da maioria das empresas têxteis consideradas tradicionais é que sobrevivem a todos os períodos de industrialização e reestruturações industriais ocorridas em Blumenau, sendo assim, sua presença física serve como elemento de significativa importância na vida e memória coletiva local. Já nos espaços em desuso, devem ser feitos os devidos esforços no sentido de manter esses edifícios em funcionamento, mesmo que seja reciclando alguns de seus usos, para que continuem a contribuir na dinâmica urbana local.

Existe ainda a possibilidade de tentar se preservar a técnica do "saber fazer" das últimas gerações de técnicos especializados, que anteriormente se passava de geração em geração, mas que hoje se não receberem o devido valor serão esquecidos e não teremos mais a chance e reconstituir esse ofício. Trata-se de valorizar a cultura social dos operários que comandavam as linhas de produção com conhecimentos acumulados e não eram comandados por sistemas de automação, como os atuais. Existe também a possibilidade da criação de um acervo técnico sobre a cultura material, a partir da evolução das técnicas. É possível reconstituir diversas formas de relação de vizinhança, que foram sendo substituídas pelos interesses imediatos da especulação imobiliária, que sabe muito bem o valor destes espaços dotados de grande infra-estrutura. Seria uma forma de reconstituir, em parte, a memória coletiva formada pela apropriação destes espaços, a partir da relação entre formas de produção e produção dos espaços pelos grupos sociais.

Blumenau preserva ainda, em boa parte, o acervo material e social constituído por mais de um século de desenvolvimento, devido a uma estreita e simbiótica relação entre o ambiente de produção e o ambiente urbano, que reflete também no desenvolvimento das relações sociais. São bens patrimoniais dessa relação que constituem o Patrimônio Industrial de Blumenau: a influência da cultura trazida pelos imigrantes alemães, os locais escolhidos para a implantação de seus estabelecimentos industriais, as formas de apropriação destes espaços, a relação entre produção e natureza estabelecidas no início, o desenvolvimento e a evolução desses conjuntos arquitetônicos e urbanísticos, as formas de adaptação dos edifícios e suas ampliações ao sitio físico e as novas tecnologias dos maquinários, que marca as diferentes fases da industrialização local e estão representados nas paisagens culturais resultantes destes processos. As relações sociais constituídas nestes espaços estão representadas, de certa forma, nas últimas casas das vilas operárias que já foram descaracterizadas e nos equipamentos urbanos e sociais também derivados desta relação, como Igrejas, cemitério, centros de saúde, centros de esporte, lazer e cultura.

Partindo da influência da cultura germânica e do modo de viver urbano de regiões já industrializadas na Alemanha dos imigrantes, que se adaptaram às condições encontradas, formou-se uma nova cultura, teuto-brasileira, que vai se apropriar dos espaços de forma diferente do que as outras culturas. Nesse sentido, tentar-se-á demonstrar como essa cultura têxtil, mediada pela lógica de acumulação do capital, vai se espacializar pelos fundos de Vale, constituindo assim a formação urbano-industrial em diversos pontos da cidade.

Com relação à importância do acervo industrial de Blumenau está no fato de que a manutenção e conservação destes bens materiais, com grande valor patrimonial, facilitam a compreensão do passado histórico e da formação urbano-industrial da cidade para a sociedade local se identificar como partícipe da produção deste espaço no presente, além de as futuras gerações também terem o direito de se reconhecerem no futuro. Para demonstrar a importância deste patrimônio industrial, vamos analisar a influência germânica, a evolução da ocupação da paisagem, a formação urbano-industrial da cidade e a atual situação de risco em que se encontra esse patrimônio industrial herdado.

Este capítulo visa demonstrar como evoluíram esses complexos industriais ao longo da história urbano-industrial de cada um desses espaços que serão analisados. A influência desses complexos produtivos na formação do espaço urbano e desenvolvimento da vida urbana e no cotidiano das pessoas se demonstram como particularidades de cada um desses espaços analisados. A idéia foi demonstrar a evolução da paisagem através de figuras que expressassem principalmente a situação inicial do sítio físico aonde as empresas vão se implantar e a partir do desenvolvimento desses complexos industriais pode-se observar a passagem de uma paisagem rural para uma paisagem urbana, dependendo das áreas de influência dessas empresas em cada espaço e da localização de cada espaço em relação à dinâmica urbana da cidade como um todo. Alguns desses espaços demonstrarão a integração entre os espaços de moradia e os espaços de produção durante certo período, alguns demonstrarão a evolução urbana do local e a introdução de equipamentos para suprir a carência de serviços públicos em determinadas áreas e outros espaços vão interferir diretamente nas alterações urbanas de determinadas áreas de influência.

As formações dessas unidades industriais dispersas ajudaram a equipar a cidade de forma descentralizada, o que ajuda a compreender a dinâmica atual da cidade. Analisando os espaços de forma fragmentada é possível verificar melhor as especificidades de cada um desses espaços, que no conjunto global da cidade vão interferir como sistemas autônomos, que fazem parte de uma totalidade. Por isso, para se perceber melhor as especificidades de cada espaço e a relativa autonomia de cada um desses espaços em relação ao núcleo central da cidade, os quatro espaços de maior importância para a evolução da cidade industrial serão analisados neste trabalho de forma independente, relacionando algumas características quando necessário, porém buscando identificar a identidade de cada um desses espaços urbanos.

4.1. A unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro

Figura 4.1: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Cia. Hering no Bom Retiro.
Fonte: www.wikimapia.org, 2009. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O primeiro espaço a ser analisado é o Vale do Bom Retiro, onde se implantou a Cia. Hering, sete anos após sua fundação na rua do comércio. Porém, antes vale mostrar a imagem da primeira unidade rudimentar localizada na *Wurstsrasse*[4], que era a rua do comércio, atual Rua XV de Novembro. A edificação residencial e comercial ficava localizada onde hoje se encontra o edifício da antiga Lojas Hering, atual Shopping H. A arquitetura era muito simples, edificação térrea, com diversas aberturas e o telhado "pontudo", como era chamado a cobertura com grande inclinação e caimento de duas águas. No período entre 1880 e 1893, as máquinas eram poucas e a força motriz inexistente (tear manual), porém, a localização comercial garantiu a afirmação da empresa no contexto regional.

Figura 4.2: "*Trikotwaaren-Lager von Gebruder Hering*". Fonte: AHMJFS.

[4] *Wurststrasse* significa rua da lingüiça, que era assim chamada devido a sua forma irregular.

Sete anos após sua fundação, os irmãos Hering, relocaram a fábrica para o Bairro Bom Retiro, onde dispunham de força hidráulica e terreno para as futuras ampliações. O empreendimento assumia juridicamente o porte de empresa, registrada com a denominação de *Comercial Gebruder Hering*. Enquanto Hermann coordenava a parte produtiva, seu irmão Bruno vendia os produtos em toda a colônia, indo até Itajaí, distante 50 km. (Fonte: Cia. Hering)

Figura 4.3: A Cia. Hering no Vale do Bom Retiro. Fonte: AHMJFS.

Entre 1893 e 1900, já no Vale do Bom Retiro, concentrou seus investimentos na planta física da empresa, aumentando seu investimento em imóveis em 498% e em máquinas 354%. O *Papa* Hering, como era conhecido o patriarca da família, ficava a frente dos negócios, à medida que as filhas casavam e os genros se integravam à empresa.

Onkel Bruno, como era chamado o irmão mais novo e solteiro, se dedicava às obras sociais, como a construção de uma biblioteca, onde ele mesmo fazia leituras para os operários, e se preocupava com a natureza, promovendo reflorestamentos nos terrenos da fábrica. Fundou na região do morro do Baú uma colônia com características cooperativas, que não prosperou.

A escolha do local para a implantação da unidade fabril foi o "ninho[5]" do final do fundo de Vale do Bom Retiro, por onde passava o Ribeirão do Bom Retiro que movia a roda d'água que movimentava os primeiros teares. Essa área encontrada no final do Vale do Bom Retiro era também uma área estrategicamente bem localizada, muita próxima ao centro da cidade, onde se localizava a rua do comércio e o antigo porto fluvial.

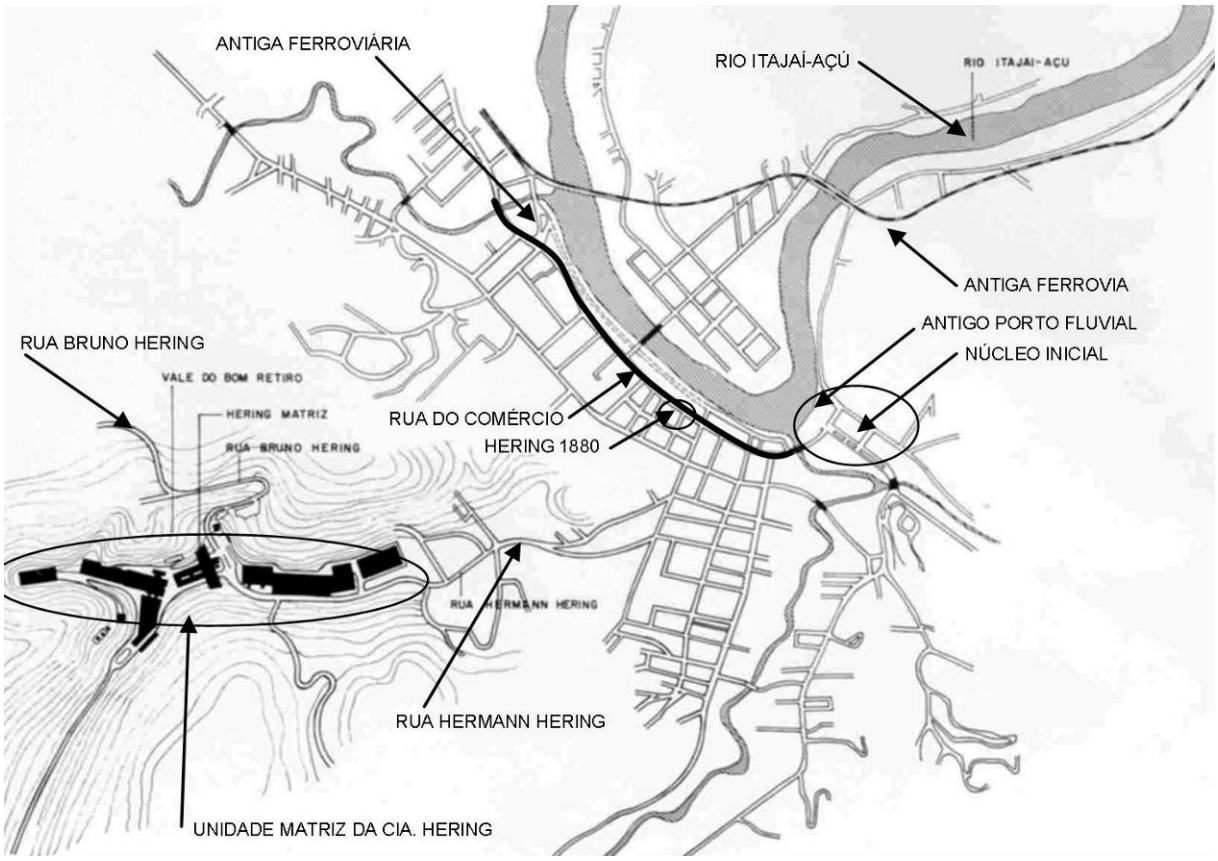


Figura 4.4: Localização da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro. Fonte: Hans Broos S.C. Ltda. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A Rua Hermann Hering conectava o núcleo fabril industrial ao centro da cidade, onde posteriormente foram implantadas as residências jardins de melhor ambientação da cidade que configuram um "museu a céu aberto" e demonstram a interdependência e o desenvolvimento comum entre a Cia. Hering e a cidade. É uma das ruas mais atraentes da cidade, com residências e jardins onde se podem ler os passos dados em termos de arquitetura e ambientação trazidas pelos imigrantes, e por isso, é recomendável a imediata preservação de todo esse conjunto como testemunho paisagístico e histórico do desenvolvimento urbano de Blumenau.

[5] O arquiteto Hans Broos chama de ninho o local escolhido para implantação da empresa por diversos fatores, como o abrigo e a proteção do relevo natural para a criação e formação do ambiente da empresa, assim como o desenvolvimento pessoal dos seus operários.

O núcleo inicial da empresa (1887-1915)

A espacialização do complexo industrial deu-se de forma contínua por justaposição de algumas edificações no início e demais construções independentes posteriormente. O fundo do Vale, no final da Rua Hermann Hering foi ocupado inicialmente pela roda de água para movimentar os teares que ficavam em edificações simples, que no início não caracterizavam uma arquitetura fabril. Com sucessivas construções de anexos e ampliações, foi constituído o primeiro edifício fabril que abrigava todo o processo produtivo, desde a malharia, a costura e o beneficiamento, com exceção do fio que era importado da Alemanha.

O primeiro edifício fabril só foi finalizado alguns anos depois, após sucessivas adaptações e ampliações de algumas pequenas construções. Num espaço entre as edificações rudimentares foi edificado um núcleo central com a cobertura dente de serra. Logo as edificações rudimentares laterais ao núcleo central foram substituídas por anexos com arquitetura mais elaborada, que posteriormente substituiria o núcleo central pelo complemento do volume da edificação, constituindo assim, o primeiro edifício fabril que faria parte do conjunto do núcleo inicial.

Neste mesmo ano, no mesmo sítio, ao lado do primeiro edifício fabril, foi construída a primeira residência da família Hering no Vale do Bom Retiro, que anteriormente também se adaptava as possibilidades de moradia na casa de comércio. Logo em seguida diversas residências da família foram sendo implantadas ao lado do núcleo fabril inicial, ao longo da Rua Hermann Hering, enquanto as residências dos mestres, técnicos e operários se implantavam do outro lado do Ribeirão do Bom Retiro.

Em 1897 foi construído o edifício fabril da costura, disposto perpendicularmente ao edifício já existente. Tinha característica de uma grande edificação residencial, muito parecida com o tipo de arquitetura que a família Hering vivia em Hartha, uma edificação de três pavimentos, porém com cerâmica de tijolo aparente e poucos detalhes ornamentais, com diversas aberturas simétricas nos dois lados, cobertura com grande inclinação e com mansardas para o aproveitamento do pavimento superior do sótão.

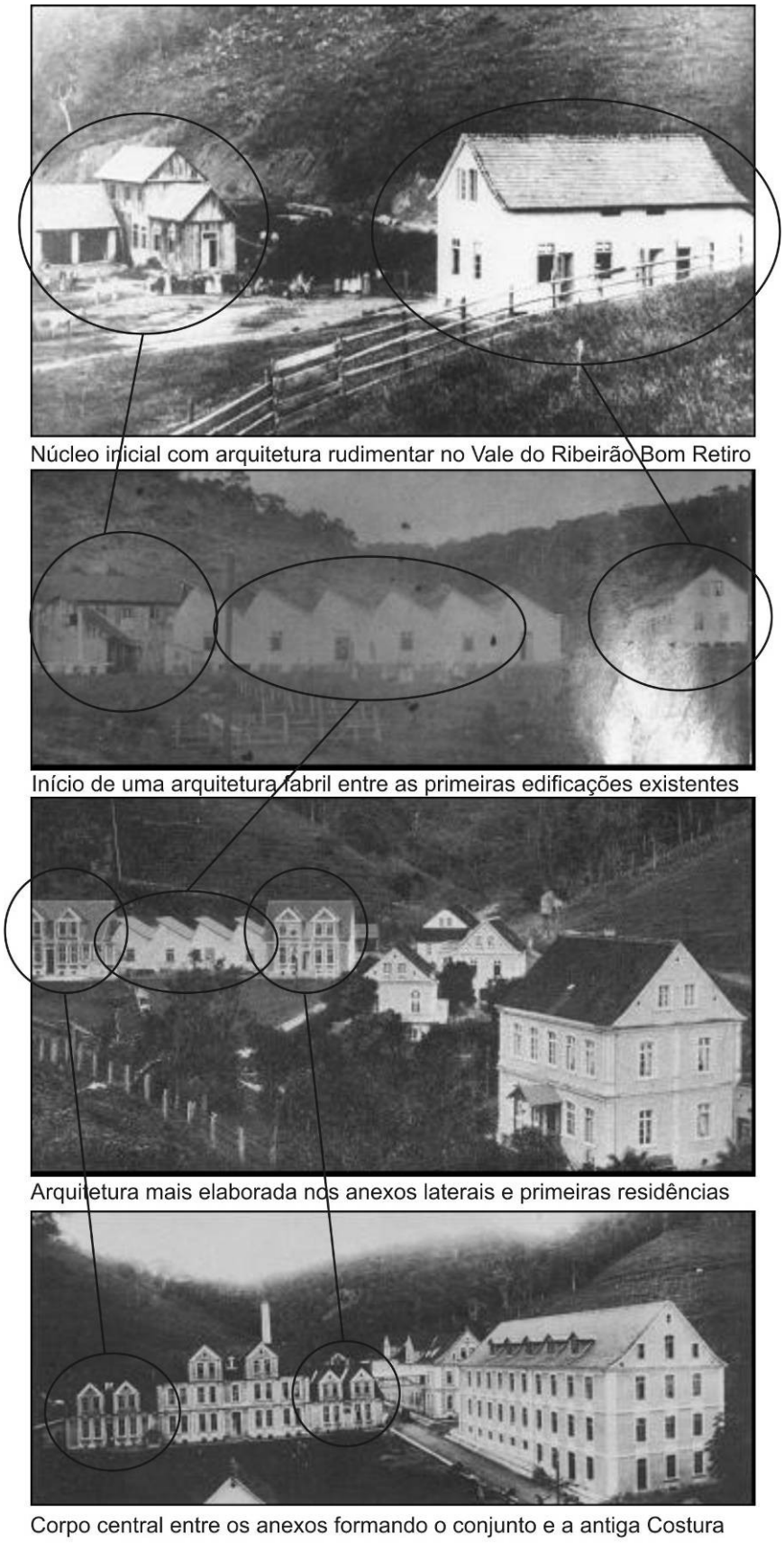


Figura 4.5: Formação do núcleo inicial da matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro. Fonte das imagens: AHMJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Em 1907 foi construído o novo edifício da malharia, com um projeto praticamente idêntico, porém todo rebocado, o que o tornava mais singelo e discreto. As aberturas eram modulares e em grande quantidade, tinha porão embaixo e sótão em cima, com aberturas em forma de mansardas na cobertura, o que juntamente com o edifício da costura, já constituía um verdadeiro conjunto arquitetônico fabril de qualidade. As paredes eram auto portantes e internamente o espaço era livre, apenas com os pilares de madeira colocados modularmente e que sustentavam apenas os pisos e os forros entre os pavimentos, que também eram de madeira. Tinha boa iluminação e ventilação, pois existiam grandes janelas e em bastante quantidade para os dois lados, além de um generoso pé-direito. Além das instalações fabris, estavam localizadas neste mesmo sítio físico, as residências dos proprietários, dos mestres e uma pequena vila operária ainda em formação e o refeitório de todos ao longo do Ribeirão do Bom Retiro. Essa foi a concentração fabril inicial.

Posteriormente, com o crescimento da família dos empresários e necessidade cada vez maior de espaço físico, as residências dos empresários foram sendo construídas ao longo da Rua Hermann Hering e as residências dos operários foram dando lugar às sucessivas ampliações da empresa, fazendo com que as moradias dos funcionários fossem sendo transferidas aos poucos para o bairro da Velha, do outro lado do morro, através de uma picada inicialmente, mas que mais tarde foi urbanizada e hoje é a Rua Bruno Hering.

Nesse período de formação do núcleo inicial, a empresa ampliava também o seu mercado. Em 1898 lança seus produtos no Rio Grande do Sul e em 1904 inicia as vendas para São Paulo e Rio de Janeiro. A confiança na empresa era tão grande, que a ausência de bancos em Blumenau levou a população local a depositar suas economias, como um estabelecimento bancário, obtendo juros médios de 5% ao ano. Entre 1892 e 1913, os depósitos aumentaram em 800%, chegando a ser equivalente ao capital da própria empresa. Em 1910 o capital já era quase 10 vezes maior que o inicial, e com a baixa cambial ocorrida neste período, aproveitou para importar máquinas e mais matéria-prima ao mesmo custo.

Nesse sentido, foi dado o passo mais importante para o seu crescimento, importando em 1913 toda uma fiação da Alemanha, que chegou pelo Porto de Itajaí. A importância da constituição da fiação própria antes da I Guerra Mundial foi fundamental para a empresa, que anteriormente dependia do fio importado, podendo assim verticalizar todo o seu processo produtivo, inclusive podendo produzir durante a guerra, enquanto outras empresas em diversos países que dependiam do fio europeu tiveram que parar sua produção nesse período.

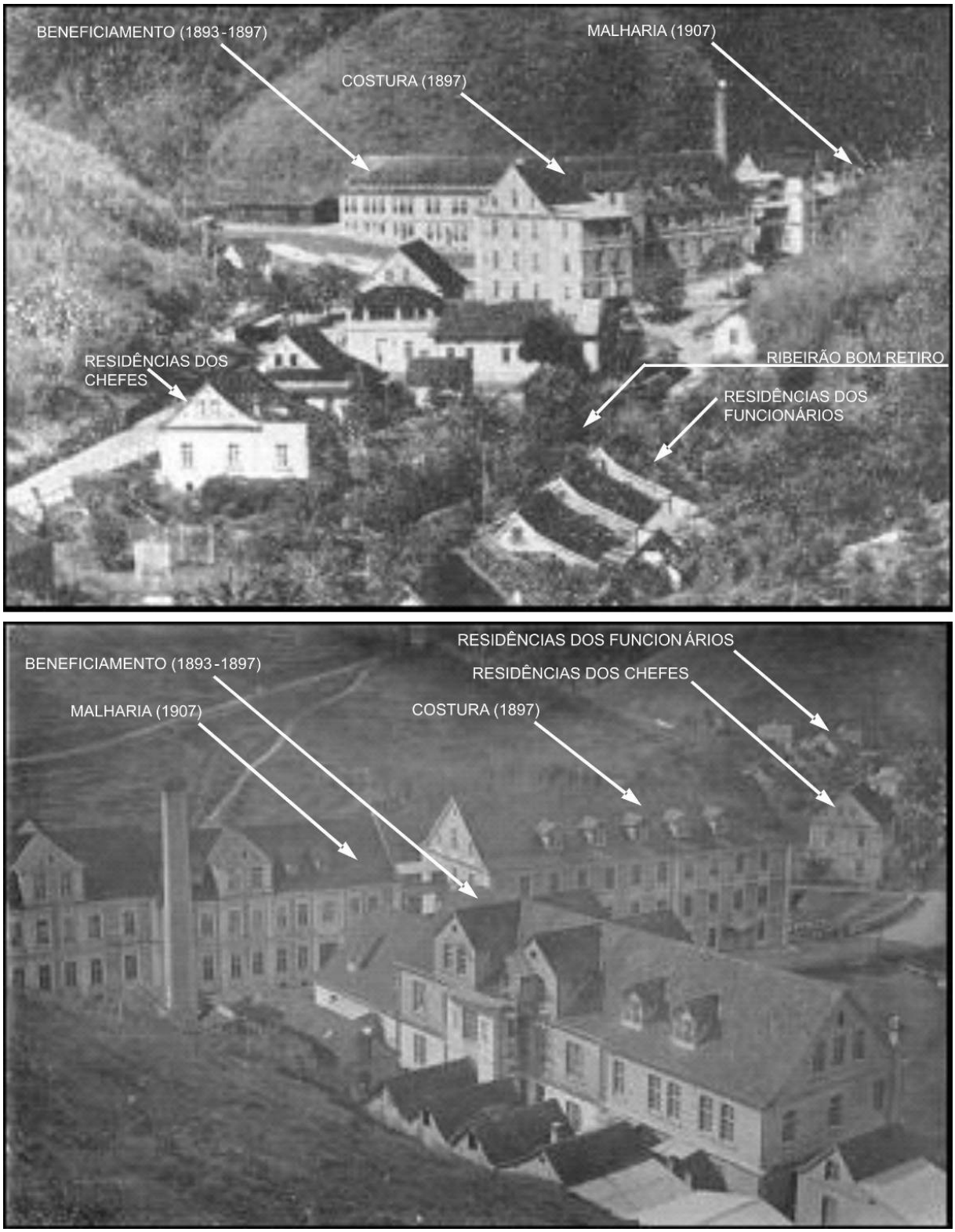


Figura 4.6: Núcleo inicial da matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro. Fonte das imagens: AHMJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O núcleo inicial da fiação (1915-1955)

Com a introdução da fiação, a partir de 1913 e a chegada da energia elétrica em 1915, o que mudaria também as formas de produção, foi necessário construir um edifício à altura do que significava a independência técnica com a verticalização de todo o processo produtivo, agora desde o fio até o produto acabado final. Como a empresa não dispunha mais de espaço físico junto ao núcleo inicial, e a instalação da fiação previa grande aumento de produção, o local escolhido para a implantação do novo edifício da fiação foi exatamente do outro lado da vila operária, se tornando assim o edifício mais importante do complexo industrial, pois estaria na Rua Hermann Hering, demarcando a entrada do conjunto fabril.

O edifício da fiação foi inaugurado somente em 1917, ainda sob o efeito de uma arquitetura que remetia aos casarões residenciais. Os espaços internos e externos seguem aos modelos anteriormente citados, edificação de dois pavimentos e mais o sótão, com telhado com grande inclinação e várias janelas tipo mansardas que iluminam e ventilam o ambiente. Além das diversas aberturas laterais modulares, constantes e simétricas, existiam aberturas no início e no final de sua maior seção longitudinal, aumentando assim a eficiência no conforto ambiental com iluminação natural e ventilação cruzada nos quatro sentidos, visto que o sótão na possui forro e a inclinação do telhado não permite maior distanciamento entre a cobertura e o trabalhador. A estrutura do telhado foi feita toda com a madeira do próprio terreno, é aparente e demonstra bem a técnica de travamento de madeira utilizada na época.

Figura 4.7: Sótão do edifício da antiga fiação (1917). Fonte: Bielschowsky, 2001.

Os andares inferiores também possuíam bastante ventilação cruzada e boa iluminação através de diversas aberturas distribuídas uniformemente nas laterais, do início ao final do edifício fabril. Nos espaços internos, área livre e independente da estrutura de alvenaria externa, que continuam a ser estruturais, somente com os pilares de madeira distribuídos uniformemente para sustentar os pisos e os forros entre os pavimentos. Na figura 4.8 aparece o tamanho das aberturas e o detalhe do pilar que sustenta as vigas também de madeira. Foi construído posteriormente um segundo edifício da fiação na década de 1920, muito similar ao edifício principal, porém no fundo do terreno.

Figura 4.8: Pavimento tipo e detalhe do edifício da antiga fiação (1917). Fonte: Bielschowsky, 2001.

O terceiro edifício da fiação é da década de 1930 e marca dois rompimentos importantes. O primeiro rompimento e o mais importante pensando o conjunto fabril socialmente , é que assim se inicia a substituição da vila operária para dar lugar as sucessivas ampliações que a fiação vai necessitar por diversos ano, até ocupar o espaço todo da antiga vila operária. O outro rompimento se refere ao padrão arquitetônico adotado, além de sua disposição, que ao invés de ficar paralelo a rua principal como os anteriores, fica posicionado perpendicularmente a rua principal. Apesar de internamente ser muito parecido, os pilares e as lajes que anteriormente eram de madeira, passam a ser de concreto armado. A distribuição dos pilares é uniforme, dispostos simetricamente, assim como as aberturas. Não existe mais o sótão no andar da cobertura e o telhado é substituído pela laje. Externamente, a edificação perde as aberturas do início e do final, sendo pensado apenas com as aberturas laterais, já que a edificação fica atrás do edifício principal.

Figura 4.9: Pavimento tipo do terceiro edifício da fiação. Fonte: Bielschowsky, 2001.

Como as aberturas do terceiro edifício da fiação eram laterais, porém o edifício havia sido implantado perpendicularmente a Rua Hermann Hering (rua principal), foi criado assim um obstáculo para a implantação do quarto edifício da fiação, que necessitava então deixar um bom recuo para a continuação da entrada de iluminação e ventilação natural ao edifício projetado anteriormente. Para que isso não ocorresse mais, as novas edificações foram sendo planejadas de tal forma que os conhecimentos técnicos de cada época pudessem ajudar nas soluções dos projetos arquitetônicos industriais.

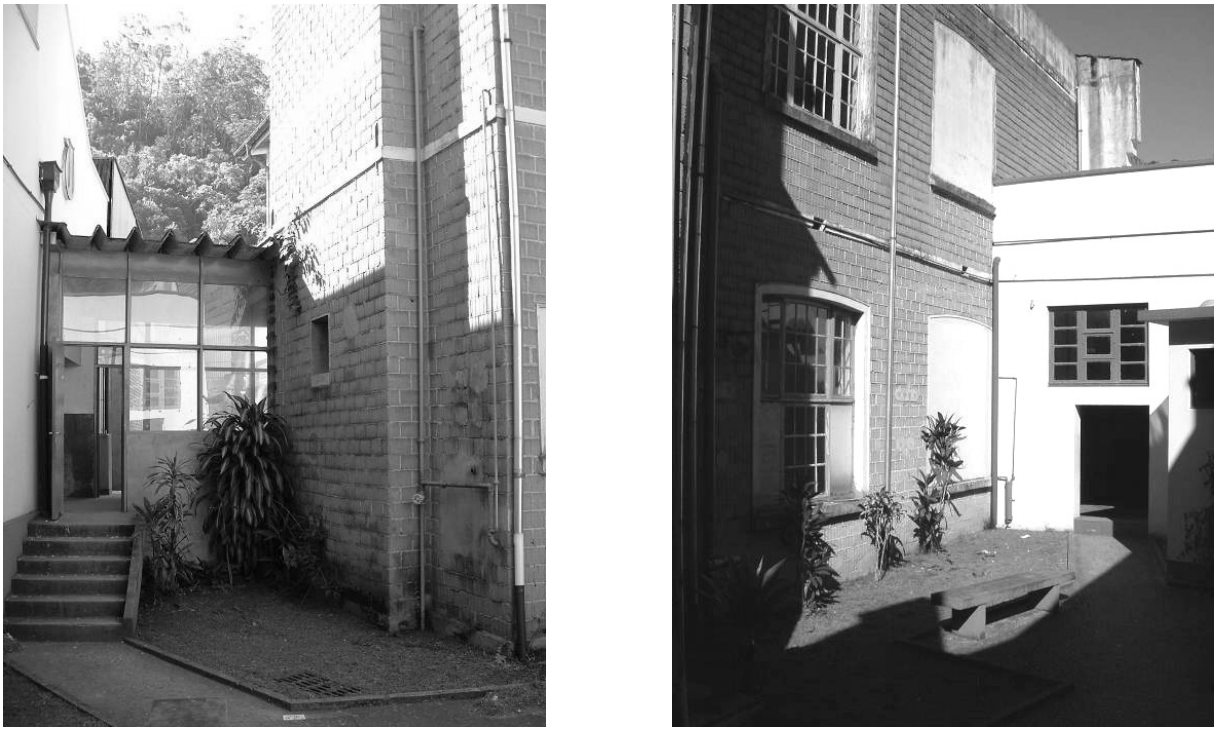
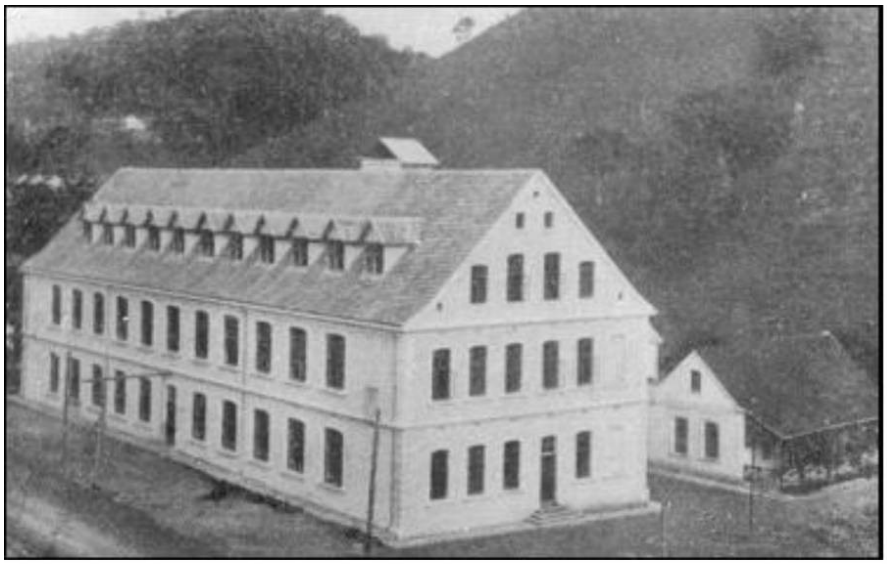


Figura 4.10: Conexão entre os edifícios da fiação. Fonte: Bielschowsky, 2001.

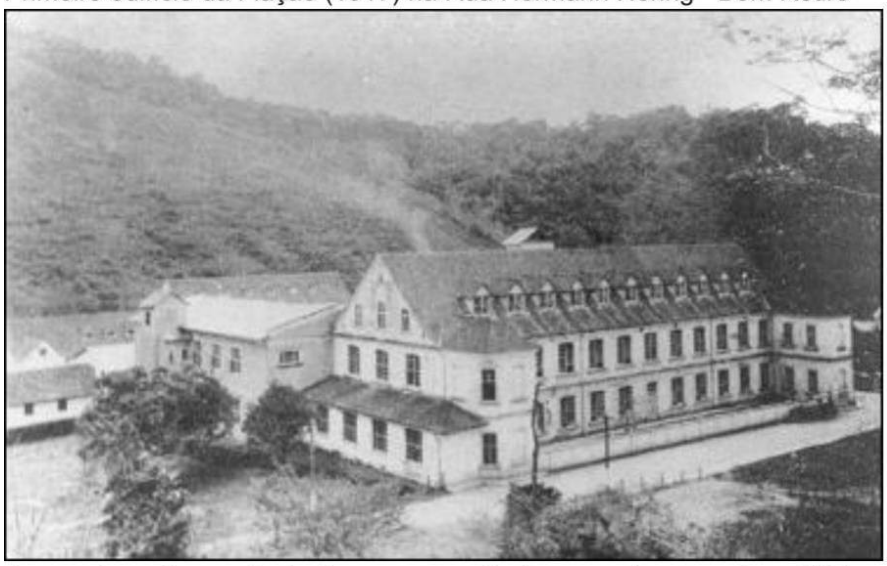
O quarto edifício da fiação é do final da década de 1940 ou início dos anos 1950 e rompe mais ainda com a arquitetura da época, tanto internamente como externamente. O posicionamento agora permanece perpendicular à rua principal, acompanhando assim o anexo anterior e aproveitando melhor o espaço para as futuras ampliações que viriam. Externamente, a única preocupação foi com a fachada frontal virada para a Rua Hermann Hering, que introduz um singelo *art deco*. Essa fachada foi estendida posteriormente até o anexo anterior, buscando dar uma continuidade para quem visualiza os edifícios pela da rua principal.

Internamente, é introduzido o sistema de *sheds* com a cobertura "dente de serra", que permite maior ventilação e iluminação, visto que os próximos edifícios ficariam colados lateralmente, sendo essa a única forma de dispor de algum tipo de conforto ambiental no espaço interno. A estrutura do edifício é composta por pilares e vigas de concreto armado, dispostos de forma modular e eqüidistante. A questão da iluminação natural foi bem resolvida, porém nos dias atuais a ventilação é forçada, o que não é muito interessante num ambiente têxtil devido a poeira de algodão que faz mal a saúde. O detalhe da cobertura aparece bem na figura 4.11, que demonstra também as sucessivas ampliações que viriam a acontecer posteriormente no local onde havia se implantado a vila operária anteriormente.

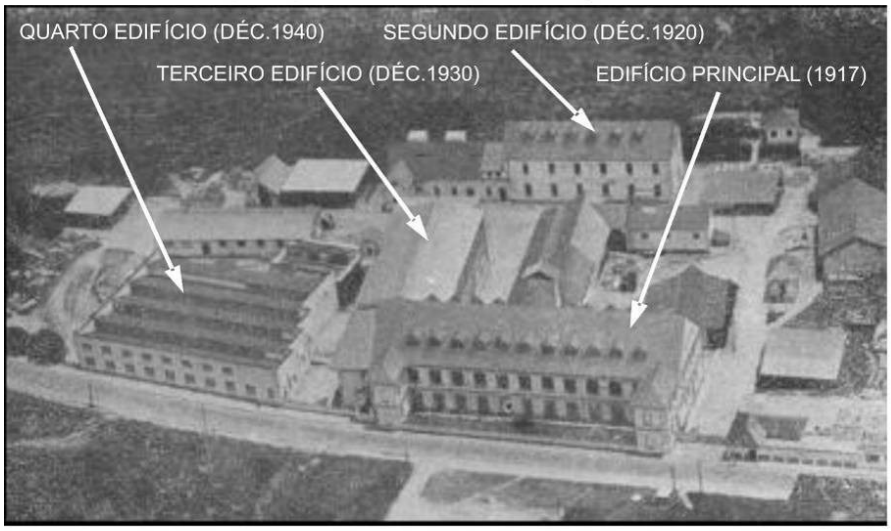
Figura 4.11: Quarto edifício da fiação e detalhe da cobertura. Fonte: Bielschowsky, 2001.



Primeiro edifício da Fiação (1917) na Rua Hermann Hering - Bom Retiro



Anexos laterais ao principal e a construção do segundo e terceiro edifícios



Na década de 1950 a introdução de uma arquitetura fabril mais funcional

Figura 4.12: Núcleo inicial da fiação. Fonte das imagens: AHMJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O núcleo inicial verticalizado – Cia. Hering 75 anos (1955)

Em 1955 a Cia. Hering completava 75 anos e apresentava uma nova configuração espacial. Pode-se observar a divisão em três grandes setores, com o núcleo inicial fabril bem ao fundo, no final da Rua Hermann Hering (neste núcleo há uma pequena divisão entre a parte fabril e a moradia dos empresários e técnicos), o núcleo da vila operária que se desenvolveu ao longo da mesma rua e o núcleo da fiação, que faz a demarcação do espaço industrial, tornando-se o cartão de chegada ao complexo industrial, também localizado na rua principal. Na figura 4.13 fica evidente a importância da Rua Hermann Hering, pois todo o complexo industrial se desenvolve ao longo dela, que nesta época ainda era uma rua sem saída, ou seja, conectava somente a empresa e as residências-jardins, principalmente dos familiares Hering, ao Centro da cidade. Na mesma figura, aparece o caminho utilizado pelos operários que moravam ou se transferiram para o bairro da Velha, a futura Rua Bruno Hering, que somente na década de 1960 é que foi urbanizada definitivamente para a passagem de veículos e tornou-se de grande importância para toda a cidade.

Figura 4.13: Núcleo inicial da matriz em 1955. Fonte: AHMJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

As expansões do núcleo inicial da matriz (1955-1980)

Com esta composição que Cia. Hering chega à década de 1960, com o aquecimento da economia nacional impulsionado pela instalação do regime ditatorial de 1964 que reflete na modernização do parque industrial. Essa modernização torna-se um projeto muito mais audacioso do que uma simples modernização do parque fabril, além de representar a permanência de alguns espaços históricos. Mais uma vez, a influência germânica esteve presente neste momento, quando foi chamado para esta modernização o arquiteto Hans Broos, que já tinha vasta experiência em diversos tipos de obra, inclusive industriais, pois havia trabalhado na Alemanha com o arquiteto Egon Eiermann, grande nome da arquitetura alemã da reconstrução do pós-guerra.

Broos tratou de elaborar um plano piloto para a empresa, num planejamento regional, com a instalação de unidades satélites nas cidades próximas do Vale do Itajaí, como Indaial, Rodeio, Ibirama, Benedito Novo e Gaspar, além da unidade satélite da Água Verde em Blumenau. Com a implantação dessas unidades de costura, que exigiam grande quantidade de mão-de-obra e espaço físico, fora da unidade da matriz do Bom Retiro, foi possível elaborar o plano de modernização do parque industrial sem precisar demolir as edificações mais significantes. Broos projetou uma nova malharia que ficava ao lado da fiação, uma nova unidade para a costura, um centro de expedição e diversas outras edificações necessárias para a modernização, tanto das edificações, como para atender as novas necessidades produtivas, como novos maquinários, por exemplo. Porém, Broos preservou diversas edificações, como algumas residências da família Hering, o refeitório dos funcionários, o edifício antigo da costura e o edifício da fiação, que é o cartão postal de entrada do complexo industrial. Além disso, projetou um espaço social com uma praça com cobertura translúcida e uma fonte que remete a água, que foi o fator decisivo para a instalação da empresa naquele local, que liga o refeitório à residência preservada da família. O projeto do refeitório foi projetado por ele e a cobertura é um terraço-jardim assinado por Roberto Burle Marx.

Esse núcleo inicial estava localizado no final da Rua Hermann Hering, no fundo do Vale do Bom Retiro, onde os Hering implantavam também suas residências, moradias para técnicos especializados, vila operária, centro de cultura e estavam muito próximos da zona central da cidade. Após a implantação da fiação (fator decisivo para o desenvolvimento da indústria e independência da importação fio do exterior, pouco antes da primeira guerra mundial) e sua expansão, foi necessária a abertura da Rua Bruno Hering e a transferência da vila operária para o bairro da Velha, hoje o mais populoso da cidade. Depois foi implantado o

sistema de unidades satélites (com projetos de altíssima qualidade arquitetônica e espacial) em outros bairros da cidade de Blumenau e a implantação por diversas cidades da microrregião, refletindo o crescimento da empresa e a importância dela para o desenvolvimento regional. Na década de 70, com incentivos fiscais da Sudene, a empresa expandiu suas atividades para o Nordeste, com projetos, inclusive premiados, de H. Broos. Em 1980 a empresa completou seu primeiro centenário e atingiu seu ápice de produção com 144 milhões de artigos anualmente no mercado e cerca de 11.000 funcionários, tornando-se a maior indústria de malharia da América Latina e a segunda maior do mundo. (Fonte: Cia. Hering)

O programa de necessidades elaborado por Broos possuía inúmeras restrições, como a adequação ao ambiente natural, construído e produtivo existente: um fundo de Vale com configuração estreita e alongada, com edificações históricas importantes para a identidade da empresa e a impossibilidade de modificar a parte produtiva em constante crescimento. O partido geral adotado foi justamente para atender essas necessidades: preservar a paisagem, a vegetação e as edificações mais significantes, inserir novos edifícios sem tirar a importância das edificações históricas e conciliar os novos edifícios e seus usos ao sistema produtivo em pleno funcionamento.

O projeto elaborado para o complexo fabril da Hering Matriz (1968-1975) foi considerado "o mais interessante parque industrial criado no país nos últimos 30 anos" pela revista Projeto na edição comemorativa de número 300 (março 2005), "um entre os projetos industriais mais interessantes iniciados nos anos de 1960" por Hugo Segawa (1997, p. 161.), publicado na Revista Projeto em Janeiro de 1984 e citado em diversos outros artigos sobre arquitetura.

Dando continuidade a leitura das edificações industriais, a partir do quarto edifício da fiação, a figura 4.14 apresenta a nova setorizaçao da empresa, com as expansões da fiação e o novo edifício da malharia substituindo a antiga vila operária, além da modernização do antigo núcleo inicial e novo setor administrativo e social, que será apresentado posteriormente. O primeiro edifício da fiação foi preservado, assim como o terceiro e o quarto, demonstrando a intenção de se preservar uma leitura continuada da história da indústria local através da preservação dos edifícios de diferentes períodos que estavam voltados para a Rua Hermann Hering. Devido a enorme quantidade de produção da empresa, o setor de fiação foi o que mais expandiu e ocupou boa parte do terreno da empresa.

Figura 4.14: Foto aérea da empresa na década de 1980. Fonte: Hans Broos S.C. Ltda, 1980. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Colado ao quarto edifício da fiação (figura 4.11), foi construído mais um edifico de expansão da fiação. Espaços mais funcionais e adequados a grande produção, porém com pouca ventilação e iluminação natural. Externamente é um edifício neutro e baixo, na cota da fiação já existente, que faz a conexão entre os edifícios, mas deixa a maior importância para o edifício da malharia.

Figura 4.15: Edifícios de expansão da fiação. Fonte: Bielschowsky, 2001.

O edifício da malharia foi projetado por Broos na década de 1970 e demonstra a influência adquirida na Alemanha, quando no final da década de 1940 participou dos projetos da "*Bauten der Ciba AG*" (1948-1952) em Wehr (Baden) e da "*Taschentuchweberei der Spinnerei Lauffenmülle KG"* (1949-1950) em Blumberg (Baden) ao lado do arquiteto Egon Eiermann. Os conceitos e diversas soluções utilizadas nesse último projeto aparecem no edifício da malharia, porém adaptadas ao ambiente, às técnicas e aos materiais utilizados por Broos aqui no Brasil.

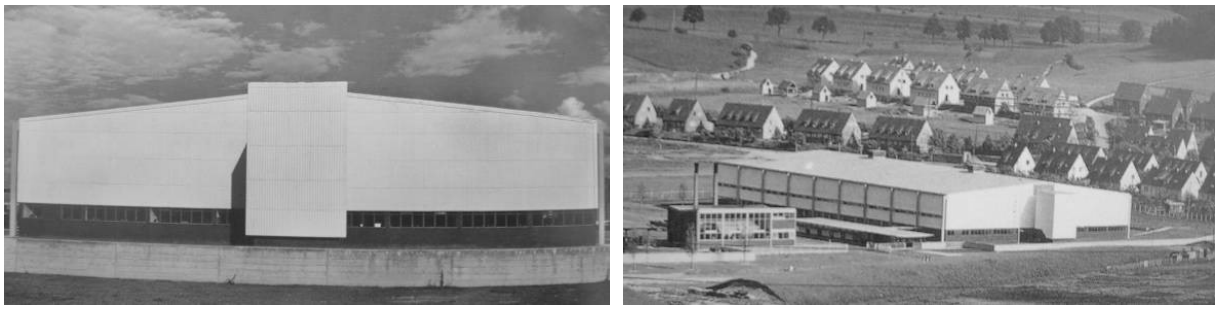


Figura 4.16: *Taschentuchweberei in Blumberg, Baden*. Fonte: "*Egon Eiermann (1904-1970) Die Kontinuität der moderne*", *Städtische Galerie Karlsruhe und Bauhaus-Archiv Berlin*, 2004.

Figura 4.17: Edifício de Eiermann e o edifício de Broos. Fonte: Daufenbach, 2006.

O edifício da malharia projetado por Broos apresenta diversas soluções arquitetônicas próprias, como a adaptação ao sítio físico, em que é obrigado a trabalhar com desníveis, pois o edifício da malharia é uma continuação do sistema produtivo iniciado na fiação, logo, o fio entra no pavimento subsolo que acompanha o nível do último edifício da fiação. Existem grandes semelhanças em alguns objetos arquitetônicos em que os arquitetos conseguem tirar diferentes partidos. Enquanto Eiermann projeta o volume da escadaria para dar um volume à empena cega da fachada, Broos mantém a empena cega, porém com a diferença de nível do terreno, a altura dela fica bem menor. Broos aproveita os elementos estruturais para tirar partido, como por exemplo, os tubos de queda de água da cobertura ficam embutidos nos pilares duplos, assim como Eiermann já havia feito em seu projeto.

O volume da escadaria, ao invés de levar do térreo ao pavimento superior como na Alemanha, leva do térreo ao subsolo, ou seja, enquanto no projeto de Eiermann o volume nasce do térreo para cima, no projeto de Broos o volume se adapta melhor ao sítio físico, como se pousasse e ficasse encaixado no seu ninho. Para reafirmar esta sensação, Broos trabalha as aberturas, num sistema de cheios e vazios, que determinam a volumetria lateral com muito mais horizontalidade. Horizontalidade que ganha maior convicção com a marquise que demarca a entrada principal do edifício. O jogo de cheios e vazios aparente nas circulações laterais externas se estende também pela circulação vertical da escadaria, onde os degraus vazados permitem esse jogo.

Figura 4.18: Edifício da malharia. Fonte: Daufenbach, 2006.

Hugo Segawa descreve que nesse momento o arquiteto ainda não podia projetar edifícios de melhor qualidade, pois além de não ser uma encomenda típica aos arquitetos, a maioria das instalações industriais se localizava em antigos galpões, improvisados ou adaptados, na sua maioria. “Predominava o galpão industrial isolado sem a amplitude de um conjunto mais amplo de preocupações quanto à expansão das instalações, sistemas de segurança industrial e controle de emissão de resíduo, dependências de atendimento social e conforto dos operários” (SEGAWA, 1997, p. 161). Segawa refere-se ao contexto nacional de uma forma pouco superficial, pois já tínhamos bons exemplos, inclusive em Blumenau, pois a forma de implantação dos antigos edifícios industriais já levava em conta vários fatores relevantes, como a relação destes com a natureza, possíveis expansões, formação de um conjunto unificado, interação do proprietário com o trabalhador e da indústria com a cidade.

Foi justamente este espírito que Broos incorporou para a implantação do plano piloto da Cia. Hering, visto que sua formação contemplava essas relações de cunho mais filosófico e suas experiências práticas trazidas da Alemanha, como os trabalhos desenvolvidos em parceria com Egon Eiermann (inclusive os projetos industriais) já lhe qualificavam para tal. Karine Daufenbach (2006) considera que Hans Broos conseguiu conciliar diversos elementos conceituais que se refletiram nesta obras, como sua formação mais rígida européia, sua necessidade de diálogo com o ambiente natural encontrado no Brasil, o seu saber empírico trabalhado sobre as bases da modernidade e sua arquitetura que busca legitimidade na tecnologia da construção moderna.

> "A obra arquitetônica de Hans Broos insere-se na revisão dos postulados do Movimento Moderno pós-Segunda Guerra, em que se evidencia uma desilusão em relação à confiança desmedida na razão, e conceitos como racionalismo, história e natureza são profundamente modificados. Ao mesmo tempo em que sua arquitetura conjuga valores idealistas, ligados, em parte, ao espírito vanguardista presente na obra e no pensamento do arquiteto, pressupõe esta nova perspectiva da realidade. São aspectos que se traduzem em uma arquitetura síntese entre pragmatismo e racionalidade, que exalta o "novo", mas cede ao valor da tradição; que é sentida e revelada na construção, nos materiais, nas relações com o lugar e com a luz, tendo como resultado plástico a busca pela expressividade na arquitetura" (DAUFENBACH, 2006).

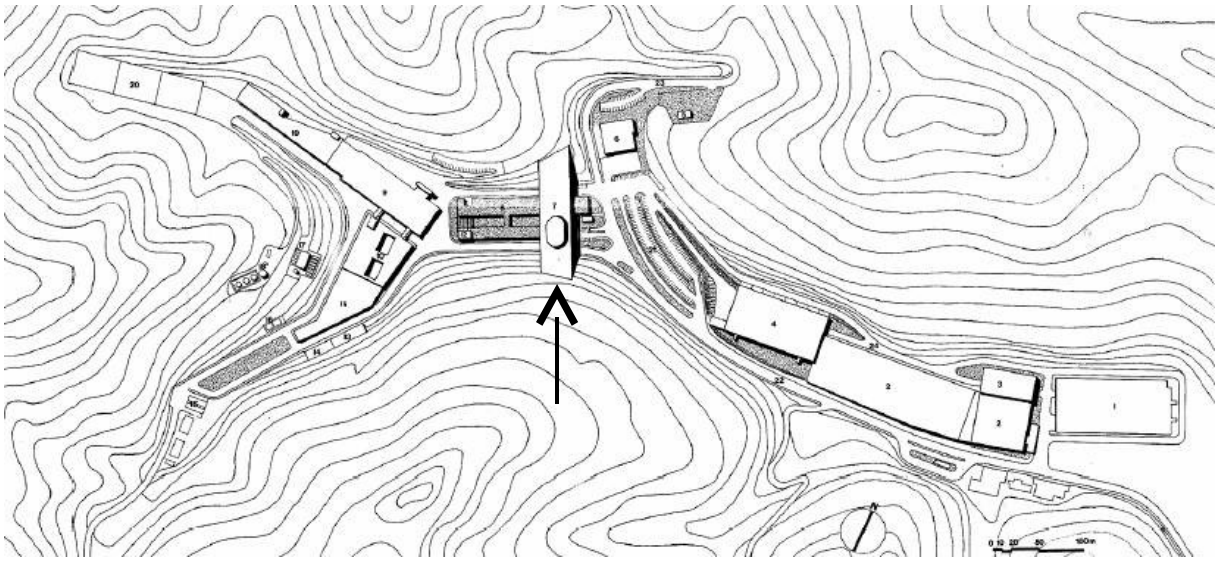


Figura 4.19: Implantação proposta na década de 1970. Fonte: Daufenbach, 2006.

A figura 4.19 demonstra o projeto da nova implantação da unidade fabril da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro, que não foi totalmente executado. Além configurar o espaço, basicamente como hoje ele é encontrado, foi proposto um edifício-ponte (indicado pela seta) que ficaria apoiado entre os morros do vale e que marcaria assim a entrada para o setor administrativo. No projeto original, a parte administrativa seria um edifício apoiado nos morros do vale, como se fosse um edifício-ponte que estivesse flutuando no espaço.

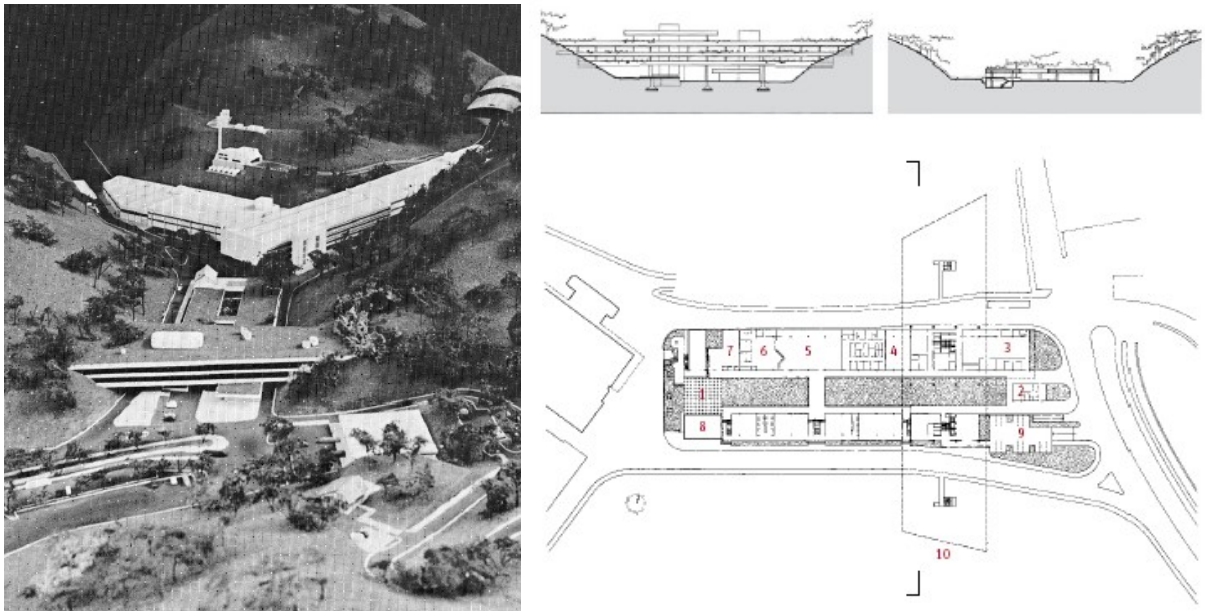


Figura 4.20: Maquete da proposta na década de 1970. Fonte: Daufenbach, 2006.

A figura 4.20 demonstra a maquete da proposta à esquerda, a planta baixa da proposta do lado direito inferior, o corte dessa proposta na parte esquerda acima da planta baixa e o corte que foi implantado na parte direita acima da planta baixa. Nessa proposta, o setor administrativo ficaria no edifício-ponte fazendo a marcação da entrada do antigo núcleo inicial da empresa. Porém, devido ao alto custo de implantação desse edifício e com a introdução do sistema de unidades satélites, o edifício da "nova costura", que fica ao lado da antiga costura, foi concebido de forma que pudesse receber o seu uso atual, que é administrativo, conforme depoimento do arquiteto.

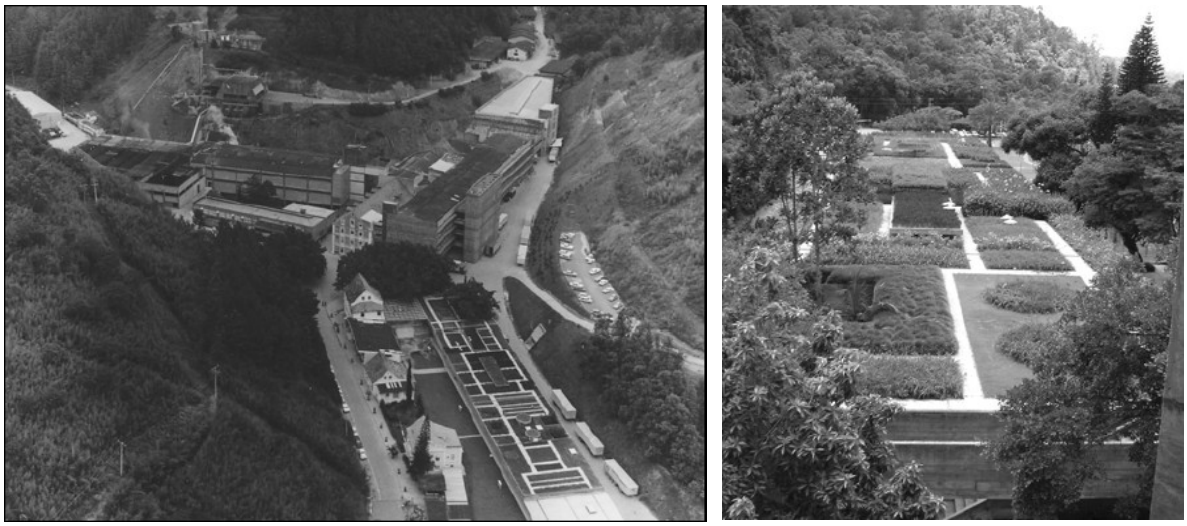


Figura 4.21: Vista aérea do antigo núcleo inicial. Fonte: Daufenbach, 2006.

O projeto que foi executado manteve as edificações históricas de maior relevância, como as primeiras residências da Família Hering e o refeitório comunitário, ambos localizadas na Rua Hermann Hering. O Ribeirão do Bom Retiro foi canalizado, porém nenhuma edificação foi construída no local, apenas uma praça aberta com uma fonte que simboliza a importância da água para a empresa[6]. No lugar das demais residências anteriormente localizadas na outra margem do Ribeirão do Bom Retiro foi construído o refeitório e centro social da empresa, que recebeu na sua cobertura um terraço-jardim elaborado por Burle Marx.

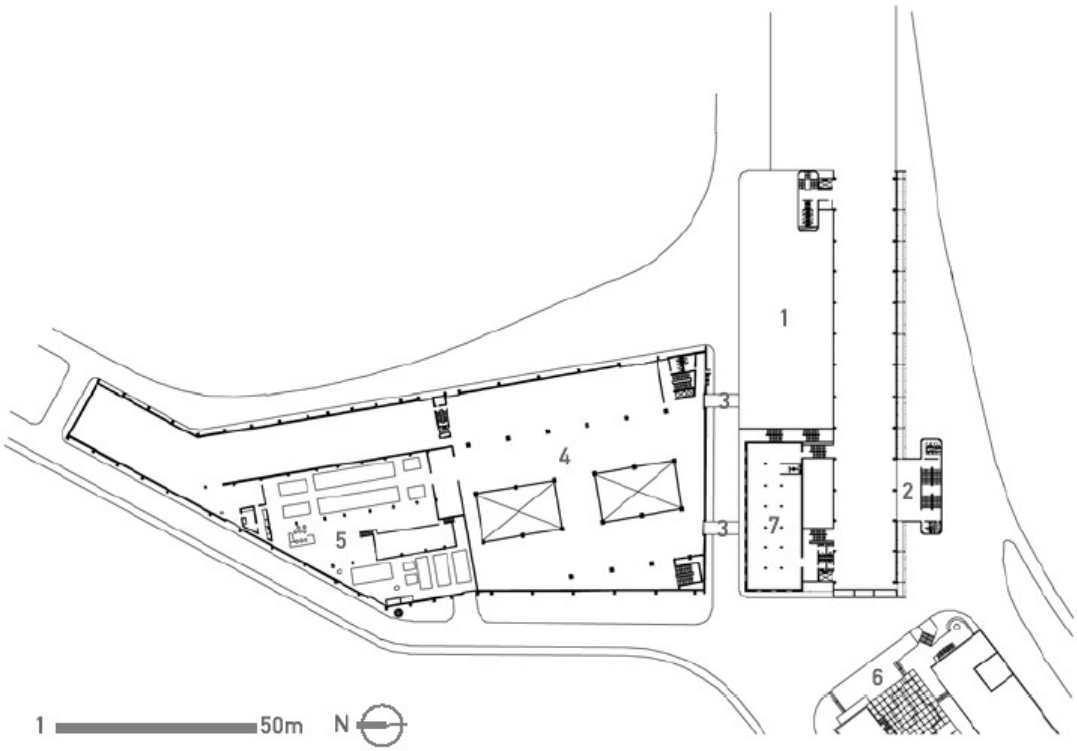


Figura 4.22: Planta baixa da costura-beneficiamento. Fonte: Daufenbach, 2006.

A figura 4.22 demonstra os usos previstos na década de 1970, onde aparecem a costura nova (1), a torre de escadarias (2), as pontes de conexão da costura-beneficiamento (3), beneficiamento (4), tinturaria (5), a praça com a fonte do setor social (6) e a antiga costura (7).

O próximo edifício a ser analisado foi concebido para ser a "nova costura", mas acabou se tornando a sede administrativa da empresa, visto que o edifício-ponte planejado

[6] Em uma visita ao local junto com o arquiteto Hans Broos, pude presenciar um fato raro. Broos, ao passar pelo local, encontrou a fonte desligada. Imediatamente ele pediu que chamassem o responsável para saber o motivo do não funcionamento da fonte, que foi justificado como manutenção. Broos explicou o que aquela água que ali saía representava o "coração" da empresa e não podia deixar de funcionar nem um minuto, senão a empresa poderia morrer. Esse fato demonstra como o arquiteto consegue ter a apreensão do lugar.

para tal fim não chegou a ser concretizado. O edifício que atualmente é utilizado pelo setor administrativo da empresa aparece na posição vertical, fazendo a amarração espacial e visual do edifício histórico da "antiga costura" de 1897 com a parte do refeitório e área social.

As conexões elaboradas por Broos, entre as edificações históricas, natureza e as novas edificações, aparecem nas suas diversas formas de interpretação. Analisando a forma como as vias foram projetadas, por exemplo, alguns recuos redistribuem o fluxo principal que anteriormente vinha da Rua Hermann Hering para as laterais dos novos edifícios da costura e beneficiamento, fazendo com que o trafego interno não comprometa o projeto.

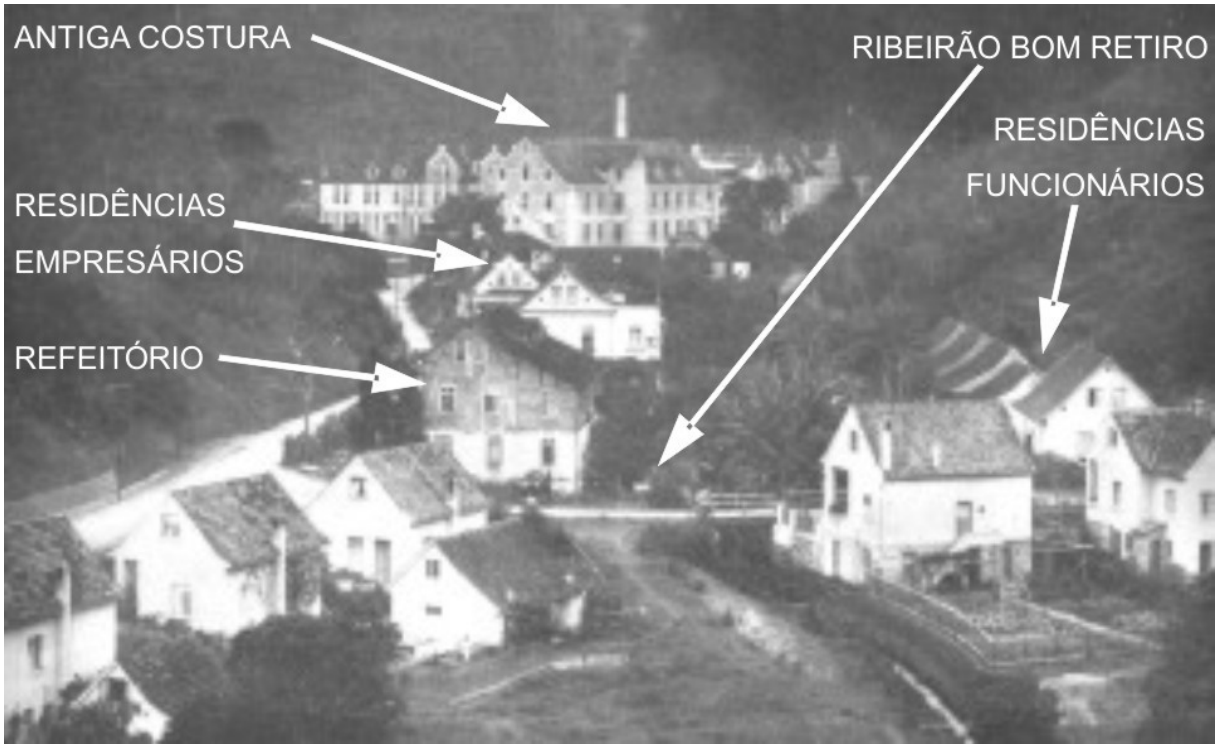


Figura 4.23: Núcleo inicial da matriz na década de 1920. Fonte: AHMJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Figuras do núcleo inicial em 1920 e em 1980, com o ribeirão canalizado, implantação de novas edificações como a "nova costura", o refeitório e a área social (com terraço-jardim) e edificações seculares preservadas (edifício da antiga costura de 1897, antigas residências da família Hering e refeitório).

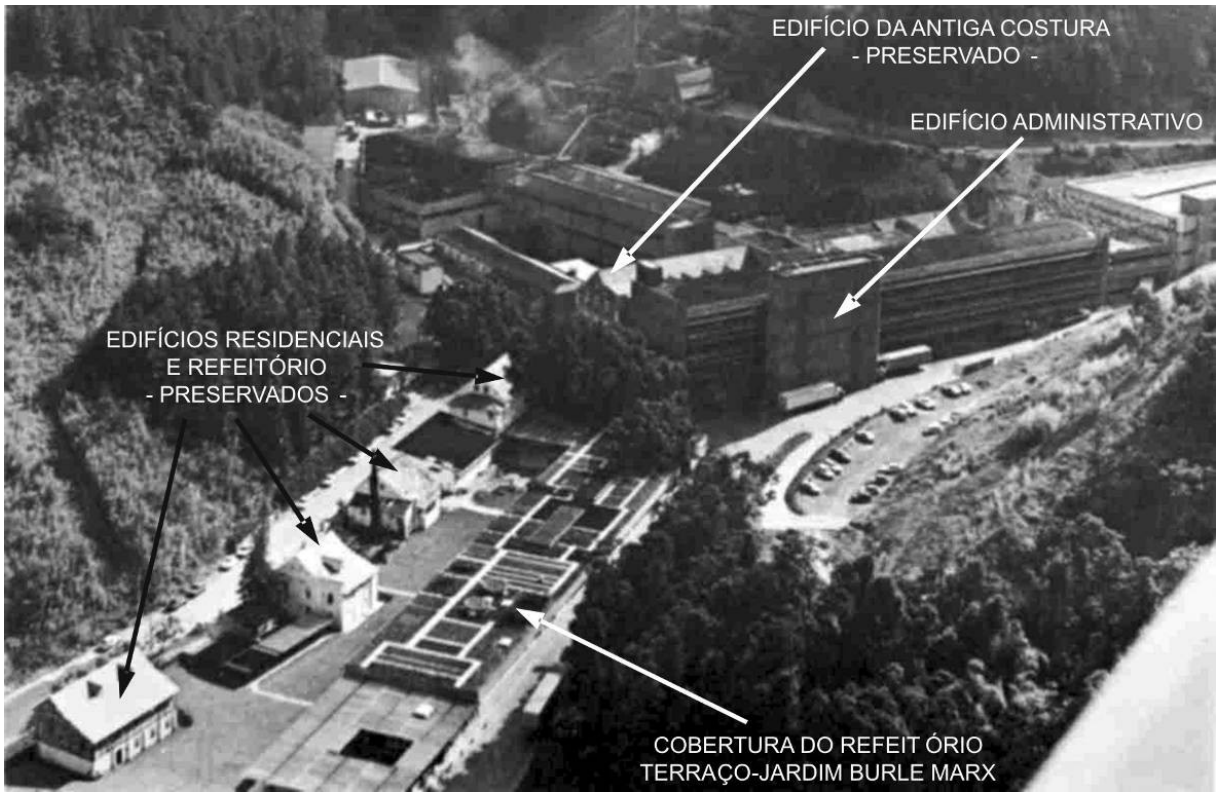


Figura 4.24: Núcleo inicial da matriz na década de 1980. Fonte: Hans Broos. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Com relação a amarração espacial e visual, o eixo ocupado anteriormente pelo Ribeirão do Bom Retiro foi mantido livre, com edificações preservadas de uma lado e o novo edifício do refeitório, que devido a sua forma longínqua, reforça esse eixo. A perspectiva final do eixo, para quem olha da Rua Bruno Hering, acaba sendo exatamente entre o edifício histórico da antiga costura e a empena cega da nova costura, ou seja, um ponto focal em que o arquiteto pensou muito para chegar a essa implantação e necessitou de grande capacidade e conhecimento para projetar esse relacionamento entre o novo e o antigo edifício da costura.

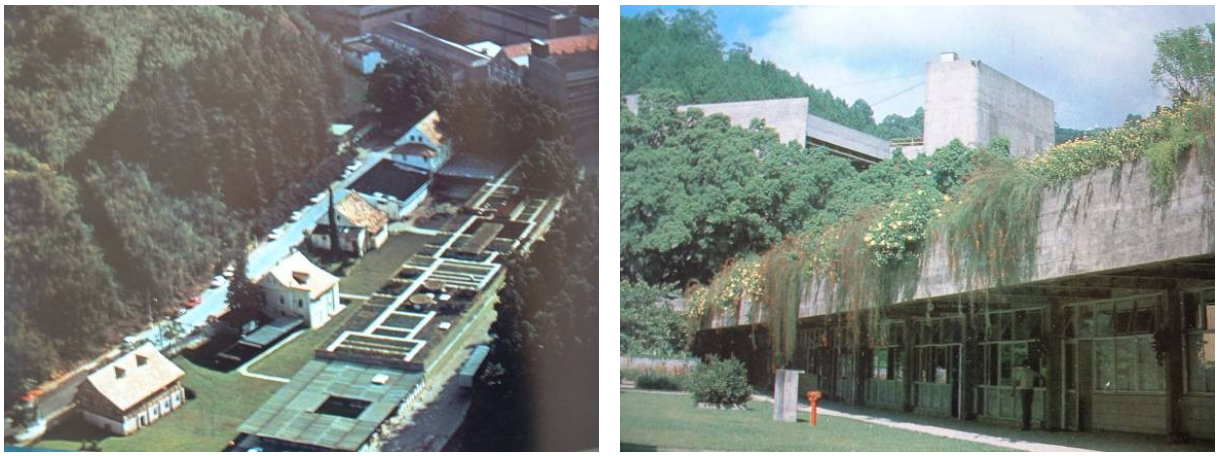


Figura 4.25: Perspectivas do eixo principal em 1980. Fonte: Cia. Hering 100 anos, 1980.

Uma das grandes experiências na formação de Broos durante o período de atuação profissional ao lado de Egon Eiermann, foi o privilegio de participar do estudo para o projeto da *Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche* em Berlim, um marco arquitetônico da representação da II Guerra Mundial. Apesar de o projeto ter sido executado entre 1959-1963, Broos participou da elaboração do projeto, na concepção dos conceitos. Após longas discussões envolvendo grandes pensadores alemães, Eiermann conseguiu elaborar seu projeto de forma inusitada, mantendo as ruínas da igreja bombardeada e projetando uma igreja totalmente fora das expectativas da sociedade, ao invés de apenas reconstruir a igreja como era antes. O projeto respeita o gabarito da antiga torre, porém a edificação principal se dilui na paisagem, seja pelo seu gabarito mais baixo, ou seja, pela sua transparência dada pelos elementos vazados, de maneira a não concorrer em hipótese nenhuma com o marco mais significativo.

Figura 4.26: *Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche*. Fonte: http://de.wikipedia.org, 2008.

O destaque dado ao volume da circulação vertical, assim como no projeto da malharia, já havia sido executado em projetos na Alemanha, como o projeto da *Neckermann Versand AG*, em Frankfurt am Main. A figura 4.27 demonstra o detalhe da entrada principal e o bloco de circulação vertical destacados do volume principal de 300 metros de comprimento projetado por Egon Eiermann. Novamente, apesar de o projeto ter sido executado entre 1958-1961, Broos participou da elaboração do projeto, na concepção dos conceitos e com certeza serviu de influência na fachada lateral do edifício da nova costura da Cia. Hering. A figura 4.27 demonstra ainda o lado direito do edifício da nova costura, que é a fachada aberta à natureza primitiva e protegida por um sistema de quebra-sol feito com empenas de concreto moldadas na obra junto com a estrutura do edifício. Essas passarelas servem como circulação e tem uma vista privilegiada para o terraço-jardim projetado por Burle Marx. Em destaque a torre de circulação vertical do edifício, que mantém uma boa distância e serve como elemento de plasticidade e de marcação vertical.

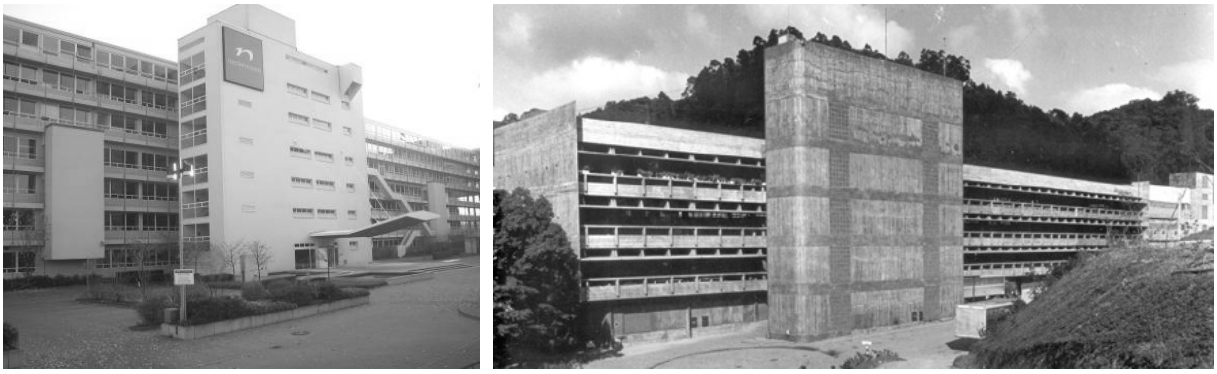


Figura 4.27: *Neckermann Versand AG* e a Cia Hering. Fonte: http://de.wikipedia.org, 2008 e Daufenbach, 2006.

A figura 4.27 demonstra também a conexão entre a circulação vertical e o edifício. Além de fazer a separação formal entre as funções, o indivíduo que sobe por essa torre mais "fechada" passa por esta conexão onde se tem uma sensação de abertura para ambos os lados, inclusive para o terrço-jardim assinado por Roberto Burle Marx. A circulação ganha então um novo significado, o ato de passagem serve também para contemplação, seja da iluminação, da ventilação, da natureza ou da vida de uma forma mais abrangente. Esse espírito de contemplação e integração com a natureza ou neste caso, com a edificação histórica, é o que Broos considera como o "espaço formador de cultura" e é para isso que o arquiteto deve estar preparado, para saber revelar o ambiente natural, criando o diálogo entre o ser humano, o Divino e a Natureza.

A figura 4.28 demonstra o detalhe do corte da empena praticamente cega, que não concorre com a obra histórica, e que tem seu valor exatamente por isso. A estrutura do edifício é independente, assim como a fachada frontal que permite certa liberdade no térreo. As circulações externas ficam livres do edifício principal, em balanço, aproveitando as lajes nervuradas que vencem grandes vãos. Na foto a direita, feita durante a execução da obra, fica claro a intenção de deixar a empena de concreta solta do edifício principal e do chão, pois o vão aberto vai de fora a fora, de um lado ao outro. Utilizando o concreto armado, Broos projeta o quebra-sol e o guarda corpo como se fossem simétricos para quem observa o edifício de longe.

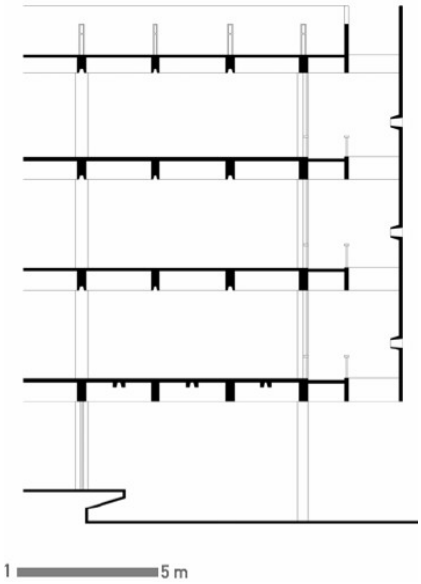


Figura 4.28: Detalhe construtivo da nova costura. Fonte: Daufenbach, 2006.

Novamente Broos projeta com a relação entre cheios e vazios que dão certa horizontalidade ao edifício.

> "(...) procura de horizontalidade, jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão, tratamento cuidadoso da estrutura de concreto armado aparente. Elementos de circulação têm função destacada: se internos, definem zoneamento e usos, se externos sua presença plástica é marcante. A tecnologia empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos. Uso de sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/ lateral, volumes anexos com estrutura independente". (ZEIN, Ruth Verde. Projeto, n.53 julho 1983, p. 81)

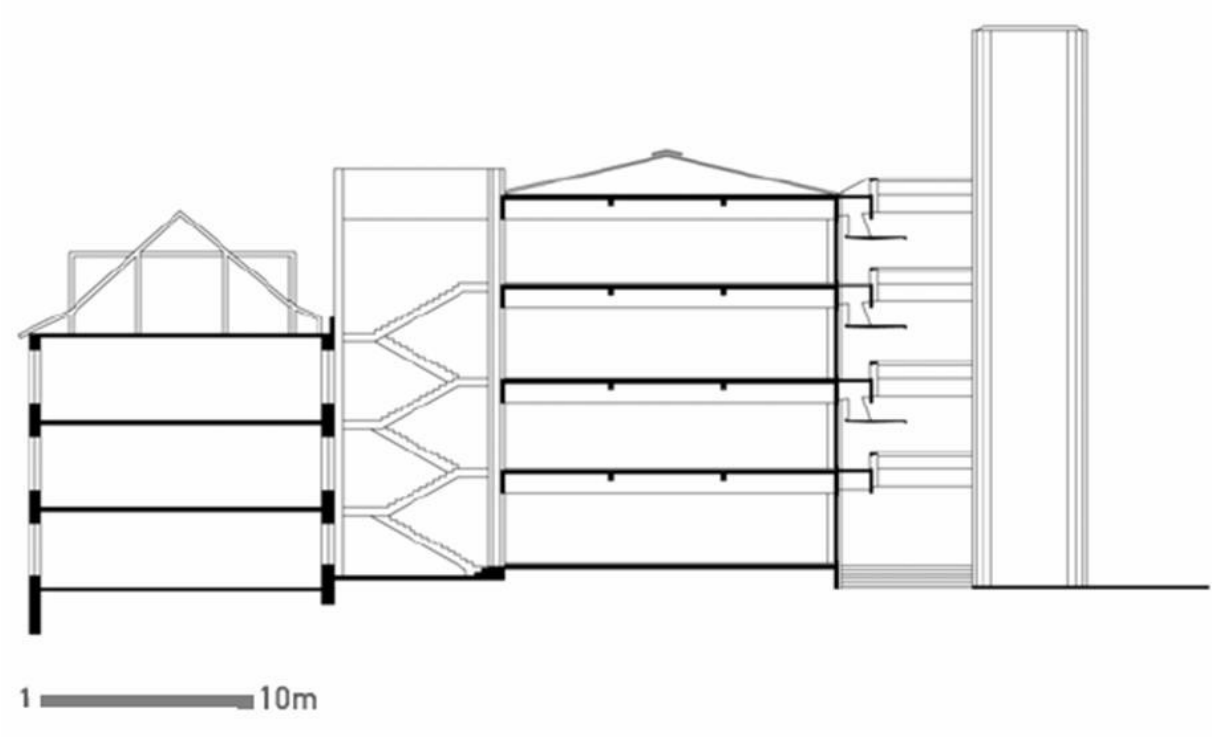


Figura 4.29: Corte esquemático da nova costura. Fonte: Daufenbach, 2006.

A figura 4.29 apresenta um corte esquemático demonstrando a relação e interdependência entre o edifício novo e o edifício histórico à esquerda e a natureza à direita. O edifício é projetado "solto" da edificação histórica, apenas conectado por escadarias que dão acesso e fazem a integração, ao contrário da torre de circulação projetada para o edifício, que faz uma separação clara entre a circulação vertical e o edifício proposto, além de ser utilizado como elemento plástico e de marcação vertical. Como o edifício é projetado com estrutura independente e aberturas contínuas por toda a lateral do conjunto, podemos perceber aqui dois pontos importantes e decisivos no projeto de Hans Broos, que são a integração e respeito com a natureza e o patrimônio construído. De um lado do bloco temos a visão da natureza primitiva e do outro lado o patrimônio edificado, conectado por acessos, porém solto, a certa distância (e não grudado), para que se tenha uma apreensão do total da edificação, possibilite a entrada de iluminação e ventilação natural, formando uma espécie de "jardim interno aberto", e tendo a cultura edificada como pano de fundo.

Figura 4.30: Edifícios da nova e da antiga costura. Fonte: Bielschowsky, 2001.

Broos demonstra aqui várias de suas qualidades adquiridas já na Europa, no período de reconstrução do pós-guerra, onde se discutia profundamente a questão de como intervir em espaços de importância histórica e cultural, implantando uma linguagem nova, que marcasse o "novo", mas que dialogasse com muito respeito com o antigo.

Figura 4.31: A relação entre a antiga e a nova costura. Fonte: Daufenbach, 2006.

A figura 4.31 demonstra a inserção do novo edifício ao lado do antigo. Fica claro o respeito pelo patrimônio edificado nesta imagem, quando Broos projeta na fachada principal de seu edifício apenas uma "parede cega", com alguns detalhes na textura do concreto aparente, mas que não tenta em nenhum momento competir com o patrimônio de mais de 100 anos. Além do respeito, essa empena de concreto é destacada por ficar mais à frente do edifício existente e por não tocar no chão, deixando esse bloco novamente independente do chão e do edifício. Entre os dois edifícios (que em princípio seriam para a mesma função: nova e antiga costura) é colocada a circulação, que serve também de acesso entre os edifícios, e que faz também uma marcação vertical entre eles.

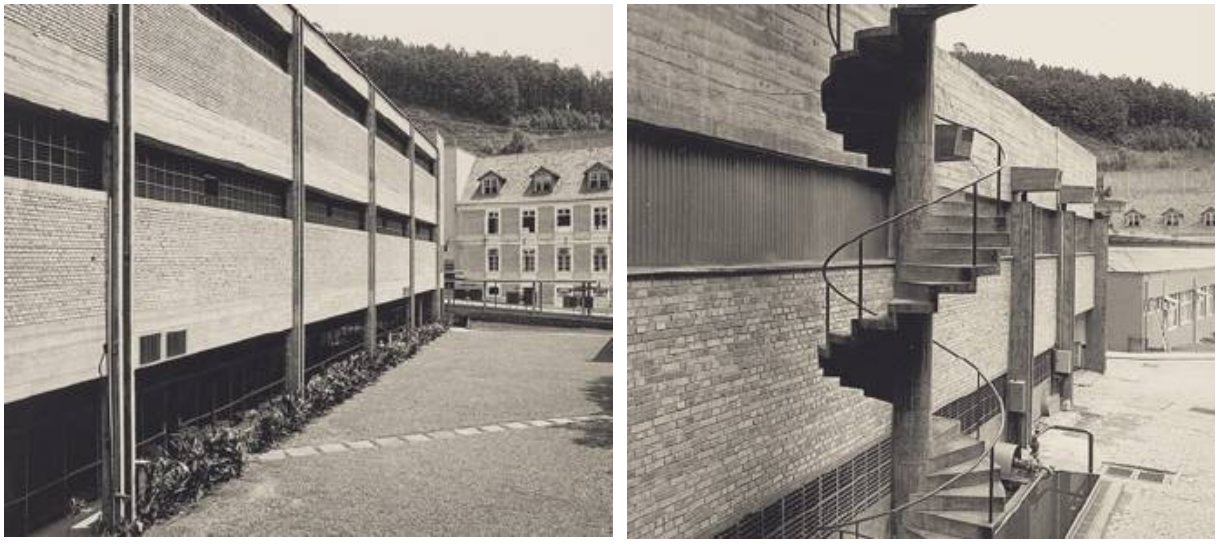


Figura 4.32: O edifício de beneficiamento e tinturaria. Fonte: Daufenbach, 2006.

No edifício de beneficiamento e tinturaria, Broos projeta uma edificação mais singela, com estrutura em concreto armado aparente, porém com fechamento em alvenaria aparente, com a função de fazer a relação com o edifício histórico em alvenaria aparente, porém com uma linguagem muito própria. O recuo do edifício em relação a via projetada e sua forma de implantação, criam um espaço verde de respiro e garantem uma perspectiva em direção ao edifício histórico da costura. Novamente utiliza elementos estruturais como os pilares duplos para aproveitamento dos tubos de queda de água. Já no edifício da tinturaria, faz questão de demonstrar alguns elementos plásticos, como a própria saída de água da cobertura através de pequenos caixotes que rasgam a alvenaria e no elemento de circulação vertical externa.

No complexo arquitetônico e urbanístico da matriz da Cia. Hering, Broos conseguiu reunir conhecimentos funcionais e programáticos, adequando necessidades econômicas e espaciais com a funcionalidade e conforto na vivência de seus espaços. Para ele, o edifício industrial não é um mero local de produção, mas um espaço habitável, cujo valor cultural é formador de hábitos, sem prejuízo na funcionalidade e no sentido de valorização da empresa. Espaços de encontro e lazer integrados com locais de produção, tecnologias adequadas e respeito ao sítio, seja preservando as encostas ou os antigos edifícios históricos ajudam a contar a história da empresa (Revista Projeto, janeiro de 1984).

Resumindo em poucas palavras o pensamento atual do arquiteto Hans Broos, depois de uma vasta experiência em territórios de diferentes ambientações e culturas diversas:

> "A execução das obras culturais em território desta extensão (se referindo ao Brasil) exige além de preparação caseira e acadêmica, um condicionamento físico e espiritual fora do comum, para poder respeitar e vencer as diversidades históricas e ambientais das obras. Este empreendimento exige um trabalho de continua movimentação. Viagens de fiscalização e encontros se transformam (para o responsável) em ensinamento gratuito das qualidades da topografia e se transformam em diálogo com a Natureza. O profissional enfrenta o ambiente como um aprendiz, e quando preparado para a leitura e a interpretação das diferenciações históricas e ambientais, é quando compreende sua missão humana neste mundo: servir de intermediário na transformação dos valores naturais em valores espirituais". (BROOS, Hans, em "Confissões improvisadas de Hans Broos", junho de 2007)

Além desses edifícios, Broos projetou todas as unidades satélites da região e as fábricas da Cia. Hering no Nordeste. Foi consultor da empresa por mais de 20 anos. Esse espaço do complexo da matriz da Cia. Hering analisado, desde a forma de apropriação do espaço natural e a constituição do um arquivo histórico a céu aberto, com edificações preservadas, onde se pode ter uma leitura das diversas fases da industrialização local, constitui um rico acervo de patrimônio industrial e a preservação de seu conjunto é fundamental.

As unidades satélites da Cia. Hering

Apesar de o objetivo do trabalha não ser analisar todas as edificações industriais de valor patrimonial em Blumenau e sua microrregião, é importante dar uma pequena continuidade na interpretação de algumas unidades satélites da Cia. Hering para compreender a importância de sua linguagem, nova forma de apropriação do ambiente natural e valorização do ambiente de produção. São complexos projetados pelo mesmo arquiteto e que formam uma rede de unidades fabris que contemplam a natureza e o bem-estar dos funcionários em seu ambiente de produção. São valores muito importantes quando se trata de um ambiente produtivo e que deveria sempre ser levado em conta.

Figura 4.33: Implantação das unidades satélites. Fonte: Hans Broos S.C. Ltda.

O sistema de implantação das unidades satélites ocupa a parte mais alta dos morros com menores inclinações, exatamente ao contrário das primeiras unidades têxteis de Blumenau, que ocupavam os fundos de Vale. Esse tipo de implantação prioriza o aproveitamento da ventilação e a iluminação natural, com aberturas para ambos os lados. A região de Blumenau é muito quente e abafada, pois como já foi explicado anteriormente, a ocupação inicial ocorreu nos fundos de Vale, limitando assim a ação solar e a ventilação natural. A estrutura é independente, o que deixa a planta industrial livre, sem pilares ou obstáculos e permite grandes aberturas por toda a lateral.

O sistema de circulação viária é feito de forma a não atrapalhar o ambiente do edifício e nem ao trafego de pedestres dentro do parque fabril. É perimetral em sentido único para evitar colisões e manobras, fazendo um grande círculo que envolve o terreno com a edificação principal. Esse tipo de acesso facilita o vencimento do desnível e respeita as curvas de nível existentes. O lugar de carga e descarga fica na parte de trás do edifício, o que não prejudica as fachadas frontais.

Figura 4.34: Unidade satélite de Ibirama/SC (1977). Fonte: Daufenbach, 2006.

Apesar de o edifício fabril de Broos se desenvolver basicamente em um elemento único, alguns detalhes fazem a demarcação dos espaços principais. Na unidade satélite de Ibirama isso acontece no volume que se destaca para frente da edificação e faz a demarcação da entrada. Esse elemento vem do edifício principal, alinhado a fachada principal e se desconecta da restante do edifício numa forma plástica obtida pelo uso do concreto armado. Para dar a sensação e a devida importância à entrada, Broos recua parte do pavimento térreo, que serve então para a circulação das pessoas. Mais uma vez é utilizado o recurso dos cheios e vazios, volumes que entram e saem do edifício, como uma brincadeira que determina os espaços internos e externos.

Nesse mesmo edifício de Ibirama, podemos perceber as adequações e diferenciações em sua arquitetura. Daquela empena cega utilizada na fachada do projeto na Alemanha por Eiermann, Broos adapta e desenvolve aquele mesmo volume no edifício da malharia, adequando as necessidades exigidas e agora utiliza a mesma empena, que já não é mais cega, com recuos na parte térreo para a circulação e brises horizontais eficientes contra a insolação local. E assim a fachada é composta plástica e funcionalmente.

Broos trabalha bem com a implantação em desnível, pois consegue solucionar os acesos principais através de guaritas e marquises, que servem como cobertura desses espaços, mas que servem também para dar continuidade ao espaço superior, formando elementos que garantem maior horizontalidade aos projetos, e conseqüentemente, adequando melhor os edifícios ao ambiente natural. O paisagismo foi elaborado por Roberto Burle Marx também nas unidades satélites, que garante a continuação do ambiente natural para dentro do terreno e sua integração aos espaços de produção.

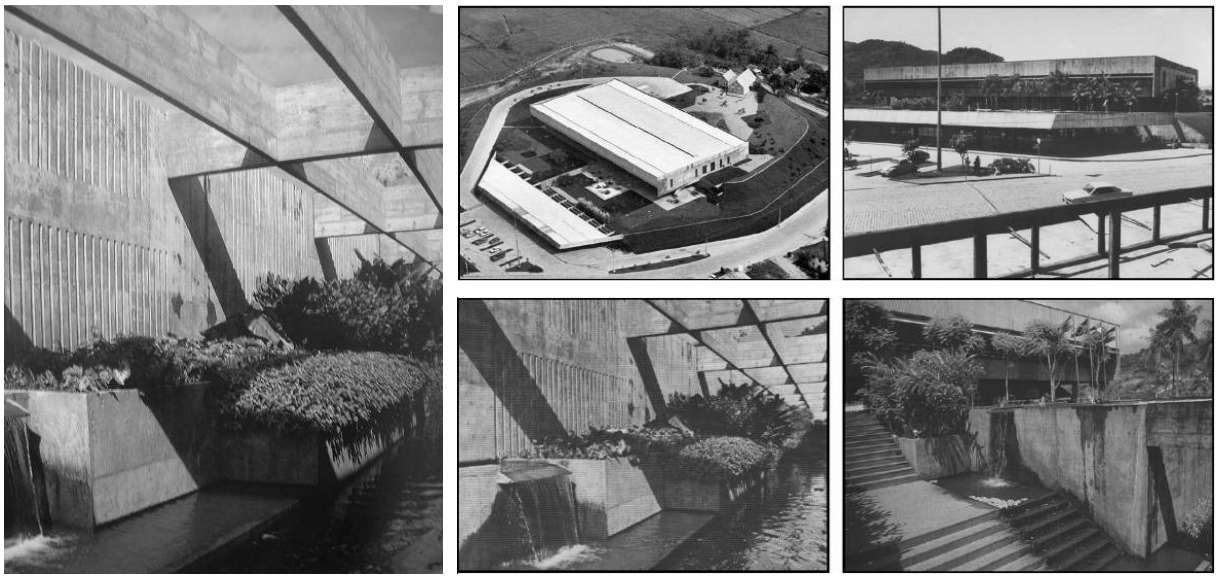


Figura 4.35: Unidade satélite de Rodeio/SC (1978). Fonte: Hans Broos S.C. Ltda.

O acesso dos pedestres, empregados, clientes e administradores é feito por caminhos seguros e independentes ao acesso utilizado para o trafego de veículos que fazem parte do sistema produtivo. A chegada de ônibus ou o estacionamento fica na guarita, na parte baixa do terreno e após ser identificado, o individuo é conduzido por escadarias, rampas, detalhes arquitetônicos e paisagísticos que lhe dão as boas vindas ao local de produção, ou seja, a idéia foi passar que o ambiente produtivo seja algo maior do que um simples galpão industrial aonde o operário chega, bate seu ponto e fica confinado num ambiente escuro e mal ventilado, sem saber o que se passa ao seu redor. Pelo contrário, nesses projetos o partido adotado é o da total integração com o ambiente externo e a natureza, através das grandes aberturas, a supervisão sobre o terreno livre e quando isso não for possível, pela ação do homem no ambiente natural, seja pelo ambiente construído arquitetonicamente ou pelo paisagismo criado pelo ser humano.

Figura 4.36: Unidade satélite Água Verde - Blumenau/SC (1974). Fonte: Hans Broos S.C. Ltda.

O projeto da unidade satélite da Água Verde em Blumenau reúne também todas as qualidades anteriormente citadas nas demais unidades satélites da Cia. Hering projetadas por Broos e com paisagismo de Burle Marx. A localização é no topo de um morro, bem ventilado e com supervisão de todo o terreno e do Vale em que está inserido. Os acessos também se dão da mesma forma das demais unidades satélites, para o sistema produtivo um anel perimetral que contorna o terreno com a edificação principal e vence com maior facilidade o desnível do terreno e o acesso das pessoas que deixam seus veículos na guarita é feito por escadarias que levam ao edifício principal através de um projeto paisagístico adequado.

A maior inovação desse edifício em relação aos outros é o seu sistema de iluminação, feito através de *sheds* que iluminam todo o ambiente de trabalho. As aberturas laterais permanecem por toda a extensão lateral protegidas por empenas de concreto que funcionam como quebra-sol. Essas empenas estão apoiadas nas estruturas que ficam somente na parte externa do edifício, fazendo com que o edifício seja uma grande planta livre, aberta totalmente lateralmente e com grande incidência de luz natural através da cobertura. Mais uma vez os cheios e vazios funcionam para a circulação das pessoas, que neste caso, devido a sua grande generosidade, se transformaram em espaços de descanso e encontro nos intervalos das jornadas de trabalho.

A vegetação rasteira utilizada para diminuir a impressão de ambiente projetado serve como se fosse um espelho de água que reflete a exuberante natureza que o Vale possui. Isso ocorre também devido a sua forma orgânica, que em contraposição ao edifício mais reto projetado por Broos, traz a natureza de volta ao espaço criado.

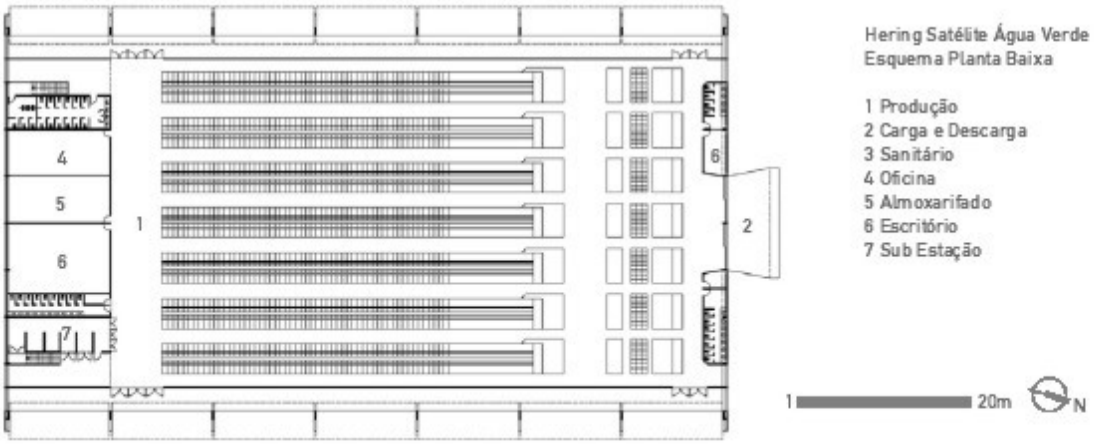


Figura 4.37: Detalhes da satélite Água Verde (1974). Fonte: Daufenbach, 2006.

Como foi explicado anteriormente, a planta é toda livre, sem pilares ou obstáculos. As aberturas laterais são muito generosas, assim como a iluminação natural que invade o espaço através dos sheds na cobertura. O espaço de circulação também possui medidas generosas, o que os torna espaços de encontro e descanso nos intervalos. A racionalidade utilizada no projeto se traduz também no *lay-out* da costura, valorizando ainda mais o projeto de paisagismo de Burle Marx, que rompe essa racionalidade através da vegetação, que apesar de ser projetada, possui uma forma mais orgânica.

4.2. A unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto

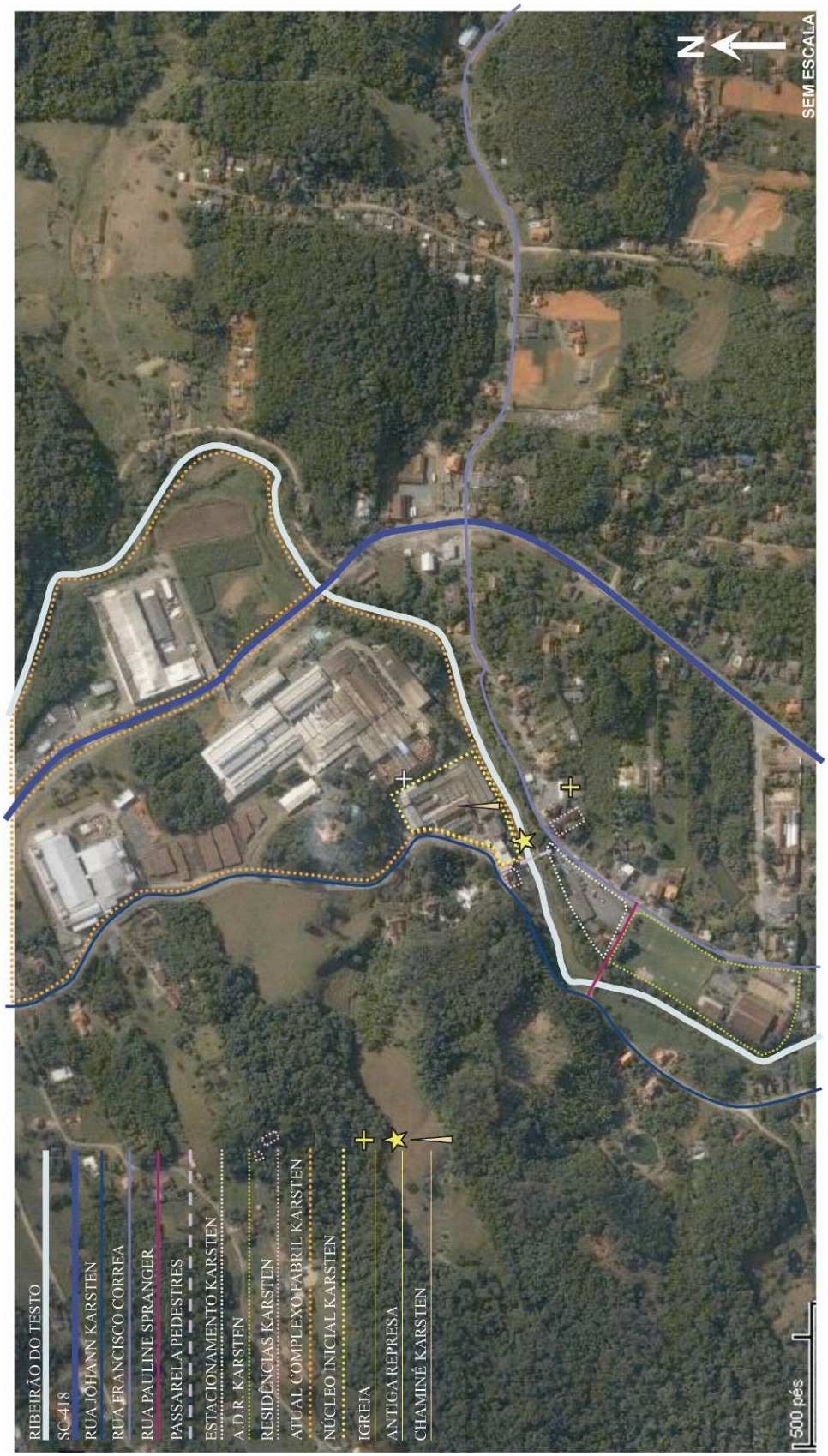


Figura 4.38: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Karsten S.A. no Testo.
Fonte: www.wikimapia.org, 2009. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Com relação à forma de implantação e apropriação estabelecidas no espaço físico onde se implantou e se desenvolveu a unidade fabril da Karsten S.A., podemos tomar como referência as mesmas condições anteriormente citadas, como a cultura trazida pelo imigrante e sua adaptação ao local encontrado, mediante as técnicas disponíveis. Nesse espaço, as diversas quedas de água foram determinantes para o fornecimento de energia desde o início. Estimulados pelo inicio das atividades têxteis na empresa, e por essa possuir também uma fiação, os colonos da região de Testo Salto organizaram uma cooperativa de plantadores de algodão, dando início à cultura com sementes vindas de Pernambuco. Infelizmente as condições desfavoráveis acabaram com essa cultura após quatro anos de tentativas. Houve então uma tentativa de se produzir lã de ovelhas como matéria prima para a empresa, porém, a criação de ovelhas necessitava de grandes pastagens, incompatíveis com o modelo dos lotes ali existentes. Durante a I Guerra Mundial, com a impossibilidade de importação de diversos produtos, a empresa paralisou suas atividades. Porém, como o sítio físico ficava distante 20km da sede da Colônia, as relações de trabalho e de vivência no campo eram bem diferentes das outras localidades que já formavam uma estrutura mais urbana. Aqui, desde o inicio, os operários jamais abandonaram suas terras e suas atividades agrícolas e caseiras porque sempre existiu certa sazonalidade na demanda atendida.

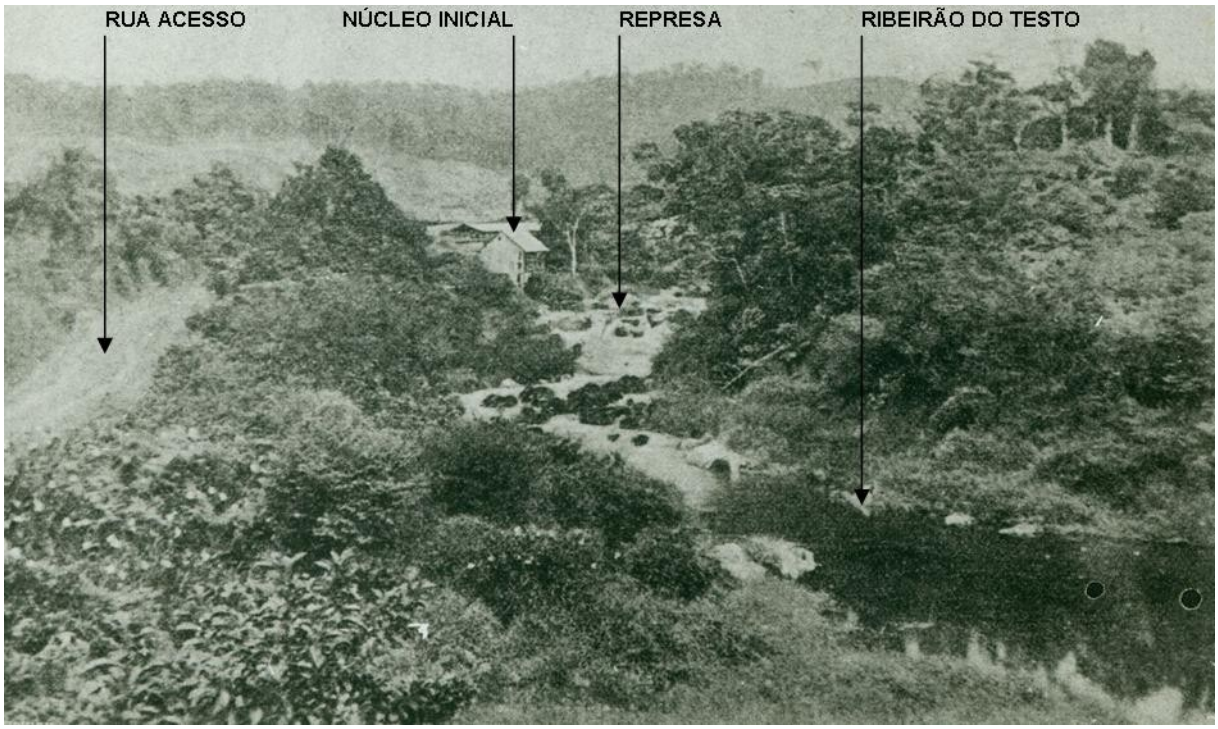


Figura 4.39: Implantação do núcleo inicial em 1900. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A empresa se implanta no meio rural, em meio à natureza, abrindo caminhos e utilizando somente a natureza como fonte de recursos de sobrevivência e energia, sem nenhum tipo de urbanidade. Na figura anterior é possível verificar a ausência de qualquer tipo de infra-estrutura urbana, como pavimentação, pontes, iluminação pública e energia elétrica.

As técnicas desenvolvidas para obter o melhor proveito dos recursos naturais disponíveis, onde o meio técnico se impõe ao meio natural, foram fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da empresa. Na foto de 15/08/1895, à beira do Ribeirão do Testo, empresários, técnicos, comerciantes e operários-colonos se relacionam sem maiores distinções, adaptando a natureza às suas necessidades, de onde também retiravam o sustento agrícola e a pecuário. O corte das árvores servia para a construção das moradias e das edificações indústrias, podendo também servir para esquentar as caldeiras. Além da força animal, contavam com a roda d'água para mover os teares. As edificações eram muito simples, com a mesma tipologia arquitetônica utilizada no Bom Retiro, padrão de uso misto com residencial e produtivo juntos, com a água passando pelo subsolo e fazendo a roda girar, o pavimento do nível térreo em tijolos maciços com a estrutura de travamento em madeira conhecida como enxaimel, o segundo pavimento feito de madeira e a cobertura com bastante inclinação, fornecendo espaço para o sótão. Nessa arquitetura mais simples, não existem as mansardas no telhado e as aberturas não são tão generosas e nem em grande quantidade.

Figura 4.40: Núcleo inicial em 1895. Fonte: AHJFS.

A figura 4.41, de 1929, demonstra o desenvolvimento do núcleo fabril inicial. Ao contrário das demais unidades desse mesmo período, não ocorrem construções de muitos anexos em torno de um edifício principal, com maior imponência. Neste caso, ocorre a construção de diversos edifícios de vários tamanhos, de acordo com a necessidade e a funcionalidade necessária. O núcleo fabril inicial se apresentava inserido junto à natureza de tal forma que a leitura da paisagem local poderia ser feita como se fosse uma "fazenda têxtil", remetendo às grandes fazendas de produção de café no interior paulista, por exemplo. Mas com algumas diferenças, como em vez do trabalho escravo, o trabalho remunerado como um complemento de renda da produção agrícola dos imigrantes operários-colonos germânicos. Outra característica local na paisagem vai ser a presença da chaminé, que vai servir como elemento simbólico e marco visual para toda a comunidade local. Em 1929 foi construída a Igreja, do outro lado do Ribeirão, porém como demonstra a figura, a importância e a imponência da chaminé definem quem é o "dono do pedaço".

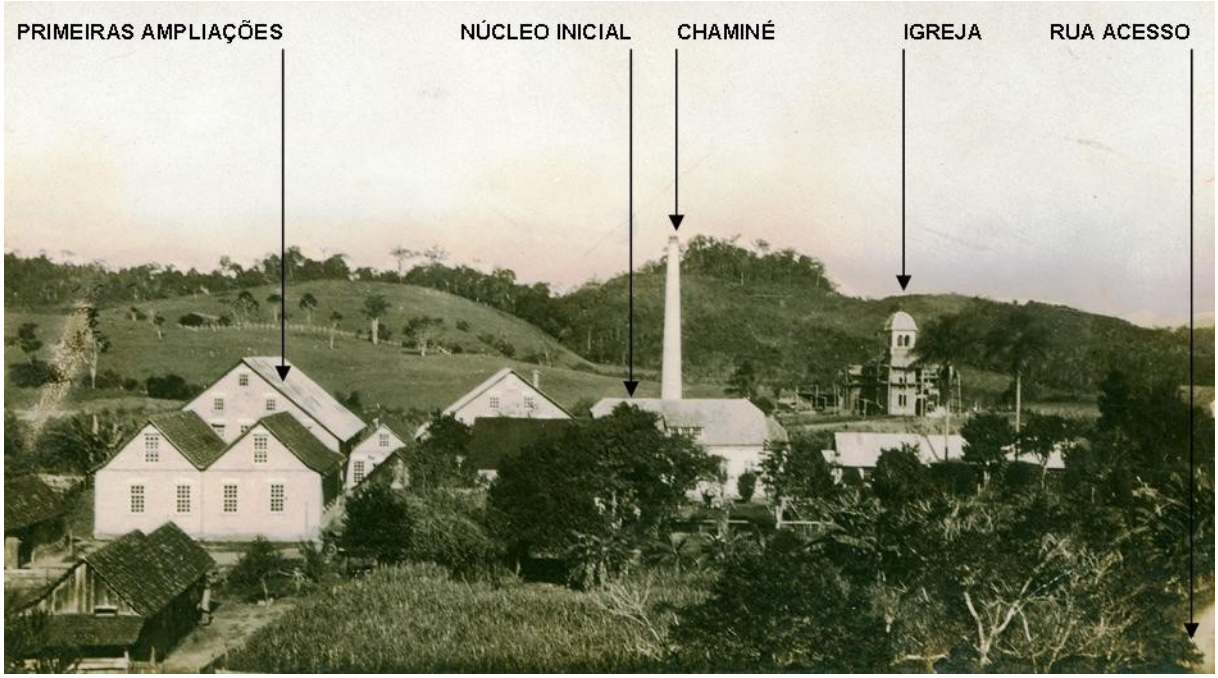


Figura 4.41: Núcleo fabril em 1929. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Com o desenvolvimento da empresa, as tipologias arquitetônicas vão ficando mais sofisticadas e adaptando-se mais a função industrial. Os edifícios tornam-se maiores, com um pé direito mais generoso, maiores aberturas ao longo de toda a fachada e janelas corridas na parte superior ao invés de mansardas, demonstrando as novas técnicas construtivas que visam oferecer maior conforto ambiental ao local de produção, conforme a figura 4.42. A Igreja já aparece finalizada e novas edificações residenciais se localizam ao longo do Vale do Testo.

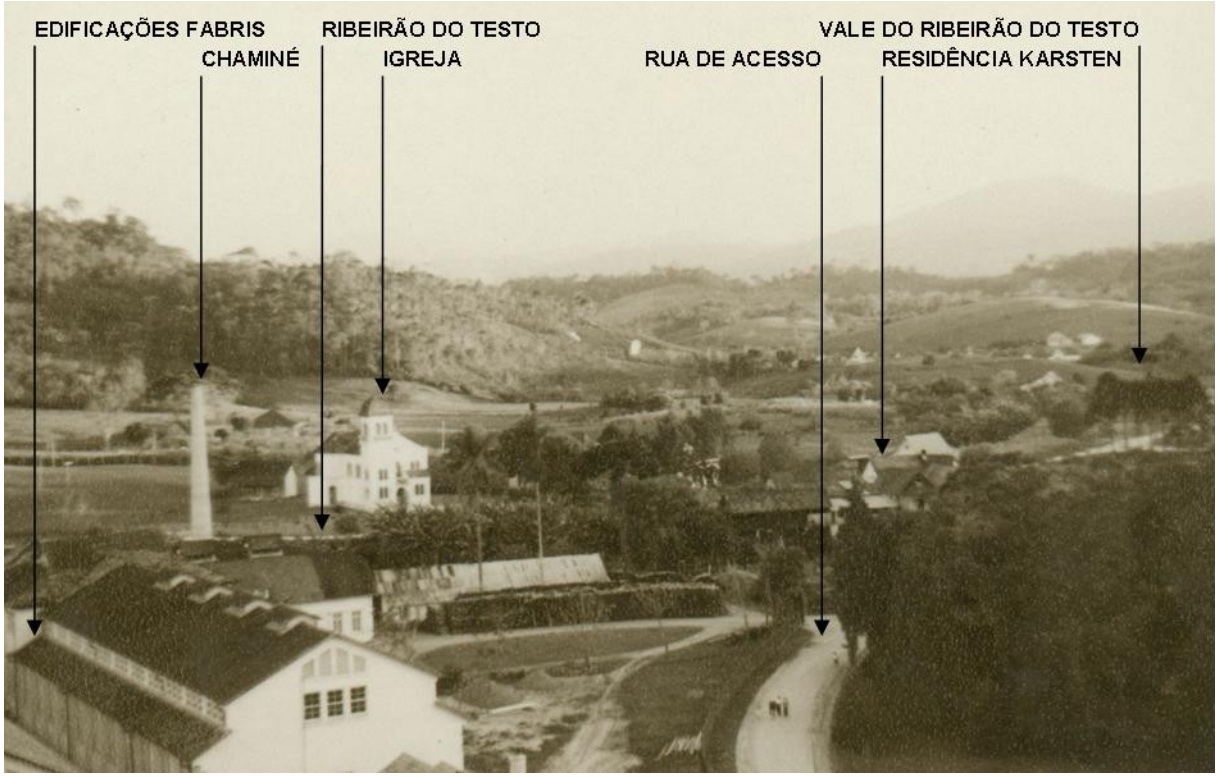


Figura 4.42: Núcleo fabril na década de 1940. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Porém, o destaque maior ocorre na ambientação, visto que o sitio se encontrava num fundo de Vale menos íngreme que os outros, num ambiente mais aberto, mesmo que o relevo fosse um pouco acidentado, o que dava características de um "sítio industrial" localizado em uma grande fazenda, com enormes pastos a sua volta (onde antes havia floresta nativa) e o Ribeirão margeando suas construções. Os acessos e caminhos reforçam essa característica ao longo de todo o Vale do Testo. Com relação à implantação das residências, localizam-se ao longo desses tortuosos caminhos em meio à natureza, tirando o sustento e as forças necessárias para o cotidiano local. A residência da família Karsten se localizava ao lado da empresa, demonstrando maior integração na relação entre a moradia e o ambiente de trabalho, conforme figura 4.42.

A figura 4.43 demonstra um dia de cheia do Ribeirão do Testo, uma constante no Vale em que a empresa se implantou. Porém as edificações eram feitas com desnível em relação à cota da rua, justamente para evitar que essas cheias invadissem o espaço das moradias. Um bom exemplo disso é a nova residência da família Karsten, que agora já se localiza do outro lado do Ribeirão, em uma edificação imponente e mais elevada do nível da rua, ao lado da Igreja, ao invés de permanecer ao lado da indústria. Assim como nas cidades européias medievais, principalmente as germânicas, têm-se a separação entre o Sagrado e o Profano, de um lado a indústria e os executores, e do outro lado, a Igreja e os pensadores.

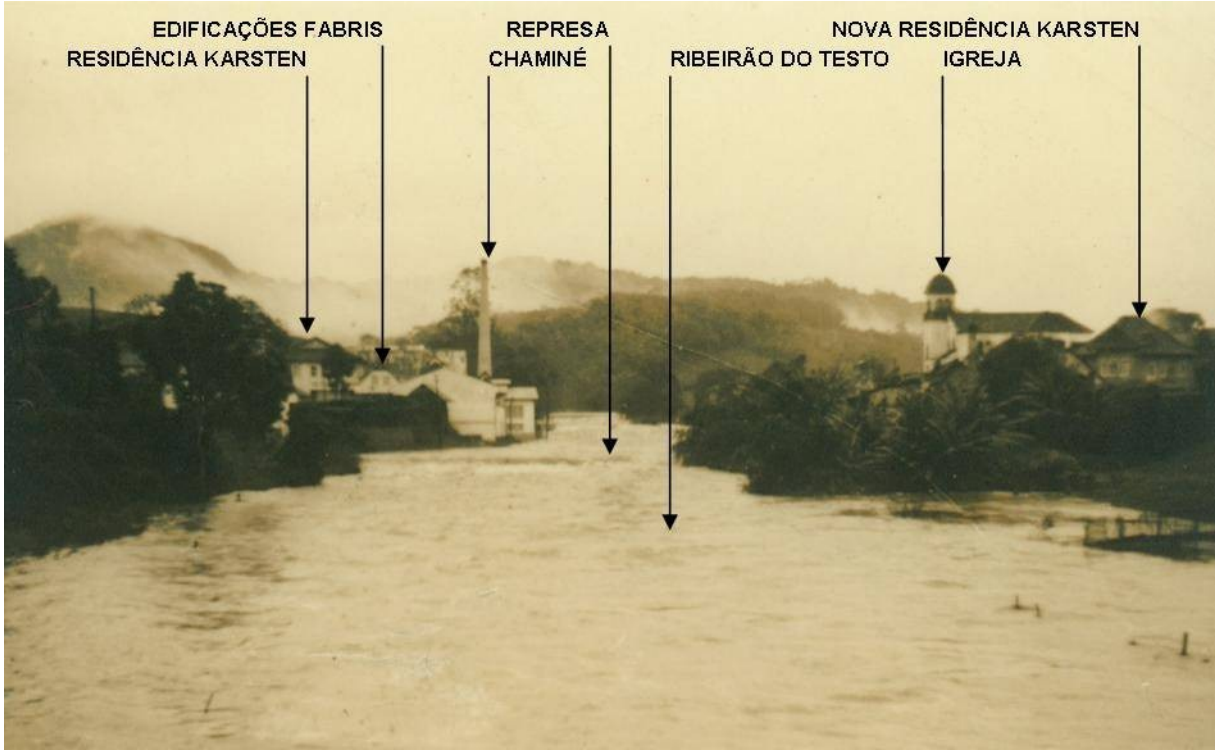


Figura 4.43: Núcleo fabril na década de 1950. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.44 demonstra a fachada principal da empresa na década de 1950, com a justaposição de diversos anexos e o aproveitamento do sótão com aberturas na cobertura.

Figura 4.44: Núcleo fabril na década de 1960. Fonte: AHJFS.

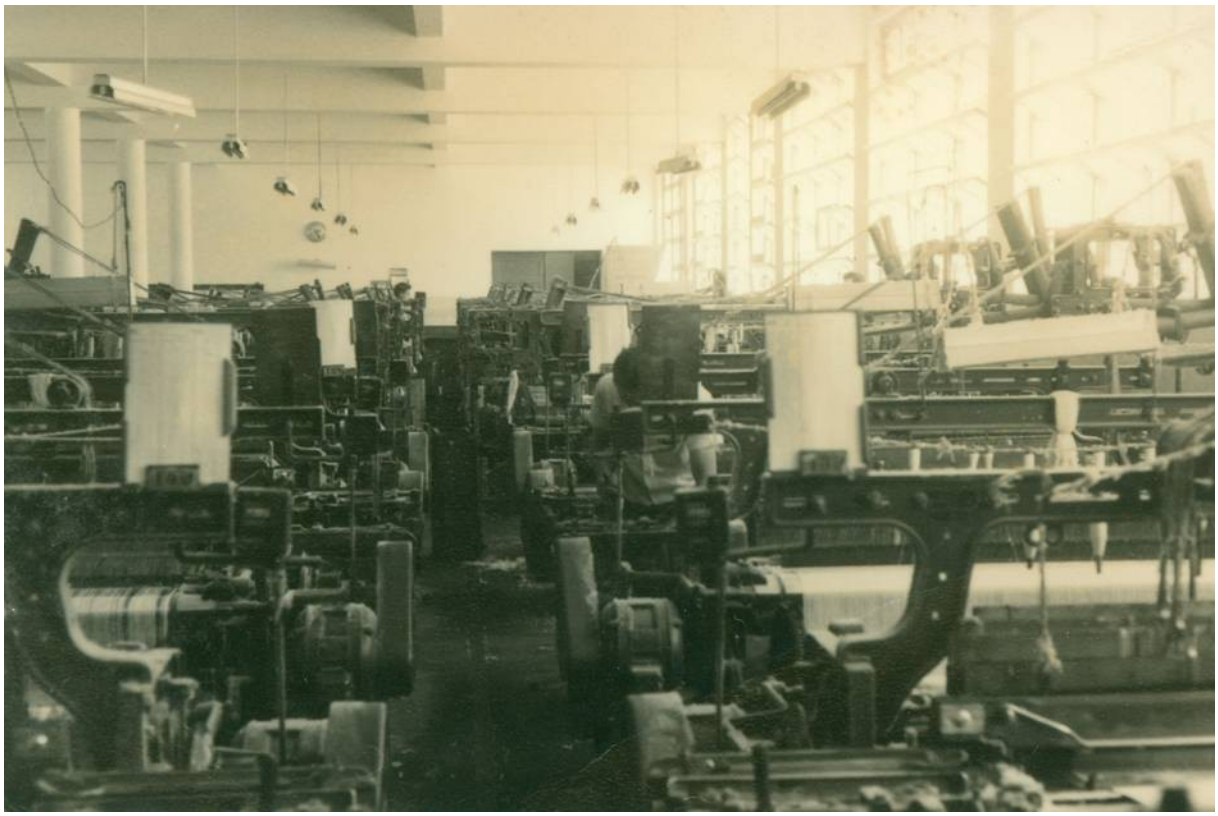


Figura 4.45: Interior da edificação de tecelagem na década de 1960. Fonte: AHJFS.

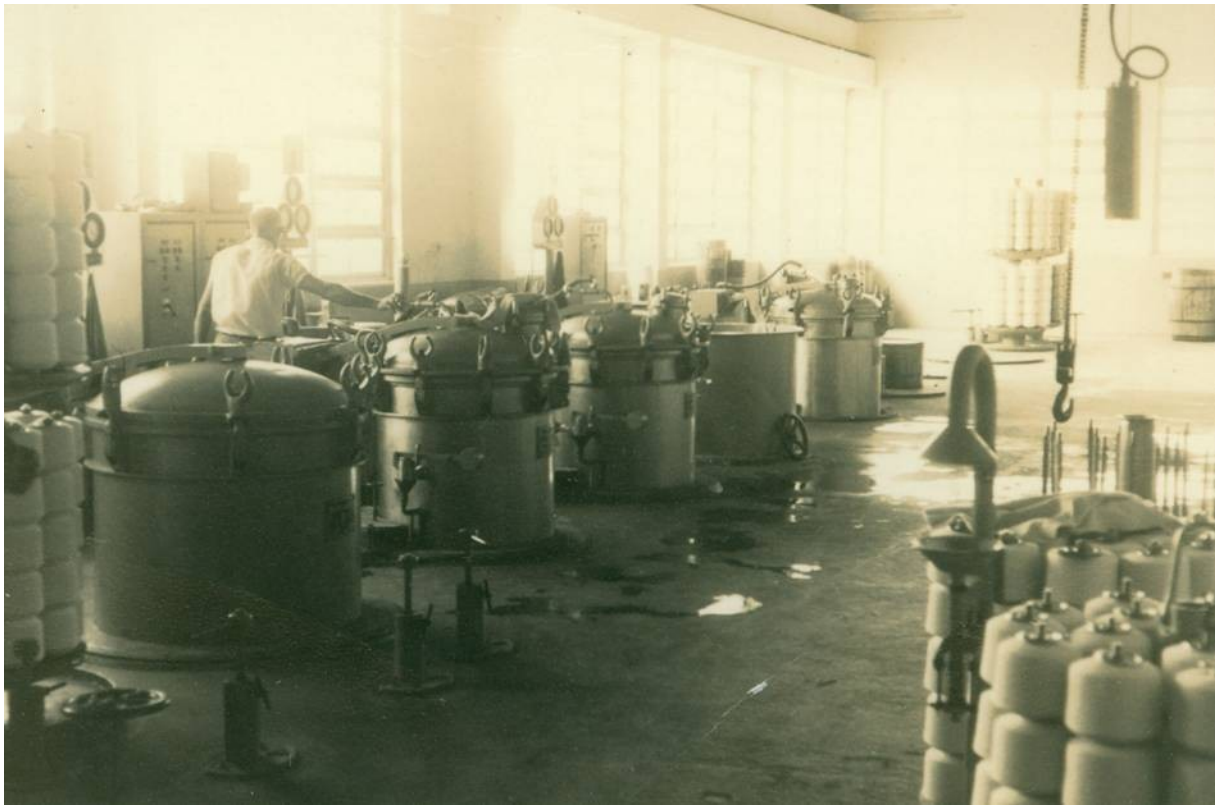


Figura 4.46: Interior da edificação de tinturaria na década de 1960. Fonte: AHJFS.

As figuras anteriores demonstram os espaços interiores das edificações fabris. Na figura 4.45 é possível observar os teares da tecelagem em um espaço amplo, com poucos pilares dispostos uniformemente com o objetivo de não atrapalhar o processo produtivo. Ainda nessa figura é possível observar o detalhe do pilar cilíndrico, que evita grande quantidade de acidentes, pois não tendo pontas, são menores as chances de ocorrerem acidentes de trabalho. É possível ainda observar que existe uma viga de "amarração" das vigas perpendiculares no espaço entre os pilares, reduzindo pela metade o número necessário de pilares que poderiam atrapalhar o processo produtivo. A figura 4.46 demonstra o espaço interno do edifício da tinturaria, com grandes aberturas que facilitam a entrada de ventilação e iluminação natural e ausência de pilares no "chão de fábrica", facilitando muito o processo produtivo.

A figura 4.47 demonstra as sucessivas ampliações do parque fabril, com seus diversos anexos e a tentativa de se criar um conjunto fabril através de cores, aberturas e das coberturas. Como já havia sido dito anteriormente, a chaminé sempre foi o elemento visual de referência desse espaço para toda a comunidade local. Na década de 1970 foi construída uma nova chaminé, praticamente ao lado a antiga, porém com proporções ainda maiores por necessidade produtiva e para reforçar ainda mais a identidade do lugar.

Figura 4.47: Construção da nova chaminé na década de 1970. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

4.3. O complexo industrial E.I.Garcia-Artex no Garcia

As formas de apropriação dos sítios encontrados obedecem a certo relacionamento entre o ser humano e a natureza, com maior ou menor intensidade, conforme aconteceram nos demais espaços analisados. Porém a formação do espaço urbano-industrial no Vale do Garcia pode ser analisada de melhor maneira pela sua importância histórica e social na formação e nas alterações urbanas que ocorreram num dos bairros mais antigos e mais populosos da cidade. Assim como no exemplo anterior, a forma de apropriação deste espaço também necessitava da cultura trazida pelo imigrante para a adaptação ao relevo natural, para aproveitar os recursos naturais e utilizar as técnicas construtivas que estavam a disposição naquele momento.

A diferença deste espaço é que, ao contrário do Vale do Bom Retiro que estava muito perto da zona central e do Testo Salto que ficava a 20km da zona central, o final do Vale do Garcia estava distante aproximadamente 5km da zona central, de tal forma que as aglomerações urbanas concentraram e se desenvolveram, em grande parte, em função da empresa que se desenvolvia bastante rápido, ao mesmo tempo em que a vida neste espaço tornava-se urbana numa velocidade bem maior que os outros espaços. Portanto, as maiores contribuições foram no sentido de equipar o bairro de tal forma que este possuísse uma determinada autonomia com relação a região central, porém não tivesse mais características agrícolas ou rurais com o passar do tempo. Neste sentido, foram implantados uma grande vila operária, Igrejas, cemitério, centro de saúde, centros esportivos, de lazer e cultural, comércio e prestação de serviços. Nesse bairro podia-se fazer uma fácil leitura da paisagem, onde nas vias principais, que corriam paralelamente aos cursos d'água, estavam estabelecidos os complexos industriais, organizadores e estruturadores do espaço urbano, entre o morro e o Ribeirão. Nestas vias principais também se implantaram os equipamentos urbanos mais importantes, como o campo de futebol, a cooperativa de consumo, as Igrejas, o cemitério, as escolas, os centros de saúde, lazer e de recreação, além dos comércios e serviços. Como o espaço urbano era limitado, no início a vila operária também foi implantada nessas vias principais, pois haviam poucas vias que se iniciavam perpendicularmente, onde iriam se localizar as moradias dos operários posteriormente. O processo de formação desse espaço é bem mais complexo que os anteriores, visto que as trocas de controle administrativo, os processos de fusões e importantes alterações urbanas vão modificando e redefinindo o espaço urbano ao longo dos anos, alterando também os referenciais da comunidade local.

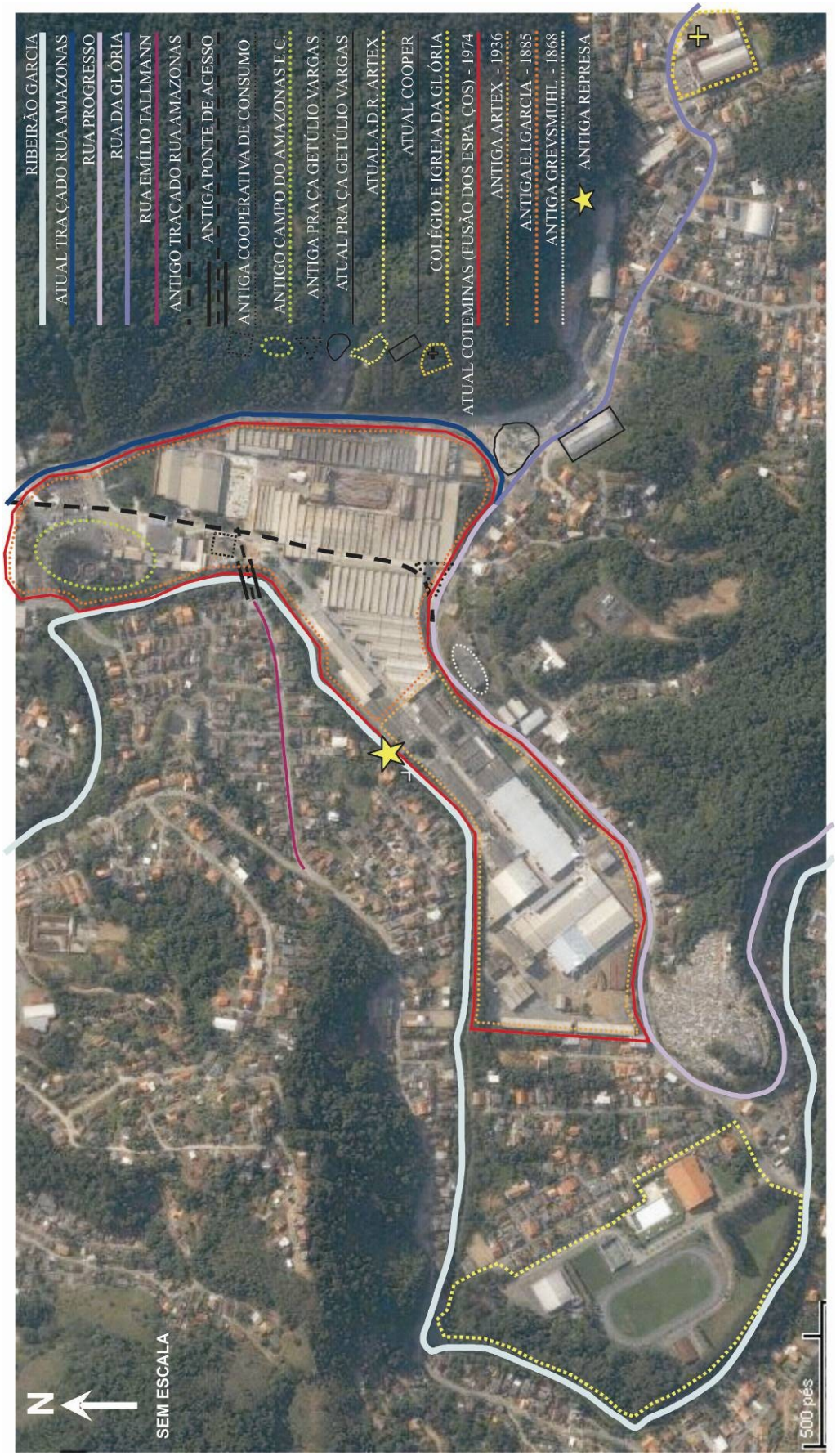


Figura 4.48: Imagem atual do espaço do complexo industrial da Coteminas no Garcia.
Fonte: www.wikimapia.org, 2009. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O Vale do Garcia foi um dos primeiros bairros a ser ocupado pelos imigrantes desde a implantação da colônia, inclusive sendo chamado de *Die Kolonie*[7]. A ocupação inicial ocorre ao longo da "estrada geral", como foi chamada até 1919 a atual Rua Amazonas. Foi nessa rua, de aproximadamente cinco quilômetros e que corre paralelamente ao Ribeirão Garcia, que se implantaram as primeiras unidades agrícolas no início, sendo substituídas pelos comércios e serviços ao longo do tempo. Esta rua terminava em um cruzamento, que depois a ser uma praça chamada de Praça Getúlio Vargas, que redistribuía o fluxo em dois sentidos, para o atual bairro da Glória de um lado e para o atual bairro do Progresso do outro. Foi exatamente nesse local, no final da Rua Amazonas, que ocorreu a implantação da primeira unidade fabril têxtil no Vale do Garcia.

A espacialização fabril começa à beira do Ribeirão Garcia, logo após o antigo campo do Amazonas Esporte Clube, próximo a antiga ponte sobre o Ribeirão Garcia que conectava a Rua Emilio Tallmann à Rua Amazonas, onde ficava a antiga Cooperativa de Consumo e vai se estendendo pelo fundo do Vale, entre o Ribeirão e o morro até o final da rua Amazonas, na antiga praça Getulio Vargas, de onde nasce a Rua da Glória e a Rua Progresso.

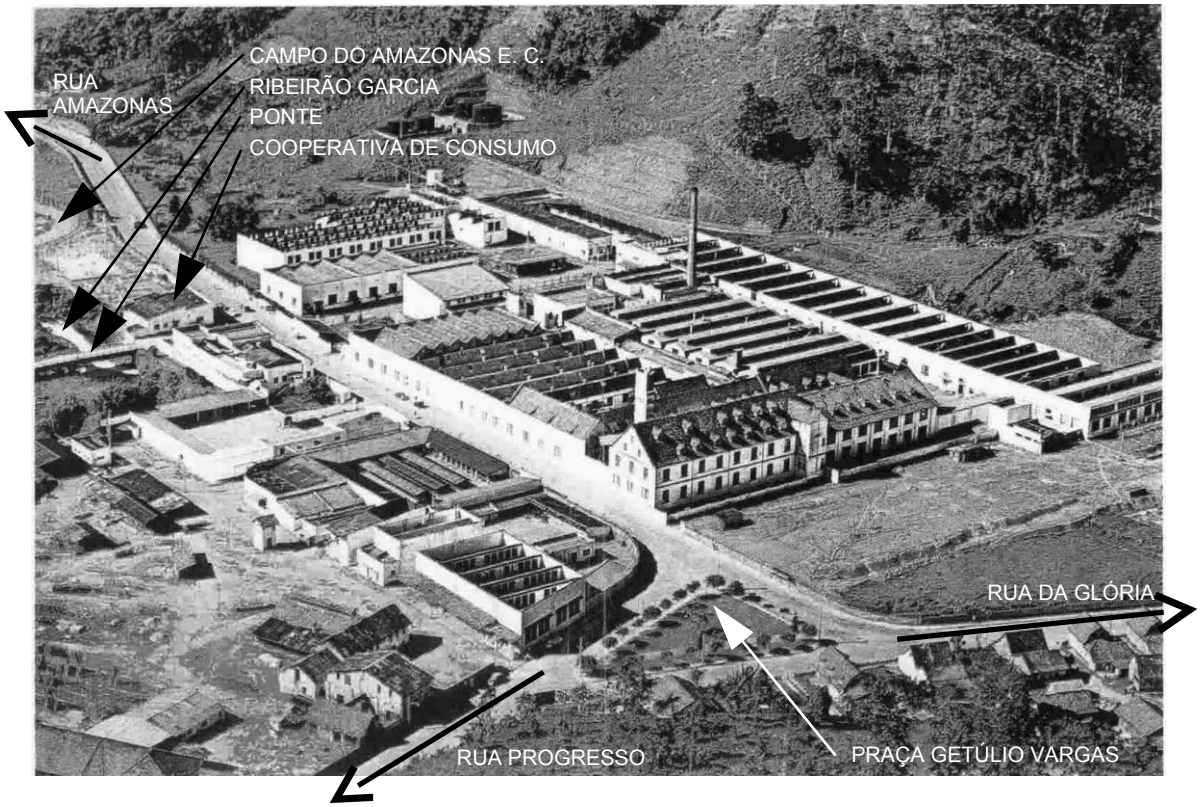


Figura 4.49: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1967. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

[7] *Die Kolonie* significa "a colônia".

Segundo o cientista social e pesquisador Adalberto Day, a história da E. I. Garcia teria sido formado bem antes da data que consta oficialmente como o ano de fundação da empresa, porém teria havido uma grande interrupção entre 1877 e 1885 que seria o motivo dessa alteração de data. O imigrante alemão Johann Heinrich Grevsmuhl teria chegado a Blumenau em 1860, e ao invés de se dedicar ao trabalho agrícola, foi logo tratando de explorar a madeira da região do Vale do Garcia. Por volta de 1868, se associa com dois vizinhos, August Sandner e Johann Gauche, para a fundação de uma fábrica têxtil, visto que eles já conheciam a técnica da tecelagem. Associaram-se com Lipmann, um tecelão que já possuía teares desde 1865, dando assim início a primeira fabriqueta têxtil de Blumenau, com o nome de "Johann Henirich Grevsmuhl & Cia". Esse embrião têxtil ficava junto com a roça de aipim, o moinho de fubá e o engenho de serra, próximo ao "tapume", como era chamado o local que represava a água do Ribeirão Garcia para mover a roda d'água e gerar energia para movimentar os teares, exatamente na frente da antiga portaria de entrada da Artex e embaixo do antigo refeitório da Artex (onde hoje se localiza o ambulatório do Garcia). Grevsmuhl era proprietário de grandes terrenos, onde posteriormente se instalariam a E. I. Garcia em 1885 em uma parte e a Artex em 1936 em outra parte (Fonte: Adalberto Day).

Figura 4.50: Detalhe do Tapume no Ribeirão Garcia. Fonte: Adalberto Day.

Na figura 4.50 temos o detalhe da localização do Tapume no Ribeirão Garcia. A primeira fabriqueta têxtil ficava localizada na mesma linha do Tapume, da chaminé e da portaria principal da Artex, o que demonstra certa seqüência de fatores importantes que ocorreram nesta linha imaginária que vai culminar na localização do refeitório da Artex, localizado em cima deste espaço, na perspectiva desses signos que fizeram parte da empresa.

Em 1876 o tecelão Roeder, que também veio da região de produção têxtil da Alemanha, da cidade de Weida, na Saxônia, compra essa tecelagem, porém desativa temporariamente logo em seguida, em 1877, por motivo de sua ida para a Alemanha para comprar equipamentos para sua empresa. Quando retorna ao Brasil, se associa com Karsten & Hadlich em 1882, no Testo Salto, porém se retira da sociedade em 1885 para dedicar-se a sua empresa Tecidos Roeder Ltda.

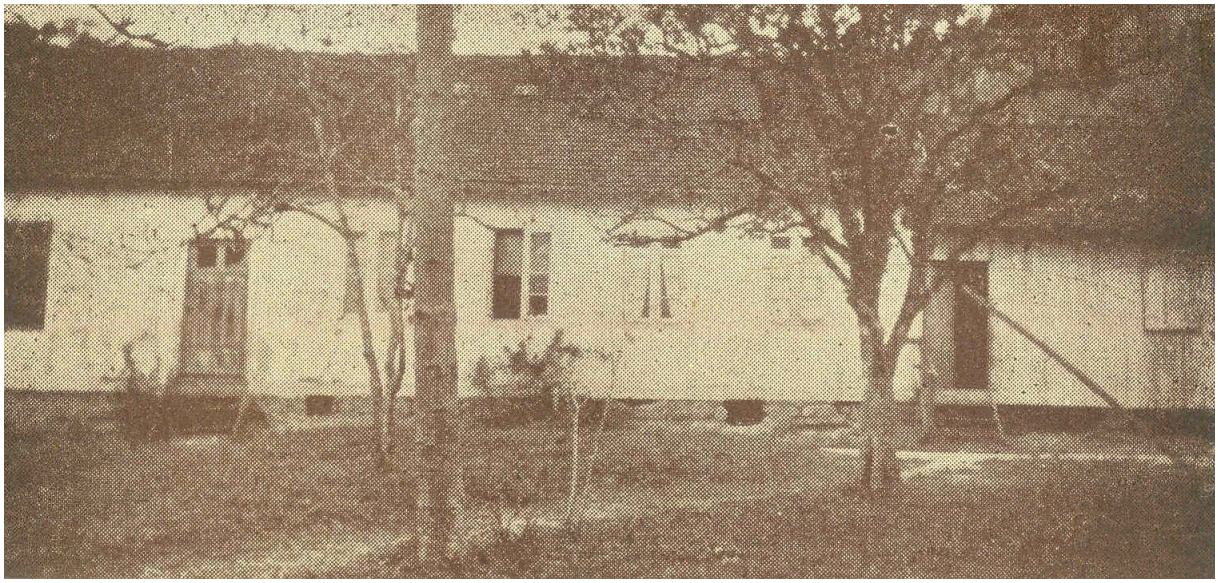


Figura 4.51: Tecidos Roeder Ltda aproximadamente em 1900. Fonte: Adalberto Day.

Em 1906 Roeder vende a empresa para Júlio Probst e Sachtleben, passando a chamar-se Probst & Sachtleben num primeiro momento e Empreza Industrial Garcia-Probst posteriormente. Em 1918 Probst se retira e a empresa passa a se chamar apenas Empresa Industrial Garcia. (HERING, 1950, p. 186)

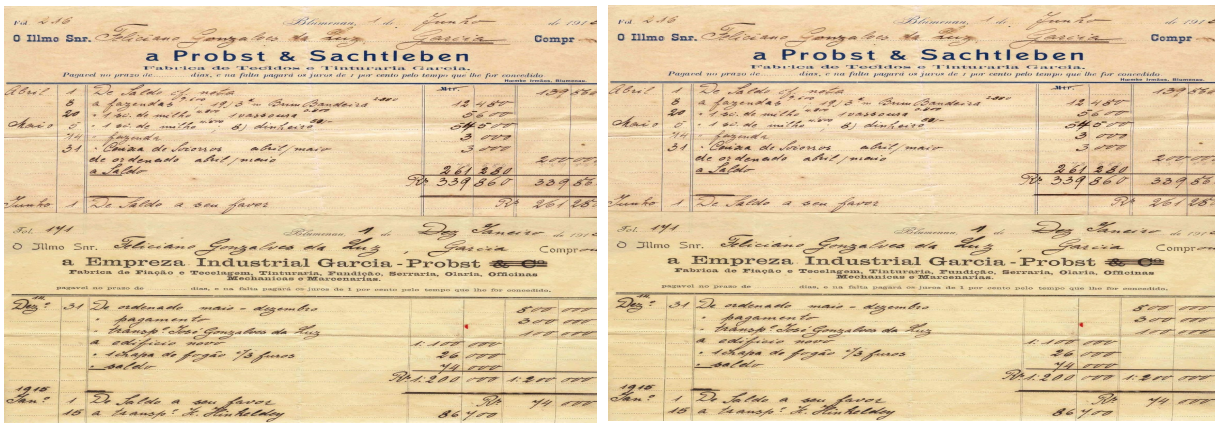


Figura 4.52: Documentos históricos da E.I.Garcia em 1914. Fonte: Adalberto Day.

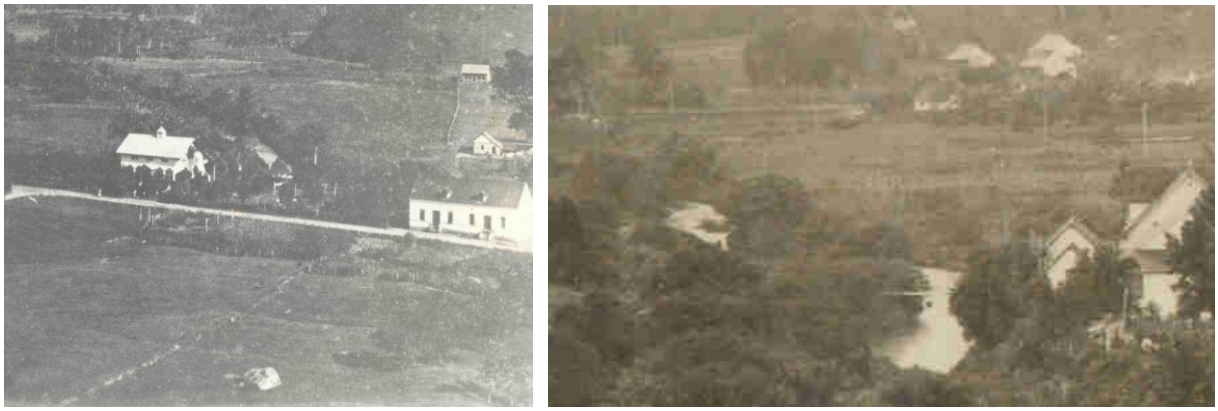


Figura 4.53: Ribeirão Garcia no inicio do século passado. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.53 demonstra o aspecto inicial da Rua Amazonas que se implantou paralelamente ao Ribeirão Garcia, porém de forma mais retilínea, a esquerda. As edificações ficavam com a fachada frontal voltada para a rua principal e davam "as costas" aos ribeirões, como ocorreu em toda a cidade de Blumenau. Algumas localidades que ficavam do outro lado do Ribeirão Garcia necessitavam de pontes para se conectarem a via principal, como é o caso da ponte que aparece na imagem da direita conectando a Rua Emílio Tallmann à Rua Amazonas. Essa ponte foi de grande importância para o desenvolvimento da outra margem do Ribeirão Garcia, sendo executada de forma definitiva somente em 1961.

A implantação das atividades têxteis no final da Rua Amazonas modificaria todo o Vale do Garcia com o passar do tempo, com a introdução do lavrador ao sistema produtivo, conhecido como operário-colono. A divisão, subdivisão e o esgotamento das propriedades com o passar do tempo e conseqüente falta de espaço para a produção agrícola de todos os herdeiros das famílias, levava boa parte dos agricultores a se inserirem na atividade industrial que se demonstrava cada vez mais próspera na região, como complemento de renda e para não dependerem exclusivamente da agricultura. Esse operário-colono era bem qualificado, pois dominavam tanto as habilidades nos trabalhos artesanais, como no campo. O desenvolvimento produtivo, econômico e populacional gerava também uma urbanização em ritmo bastante acelerado no Vale do Garcia, fazendo com que a necessidade de equipamentos urbanos locais suprisse a necessidade de ir "até Blumenau", como os colonos no início e os operários posteriormente se reportavam ao centro da cidade.

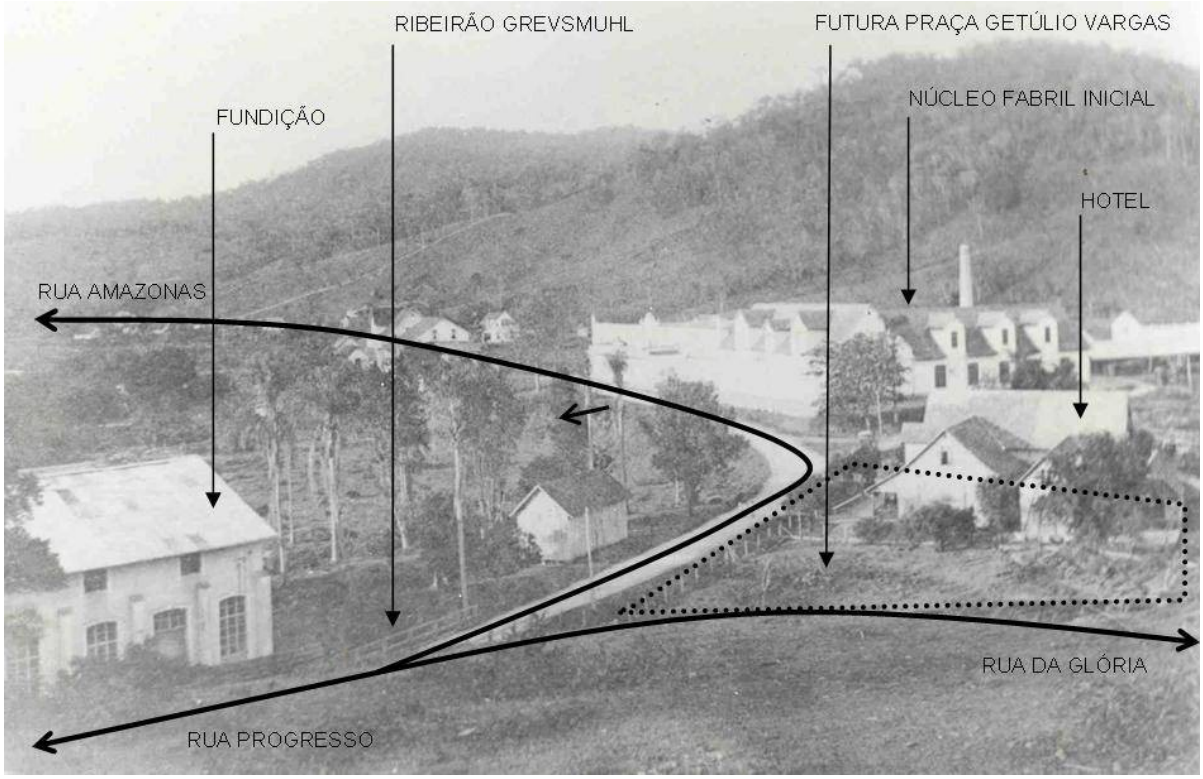


Figura 4.54: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1912. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.54 demonstra a implantação do núcleo fabril inicial no final da Rua Amazonas que modificaria todo o Vale do Garcia. Vale destacar que o ponto que demarcava o final da Rua Amazonas era o Ribeirão Grevsmuhl, que vinha da atual Rua da Glória, cortava o terreno dos Grevsmuhl onde se implantou a E. I.Garcia e desembocava no Ribeirão Garcia, próximo à ponte que ligava a Rua Amazonas com a Rua Emilio Tallmann. Após essa ponte sobre o Ribeirão Grevsmuhl, iniciava a atual Rua Progresso para o lado direito e a atual Rua da Glória para o lado esquerdo. Posteriormente esse Ribeirão foi canalizado, passando por debaixo de onde foi criada a primeira Praça Getúlio Vargas (no local do antigo hotel) e da E. I. Garcia. Com relação ao desenvolvimento da empresa, além da olaria, serraria e marcenaria que não aparecem na figura, pode-se observar o rápido crescimento do núcleo fabril inicial com a construção de novas edificações para as atividades têxteis, a famosa fundição da empresa que produzia até mesmo seus próprios teares e a necessidade da construção de um hotel para recepcionar as pessoas longe do núcleo central da cidade. Em depoimento de antigos moradores, fica comprovada a dificuldade de locomoção entre a região do final do Garcia e a região central da cidade. As famílias que decidiam colocar seus filhos para estudar na região central da cidade eram obrigadas deixá-los em internatos, com direito a apenas uma visita mensal devido às dificuldades da época.

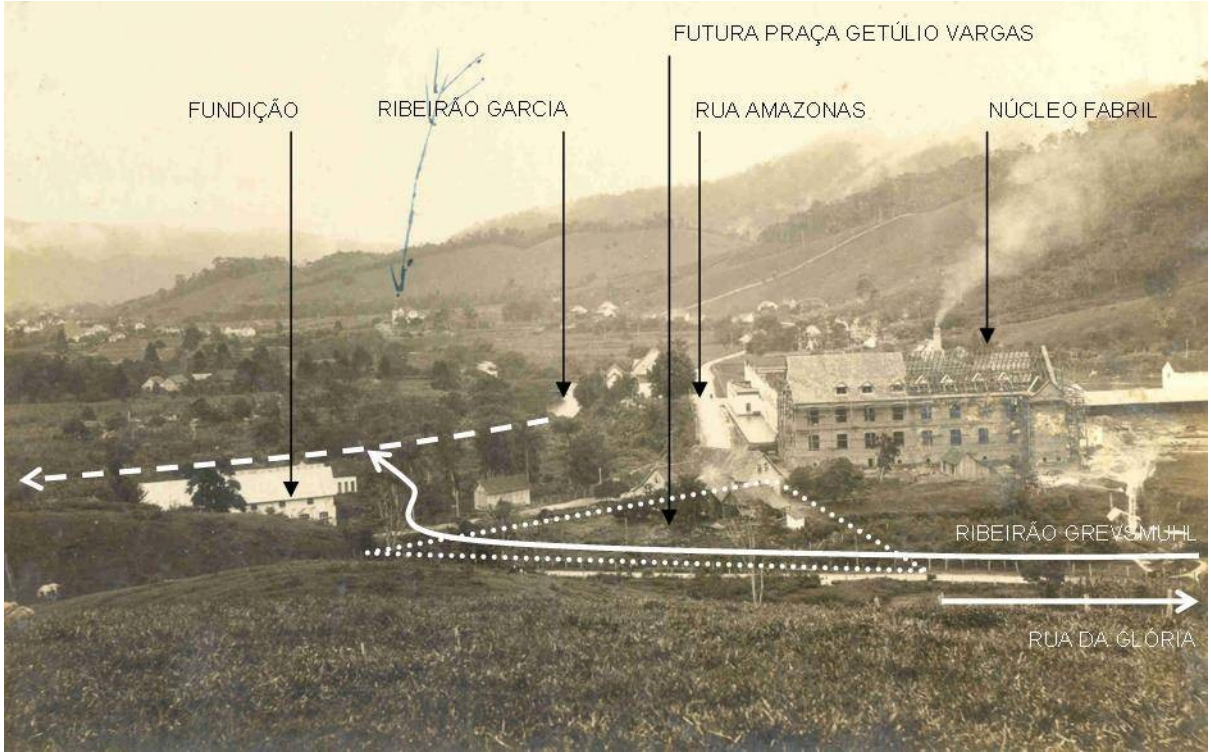


Figura 4.55: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1926. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.55 demonstra o crescimento da empresa E. I. Garcia na década de 1920, quando foi construído o edifício mais representativo com a famosa torre do apito da sirene. As técnicas construtivas permitem maiores dimensões e gabaritos, a exemplo do que ocorreu nas outras empresas têxteis da região. Vale comentar o retorno do caráter mais residencial da arquitetura fabril, que mesmo sendo menos funcional devido a impossibilidade de implementar o processo produtivo em um mesmo piso, recebe grande importância pelo signo que fixa no espaço em que se insere como um marco visual de grande importância. Enquanto a Cia. Hering iniciou suas edificações neste padrão mais residencial, a exemplo do que já era utilizado pela família em Hartha na Alemanha, e depois foi edificando de forma mais funcional e com o caráter mais fabril, na E. I. Garcia ocorreu exatamente o contrário neste caso, apesar de ter iniciado o conjunto fabril nos padrões residencial-fabril, a empresa já fazia suas edificações nos padrões dente de serra, porém, faltava ainda um edifício significativo que representasse o poder da empresa no espaço urbano ainda em formação. Além de o edifício ser grande, alto e imponente, foi construída a torre do apito da sirene, um marco para o bairro. A figura demonstra como era o final da Rua Amazonas, que acabava no Ribeirão Grevsmuhl e se subdividia em duas. A atual Rua da Glória só iniciava após o ribeirão antes da canalização do mesmo e a implantação da primeira Praça Getulio Vargas.

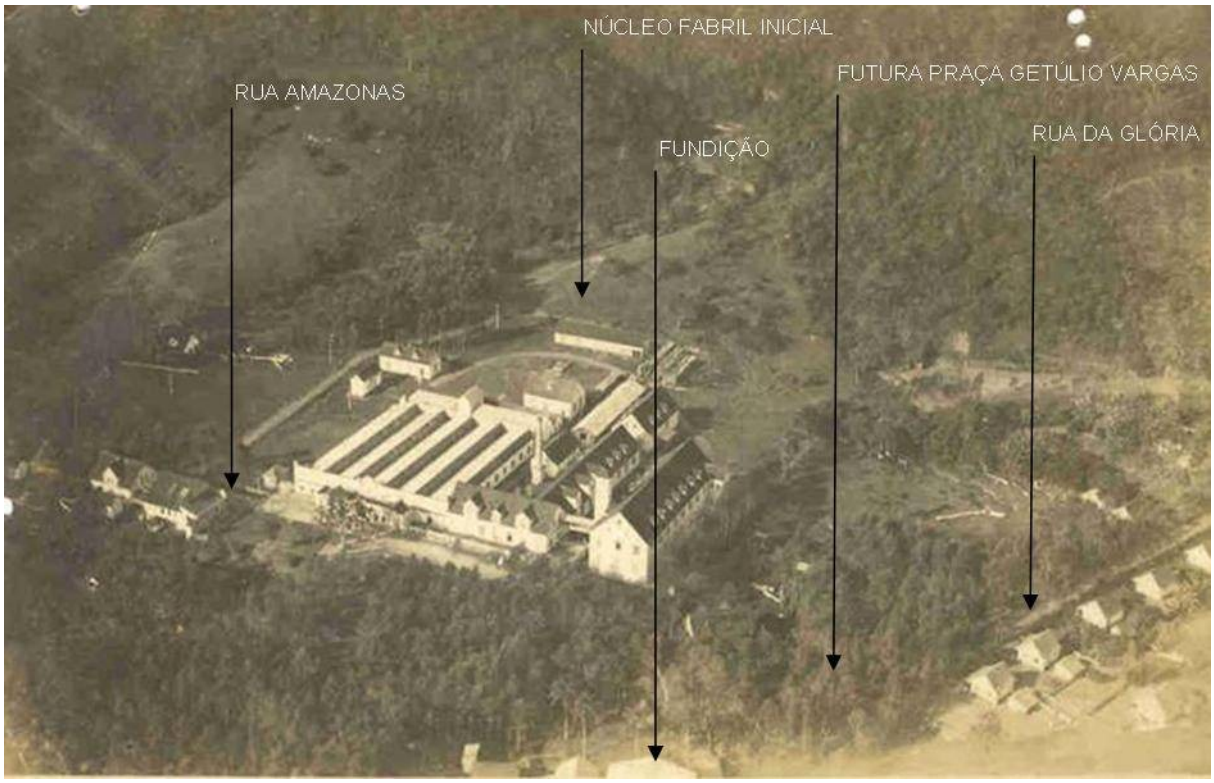


Figura 4.56: Núcleo fabril da E.I.Garcia em 1935. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.56 mostra o núcleo fabril da E. I. Garcia em 1935, um ano antes do início das atividades da Artex. Pode-se perceber que a construção do edifício mais representativo e que dava o fechamento ao conjunto fabril daquela época já havia sido concluído. Com relação à formação urbana e a ocupação da paisagem, verifica-se que o ambiente natural ainda se sobressai sobre o ambiente construído, assim como a vida mais pacata e rural prevalece sobre a urbanidade pela qual o bairro será marcado. Nesta foto aérea não é possível distinguir ainda as vias principais e secundárias, assim como o ribeirão principal e seus afluentes menores. A novidade mais marcante na figura são as primeiras residências da vila operária, conhecidas no bairro como "as casas populares", que tiveram suas construções iniciadas a partir da década de 1920 e se localizavam inicialmente ao longo da atual Rua da Glória.

Outro espaço de fundamental importância e que geralmente não aparece nas fotos históricas da empresa E. I. Garcia, é o espaço compreendido entre a Rua Amazonas e o Ribeirão Garcia, onde se destaca o edifício da Fundição da empresa. Vale lembrar que a empresa possuía Fiação, Tecelagem e Tinturaria, que se localizavam nas edificações fabris entre a Rua Amazonas e o morro, conforme demonstram as figuras anteriores, porém, possuía também Olaria, Serraria e Marcenaria (responsáveis pela construção das casas populares da vila operária que pertenciam a empresa até 1966) e a Fundição e Oficina Mecânica, responsáveis pela elaboração e manutenção de peças e máquinas industriais para a empresa.

Figura 4.57: OFFICINA-MECHANICA- FUNDIÇÃO da E.I.Garcia em 1945. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.57 demonstra melhor a localização da OFFICINA-MECHANICA-FUNDIÇÃO da E.I.Garcia em 1945. A rua que aparece em forma curvilínea, é a Rua Amazonas, em seu final, com a presença da "ponte coberta" sobre o Ribeirão Grevsmuhl, onde para a direita começava a atual Rua do Progresso e para a esquerda se iniciava a atual Rua da Glória. A "baixada" à direita, entre a R. Amazonas e o Ribeirão Garcia era constantemente inundado, o que justifica melhor a localização da parte de fiação-tecelagem-tinturaria na margem esquerda da Rua Amazonas.

Figura 4.58: Os sinos da Fundição da E.I.Garcia em 1937. Fonte: Adalberto Day.

A empresa Artex

A empresa Artex foi fundada em 1936, no bairro Garcia, ao lado da E. I. Garcia, por Theophilo B. Zadrozny e Otto Huber, que compraram as terras da família Gresvsmuhl. Zadrozny não possuía conhecimento no ramo têxtil, então convidou um hábil tecelão e técnico chamado Otto Huber para começar uma nova empresa. Otto Huber (Austríaco) que havia trabalhado 30 anos na E.I.Garcia, foi convidado por Theophilo B. Zadrozny (nascido em Brusque) e juntamente com outros empregados da Empresa Industrial Garcia, fundaram a Artex S/A. Em 1974 a Artex incorpora a E. I. Garcia, fato marcante na cidade, e posteriormente foi vendida ao Grupo Coteminas em 2000 (Fonte: Adalberto Day).

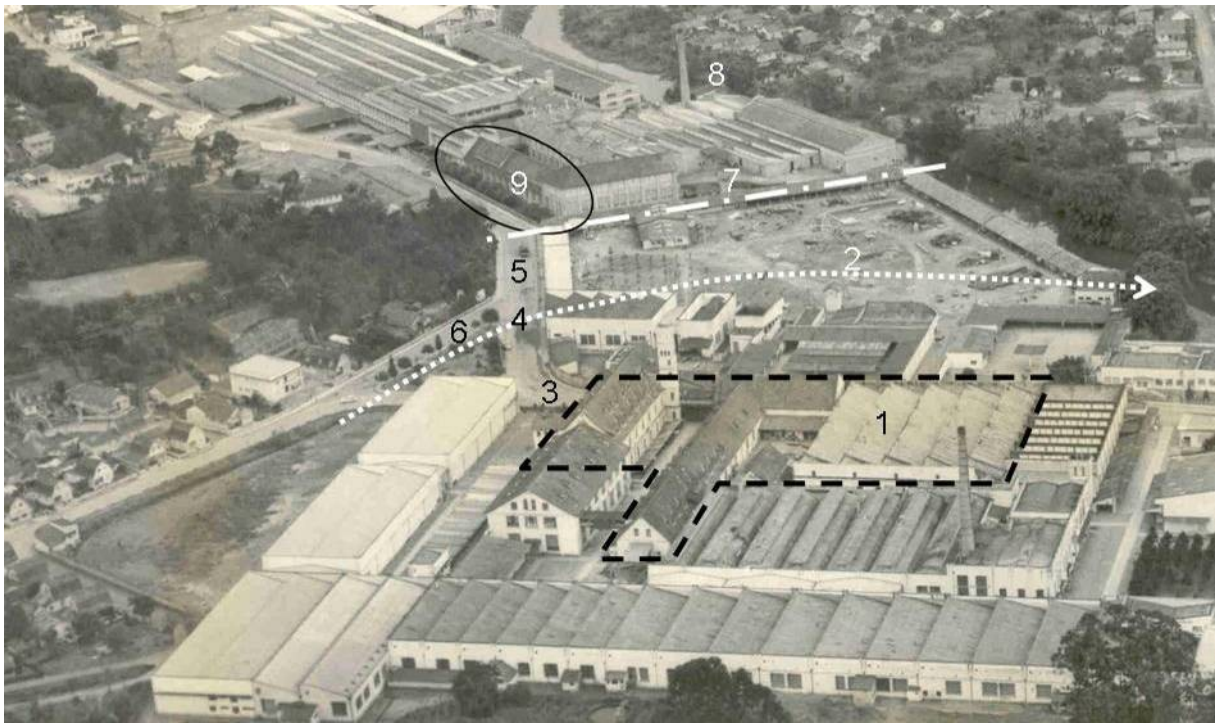


Figura 4.59: Complexo E.I.Garcia-Artex em 1974. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O local de implantação do primeiro edifício fabril da Artex em 1936 foi no início da atual Rua Progresso, praticamente onde em 1865 havia se instalado a primeira fabriqueta têxtil de Blumenau, a "Johann Henirich Grevsmuhl & Cia", na altura de onde ficava o Tapume (8) que represava o Ribeirão Garcia. Conforme demonstrava a figura 4.59, em 1936 o parque fabril da E. I. Garcia já apresentava grandes proporções (1) conforme demonstra a linha pontilhada. A Rua Amazonas (3) terminava na "ponte coberta" (4) sobre o Ribeirão Grevsmuhl (2), onde a direita iniciava a atual Rua Progresso (5) e a esquerda a atual Rua da Glória (6). O primeiro edifício fabril da Artex (9) foi implantado logo após a divisa do terreno entre a E. I. Garcia e a Artex (7) e era feito de cerâmica aparente, o popular "tijolo à vista", fato que vai marcar a arquitetura da empresa e caracterizá-la até os dias atuais.

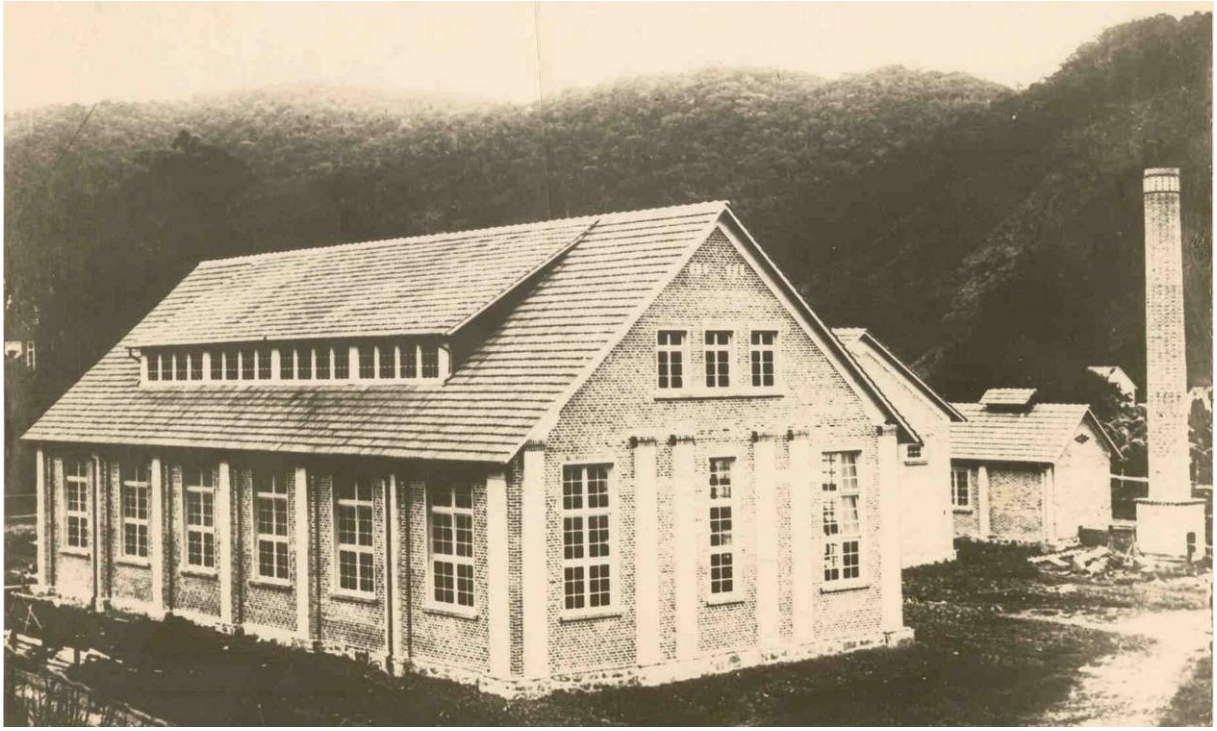


Figura 4.60: Fachada frontal do núcleo fabril inicial da Artex em 1936. Fonte: Adalberto Day.

As figuras 4.60/4.61 apresentam a primeira edificação da Artex em 1936, no início da atual Rua Progresso. A edificação tem a apresentação intermediária, entre uma edificação fabril e uma edificação comercial, devido ao grande número de aberturas dispostas uniformemente por todas as fachadas. O detalhe que a diferencia de uma arquitetura com características mais residencial, como foi o caso da Cia. Hering e o da própria E. I. Garcia, que tinha acabado de construir uma edificação similar, é a cobertura, onde não foram feitas diversas mansardas, apenas uma grande abertura continua.

Figura 4.61: Fachada lateral do núcleo fabril inicial da Artex em 1936. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.62: Edificações de apoio e novos anexos em 1937. Fonte: Adalberto Day.

As ampliações e a construção de novas edificações para o uso fabril foi uma constante durante toda a história da empresa. A figura 4.62 demonstra as diversas edificações que davam apoio ao edifício principal, com destaque para a caldeira à lenha e a primeira chaminé da empresa. Do lado direito, pode-se verificar a construção de novos anexos laterais ao primeiro edifício fabril, onde de um lado o novo anexo apresenta maior imponência, agora sim, com característica de uma arquitetura mais residencial que depois vai se reproduzir nas casas da vila operária da E. I. Garcia construídas nesta mesma época, e do outro lado foi construído um edifico anexo com as mesmas proporções e características do primeiro edifício, como se fosse rebatido. O edifício principal de 1936 e os dois anexos construídos em 1937 já formam uma edificação de grande imponência, não pela sua altura como foi o caso da E. I. Garcia, mas pelo seu comprimento em relação a via principal. O jogo de pequenos volumes, como a diferença entre os telhados, o recuo da cobertura superior sobre a primeira cobertura e os detalhes salientes nas aberturas da fachada principal diferencia o edifício dos demais.

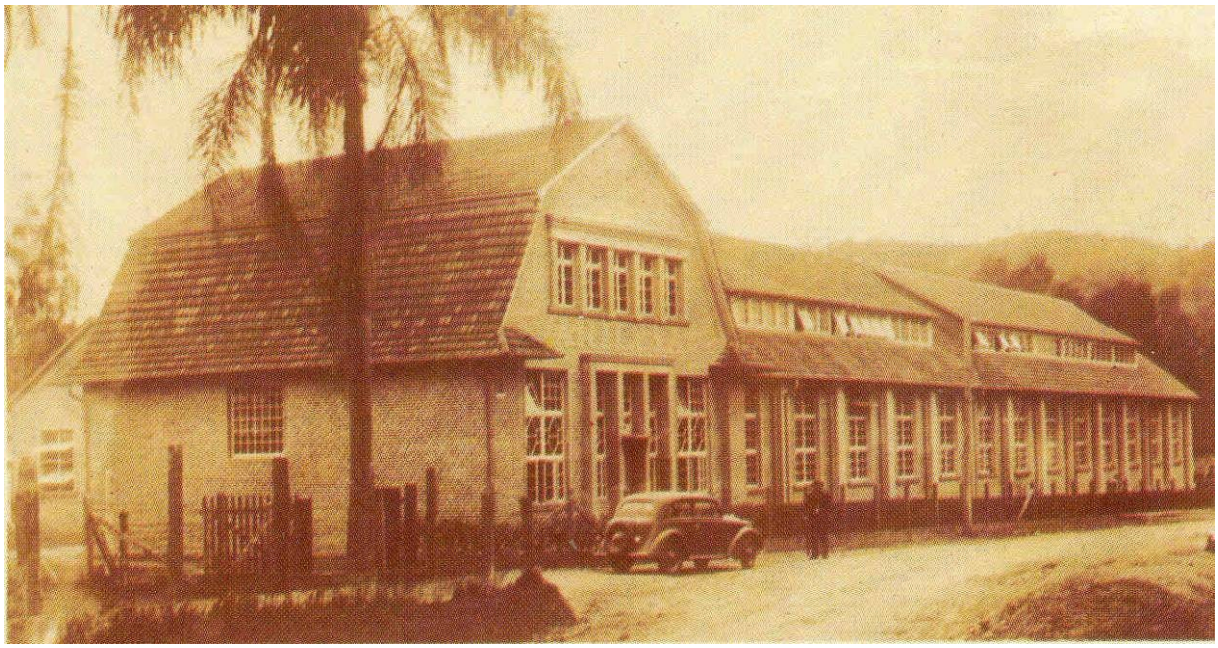


Figura 4.63: Fachada do núcleo fabril inicial da Artex em 1938. Fonte: Adalberto Day.

Com relação às casas populares da vila operária comentado anteriormente, vale destacar que as primeiras residências começaram a ser construídas pela empresa E. I. Garcia a partir da década de 1920. Essas residências eram feitas de madeira, confeccionadas na própria serraria e marcenaria da empresa, que colocava a disposição para o uso de seus funcionários. Vale lembrar que a distância entre o núcleo inicial da empresa e a região central da cidade era bastante longa e o transporte se apresentava ainda de forma precária. Com o desenvolvimento da empresa, fazia-se necessário a construção dessas moradias, tanto para suprir a necessidade local como também para atrair novas famílias de operários, que somente assim poderiam realizar suas atividades. As primeiras unidades foram implantadas na atual Rua da Glória.

Figura 4.64: Rua da Glória na década de 1940. Fonte: Adalberto Day.

As primeiras "casas populares" da "Empresa", como eram chamadas as residências construídas pela E. I. Garcia e oferecidas para o uso de seus funcionários, foram implantadas na atual Rua da Glória, uma via principal, o que demonstrava a importância dada à moradia de seus funcionários. A residência era de madeira, nos mesmos padrões arquitetônicos estabelecidos por toda a cidade na época, sem distinção entre seus ocupantes. Conforme relato de antigos moradores, as residências eram todas iguais, com os mesmos formatos e divisões internas, assim como a fachada externa, que tinham a mesma cor "creme". Possuíam dois pavimentos, sendo que o superior era um tipo de sótão mais elaborado, devido ao formato da cobertura, com aberturas para frente e para trás. No pavimento térreo, aberturas nas fachadas laterais e na fachada frontal um pequeno recuo formava o espaço essencial da sacada.

Figura 4.65: Vila operária na década de 1940. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.65 demonstra a formação da vila operária entre a Rua da Glória e o Ribeirão Grevsmuhl, canalizado, porém a céu aberto. Esta parte da vila operária, com características bem germânicas, desde sua forma de implantação até a vista aérea que remete as vilas germânicas medievais, foi demolida após a incorporação da empresa E. I. Garcia pela Artex para dar lugar a segunda Praça Getúlio Vargas, conforme será visto mais adiante. Na década de 1950 foram construídas novas moradias, com uma arquitetura um pouco mais simples. Casa térrea, com aberturas externas em todas as fachadas, inclusive na fachada frontal, com o volume da sacada construído externamente ao bloco retangular principal.

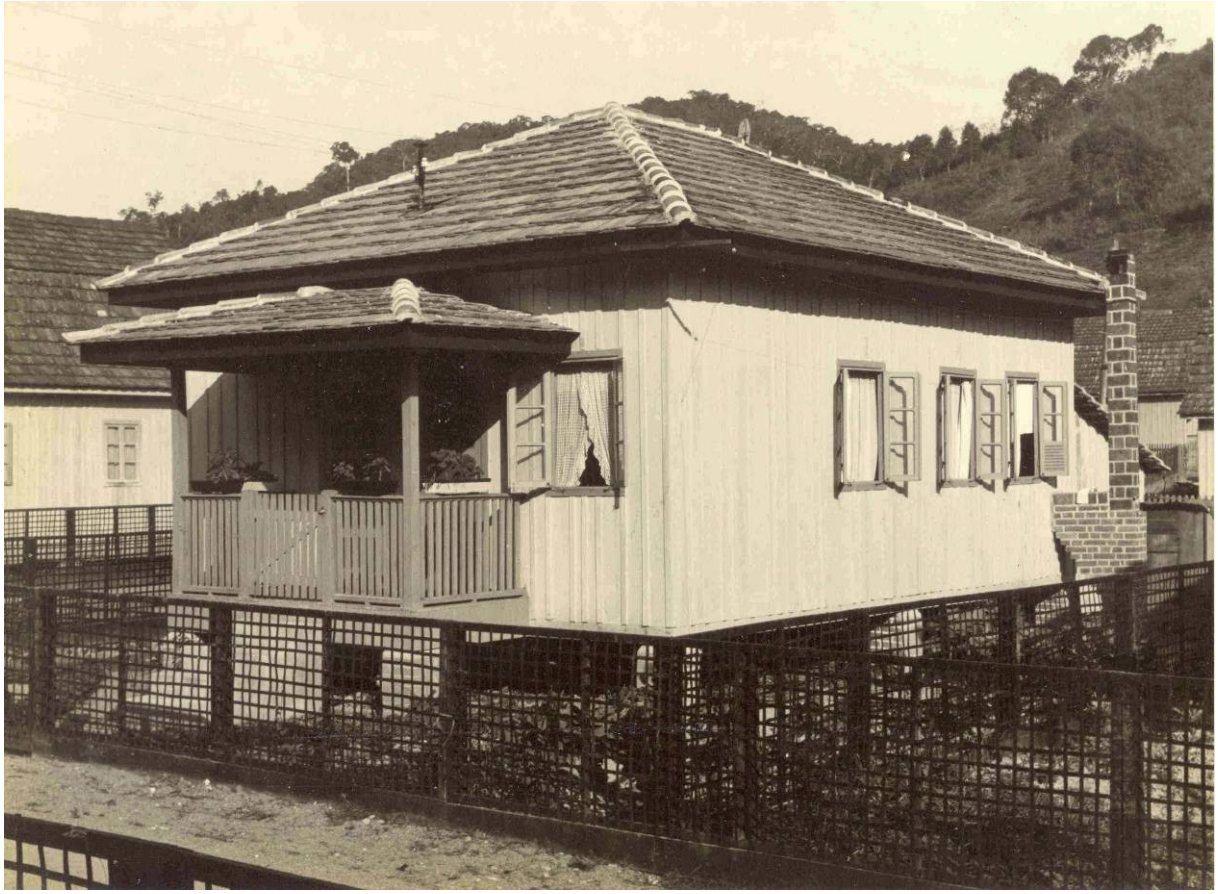


Figura 4.66: Vila operária na década de 1950. Fonte: Adalberto Day.

Além do assistencialismo, que também era uma forma de dominação e controle, materializado significativamente da vila operária, a E. I. Garcia já havia iniciado com os incentivos esportivos, recreativos e culturais desde 1911 com a implantação do campo de futebol e da pequena sede social do futuro Amazonas E. C., que só teve sua fundação oficial em 1919. Todos os jogadores trabalhavam na fábrica ou na cooperativa de consumo.

Figura 4.67: Estádio do Amazonas Esporte Clube em 1964. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.68: Flâmula do Amazonas Esporte Clube e a relação com a E. I. Garcia. Fonte: Adalberto Day.

Em 1929 um fato interessante ocorria na E. I. Garcia, onde o João Medeiros Jr. tocava musica para os funcionários na planta fabril durante o processo produtivo, fato esse que se tornou cultural na empresa e que foi considerado a primeira emissora de rádio de SC, a futura Radio Clube de Blumenau (PRC-4). Por iniciativa popular da comunidade local, apoio da "Empresa" e do poder público foi construído a Escola Paroquial São José em 1929, com a doação de terrenos, materiais e recursos financeiros que posteriormente foram executados sobre a forma de mutirão. Nesse mesmo terreno, ao lado do colégio, foi construído a Igreja Nossa Senhora da Glória em 1942.

Figura 4.69: Escola Paroquial São José na década de 1930. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.70: Igreja Nossa Senhora da Glória na década de 1950 e 1970. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.71: Cooperativa de consumo da E. I. Garcia na década de 1950. Fonte: Adalberto Day.

Em 1944 foi inaugurada a cooperativa de consumo para os funcionários da E. I. Garcia, que facilitava a compra de produtos diversos a preços razoáveis. Além dos benefícios e incentivos oferecidos pela empresa, o bairro do Garcia ganhava força e maior independência em relação à região central da cidade. Um dos grandes empreendimentos que contribuíram para isso, foi a casa de Secos e Molhados da Família Hinkeldey, construída em 1905, que além da Padaria e Confeitaria, Café e Restaurante, foi também uma pousada na década de 1920, depois virou um Salão de Dança e em 1944 foi transformado no famoso Cine Garcia.

Figura 4.72: Secos e Molhados da Família Hinkeldey. Fonte: Adalberto Day.

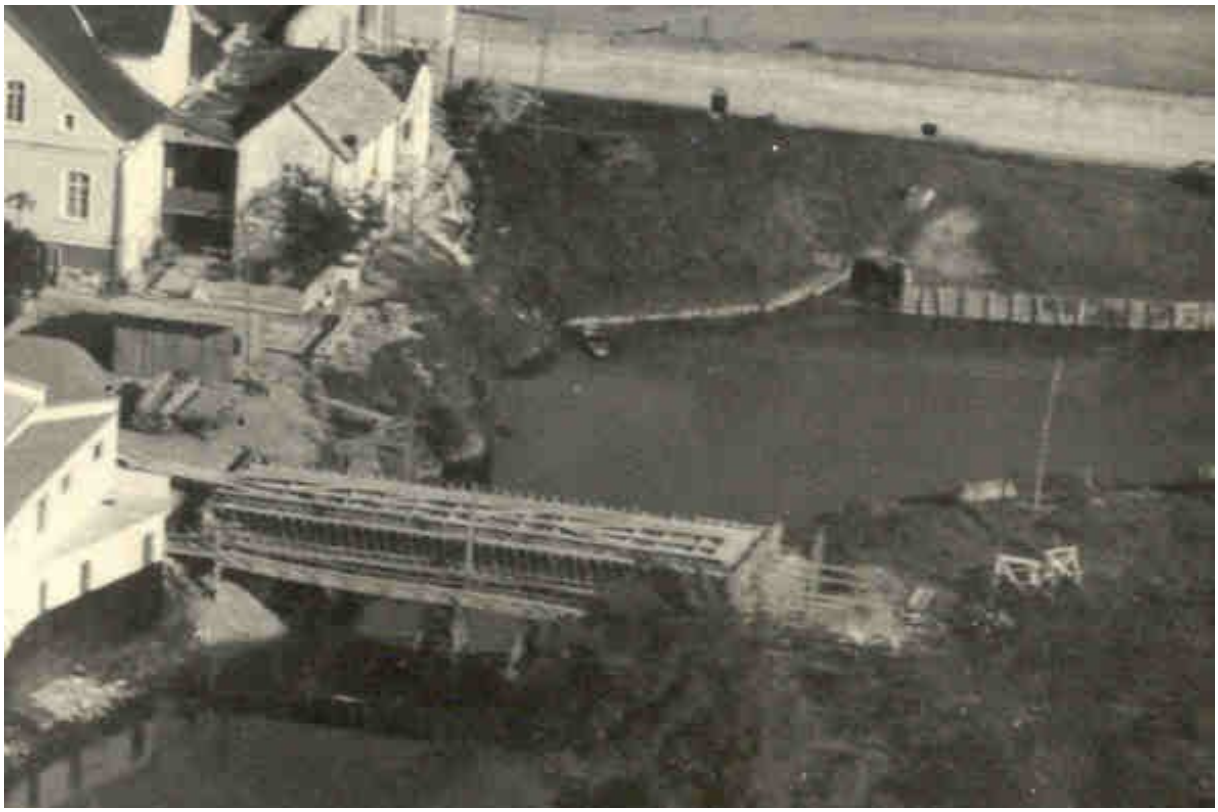


Figura 4.73: Construção da Ponte no final da Rua Emilio Tallmann em 1961. Fonte: Adalberto Day.

Com relação aos investimentos em infra-estrutura ocorridos em função de todo esse desenvolvimento, foi construída em 1961 a Ponte que ligava a Rua Emilio Tallmann à Rua Amazonas, passando ao lado da cooperativa da E. I. Garcia. A figura abaixo demonstra a chegada ao conjunto fabril pela Rua Amazonas, já asfaltada nesse período, com a fábrica têxtil à esquerda e a cooperativa à direita.

Figura 4.74: Rua Amazonas na década de 1960. Fonte: Adalberto Day.

Ainda na década de 1960, a "Empresa" canalizou e aterrou parte do Ribeirão Grevsmuhl que passava em seu terreno e com o apoio do poder público foi construída a primeira Praça Getúlio Vargas, onde anteriormente se localizava o primeiro Hotel da Empresa e a famosa "ponte coberta". Essa praça na verdade nunca teve função de praça, pois assim como as demais "praças" na cidade de Blumenau, servia simplesmente como uma rótula para organizar o fluxo de veículos entre as ruas Amazonas, Progresso e Glória, fazendo também a demarcação exata da divisão dos bairros do Garcia, Progresso e Glória.

Figura 4.75: Praça Getulio Vargas na década de 1960. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.75 demonstra o local onde foi implantada a primeira Praça Getúlio Vargas, com o parque industrial à direita. Na praça o Ribeirão Grevsmuhl foi canalizado, porém ficava a céu aberto, não sendo aterrado. Além do conjunto fabril de grande imponência voltado para a rua principal, outros fatores essenciais para a dinâmica urbana estão presentes nesta figura, como a torre do apito que determinava alguns horários de maior movimento, como a troca de turno dos funcionários, horário das refeições, pausas e acontecimentos importantes. No primeiro plano aparece uma das casas populares localizadas no início da atual Rua da Glória, que demonstra a interdependência entre a residência e o trabalho, entre a empresa e o funcionário. Para complementar esse cenário, aparece também um "papa-fila", o transporte coletivo utilizado pelos funcionários que ainda não moravam na vila operária.

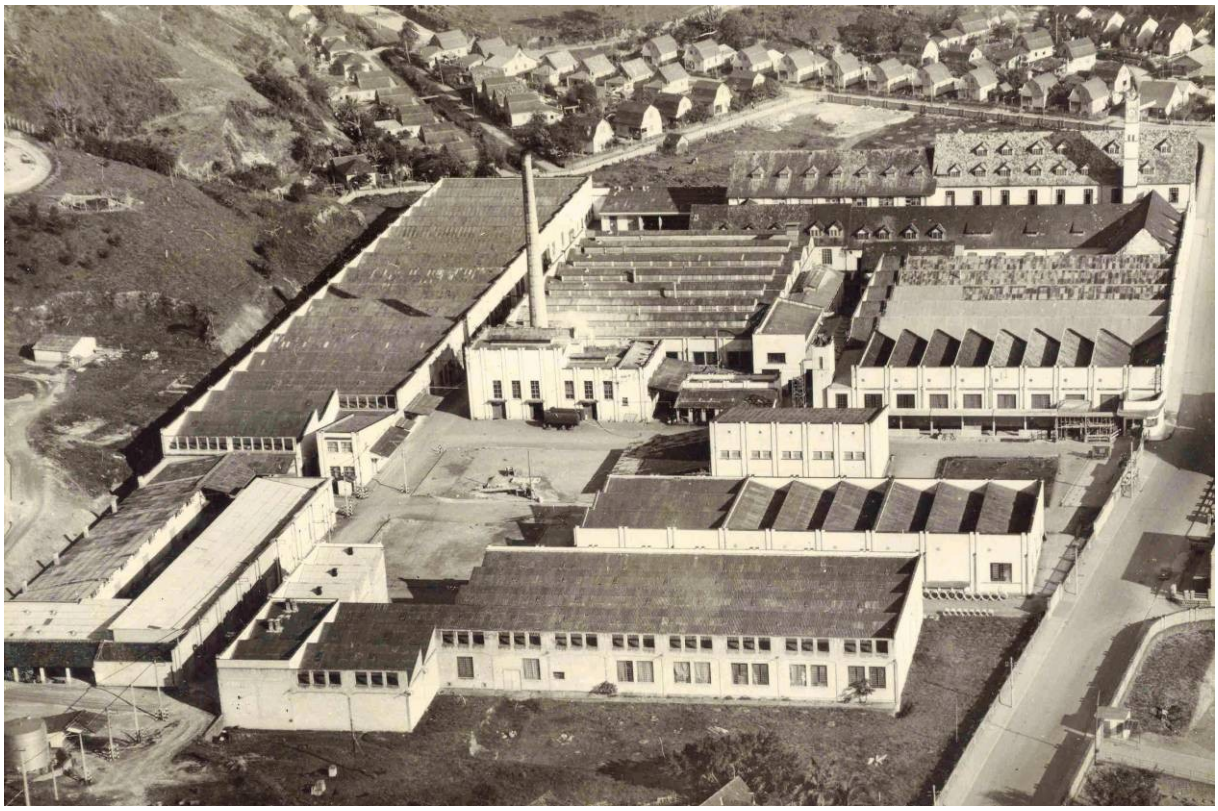


Figura 4.76: Parque Fabril da E. I. Garcia na década de 1960. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.76 demonstra o parque fabril da E. I. Garcia localizado na margem esquerda da Rua Amazonas. Na imagem verifica-se a presença de espaços livres entre as edificações fabris, que posteriormente serão ocupados por anexos e ampliações até chegar a saturação dessa parte do parque fabril. A técnica construtiva predominante das edificações é aquela mesma utilizada nas ampliações do setor da fiação da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro, construções mais racionais e com implantações que podem receber anexos nas laterais devido a grande entrada de iluminação (e ventilação) natural através da cobertura "dente de serra". O edifício que faz o fechamento da fachada também lembra bastante as primeiras edificações da Cia. Hering, com uma arquitetura de caráter mais residencial do que fabril e a utilização de mansardas na cobertura com grande inclinação. Ao fundo da imagem aparecem as casas populares que a empresa fornecia para seus funcionários ao longo da atual Rua da Glória e no quarteirão em forma de triângulo, que na imagem aérea demonstra aspecto de uma vila medieval germânica, que posteriormente foi sacrificada para dar lugar a segunda Praça Getúlio Vargas após a incorporação da empresa E. I. Garcia pela Artex. Além da torre do apito, que demarcava a vida cotidiana local, a chaminé tinha uma altura muito maior que as demais empresas locais, o que a tornava elemento de referência e marco visual do bairro todo.

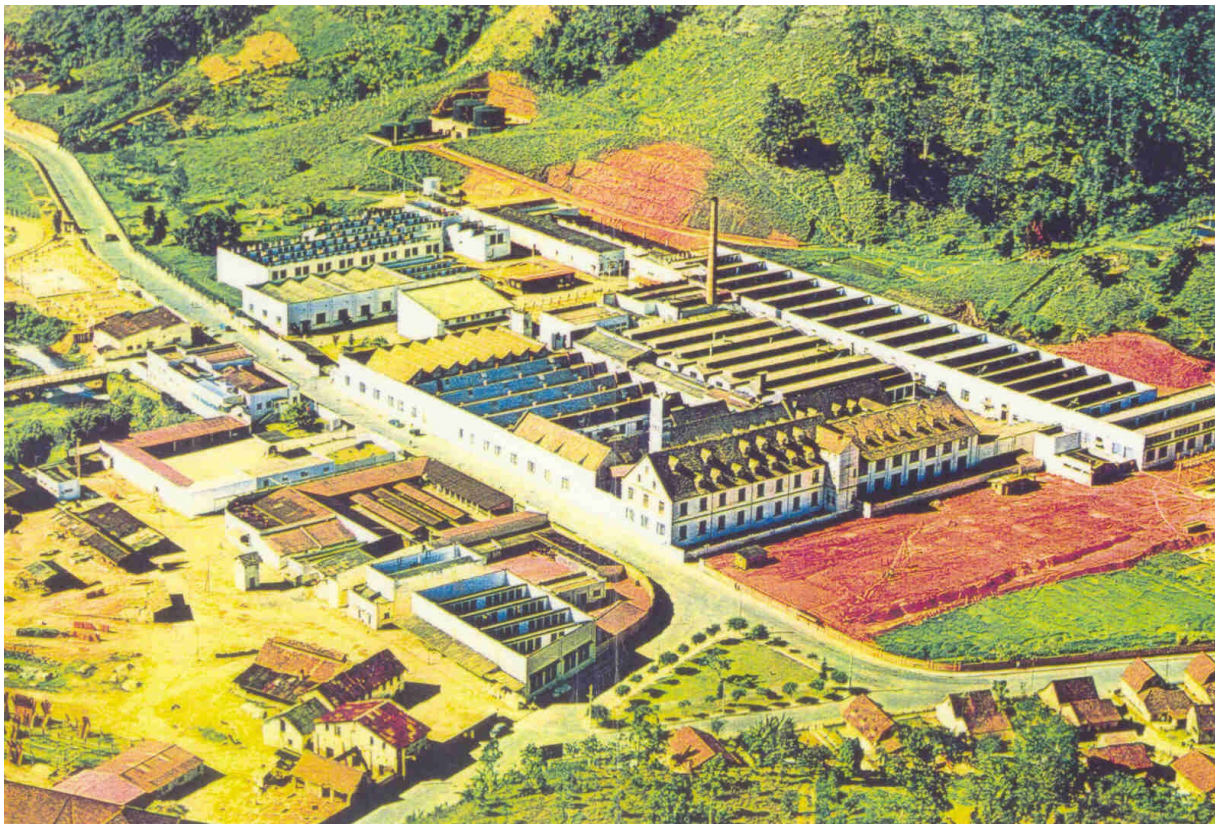


Figura 4.77: Complexo urbano-industrial da E. I. Garcia em 1967. Fonte: Adalberto Day.

A figura 4.77 apresenta o complexo urbano-industrial da E. I. Garcia em 1967 conforme já foi descrito anteriormente. Esta foi a imagem que foi utilizada para representar a importância da empresa no espaço urbano do Garcia em 1968, ano em que se comemorou o seu Centenário, provando que a data de fundação da "Johann Henirich Grevsmuhl & Cia" em 1868 realmente foi considerada pela sociedade local.

Figura 4.78: Placas e medalhas da comemoração dos 100 anos da E. I. Garcia em 1968. Fonte: Adalberto Day.

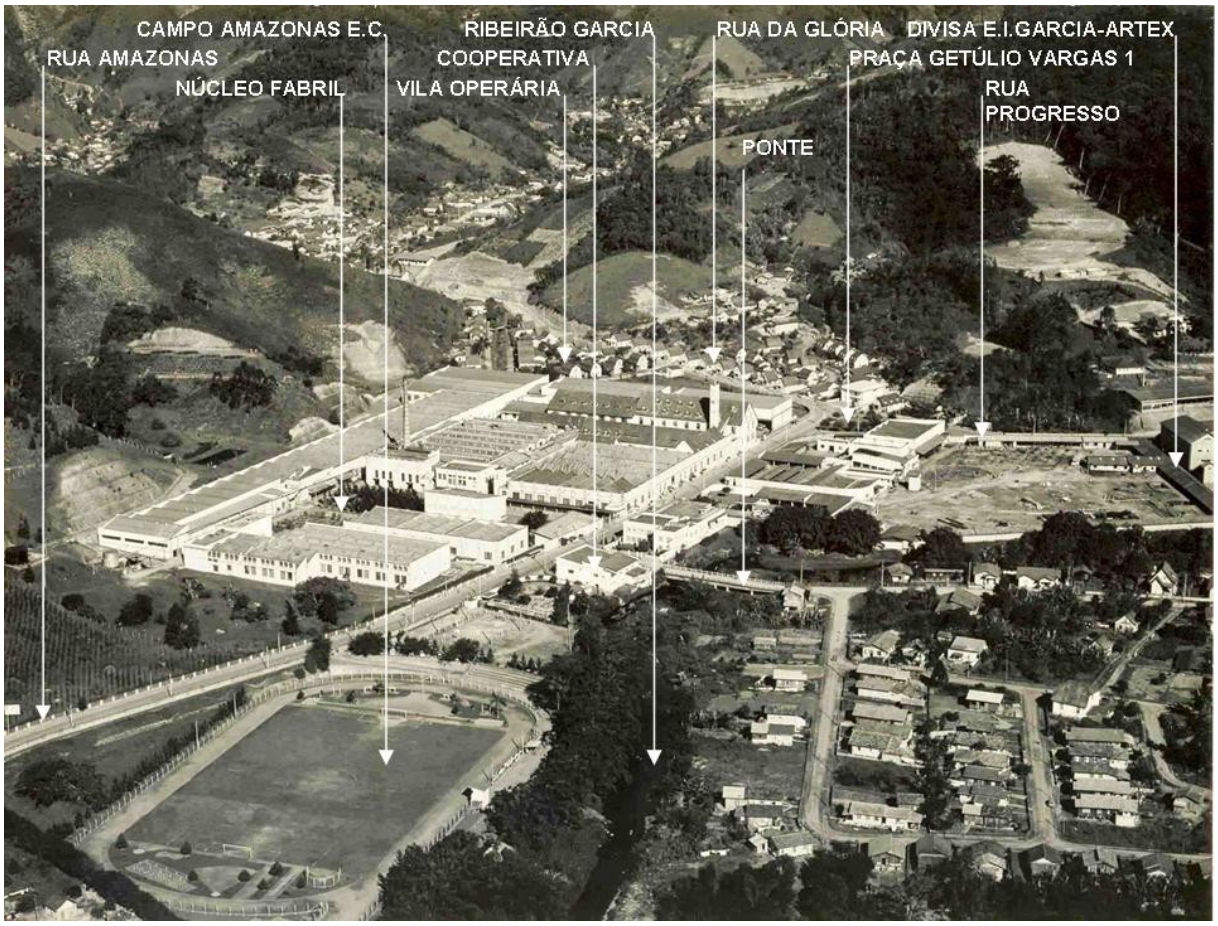


Figura 4.79: Complexo urbano-industrial em 1970. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.79 demonstra todo o complexo urbano-industrial da E. I. Garcia em 1970, onde é possível verificar, além do núcleo fabril da E. I. Garcia concentrado à esquerda da Rua Amazonas, diversas intervenções urbanas de significativa importância no espaço do Garcia. Fazendo um percurso pelas principais avenidas, chegando da região central da cidade para o complexo urbano-industrial do Garcia, o campo do Amazonas E. C. ficava à direita, numa baixada entre a Rua Amazonas e o Ribeirão Garcia. Prosseguindo um pouco, era possível avistar o núcleo fabril da E. I. Garcia à esquerda e a cooperativa de consumo dos funcionários à direita da Rua Amazonas (figura 4.71). Na esquina da cooperativa, era possível ter acesso a Rua Emilio Tallmann através da ponte sobre o Ribeirão Garcia construída em 1961 (figura 4.73). Prosseguindo pela Rua Amazonas, temos a fachada principal da E. I. Garcia, com seu prédio mais antigo fazendo o fechamento da perspectiva junto à torre do apito, que ainda possuía um relógio (figura 4.80). Ao final da rua, havia a primeira Praça Getúlio Vargas, que dividia o fluxo para a Rua da Glória à esquerda e Rua Progresso à direita. Na Rua da Glória ficavam as casas populares, que chegaram a 240 unidades, dispostas uniformemente à direita (figura 4.81) ao longo da via principal e havia uma concentração da vila operária à esquerda. Na Rua Progresso, após uns 150 metros, começava o parque industrial da Artex (figura 4.82).

Figura 4.80: Fachada principal da E. I. Garcia em 1971. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.81: Cartão postal mostrando a Vila operária da E. I. Garcia em 1971. Fonte: Adalberto Day.

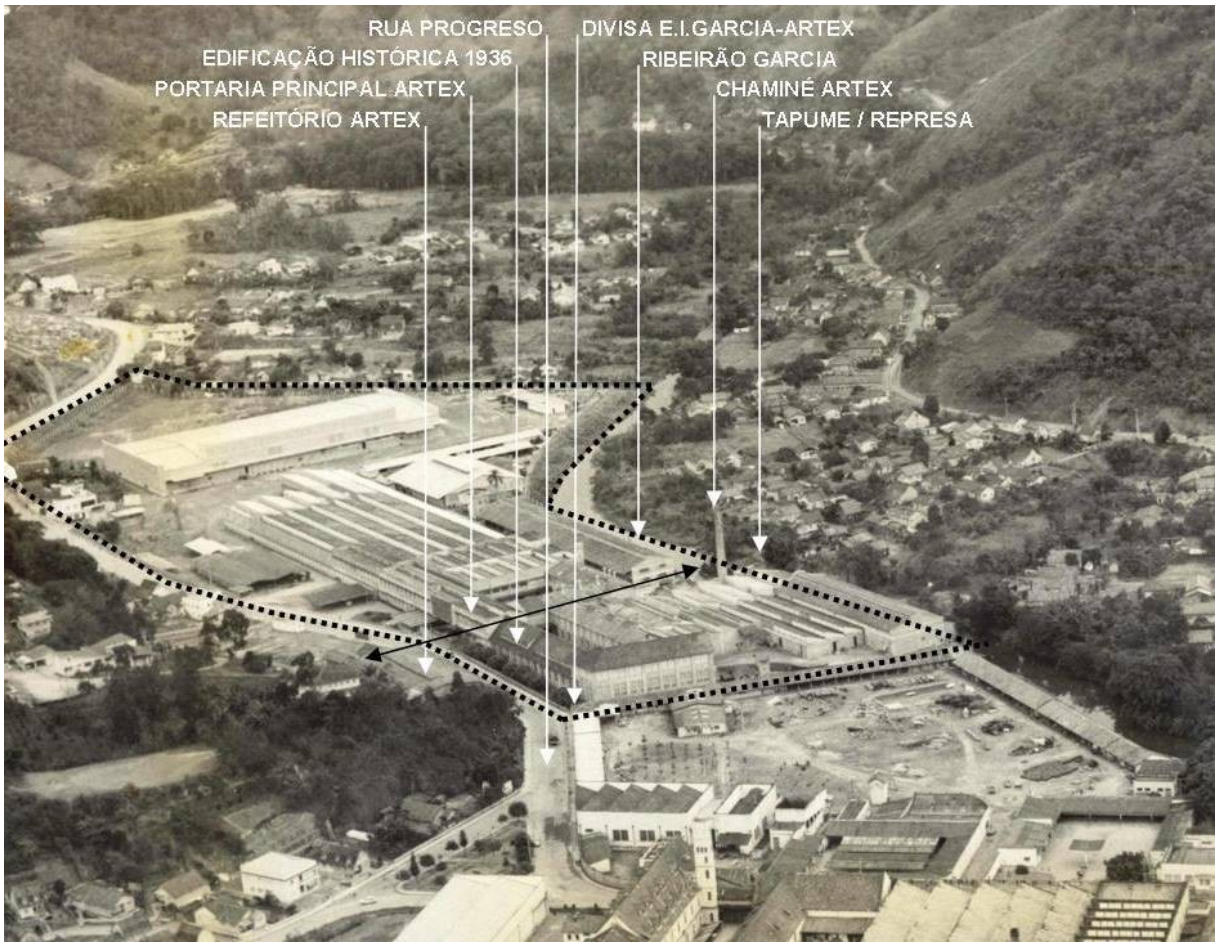


Figura 4.82: Complexo industrial da Artex em 1970. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.82 demonstra todo o complexo urbano-industrial da Artex S/A em 1970, onde saindo da Praça Getúlio Vargas em direção ao bairro Progresso, através da Rua Progresso, a primeira perspectiva olhando reto é justamente o primeiro edifício da Artex construído em 1936. Esse edifício faz a marcação do início do complexo fabril, onde logo em seguida se situa a portaria principal da empresa. Essa portaria principal é marcada por uma marquise que avança sobre o acesso dos funcionários e sobre essa marquise fica um retângulo com elementos vazados que funciona como um *outdoor* da empresa (figura 4.83). Em frente a portaria principal fica a subida para a cantina, onde a primeira fabriqueta têxtil de Blumenau foi implantada em 1868, justamente entre a portaria principal e a cantina. Na figura acima, o eixo desenhado faz a ligação desses espaços históricos, que são permeáveis no nível térreo, funcionando como uma via de circulação principal entre a subida para a cantina, o espaço da antiga fabriqueta, entrando no complexo fabril pela portaria principal e redistribuindo o fluxo para as vias de circulação secundárias, que se iniciam perpendicularmente à via de circulação principal, e vai em direção ao "tapume" que represava o Ribeirão Garcia, passando antes pela grande chaminé, que é um elemento importante tanto funcionalmente como simbolicamente.

Figura 4.83: Portaria principal da Artex na década de 1970. Fonte: Adalberto Day.

A portaria principal da Artex, como era conhecida a entrada dos funcionários, ficava localizada na Rua Progresso ao lado do primeiro edifício da empresa. Para não ser uma construção muito impactante, pois ficava ao lado do edifício histórico de 1936, foi construído com estrutura de concreto armado aparente, aberturas longitudinais por toda a extensão e fechamento em alvenaria cerâmica aparente, conhecida popularmente como "tijolinho à vista", que é exatamente o elemento que vai fazer a relação com o edifício histórico que também possui fechamento em alvenaria cerâmica aparente. O gabarito de altura é respeitado de acordo com a altura da edificação já existente, a arquitetura é moderna e funcional e os elementos que dão destaque ao edifício e fazem a marcação deste como elemento principal são elementos sutilmente projetados propositalmente para isso, como o retângulo vazado que permite uma certa transparência entre o edifício e o ambiente externo, e o que reforça e condiciona o fluxo principal é uma marquise feita na escala do pedestre, pois essa marquise se projeta para fora do edifício, passa por debaixo dele e avança para dentro do parque fabril.

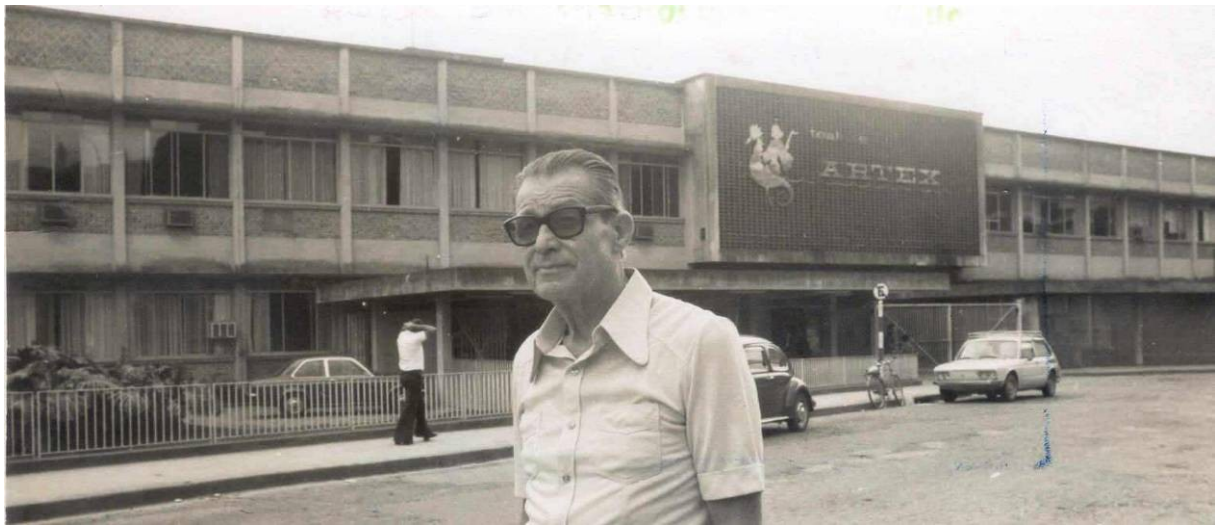


Figura 4.84: Portaria principal da Artex na década de 1980. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.85: Refeitório da Artex em 1986. Fonte: Adalberto Day.

Em frente à portaria principal ficava a cantina construída em 1963, que servia também como refeitório e local para eventos culturais como apresentações teatrais, formaturas, festas, bailes tradicionais e em setembro a eleição da Rainha da Primavera da empresa. Na figura acima ainda é possível ver o antigo palco das apresentações. Em 1970 a Artex comprou o antigo campo do Niterói (moradores da R. Emilio Tallmann), anteriormente conhecido como pasto do Sr. Bernardo Rulenski, que depois pertenceu ao América (time dos funcionários da Artex) e em 1971 fundou a A.D.R. Artex (Fonte: Adalberto Day).

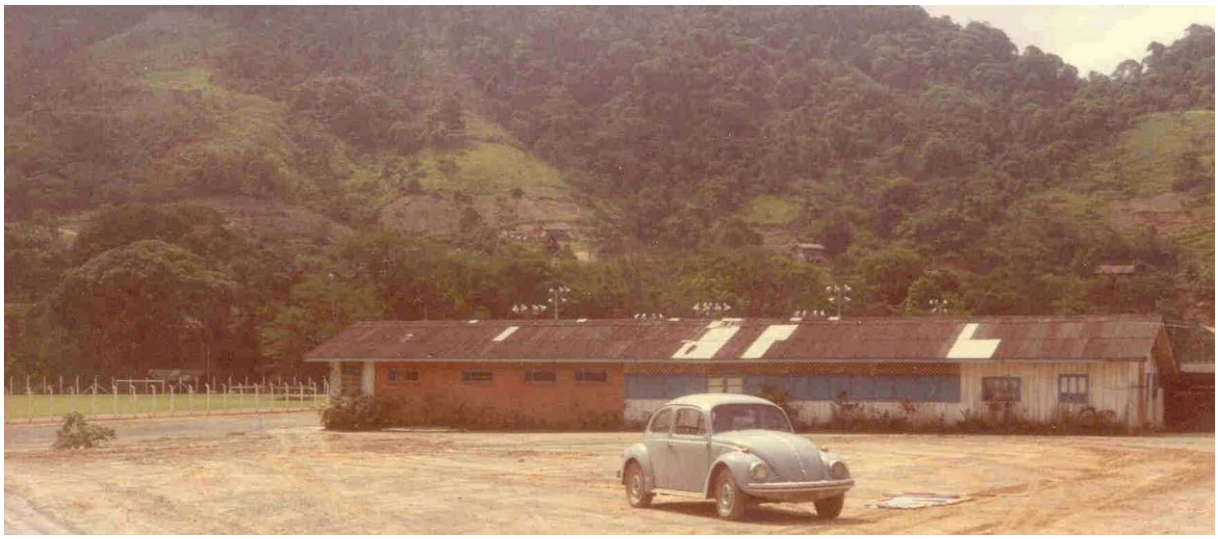


Figura 4.86: Salão e campo da A.D.R. Artex na década de 1970. Fonte: Adalberto Day.

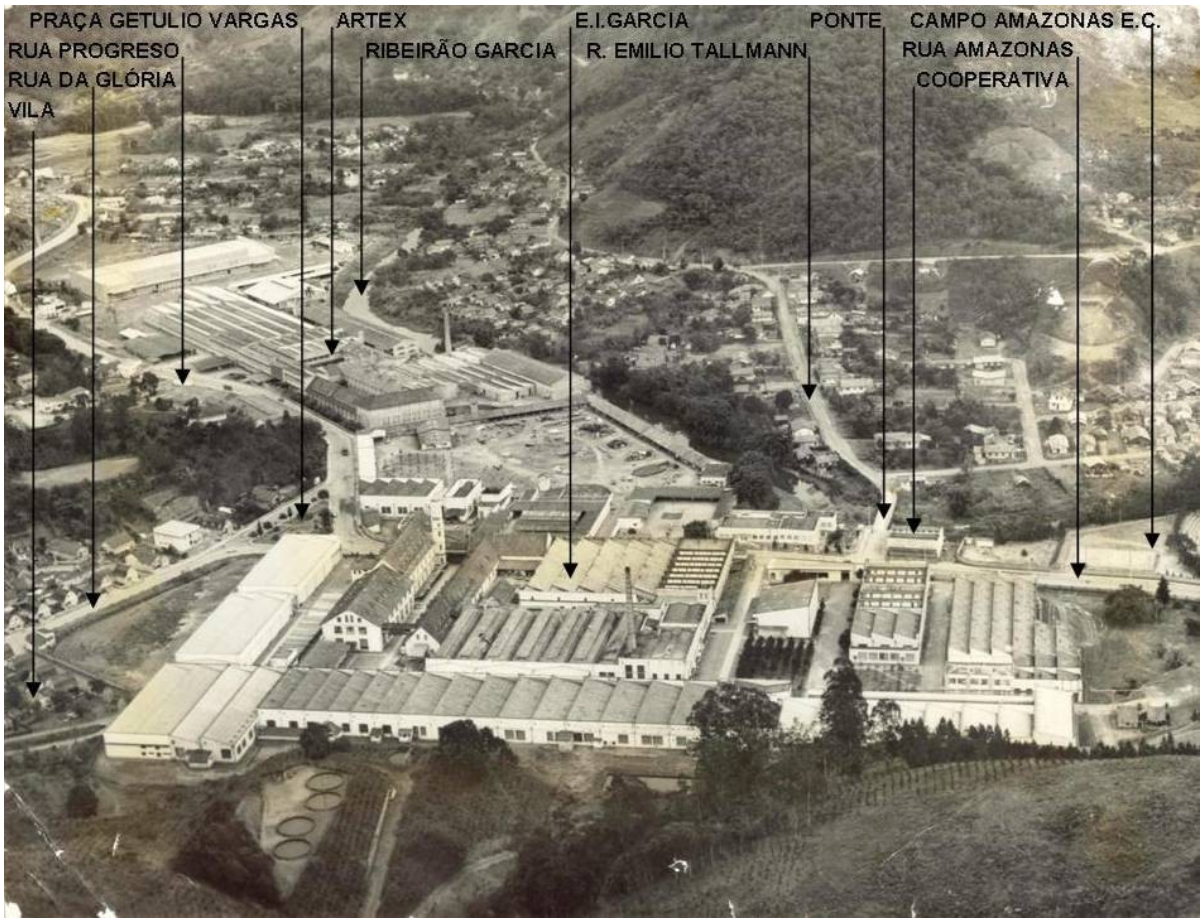


Figura 4.87: Incorporação da E.I.Garcia pela Artex em 1974. Fonte: A. Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.87 demonstra a incorporação da E. I. Garcia pela Artex em 1974. Os espaços assinalados sofreram as maiores transformações, que causaram grande impacto na vida urbana e social dos moradores locais, por diversos fatores que serão abordados a seguir. A Rua Amazonas vai sofrer alteração no seu trajeto, já que após a incorporação e fusão das empresas não deveria mais passar por dentro do parque fabril, que foi unificado para facilitar o processo produtivo. O campo de futebol do Amazonas seria aterrado e os funcionários passariam a utilizar as dependências da A.D.R. Artex. Com a alteração do traçado da Rua Amazonas e a incorporação do espaço do campo de futebol para o parque fabril, a ligação com a Rua Emilio Tallmann feita pela ponte seria um empecilho às atividades produtivas. Com isso, foi construída uma nova ponte, ao lado do antigo campo do Amazonas para se fazer o acesso a Rua Emilio Tallmann, destruindo posteriormente a antiga ponte. E para não permitir mais nenhum aceso ao parque fabril, a cooperativa de consumo foi transferida para a Rua da Glória. Com o novo traçado da Rua Amazonas, aquele antigo triângulo que ficava boa parte da vila operária foi transformado em uma segunda praça-rótula com o mesmo nome de Getúlio Vargas. Como se já não bastasse todos esses prejuízos para a dinâmica urbana local, a E.I.Garcia/Artex simplesmente se apropriou do espaço da primeira Praça Getúlio Vargas.

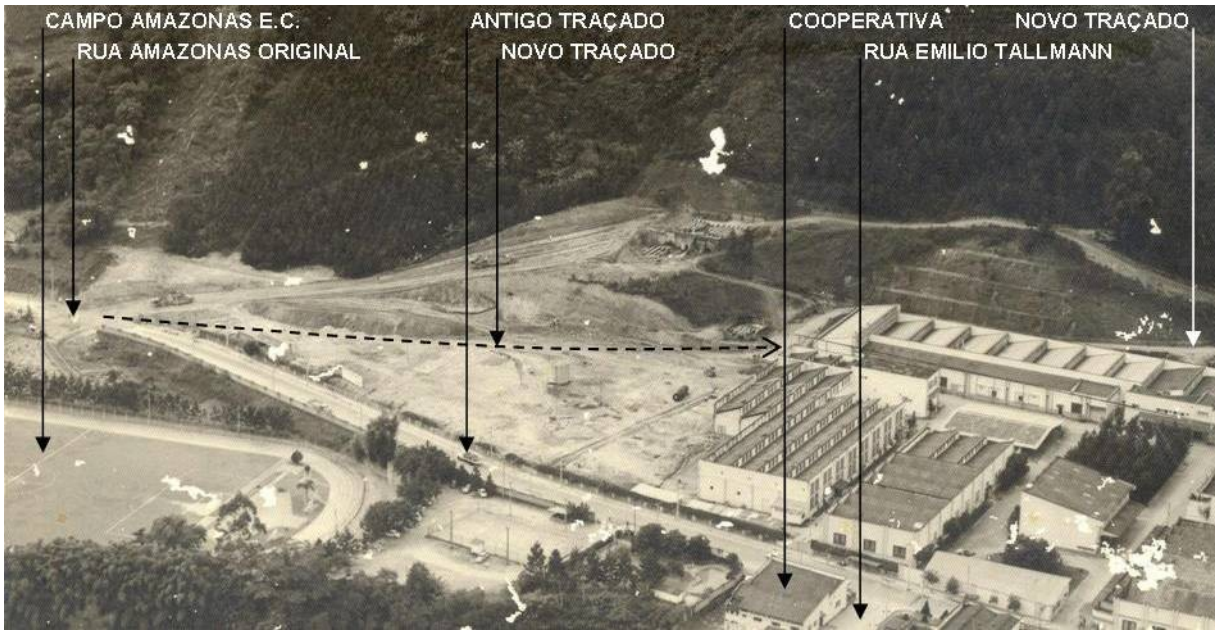


Figura 4.88: Execução do novo traçado da Rua Amazonas em 1974. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.88 demonstra parte da execução obra de desvio do traçado original da Rua Amazonas, em que a parte do antigo traçado acabou sendo incorporada ao parque fabril da empresa, que por sua vez ofereceu parte de seu terreno para a construção do novo traçado. É considerada até hoje, por alguns moradores do local que presenciaram a execução da obra, como a maior obra executada em Blumenau devido a enorme quantidade de movimentação de terra ocorrida naquele espaço. Na figura pode-se perceber a grande quantidade de cortes no terreno natural, principalmente nas bases dos morros, com inclinação menor. Isso pode também justificar parte dos deslizamentos ocorridos recentemente, já que os morros foram cortados em ângulos muito maiores do que 45º, chegando a locais em que a inclinação chega muito perto dos 90º, além de serem bem na base de sustentação dos morros, o que agrava a situação ainda mais. Toda essa terra retirada para abrir espaço para a construção do novo trajeto da Rua Amazonas, e muita terra a mais do que o necessário também foi retirada nesse momento, para aterrar toda a baixada do campo do Amazonas E. C. até o Ribeirão Garcia e nivelar todo o parque industrial da empresa. Com relação ao antigo traçado, foi totalmente incorporado ao parque fabril, fazendo com que a empresa transferisse a cooperativa de consumo para a Rua da Glória e fosse feito um novo acesso para que os moradores da Rua Emilio Tallmann e região tivessem acesso ao outro lado do Ribeirão Garcia. Esse novo acesso foi feito através de uma nova ponte localizada ao final do campo do Amazonas, que por sua vez, foi incorporado ao parque fabril e as atividades de esporte foram transferidas para a A.D.R. Artex.

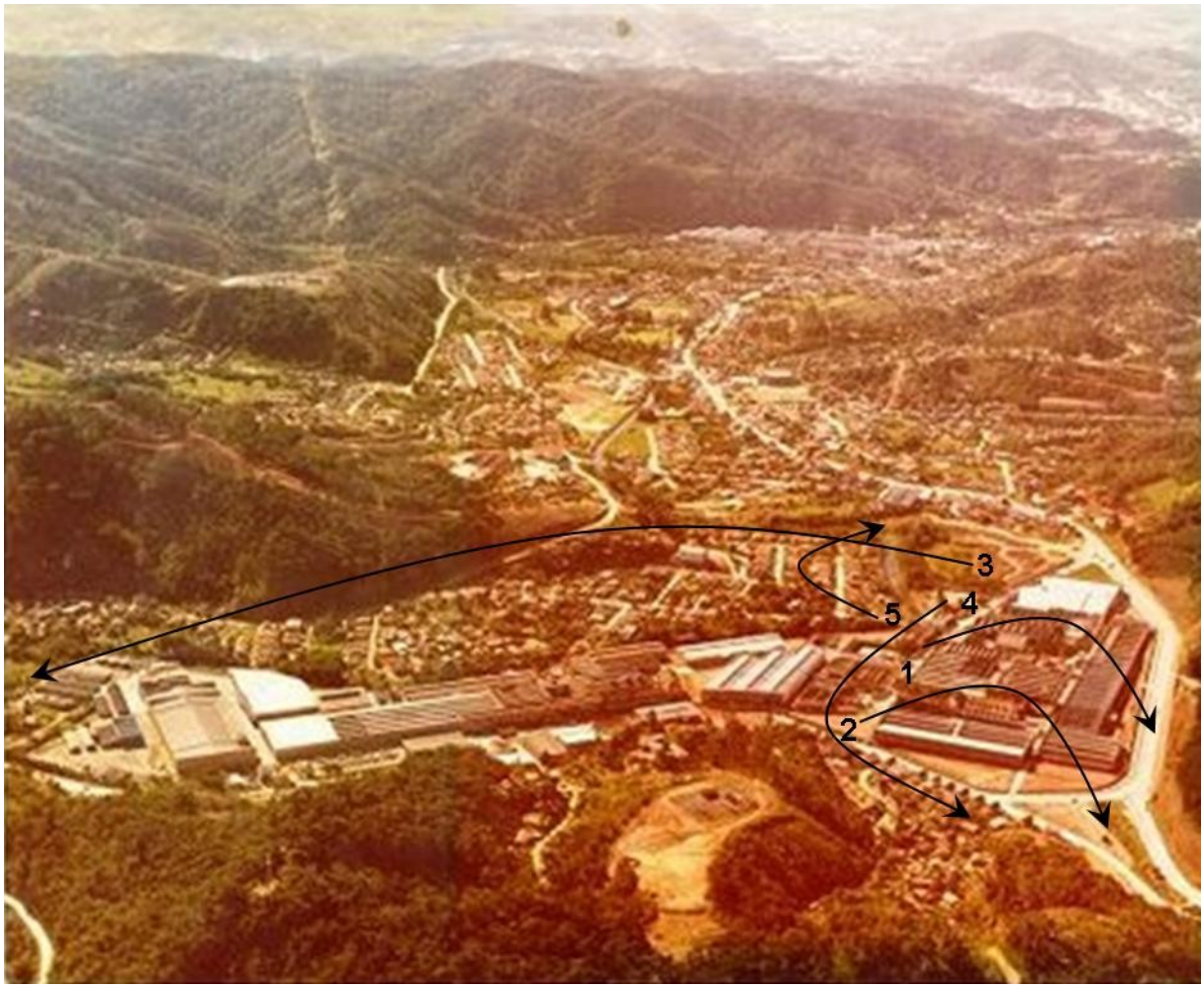


Figura 4.89: Intervenções urbanas no Garcia em 1978. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Após incorporação da E. I. Garcia pela Artex., diversas alterações e novas intervenções urbanas ocorreram neste espaço. A figura acima consegue demonstrar todo o Vale do Garcia, o que ajuda a compreender melhor as intervenções urbanas anteriormente já citadas. Para facilitar a compreensão dos fatos expostos, foram numeradas as cinco maiores intervenções e que causaram maiores impactos na vida dos moradores locais e na dinâmica urbana do bairro. O número 1 está mostrando o antigo traçado da Rua Amazonas, que foi incorporado ao parque fabril, e para onde foi deslocado o novo traçado, inclusive demonstrando a situação de cortes com inclinações mínimas na base dos morros. O número 2 demonstra o espaço da primeira Praça Getúlio Vargas, que também foi incorporado ao parque fabril, e onde foi construída a nova Praça Getúlio Vargas, com a característica peculiar de todas as praças da cidade de ser uma praça-rótula, exatamente no local onde ficava boa parte da vila operária. O número 3 é o espaço onde ficava o campo do Amazonas, que também foi incorporado ao parque fabril, e para onde foram deslocadas as atividades de esporte, lazer e cultura, a A.D.R. Artex, exatamente do lado oposto do complexo industrial. O número 4

demonstra a antiga cooperativa de consumo, que foi transferida para a Rua da Glória, em frente à nova Praça Getúlio Vargas. O número 5 é o local da antiga ponte que ligava a Rua Emilio Tallmann à Rua Amazonas, que após as incorporações dos espaços do antigo campo do Amazonas e de parte da própria Rua Amazonas, foi desativada e destruída para não oferecer mais nenhum tipo de acesso. Foi construída então uma nova ponte, um pouco mais distante para quem observa somente o detalhe da distância no Ribeirão Garcia, porém, muito mais distante para quem observa a totalidade do percurso a ser feito na totalidade do Vale.

A figura 4.90 faz uma simulação sobre os percursos realizados antes e após essas intervenções urbanas. Um funcionário que morava na Rua Emilio Tallmann (1), por exemplo, que utilizava a antiga ponte existente para fazer suas compras na antiga cooperativa de consumo dos funcionários (2) ou utilizava ainda o antigo traçado da Rua Amazonas para realizar suas atividades esportivas e sociais no antigo campo do Amazonas E.C. (3), agora necessita utilizar a nova ponte construída (4) até chegar à Rua Amazonas, onde necessita fazer todo o novo percurso (5) para fazer suas compras na nova cooperativa (6), entrar na portaria principal (7) ou realizar suas atividades esportivas e sociais na A.D.R. Artex (8).

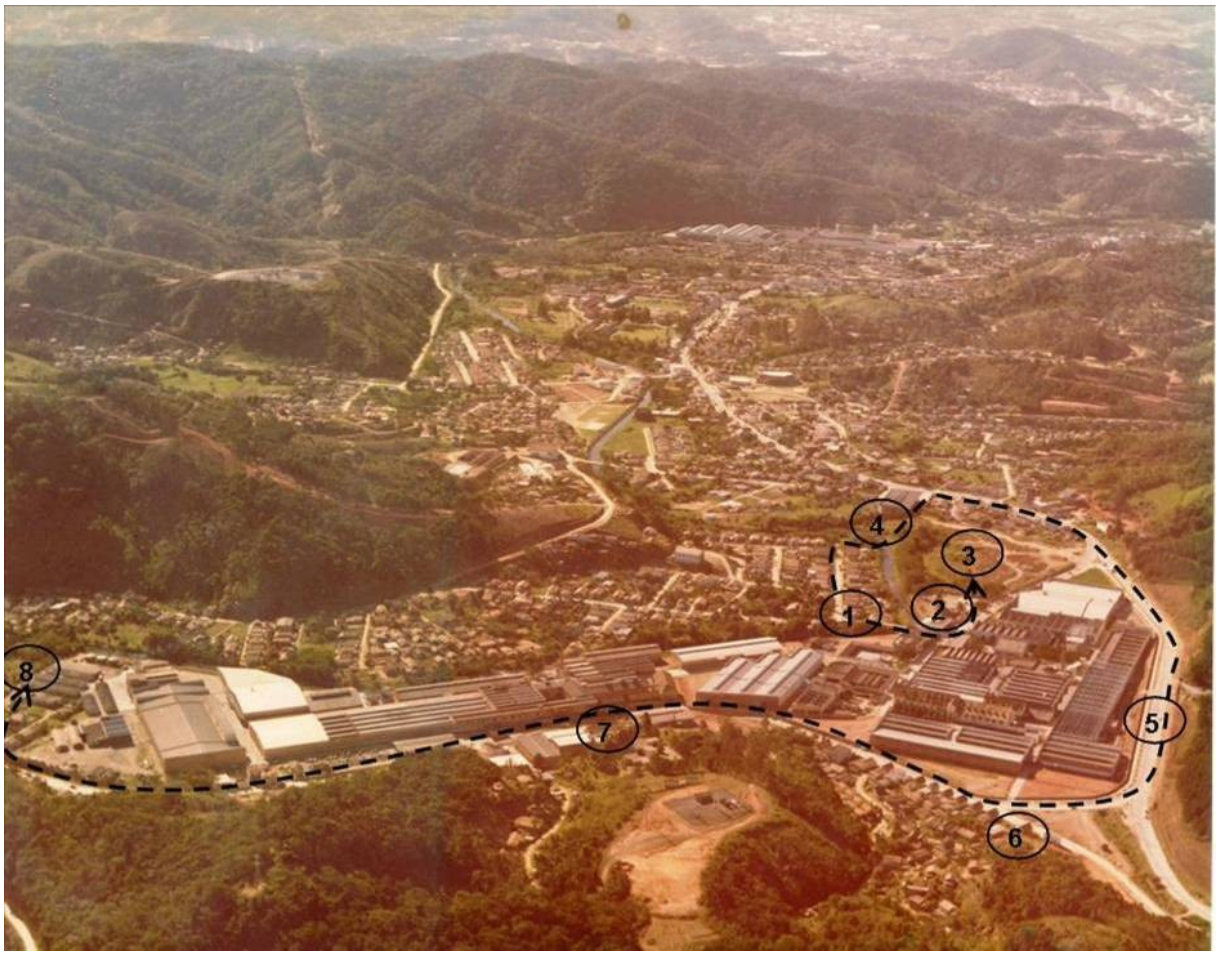


Figura 4.90: Percursos no complexo industrial em 1978. Fonte: Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

4.4. O espaço urbano de concentração industrial da Itoupava Seca

A segunda fase da industrialização de Blumenau ocorreu no período entre guerras (1915-1945) e se espacializou principalmente na região da Itoupava Seca, próximo ao núcleo central inicial, como se fosse uma continuação ou uma expansão desse núcleo, onde ocorreram os maiores investimentos particulares e do governo em infra-estrutura, como a pavimentação das vias existentes, a geração de energia elétrica na proximidade e a introdução da malha ferroviária exatamente neste local, que foi um grande vetor de desenvolvimento. Nessa lógica de implantação, perde-se a relação cultural entre o estabelecimento de produção fabril e o ambiente natural. No primeiro processo de industrialização existiu toda uma forma peculiar de apropriação desse ambiente natural por parte dos empresários imigrantes, que ainda estavam se adaptando às condições e ao ambiente encontrado, para a formação de uma nova cultura, diferente à do país de origem. Essa forma de apropriação do ambiente natural encontrado, mediado pelas técnicas existentes e adaptadas ao local, contribuiu para fixar essa nova cultura teuto-brasileira. Ao contrário então, das paisagens culturais resultantes dessa relação entre estabelecimento industrial e ambiente natural do primeiro período de industrialização, o espaço urbano onde se implantaram a maioria das empresas do segundo período de industrialização não caracterizou uma identidade especifica. No primeiro período cada empresa estava isolada em um bairro e houve industrialização e urbanização simultaneamente, dominando o ambiente natural. No segundo período as empresas se localizaram concentradas, uma próxima da outra, no "Centro expandido" da cidade, já com certa urbanização, utilizando energia elétrica em vez de energia hidráulica, a água do Rio em vez de a água do Ribeirão e utilizando mão-de-obra dispersa em vez de local, contando ainda com a possibilidade de utilização do sistema ferroviário implantado no local.

Importantes empresas têxteis ainda existentes foram fundadas nesse espaço, como as empresas Altenburg em 1922 e Cremer em 1935. A Teka foi fundada em 1926, porém do outro lado do Rio Itajaí-Açu, mas estava diretamente ligada com esse espaço através de uma balsa que fazia a travessia. Além dessas empresas têxteis, empresas de outros setores foram fundadas neste mesmo espaço ou ao longo da Rua São Paulo, que se iniciava no final da Rua XV de Novembro e terminava no trevo da antiga "Gaitas Hering", de onde se iniciava a atual Rua Bahia, paralelamente aos percursos do rio e da ferrovia. Em ordem cronológica, a Fábrica de Gaitas Alfredo Hering S/A e a Fábrica de Chocolates Saturno S/A fundadas em 1923, a fundição de ferro Auerbach & Werner em 1924, a Fábrica de Chapéus Nelsa S/A em 1925, a Indústria de Chocolates Sander S/A em 1928 e a Rodolfo Thomsen & Cia Ltda em 1928.

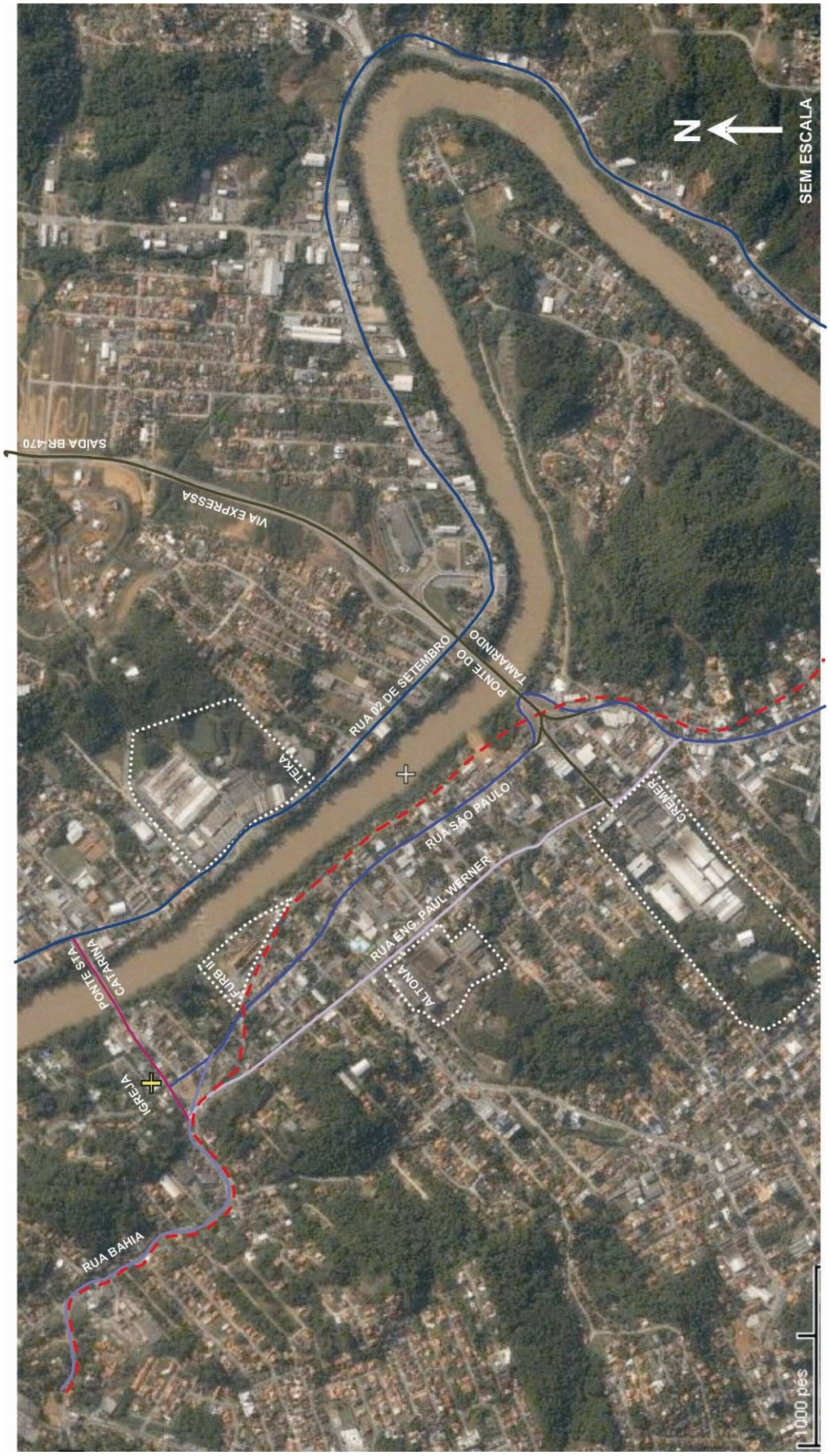


Figura 4.91: Imagem atual do espaço urbano de concentração industrial na Itoupava Seca.
Fonte: www.wikimapia.org, 2009. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

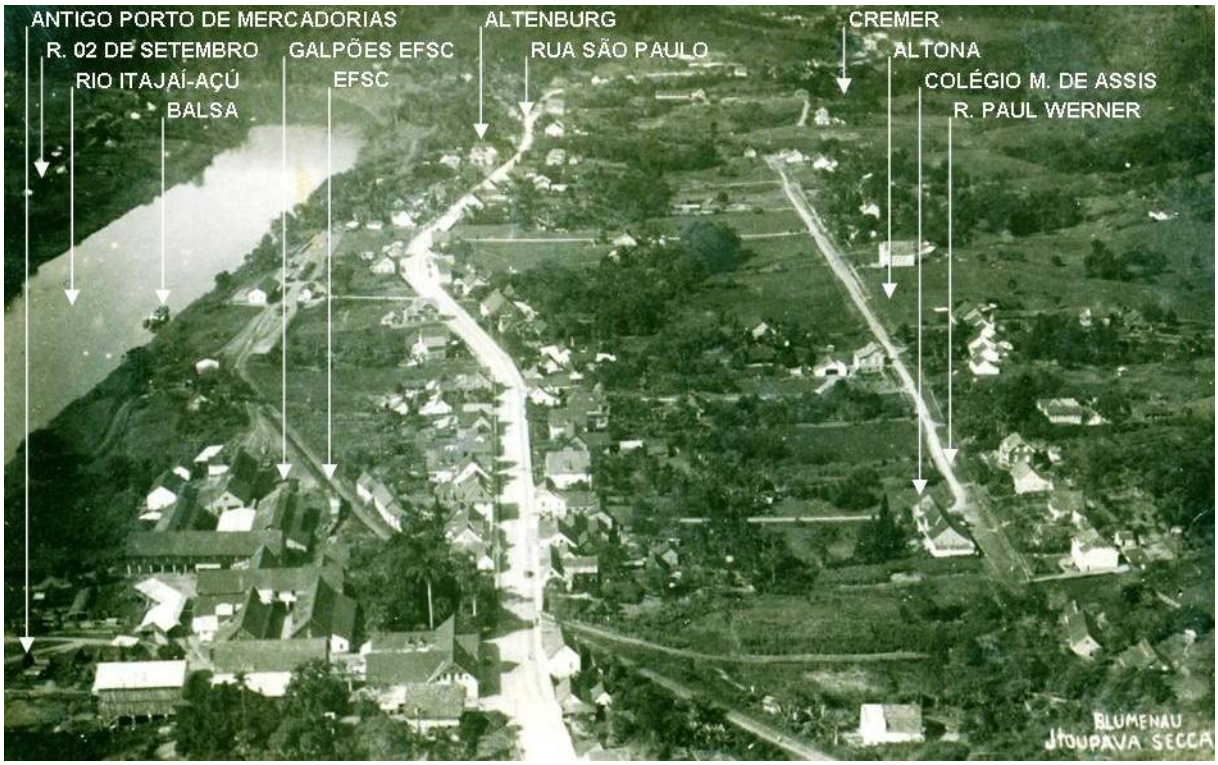


Figura 4.92: Foto aérea da Itoupava Seca na década de 1920. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.92 demonstra a área de expansão do núcleo urbano da cidade na década de 1920, chamada de Altona no início e de Itoupava Seca posteriormente. A Rua São Paulo é a rua principal, que aparece "rasgando" o bairro, fazendo a conexão entre a área central com a saída Oeste da cidade, através da Rua Bahia, ou com a saída Norte da cidade, através da Ponte do Salto. Posteriormente, vai ser criado o primeiro acesso com a margem esquerda do Rio Itajaí-Açú nesta área através da Ponte Santa Catarina, e posteriormente através da Ponte do Tamarindo, facilitando ainda mais o acesso à margem esquerda.

Nesse espaço compreendido entre as atuais pontes do Tamarindo e Santa Catarina, foi implantada o primeiro trecho da malha ferroviária da EFSC, com os galpões de oficina e de maquinarias entre a Rua São Paulo e o Rio Itajaí-Açú. A implantação da malha ferroviária a partir de 1910 foi decisivo para o modelo de desenvolvimento progressista adotado pelas políticas públicas neste período no Brasil. Além do objetivo de facilitar a colonização, o desenvolvimento e o "progresso" do Alto Vale, via-se na ferrovia a chance de se reduzir distâncias, facilitar o transporte das mercadorias para abastecimento e escoamento da produção das indústrias locais. Assim como nas cidades européias há pelo menos meio século, a racionalização das vias de comunicação para a aceleração dos meios de transporte facilitava o acesso da matéria-prima e da mão-de-obra para o processo fabril, cada vez mais concentrado, e facilitava o escoamento da produção massificada para novos mercados.

Na figura 4.93 aparece o parte central da Itoupava Seca, sempre com destaque para a EFSC, porém com alguns itens que se desenvolvem paralelamente ao desenvolvimento causado pela estrada de ferro. A balsa que aparece na figura fazia a travessia para a margem esquerda do Rio Itajaí-Açú, onde atualmente está implantada a Teka, na Rua 02 de Setembro, no bairro da Itoupava Norte, sendo considerada um equipamento urbano essencial para a dinâmica urbana local, assim como, o antigo porto de mercadorias instalado nas proximidades dos galpões da EFSC (hoje Campus II da FURB), que facilitava a troca e passagem de produtos entre o transporte ferroviário e o transporte fluvial, para posteriormente ser transferido para o transporte marítimo no Porto de Itajaí.

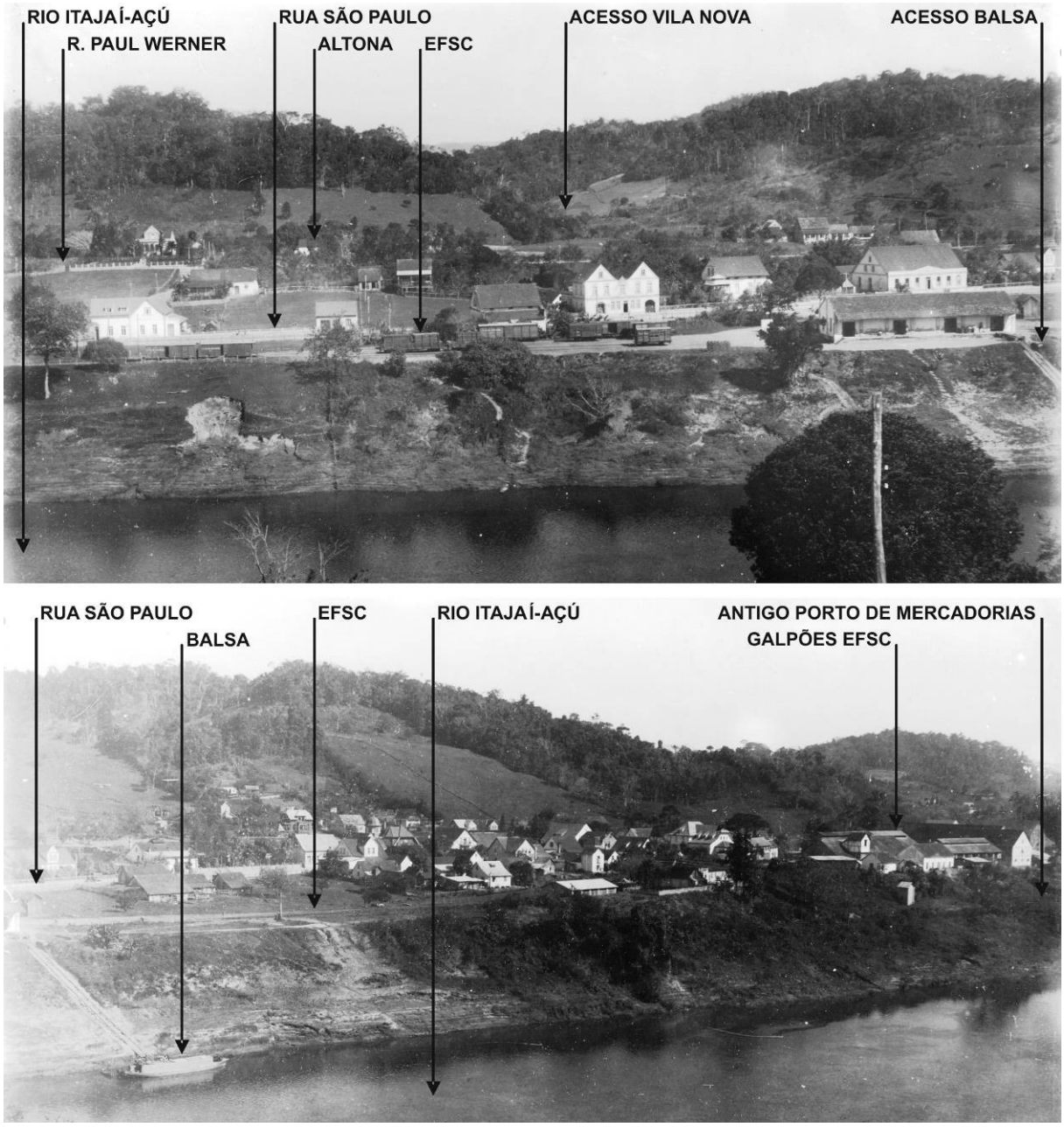


Figura 4.93: Fotos aéreas da Itoupava Seca na década de 1930. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Foi nesse espaço urbano, com grande infra-estrutura, que se implantou grande parte das indústrias do segundo período de industrialização blumenauense. Este espaço urbano não pode ser considerado como um distrito industrial, pois conforme dados pesquisados e relatos de antigos moradores, a Itoupava Seca foi um espaço ocupado por boa parte da "burguesia" e da elite local, onde se localizaram os novos empresários locais com suas novas fabriquetas e casas comerciais, algumas delas dirigidas por diretores administrativos das empresas maiores, onde os terrenos tiveram seus preços elevados, segregando assim, espacialmente, os antigos moradores locais pela valorização dos terrenos.

As figuras 4.94, 4.95 e 4.96 formam uma seqüência de imagens de toda a área da Itoupava Seca desde o acesso ao bairro do Centro pela Rua São Paulo (figura 4.94), passando pela parte central do bairro e o acesso ao bairro da Vila Nova através da Rua Almirante Barroso (figura 4.95) até o acesso para o bairro do Salto através da Rua Bahia (figura 4.96).

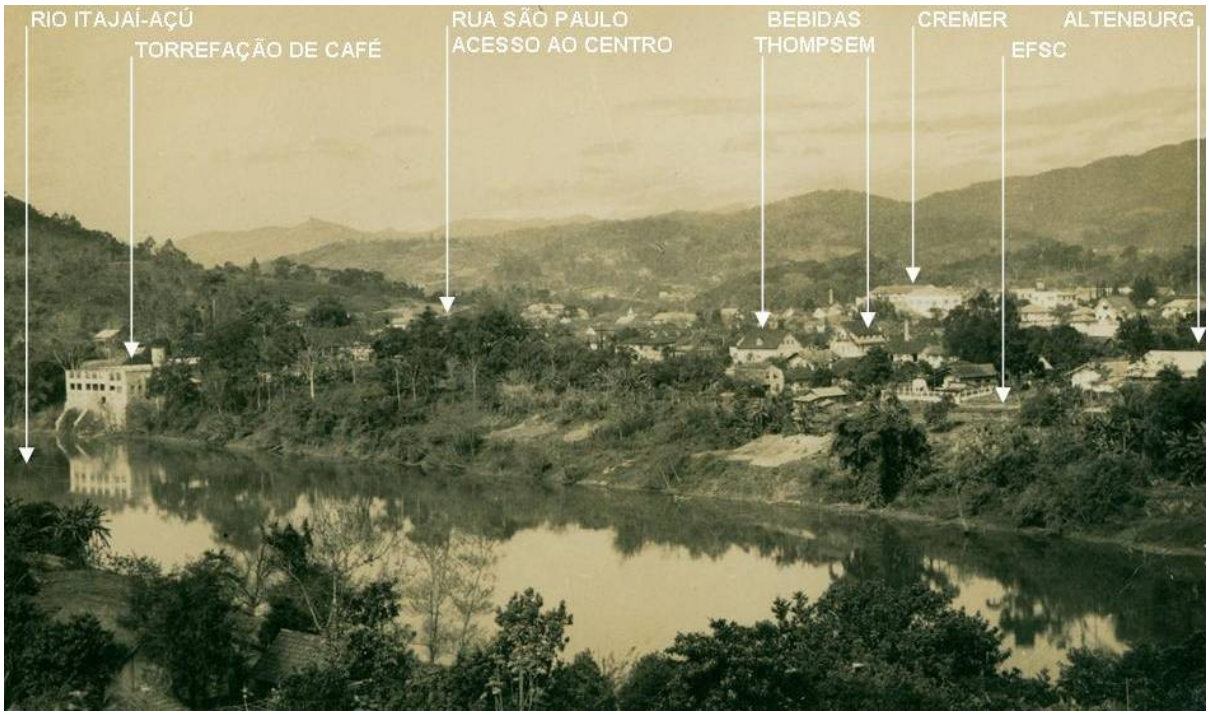


Figura 4.94: Vista do início da Itoupava Seca em 1960. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

As setas das figuras anteriores demonstravam os espaços aonde iriam se instalar as empresas posteriormente. Nas próximas figuras, já na década de 1960, pode-se ver os empreendimentos fabris dispostos ao longo da Rua São Paulo e da Rua Eng. Paul Werner. No sentido Centro-Salto, existiam a torrefação do Café Blumenau, Bebidas Thomsen e Altenburg na Rua São Paulo e mais ao fundo, localizada na Rua Eng. Paul Werner, a Cremer.

Figura 4.95: Vista da parte central da Itoupava Seca em 1960. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

No sentido Centro-Salto, a empresa Altona já apresentava suas expansões, localizada na Rua Eng. Paul Werner (figura 4.95). Seguindo no mesmo sentido pela Rua São Paulo, encontram-se os galpões da EFSC, a empresa Gaitas Hering e a "nova" Igreja da Itoupava Seca (figura 4.96). O antigo porto de mercadorias e a antiga balsa já aparecem desativados, demonstrando que o encerramento das atividades da ferrovia seria uma questão de tempo.

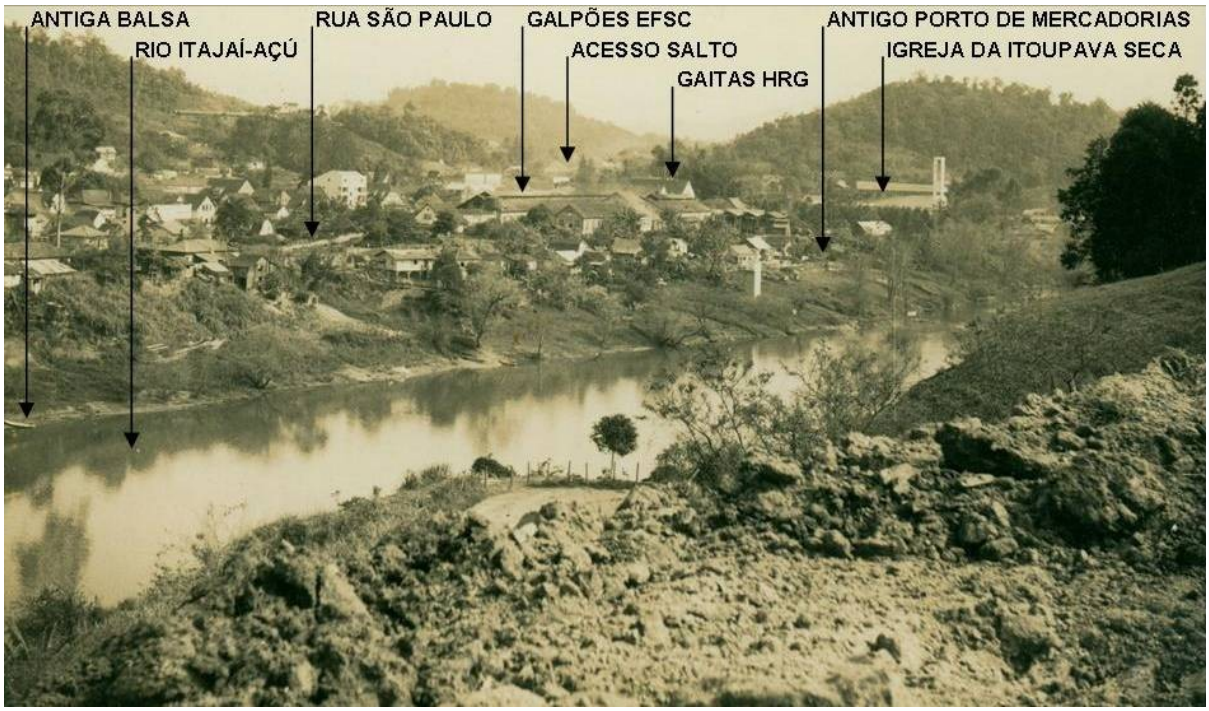


Figura 4.96: Vista da parte final da Itoupava Seca em 1960. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

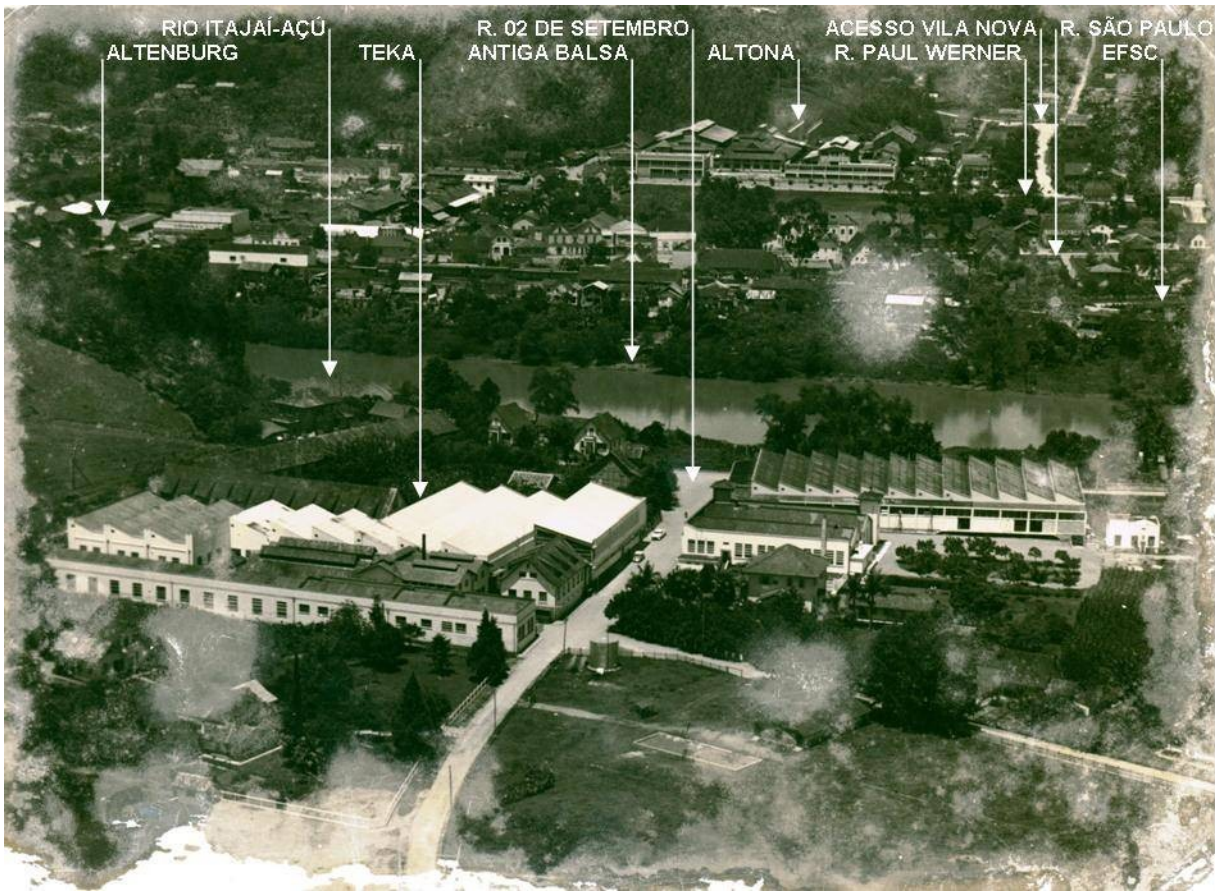


Figura 4.97: Vista da Teka e da Itoupava Seca em 1965. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.97 demonstra a relação entre as duas margens do Rio Itajaí-Açú, onde anteriormente a balsa servia como a principal conexão entre esses dois espaços. A Teka fica na margem esquerda e apresenta diversas ampliações com relação ao seu núcleo inicial. Nessa época podia-se fazer uma leitura mais detalhada sobre as edificações e as sucessivas ampliações e a necessidade de novos anexos. Inicialmente apresenta edificações com características mais residenciais, de dois pavimentos com telhado com grande inclinação e com aberturas em forma de mansardas. Posteriormente, edificações mais racionais, demonstrando um aspecto mais funcional, com coberturas tipo dente de serra, que permitem a entrada de grande luminosidade, suprindo em boa parte a falta de aberturas laterais.

Na margem direita do Rio Itajaí-Açú, aparece o bairro da Itoupava Seca, com destaque para a Altona, que continua ampliando cada vez mais seu complexo industrial, com a aquisição de novos terrenos e a construção de novas instalações, conforme a figura 4.98 confirma. O acesso ao bairro Vila Nova já apresenta maior urbanização, com investimentos em infra-estrutura na Rua Almirante Barroso, que se tornava uma via comercial de grande importância devido sua localização estratégica entre Vales, conectora dos bairros em expansão, conforme a figura 4.99 pode confirmar, inclusive demonstrando novos loteamentos.

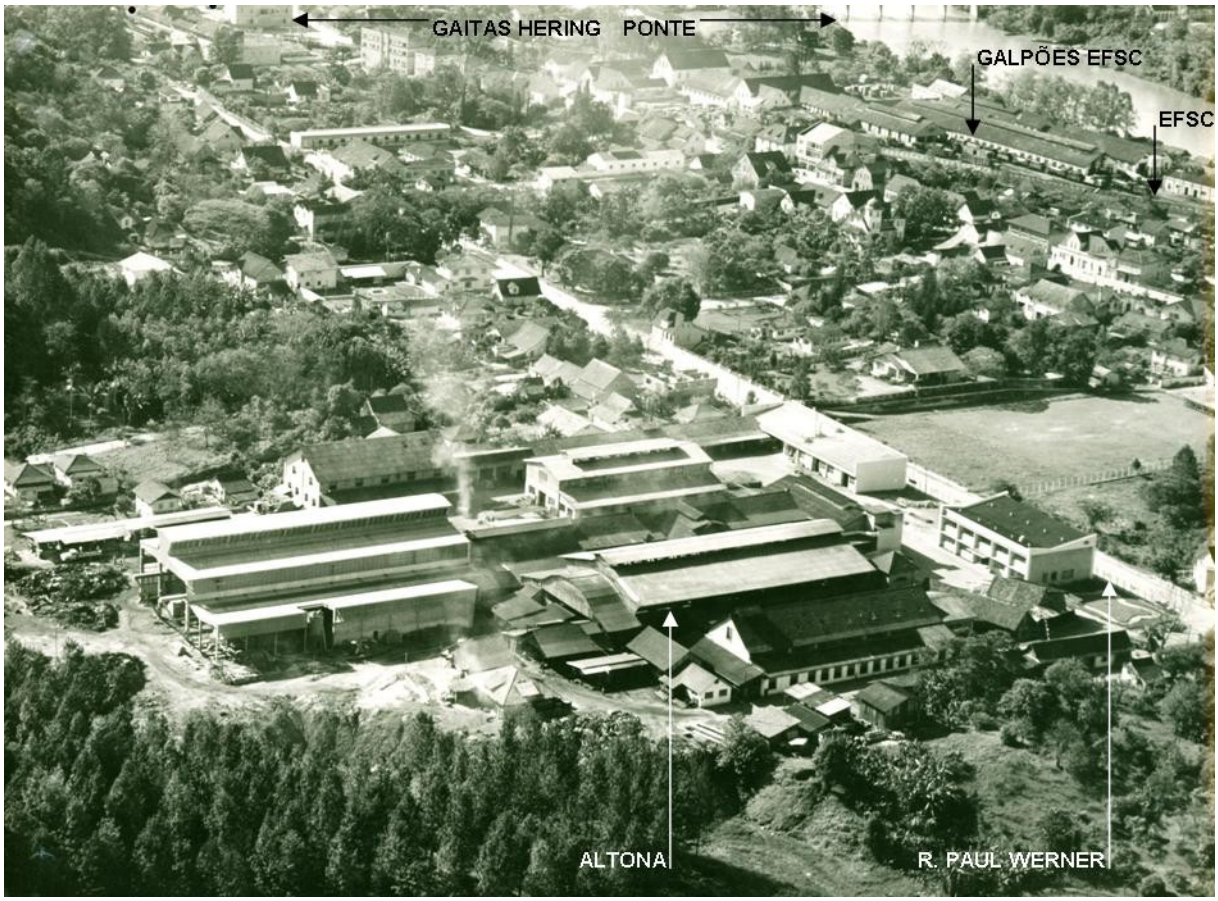


Figura 4.98: Vista da Altona na Itoupava Seca em 1965. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Figura 4.99: Vista da Altona e da Rua Almirante Barroso em 1970. Fonte: AHJFS.

A figura 4.98 demonstra ainda um novo elemento urbano que irá modificar à lógica dos acessos à parte Norte da cidade, que foi a construção da Ponte Santa Catarina. Nesse contexto, a importância da localização do edifício da Fábrica de Gaitas Alfredo Hering, conhecida popularmente apenas como "Gaitas Hering", se torna ainda maior. Além de o edifício ter seu valor patrimonial pela representação da arquitetura de uma época, ele serve como um marco visual e elemento de referência urbana. Anteriormente, ele fazia a marcação do final da Rua São Paulo e do início da Rua Bahia, conforme demonstra a perspectiva da figura 4.100.

Figura 4.100: Vista da Fábrica de Gaitas Alfredo Hering na década de 1950. Fonte: AHJFS.

Com a construção da Ponte Santa Catarina, o "quarteirão" onde se encontra o edifício principal passou a ter maior importância urbana, pois faz a triangulação entre os caminhos do Centro e do Salto, já existentes, com o novo fluxo proveniente da margem esquerda do Rio Itajaí-Açú. O complexo da Gaitas Hering abrange três quarteirões, com o cruzamento de vias de grande fluxo e de grande importância para a cidade, além de anteriormente estar muito próxima a malha ferroviária, que inclusive passava ao lado do parque fabril. A figura 4.101 apresenta a vista aérea desses quarteirões, com seus edifícios inseridos na malha urbana e contribuindo para a dinâmica local. A implantação do edifício principal condicionou à Gaitas Hering o *status* de elemento de referência regional.

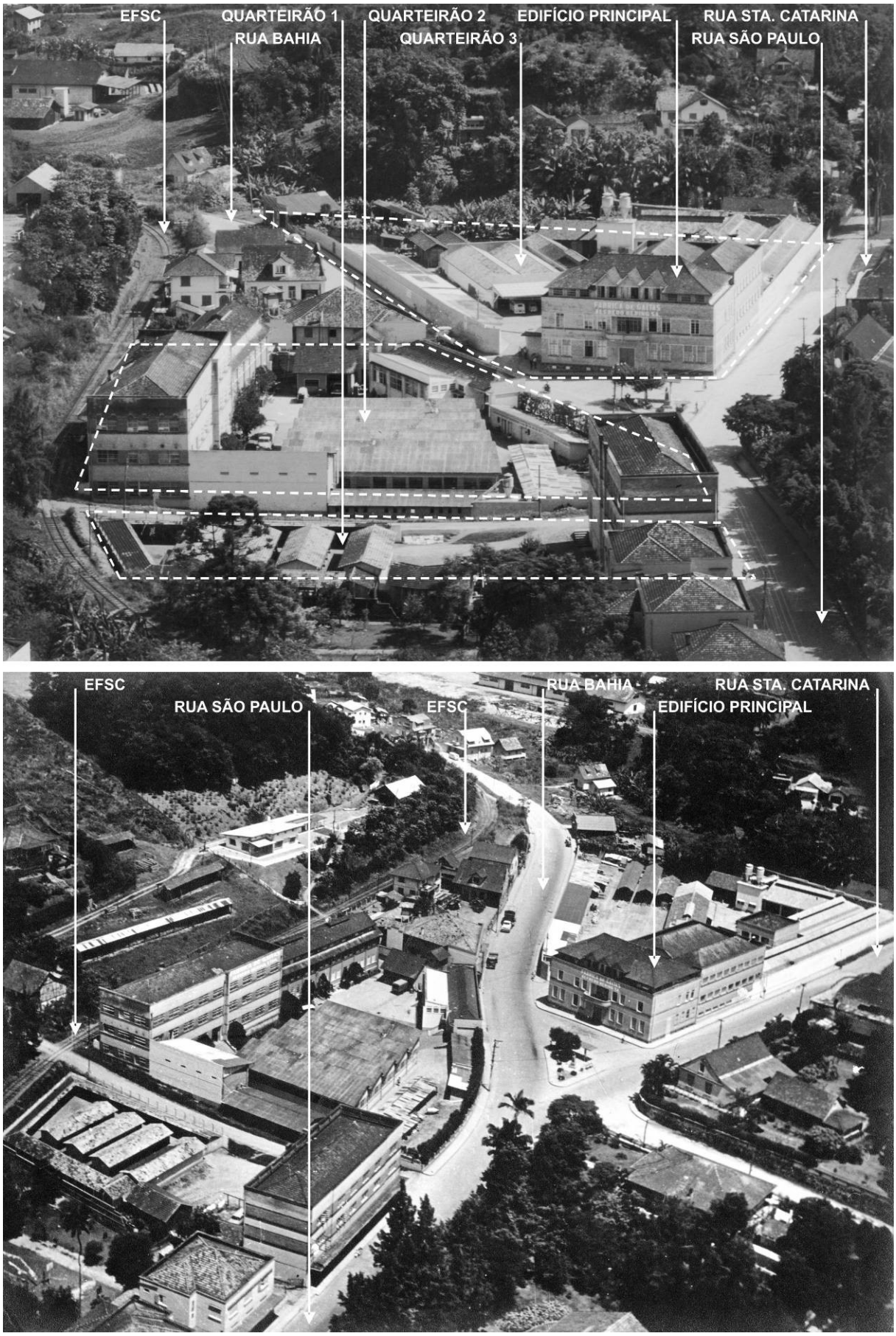


Figura 4.101: Complexo da Gaitas Hering na década de 1950. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Figura 4.102: Construção do primeiro edifício da Cremer na Itoupava Seca em 1934. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.103: Primeiro edifício da Cremer na Itoupava Seca em 1938. Fonte: Adalberto Day.

Figura 4.104: Novos edifícios da Cremer na Itoupava Seca em 1941. Fonte: Adalberto Day.

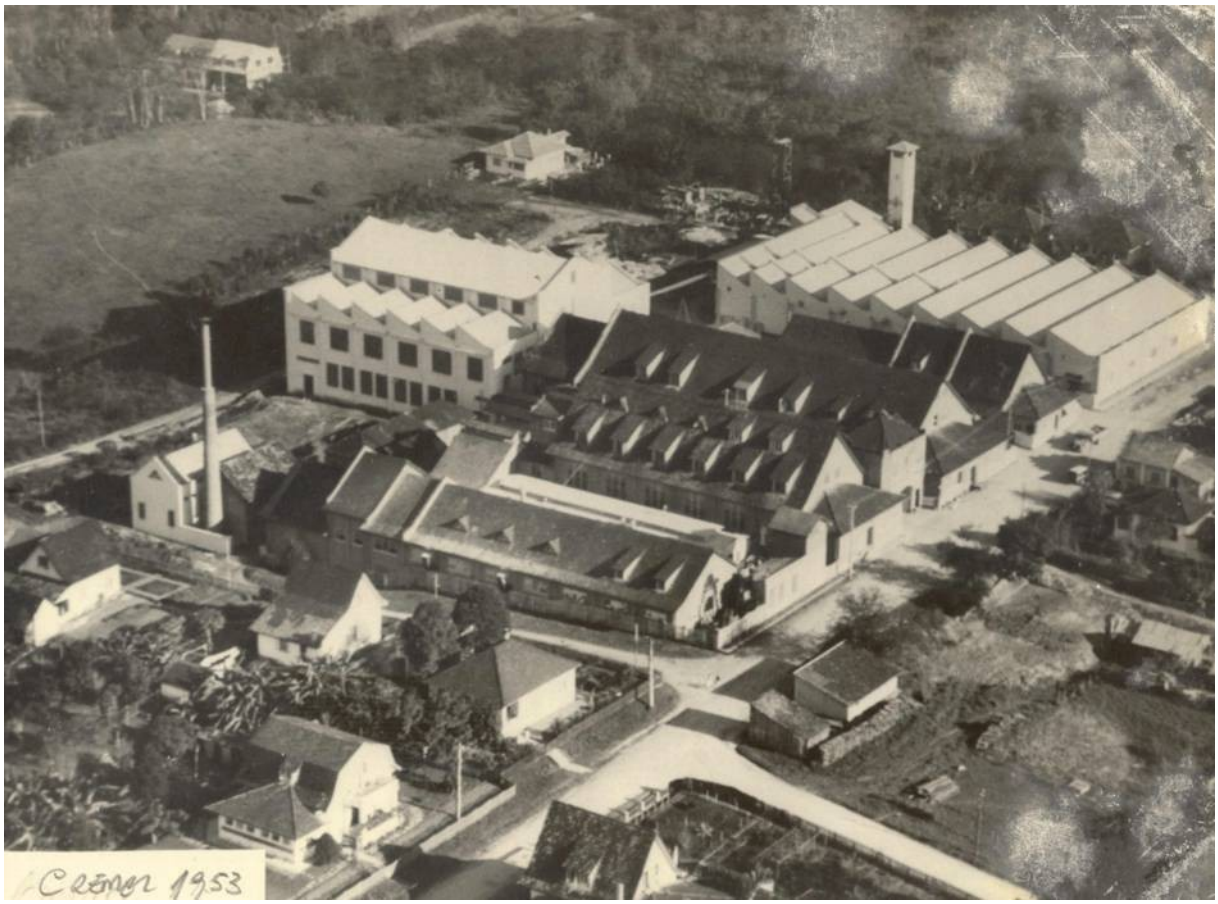


Figura 4.105: Complexo fabril da Cremer na Itoupava Seca em 1953. Fonte: Adalberto Day.

As figuras 4.102-4.105 demonstram a evolução e a composição do complexo fabril da Cremer, onde é possível fazer a distinção dos períodos das edificações construídas através de uma análise das coberturas, com alguns edifícios com a cobertura em duas águas, que são os edifícios mais antigos, a maioria no sistema construtivo industrial típico, com a cobertura dente de serra e os edifícios mais modernos ao fundo, com dimensões bem mais generosas do que às dos antigos, conforme a figura 4.106.

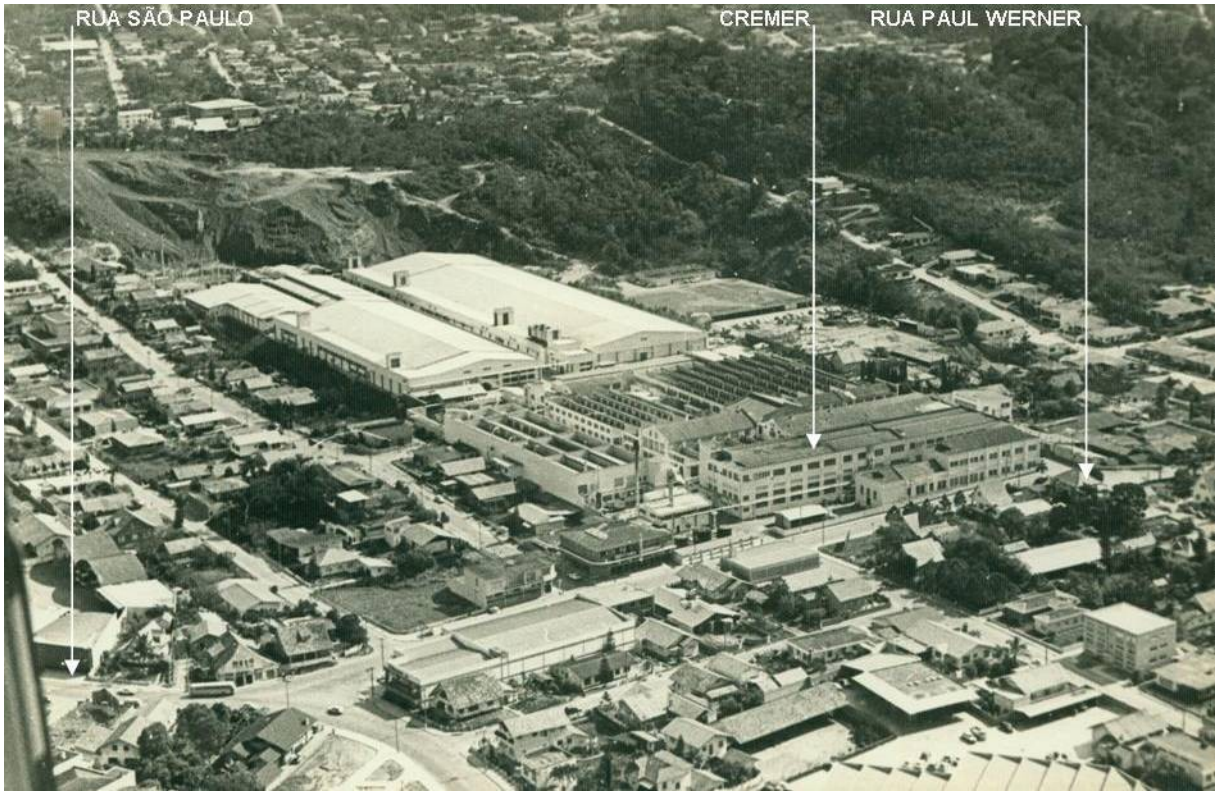


Figura 4.106: Complexo da Cremer na década de 1980. Fonte: AHJFS. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

As figuras 4.107 e 4.108 se referem ao conjunto fabril da antiga Fábrica de Chocolates Saturno, que apesar de não se encontrar no espaço de análise do presente trabalho, vale demonstrar sua importância para a cidade em determinados períodos, visto que o local de implantação, bairro Salto, é a continuidade desse espaço aqui analisado, influenciado pela presença implantação da malha ferroviária e dos investimentos em infra-estrutura. A empresa nasce no Centro da cidade, na Rua Paulo Zimermann e só vai se transferir para este local na década de 1970, ocupando o espaço em que funcionava a antiga Fábrica de Porcelana Condessa, onde a Natureza ainda se apresentava preservada no entorno do parque fabril. Ao contrário da maioria das edificações indústrias, que eram construídas em blocos isolados, aqui o conjunto fabril se apresenta em forma de "U", com um grande pátio interno no meio e a construção contornando todo o espaço do terreno. A fábrica faliu em 1996.

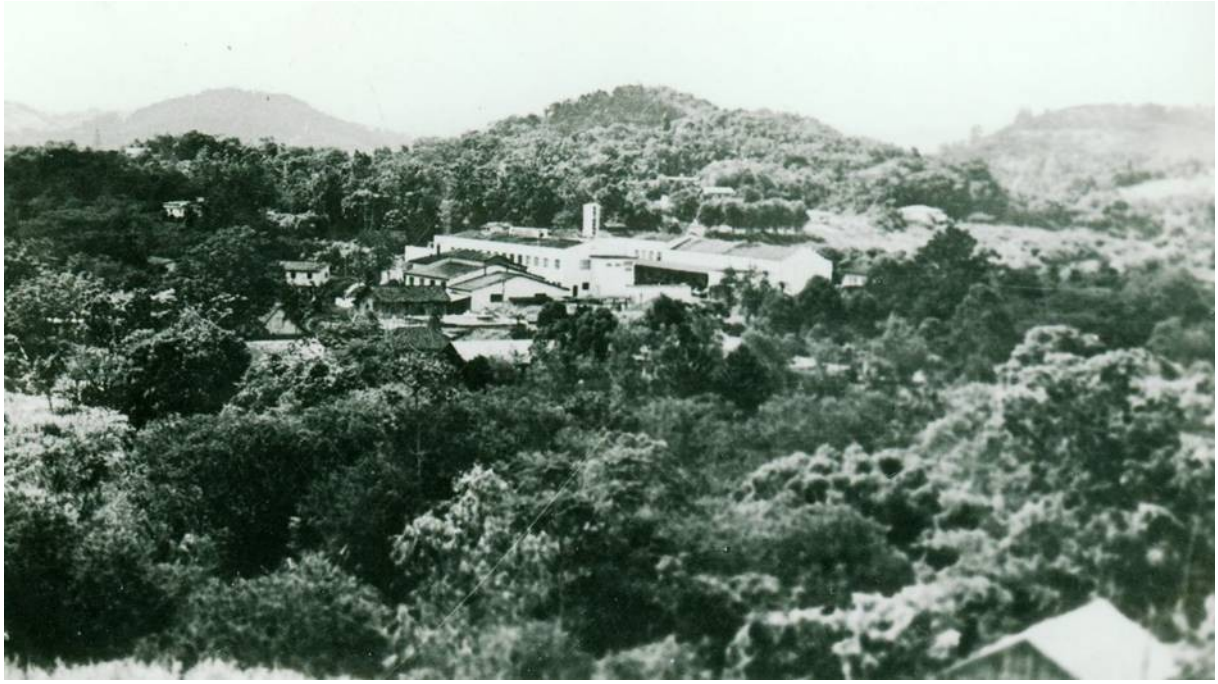


Figura 4.107: Implantação da Fábrica de Chocolates Saturno no Salto na década de 1980. Fonte: AHJFS.

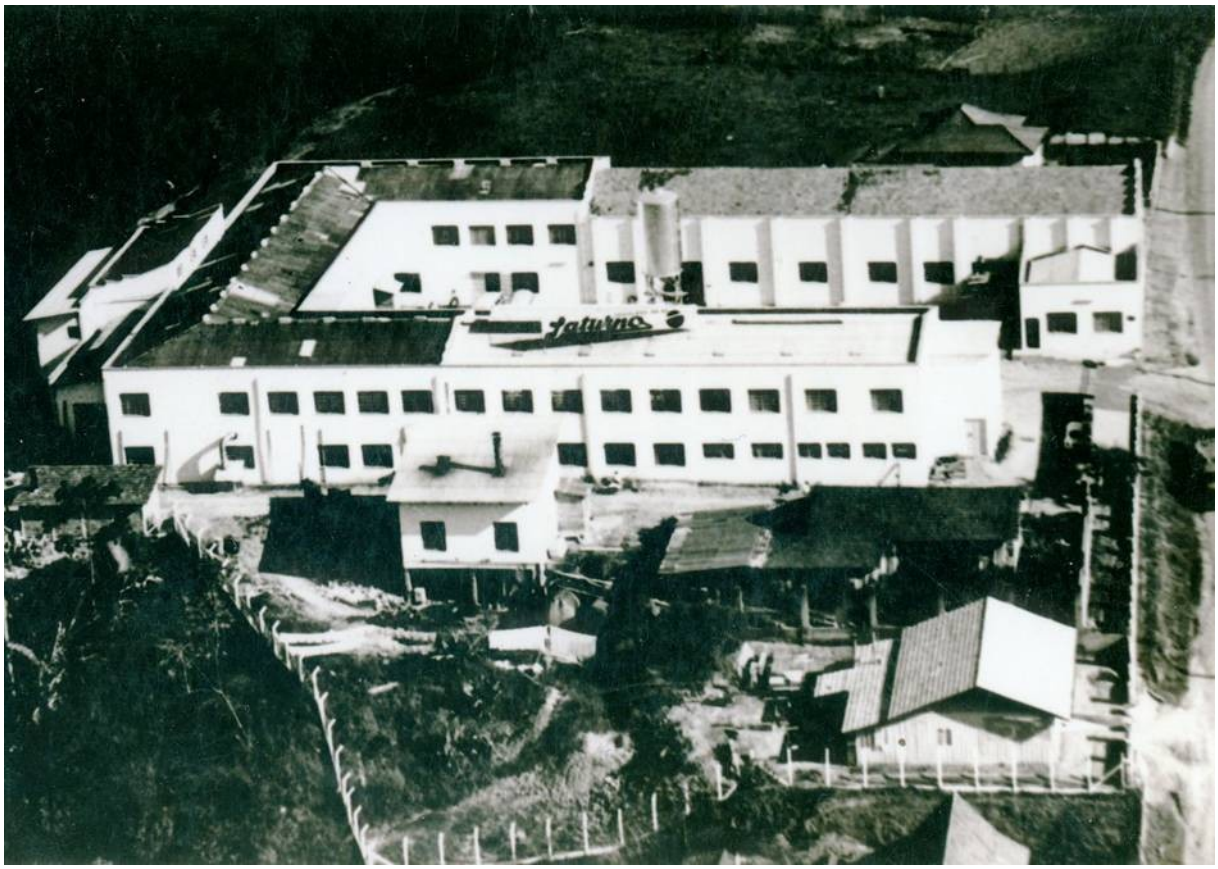


Figura 4.108: Complexo da Fábrica de Chocolates Saturno no Salto na década de 1980. Fonte: AHJFS.

5. A ATUAL SITUAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL HERDADO

O período iniciado a partir da década de 1990 forçou essas empresas a processos de reestruturação produtiva, baseados na flexibilidade dos serviços e mudanças tecnológicas, com a introdução dos diversos sistemas de automação. O fechamento de algumas empresas importantes, a transferência de parte da produção para outras cidades e estados e a compra de algumas empresas por grandes grupos nacionais e internacionais são conseqüências desta nova lógica do capital, que diminui a importância cada vez mais do lugar e das pessoas, acelerando assim o processo de desindustrialização local. Com a introdução dos processos de terceirizações e subcontratações das grandes empresas, diminui a necessidade de grande numero de operários empregados por essas empresas e de grandes espaços físicos para determinadas funções, como as de confecção, por exemplo. As plantas das fábricas foram enxugadas, deixando um enorme patrimônio edificado sem utilização e, por isso mesmo, correndo o risco de deterioração e de desaparecimento.

Além das empresas diminuírem sua importância para a cidade, todos os equipamentos urbanos e serviços que sobrevivem em função dessas atividades sofrem o efeito em escala, como o desaparecimento das vilas operárias, o fechamento de diversos serviços e a deterioração dos equipamentos e das edificações. A falta de políticas de preservação deste patrimônio industrial, aliada à debilidade e ineficiência da legislação urbanística existente e a omissão do poder público, tornam esses espaços desqualificados para a vida contemporânea e tornam-se objetos de renovação urbana, geralmente com o capital especulativo imobiliário por de trás desses discursos. Por isso, a globalização e a flexibilização da economia mundial são ameaças constantes a esse patrimônio industrial, que possuem grande valor arquitetônico e social, material e imaterial, representam as diversas fases de desenvolvimento da arquitetura industrial brasileira e possuem profundas relações históricas, culturais e afetivas com a sociedade local.

Diversas conseqüências sociais são decorrentes destes processos, como a demissão em massa em muitos setores produtivos, a perda da identidade do operário fabril, da estabilidade do emprego e dos benefícios sociais que recebiam das empresas. Inúmeras pequenas facções foram criadas, grande parte por ex-funcionários demitidos, para atender à demanda das empresas maiores, porém, o grande problema está na sazonalidade dos serviços encomendados, o que não garante trabalho para o ano todo, fazendo com que os trabalhadores busquem outras alternativas de renda para os períodos de baixa produção.

Outro problema grave é a falta de infra-estrutura adequada para a produção, pois muitas são facções de "fundo de quintal" adaptadas no lote ou que funcionam em cômodos da casa durante o dia, quando existe uma demanda de trabalho específica, e à noite voltam a ter função de local para dormir. É assim que as empresas maiores vão transferindo as responsabilidades com os processos de subcontratação de serviços, causando empobrecimento urbano, sócio-econômico e cultural na cidade.

As empresas que possuem maior importância na estruturação da malha e na memória urbana da cidade referem-se à primeira (1880-1915) e à segunda fase (1915-1945) da industrialização local e devem ser consideradas como elementos primordiais de preservação e de revitalização. A primeira fase da industrialização de Blumenau é caracterizada pela ocupação isolada em um fundo de vale, próximos aos cursos de água para a geração de energia, a facilidade de aquisição de grandes terrenos próximos aos pequenos núcleos agrícolas fornecedores de mão-de-obra e a facilidade de escoamento dos produtos através dos caminhos já existentes, onde três empresas têxteis ainda existentes se destacam: a Cia. Hering fundada em 1880 na *Wurststrasse* (rua do comércio) e transferida em 1893 para o Ribeirão do Bom Retiro, a Karsten S.A. fundada em 1882 no Ribeirão do Testo e a antiga Empresa Industrial Garcia fundada em 1885 no Ribeirão do Garcia.

Essas empresas localizaram-se próximos aos núcleos agrícolas e com o seu crescimento produtivo, a implantação de vilas operárias e demais equipamentos urbanos, foram responsáveis pela formação das aglomerações urbanas dispersas pela cidade, com bastante autonomia com relação ao núcleo central. Atualmente, essas empresas refletem esses processos de diferentes maneiras, permanecendo ou abandonando seus sítios físicos de implantação, mas sempre deixando resquícios no espaço urbano e na memória coletiva da sociedade local. As paisagens culturais desses espaços ajudam a contar essa história, pelo diálogo da indústria com a natureza ou com a sociedade, pela sua arquitetura que demonstra os diversos períodos da industrialização local ou infelizmente pelos vazios urbanos e industriais deixados.

As empresas tradicionais que se mantêm "independentes", ou que ainda não foram compradas por algum grande grupo nacional ou internacional, passam por reestruturações de significativa importância, automatizando processos e terceirizando vários setores de produção e deixando boa parte de seu patrimônio edificado ocioso num primeiro momento e posteriormente alugando ou vendendo, quando não demolindo, esse imóvel para outros setores de atividade com menor importância e significado para a cidade.

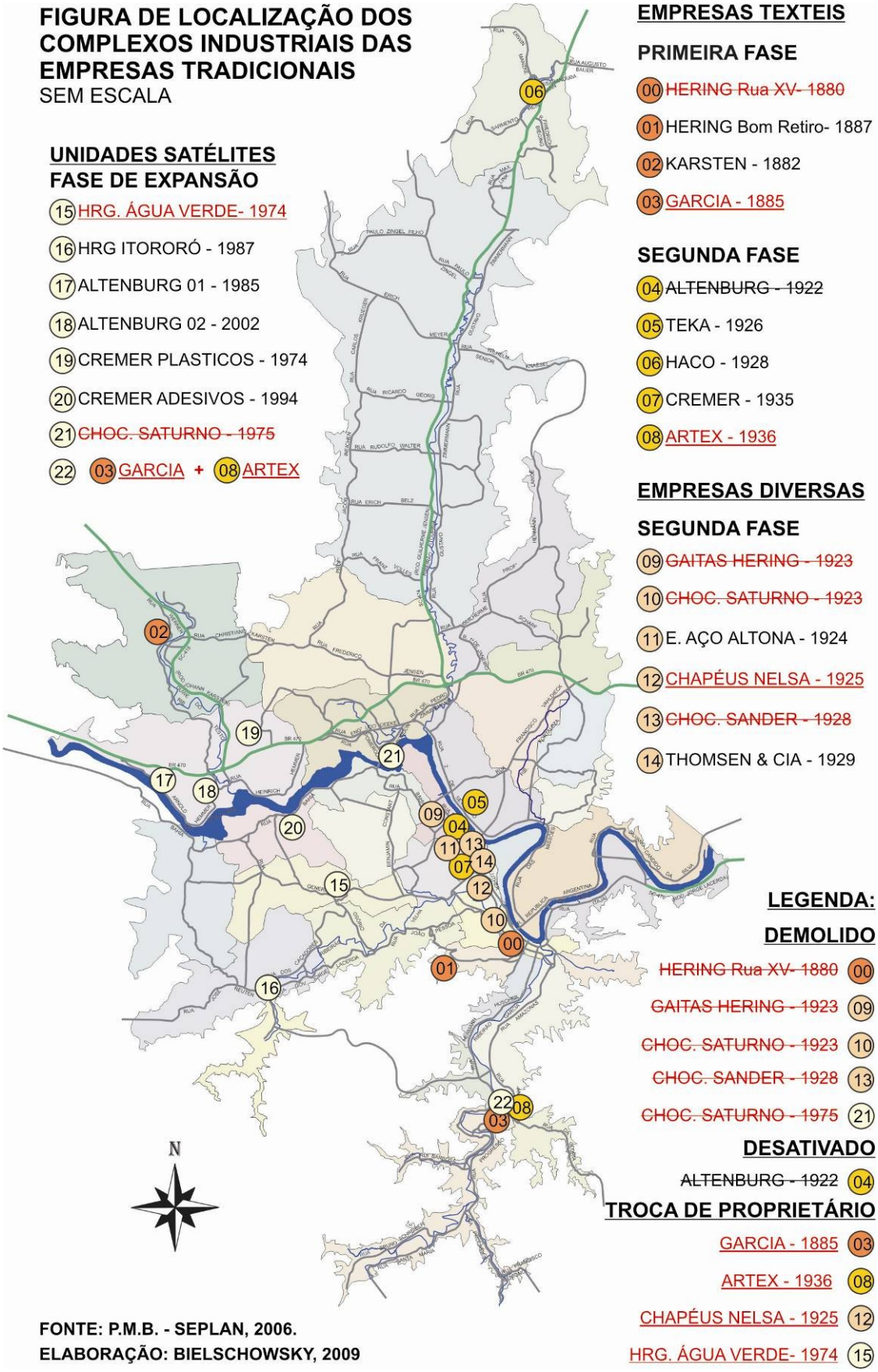


Figura 5.1: Figura da atual situação dos complexos industriais (Fonte: SEPLAN, 2006). Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A figura 5.1 demonstra a atual situação dos complexos industriais das empresas tradicionais dos períodos analisados que formavam e ainda formam o Patrimônio Industrial de Blumenau. Das três primeiras unidades formadas, a primeira unidade da CIA. HERING que ficava localizada na rua comercial, já havia sido transferida para o Vale do Bom Retiro sete anos após sua fundação e deixando de funcionar como edifício fabril em 1913. No lugar dessa primeira edificação, que permaneceu como casa comercial, foi construído um grande edifício que ainda hoje é um marco referencial para a cidade, que é o edifício das "Lojas Hering", onde atualmente funciona o shopping H. Os complexos industriais da CIA. HERING no Vale do Bom Retiro e o da KARSTEN no Vale do Testo Salto continuam em plena atividade, preservando alguns edifícios e algumas relações que serão apresentadas a seguir. O Complexo da E. I. GARCIA no Vale do Garcia foi incorporado ao complexo da ARTEX em 1974, numa fusão que gerou grandes impactos urbanos no bairro do Garcia, que será abordada a seguir. Esse complexo urbano foi comprado pela COTEMINAS, um grande grupo nacional, em 2000, que acarretou mais alterações na dinâmica urbana local e na vida social deste bairro.

Das cinco empresas têxteis fundadas no segundo período de industrialização de Blumenau, as empresas TEKA, HACO e CREMER permanecem produzindo e utilizando suas unidades matriz, porém criaram outras filiais em locais estrategicamente mais interessantes para o atual sistema de logística dessas empresas. A empresa ALTENBURG também criou suas filiais, sendo que duas unidades (1985 e 2002) estão localizadas em na BR-470 em Blumenau, porém desativou sua unidade matriz localizada na Rua São Paulo, ao lado de onde permanece funcionando a sua casa comercial. A ARTEX incorporou o complexo fabril da E.I.Garcia em 1974 e vendeu seu enorme complexo industrial em 2000.

Das seis empresas que não se dedicavam às atividades têxteis, apenas a Electro AÇO ALTONA e a Bebidas THOMSEN & CIA permanecem produzindo em seu núcleo fabril inicial, porém com algumas alterações em seus produtos, como é o caso da Bebidas THOMSEN & CIA que produzia o tradicional *bitter* e hoje em dia destina sua cadeia produtiva na confecção de refrigerantes, o que representa uma perda em termos culturais. O edifício da extinta Chapéus NELSA, localizada na Rua São Paulo, ainda permanece parcialmente conservado, com alguma descaracterização devido a necessidade de adaptação às novas funções em que foi utilizado. Os complexos fabris dos chocolates SANDER e SATURNO já haviam sido destruídos depois da desocupação. A SATURNO ainda ocupou um importante edifício que pertencia a fábrica de Porcelanas CONDESSA no bairro Salto, porém, junto com a fábrica GAITAS HERING, faliu na década de 1990 e foram abandonados.

A Cia. Hering, por exemplo, apesar de manter o funcionamento das unidades Matriz e Itororó em Blumenau, desativou em 1998 a unidade satélite da Água Verde (figura 5.2), um conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico como poucos no Brasil e no mundo. Era uma unidade satélite de confecção, num edifício muito bem projetado pelo arquiteto Hans Broos, integrado à natureza e com o paisagismo de Roberto Burle Marx, localizada num terreno de grandes proporções, no alto de um morro, com excelente ambientação, demonstrando inclusive uma nova forma de adaptação à natureza, exatamente ao contrário da implantação da unidade da matriz. Se na matriz o complexo fabril foi implantado "encravado" num fundo de Vale bem definido, unidade satélite da Água Verde projetada em 1974 Broos soube aproveitar bem o seu conhecimento com relação aos confortos ambientais necessários para uma instalação fabril e as técnicas disponíveis neste período para a sua execução. Vale aqui lembrar que Blumenau fica em uma cadeia de montanhas, onde as partes baixas não recebem condições ambientais favoráveis, com a sensação térmica chegando próximas aos 40 graus no verão, o que torna o trabalho inviável nessas áreas. Tinha importância fundamental como elemento estruturador daquele espaço urbano, junto com a Cooperativa e a Associação Desportiva e Recreativa dos funcionários, além fazer parte de uma rede de unidades satélites, projetadas por Hans Broos e paisagismo de R. Burle Marx, que não pretendiam apenas criar espaços para o trabalho, mas locais reprodução cultural.

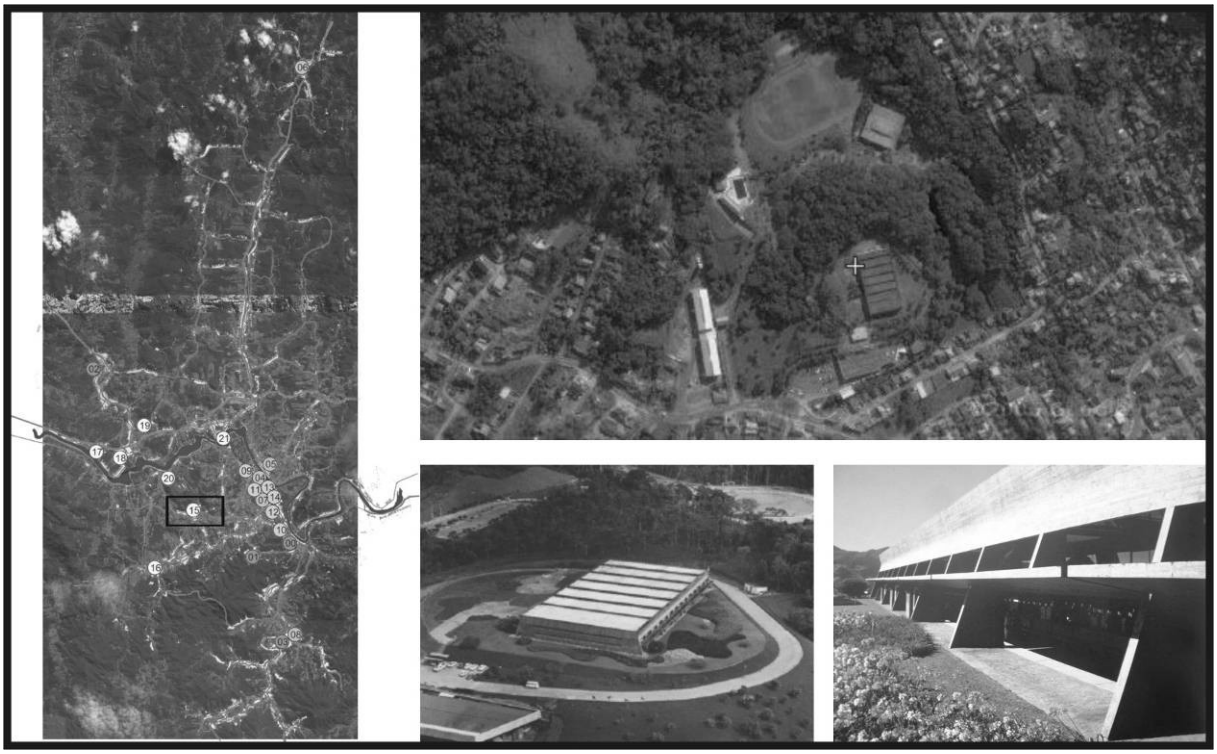


Figura 5.2: Unidade satélite da Cia. Hering no bairro Água Verde em Blumenau. Fonte: www.wikimapia.org, 2008 e Hans Broos S/C, 1980. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

O edifício fabril foi alugado para uma empresa de facção no início e a última locação constatada era uma empresa de montaria de bicicletas, o que já dava ares de descaracterização do edifício e de suas funções, além de não ser mais permitido nenhum tipo de visita ao edifício e arredores. A cooperativa ao lado do terreno hoje é uma instituição financeira independente, que apenas mantém o nome Cooper e a ADR Hering permanece funcionando e qualquer pessoa pode se associar e desfrutar da grande infra-estrutura existente.

Com relação à unidade da matriz da Cia. Hering, localizada no Vale do Bom Retiro, a malharia e a parte administrativa estão em funcionamento, alguns edifícios históricos permanecem preservados, como o edifício da antiga costura (1897), o edifício da antiga fiação (1917), o antigo refeitório dos operários com a técnica construtiva do enxaimel e algumas das primeiras residências da família Hering. Os edifícios preservados acima citados encontram-se vazios neste momento, a espera de algum tipo de restauro. O setor de fiação foi desativado há alguns anos, porém os edifícios e o maquinário ainda pertencem à empresa, que tenta alugar estes edifícios. O edifício principal da antiga fiação é de grande valor arquitetônico e é o cartão de chegada do complexo industrial da Cia. Hering. Logo, deve ser preservado, restaurado e servir como elemento de valorização do conjunto arquitetônico-urbanístico da empresa, de memória coletiva para os trabalhadores têxteis e de memória urbana para o espaço urbano da cidade.

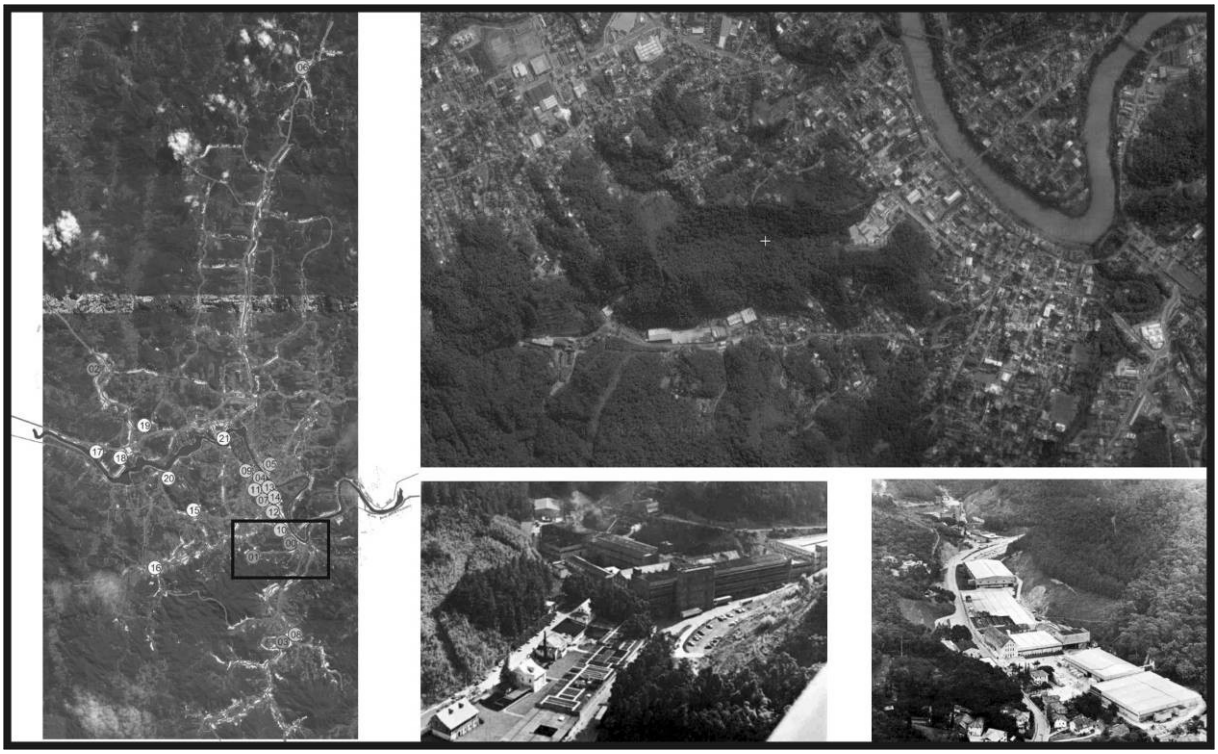


Figura 5.3: Unidade matriz da Cia. Hering no bairro Bom Retiro em Blumenau. Fonte: www.wikimapia.org, 2008 e Hans Broos S/C, 1980. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A matriz da Karsten, localizada às margens do Ribeirão do Testo, também passa por diversos processos de reestruturação, profissionalizando seu modelo de gestão. Mantêm a implantação original com sucessivas novas edificações incorporadas ao núcleo inicial e continua contribuindo parcialmente com a população local, porém não preservou seus edifícios históricos mais significativos. Sua localização mais retirada das áreas urbanas faz com que o complexo industrial permaneça com algumas características da ocupação inicial, com uma aglomeração industrial maior, num sítio físico privilegiado, com exuberante natureza ao seu redor, demonstrando a forma como se apropriou da paisagem.

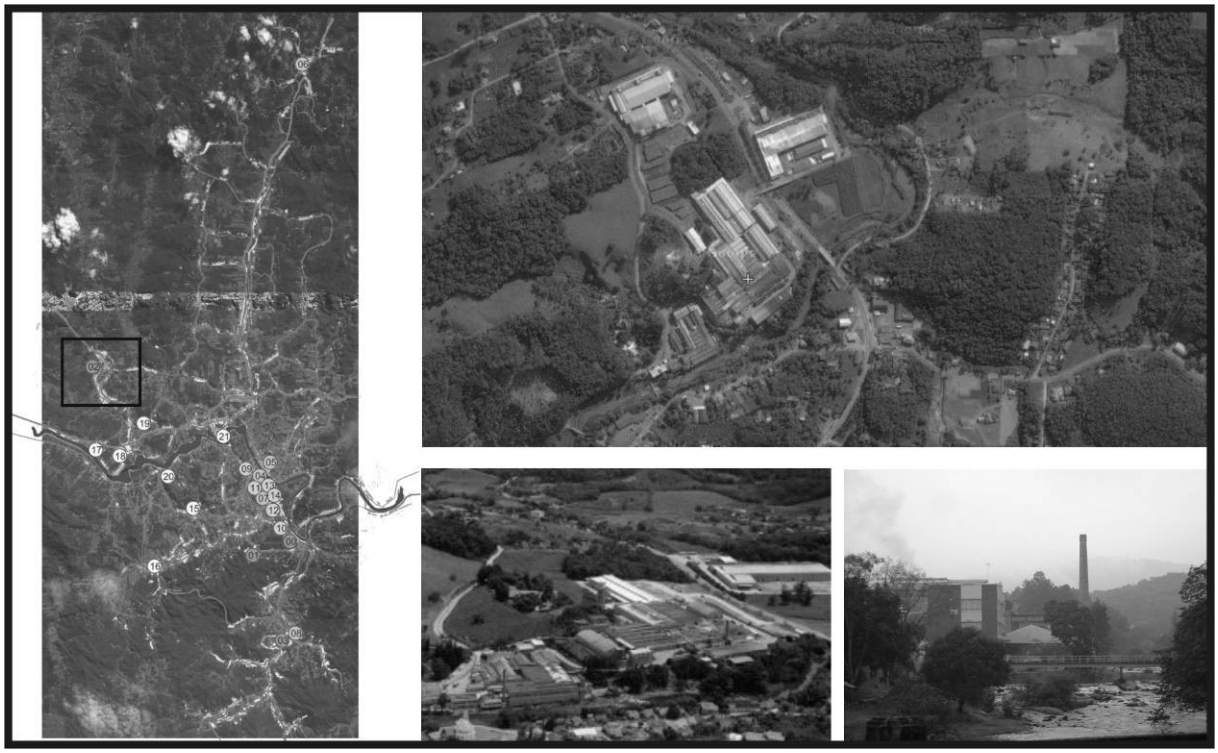


Figura 5.4: Unidade matriz da Karsten no bairro Testo Salto em Blumenau. Fonte: www.wikimapia.org, 2008; Karsten S.A. e Bielschowsky, 2008. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Os processos de fusão e incorporação de empresas tradicionais por grandes grupos nacionais ou internacionais, como foi o caso da Artex, implica em mudanças tecnológicas, modernização, substituição ou transferência dos parques fabris, e é uma realidade que coloca em risco a manutenção do patrimônio edificado, da memória coletiva e da história urbano-industrial de Blumenau. A troca de proprietários sempre ocorreu no Complexo Fabril do Garcia, conforme alguns episódios já descritos anteriormente. A Artex incorporou a E.I. Garcia em 1974. Em 1994, a família proprietária perdeu o controle acionário da Artex, que foi vendida para o grupo GP Investimentos (Garantia Partners, sócios do Banco Garantia), que em 2000 vendeu para o grupo Coteminas. A perda da identidade do local já pode ser notada hoje em dia.

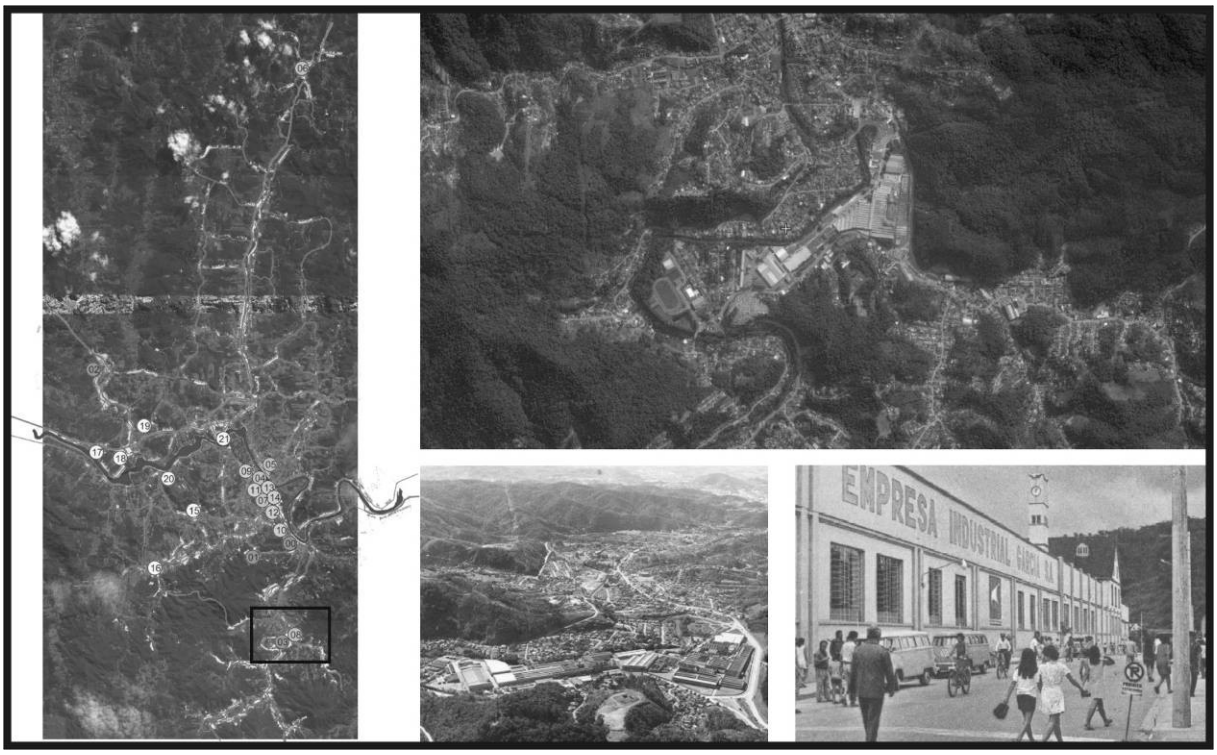


Figura 5.5: Complexo industrial no bairro do Garcia em Blumenau. Fonte: www.wikimapia.org, 2008 e Adalberto Day. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Processos de substituição de grandes plantas industriais, decorrentes das terceirizações e de reestruturações, significam uma ameaça presente ao patrimônio industrial nacional. Diferentemente aos países desenvolvidos, as cidades brasileiras conhecem rápidos processos substitutivos - decorrentes da fraqueza da legislação urbanística que permite uma acelerada dinâmica do capital imobiliário -, o que transforma o tempo numa variável determinante da manutenção da memória urbana. Atualmente parte do espaço industrial herdado ainda preservado convive com grandes áreas de abandono de um rico patrimônio industrial, indicando que, se um alerta não for seriamente dado, os habitantes de Blumenau e de muitas cidades fabris perderão definitivamente o elo com seus traços históricos. As intervenções neste sentido têm que se fazerem presentes já.

Um bom exemplo de como as empresas continuam influenciando no espaço urbano - seja pela sua presença física no local ou em alguns terrenos que foram deixados ao abandono pela falta de uma política voltada a preservação do patrimônio industrial e principalmente, da memória coletiva da população local - é o espaço urbano compreendido entre as pontes do Tamarindo e Santa Catarina, no bairro Itoupava Seca, local de implantação de grande parte das empresas da segunda fase da industrialização blumenauense, no período entre guerras, de 1922 à 1935. A ocupação desse espaço se deve ao grande investimento em infra-estrutura que ocorreu nesta área, pela expansão do centro urbano e comercial, a introdução da energia

elétrica e a implantação da ferrovia. Neste espaço se implantaram diversos tipos de atividades além dos têxteis, e que com o tempo foram se deslocando para outros espaços e deixando diversos terrenos abandonados ou vazios. Neste mesmo espaço, temos exemplos de vazios urbanos, ruínas industriais e terrenos à disposição da especulação imobiliária deixados pela transferência ou falência das empresas. É nesse espaço que temos a ameaça imediata de renovação urbana, com demolição de edificações industriais e sucateamento de parques fabris.

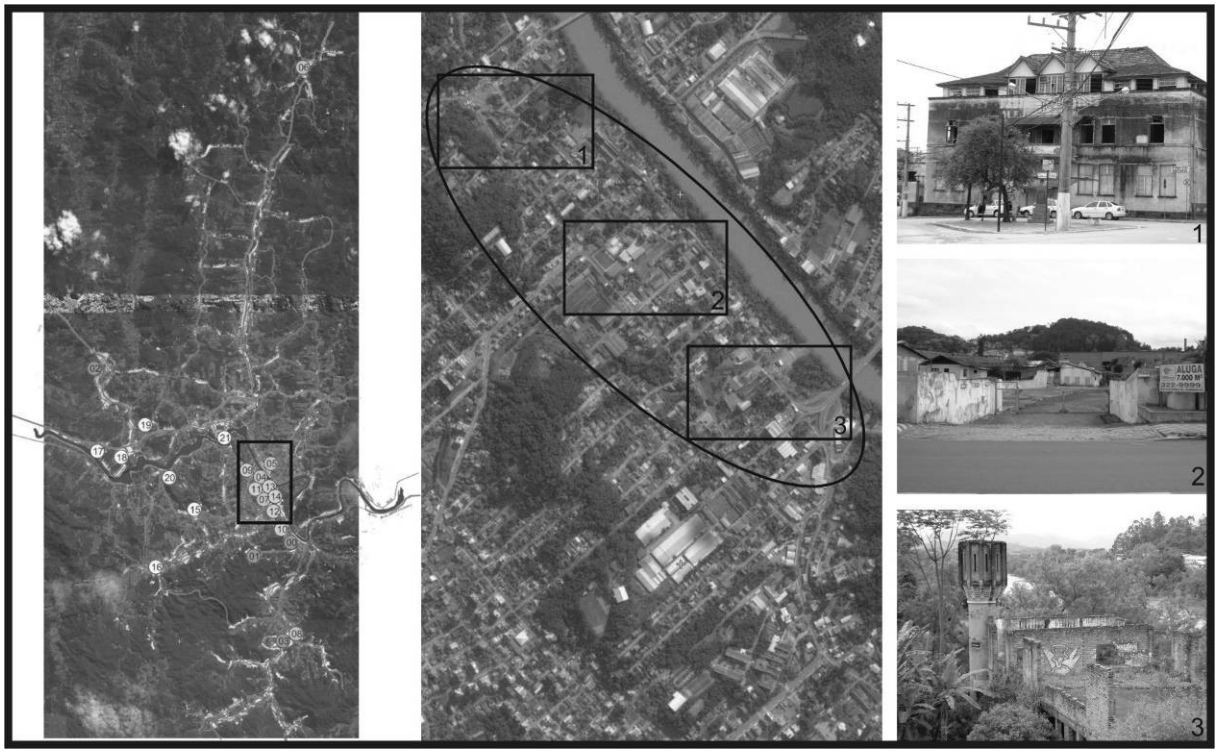


Figura 5.6: Espaço urbano no bairro da Itoupava Seca em Blumenau. Fonte: www.wikimapia.org, 2008 e Bielschowsky, 2001. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

A velocidade desta renovação urbana pode ser atestada pelo caso da Gaitas Hering, empresa fundada em 1923 por Alfred Hering e dedicada à fabricação de instrumentos musicais como a Harmônica de boca. Essa empresa teve suas ações vendidas pela família Hering em 1966 para a empresa alemã Hohner, que vendeu novamente a grupos acionistas brasileiros em 1979, época em que foi a maior concentração de brinquedos e instrumentos musicais do país. Passou por vários grupos acionistas e modificou sua linha de produção, até que faliu em 1991. Em 1996 as harmônicas Hering passaram a ser fabricadas pela Fábrica de Harmônicas Catarinense Ltda, em novas instalações. Atualmente a marca permanece, com o enfoque nos 85 anos de existência e seus produtos são exportados para 30 países, principalmente para a Europa e os E.E.U.U., porém, seu patrimônio edificado foi destruído, sem respeito a história local, num processo de abandono que durou mais de dez anos e nenhuma providencia foi tomada.

Figura 5.7: Demolição de um patrimônio industrial na Itoupava Seca. Fonte: www.wikimapia.org, 2008 e Bielschowsky, 2001. Elaboração: Bielschowsky, 2009.

Assim como no setor têxtil, o setor de brinquedos local sofreu com a abertura do mercado e a chegada dos produtos importados, causando o fechamento da empresa no início da década de 1990. Num terreno de 15 mil metros quadrados, localizado num dos principais pontos de conexão da cidade, que liga a área central à BR-470 e demais Itoupavas, um impasse no processo de desapropriação entre os advogados da massa falida e a prefeitura de Blumenau, foi longo demais. A preocupação na época em se preservar ao menos a fachada frontal da edificação que abrigaria um Museu da Indústria foi descartada, pois sem nenhuma política de manutenção desse patrimônio industrial, o espaço foi abandonado, ocupado por mendigos, depredado por vândalos, a estrutura foi comprometida, a cobertura desabou, uma das paredes de sustentação caiu e os moradores locais já não queriam mais aquelas "ruínas industriais" que causavam insegurança. Foi autorizada então, a demolição da parte restante do edifício principal pelo juiz responsável pela massa falida em 2005 e posteriormente os demais edifícios auxiliares também foram destruídos, e dessa vez, apenas com a promessa de ser feita uma praça pública, que veio a se realizar apenas no ano eleitoral de 2008.

Algumas unidades industriais foram desativadas em Blumenau, constituindo um patrimônio imobiliário que se não for valorizado tende a ser abandonado, demolido ou modificado, sem respeito à história urbano-industrial do município e mesmo microrregional, como foi o caso da antiga Gaitas Hering. Se não forem rapidamente valorizados estes patrimônios industriais, construídos ao longo dos anos e de forma peculiar pelo trabalho de sucessivas gerações de descendentes destas populações imigrantes, corre-se grande risco de sua memória se perder no tempo.

5.1. O estado atual da unidade matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro

O estado atual do espaço urbano-industrial da matriz da Cia. Hering no Vale do Bom Retiro em Blumenau é muito bem definido, com o complexo industrial encravado em meio à Natureza, sem muita relação com as atividades residenciais ou comerciais que se desenvolvem ao longo da Rua Hermann Hering. Se anteriormente havia uma boa integração entre funcionários e os industriais, num primeiro momento em que existia a vila operária e as residências da família Hering implantadas ao lado do complexo industrial, que gerava uma dinâmica urbana maior, atualmente, com a retirada da vila operária desde os anos 1970 e da própria família de suas residências-jardins, que hoje são utilizadas como pontos comerciais e de prestação de serviços, o espaço permanece muito atrativo, porém, sem maiores relações interpessoais devido à falta de atividades sociais cotidianas.

A Rua Hermann Hering foi ocupada pelas residências-jardins inicialmente, a maioria delas pelos familiares dos empresários, que com o passar do tempo já não atendiam mais às necessidades funcionais das famílias e passaram a ser alugadas ou vendidas para estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços e institucionais. A partir da década de 1980, com a construção de um edifício residencial de cerca de quinze pavimentos, alterou significativamente a característica do conjunto urbano-residencial de grande valor arquitetônico e urbanístico. Atualmente a rua encontra-se em processo de perda de identidade e de alteração significativa na paisagem e na ambientação desse espaço tão importante, decaindo também vertiginosamente a qualidade das novas intervenções.

Figura 5.8: Alterações na paisagem da Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.9: Implantação do complexo industrial na Rua Hermann Hering. Fonte: Hans Broos S. C. Ltda, 1980.

A figura demonstra a atual implantação do complexo industrial no Vale do Bom Retiro, que pode ser separado em três grandes setores: a fiação, a malharia e o setor administrativo. O setor da fiação, atualmente alugado para outra empresa, é o marco de chegada do complexo industrial, com o antigo edifício da fiação preservado.

Figura 5.10: Imagens do edifício preservado da fiação na Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.11: Imagens dos demais edifícios da fiação na Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Fazendo um percurso pela Rua Hermann Hering, é possível perceber as diferenças entre as técnicas construtivas das edificações e as diversas ambientações que podem ser encontradas no local. Na seqüência do edifício histórico da fiação, podem se encontrar os demais edifícios da fiação, com as características já descritas anteriormente. Pelo lado externo é possível perceber a diferença de nível do terreno, que vai ser vencida facilmente com o edifício da malharia, que terá a entrada principal no nível térreo e a entrada de serviço, que anteriormente chegava o fio da fiação própria no mesmo nível, no nível do subsolo. Com relação ao edifício da malharia, é possível notar algumas modificações, como nas aberturas que anteriormente tinha aspecto de um rasgo aberto, fazendo a brincadeira do cheios e vazios que dava também maior horizontalidade ao edifício e atualmente se encontram fechadas com vidro. O recuo do edifício da malharia em relação à Rua Hermann Hering permite ter a perspectiva ampliada, sendo possível avistar o edifício histórico.

Figura 5.12: Imagens do edifício da malharia na Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.13: Imagem dos setores da malharia e da fiação na Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Ao final do percurso fiação-malharia chega-se à área de estacionamento do complexo fabril, onde é possível ter a sensação de alargamento, pois não existe nenhuma edificação neste espaço, apenas uma loja que vende os produtos das marcas produzidas pela empresa. Esse espaço não deixa de ser um eixo articulador, onde de uma lado têm-se a perspectiva do conjunto fiação-malharia localizado no Vale do Bom Retiro (figura 5.13), do outro lado fica a loja da empresa (figura 5.14) e encravado no final do Vale têm-se a perspectiva do atual setor administrativo, que foi o núcleo inicial de implantação da empresa (figura 5.15).

Figura 5.14: Imagem da loja da empresa já na Rua Bruno Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.15: Imagem do atual setor administrativo da Cia.Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Esse eixo articulador define um novo eixo em direção ao setor administrativo. O edifício com o terraço-jardim na cobertura faz a marcação desse eixo e define também as entradas, de um lado os pedestres e do outro os veículos. Esse eixo é reforçado pelo entorno, de um lado as edificações preservadas e do outro a Natureza, que ajudam a configurar a perspectiva em direção aos edifícios mais importantes do complexo fabril. Lado a lado, o edifício fabril mais antigo do complexo industrial preservado e o novo edifício administrativo.

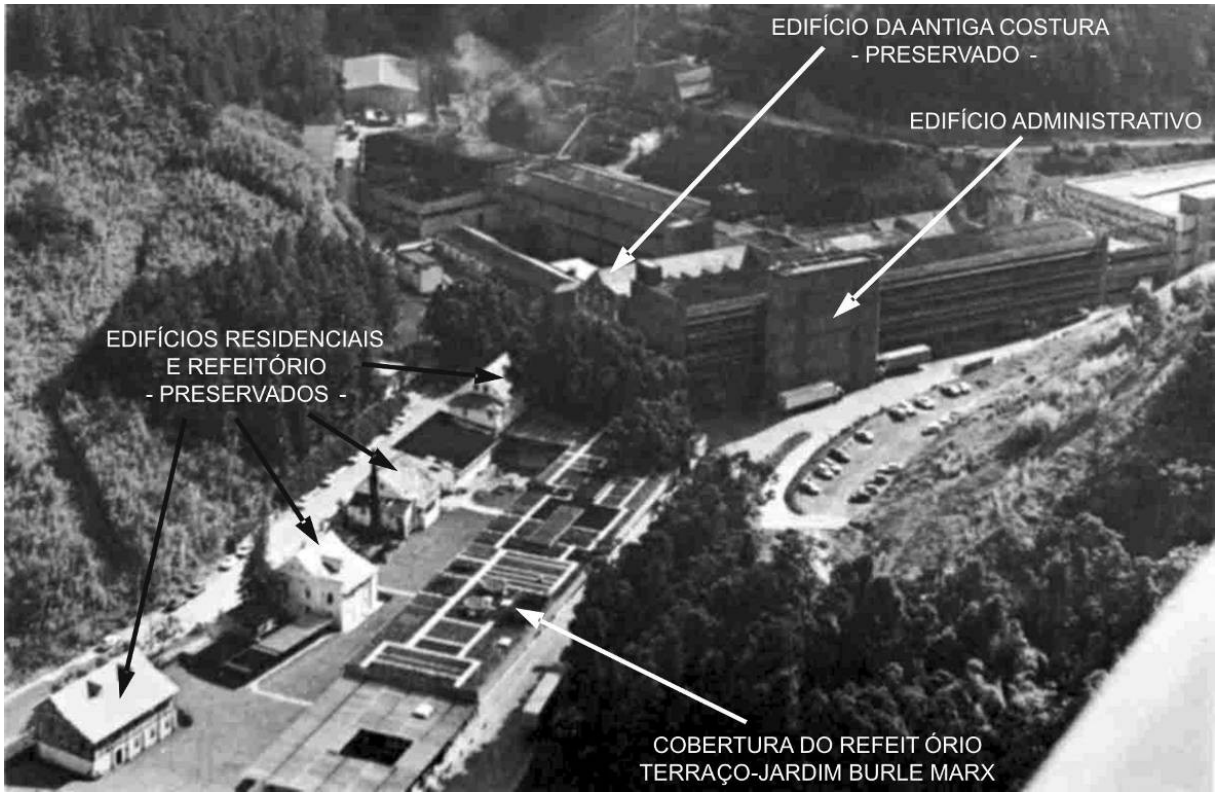


Figura 5.16: Imagem aérea do atual setor administrativo da Cia.Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.17: Imagens da antiga entrada no final da Rua Hermann Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A antiga entrada do complexo fabril, que era o final da Rua Hermann Hering, conserva as edificações do antigo refeitório e as primeiras edificações residenciais da família Hering preservadas, porém conforme demonstra a figura 5.17, essa entrada não é mais utilizada. A entrada de pedestres (figura 5.18) nessa parte do complexo industrial é feita em uma das laterais do edifício da portaria e atual refeitório, embaixo do terraço-jardim, ao lado de onde foi canalizado o Ribeirão, que ficava no espaço do gramado. O caminho é interessante, porém as antigas edificações perderam, em parte, o sentido, pois agora estão de costas à passagem das pessoas, que visualizam a parte posterior e não a fachada frontal das edificações preservadas, que fazem a relação das edificações com a antiga rua principal. Vale lembrar que a partir desse ponto, somente funcionários e pessoas convidadas têm acesso a esta parte do complexo industrial, o que é uma grande perda para o conjunto urbano-industrial da cidade, pois o ideal seria que as pessoas tivessem acesso para conhecer e se apropriar de alguns desses espaços cheios de significados e de muitas referências históricas.

Figura 5.18: Imagens da entrada de pedestres na empresa. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.19: Imagens da praça social. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Prosseguindo pelo acesso de pedestres, o funcionário ou o visitante chega à praça social, que no projeto original é o ponto de maior importância, pois remete à água do Ribeirão do Bom Retiro, fator decisivo na escolha do local para a implantação da empresa, exatamente onde passava o ribeirão. Além da água, apenas uma cobertura vazada e translúcida faz a conexão entre o novo edifício com o terraço-jardim na cobertura e a primeira edificação da família Hering preservada, com total permeabilidade desse espaço. Ao final da perspectiva é possível avistar o edifício industrial mais antigo do complexo fabril preservado, que é o da antiga costura (1897). Em cima do terraço-jardim as perspectivas são muito interessantes, para um lado o Vale do Bom Retiro e o edifício do antigo refeitório preservado e para o outro lado o atual edifício administrativo e o edifício da antiga costura preservado. O mais interessante do projeto paisagístico de Burle Marx para o terraço-jardim é que a vegetação vai alterando sua coloração constantemente ao longo do ano, com as diversas cores combinando com as diferentes temperaturas.

Figura 5.20: Imagens da cobertura do terraço-jardim. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.21: Imagens das laterais do edifício administrativo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

O edifico do atual setor administrativo projetado por Broos merece maior atenção, pois além de sua implantação marcar e definir a organização o espaço, sua localização e a relação com o entorno é privilegiada. De um lado a Natureza do ambiente natural, que é reforçada pelo paisagismo criado pelo homem na cobertura do edifício com o terraço-jardim que define o novo eixo principal deste núcleo, e do outro lado a valorização da edificação histórica para a elaboração de uma ambientação cultural privilegiada (figura 5.21). O final da Rua Hermann Hering, já dentro do complexo fabril, perde seu sentido de via funcional para a passagem de veículos e ganha ares de passeio, emoldurado pela presença física das edificações do antigo refeitório, das antigas residências dos empresários e da antiga costura, todas preservadas.

Figura 5.22: Imagens da antiga entrada do parque fabril. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.23: Imagens do edifício preservado da antiga costura. Fonte: Bielschowsky, 2009.

As paisagens existentes neste espaço são muito interessantes, confirmando assim a qualidade das intervenções ocorridas na década de 1970. Mesmo que os funcionários não saibam explicar direito o significado de cada uma dessas intervenções e das perspectivas e vistas privilegiadas pela proposta urbano-arquitetônica-paisagística, constata-se o interesse de cada funcionário em saber mais sobre a história desse espaço. Com a permanência de diversos signos e elementos simbólicos, é possível fazer a reconstituição histórica do local, o que para os funcionários mais antigos torna-se uma viagem no tempo, cheio de nostalgia sobre um passado que parece ainda estar presente em cada um desses elementos preservados e valorizados pelo projeto. A presença desses elementos que despertam as vivências do passado, servem como elementos estruturadores das memórias coletivas, contribuindo assim para a fixação da identidade do lugar e de toda uma coletividade.

5.2. O estado atual da unidade matriz da Karsten S.A. no Testo Salto

Atualmente o espaço onde está implantada a unidade fabril da Karsten S.A. demonstra certa particularidade. A empresa aumentou significantemente sua unidade fabril, com a construção de inúmeras novas edificações que foram ocupando praticamente todo o espaço compreendido entre o núcleo inicial da empresa, a Rua Johann Karsten, o Ribeirão do Testo e a SC-418, principal ligação entre a cidade de Pomerode e a BR-470 (Blumenau), onde do outro lado da margem a empresa já começou a ocupar novos terrenos, com a implantação da unidade de fiação.

Com relação ao ambiente de forma geral, temos características bem definidas e bem contrastantes. No lado em que a empresa iniciou suas atividades, a paisagem constituída de forma peculiar pelos imigrantes, empresários e moradores locais, a maioria trabalhadores da própria empresa, permanece praticamente inalterada nos últimos anos, com ambientação atrativa e adequada ao sítio físico local, demonstrando bem a forma de apropriação da paisagem. Ao contrário desse núcleo inicial que preserva suas características, a formação do espaço urbano-industrial constituído a partir das diversas ampliações da empresa, demonstra novos elementos de significativa importância para a empresa e sua estratégia de mercado atual. Isso aparece ao longo da SC-418, onde existe uma ponte fazendo a conexão entre os espaços produtivos da empresa e onde está implantado um *show-room* da empresa, reforçando assim a idéia de que é uma empresa sólida, moderna e conectada às novas necessidades do mundo atual, como por exemplo, se localizar em uma pista de alta velocidade e de tráfego intenso ao invés de se instalar em um ambiente mais calmo e acolhedor, com uma ambientação que privilegie a natureza, a história da empresa e o sua implantação inicial.

Figura 5.24: Parte do complexo fabril localizado na margem da SC-418. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.25: Paisagem do entorno do parque industrial. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Algumas relações permanecem no ambiente onde se implantou a empresa. A figura 5.25 demonstra uma rua tortuosa, paralela à um pequeno ribeirão, num fundo de Vale ainda desocupado. Esse cenário permanece em toda a imediação da unidade fabril e demonstra que a apropriação do ambiente natural ainda não constituiu um ambiente urbano. No momento da implantação da empresa, esse era o cenário que caracterizava o espaço, conforme figura 4.39.

A relação da indústria com o Ribeirão do Testo, que já aparecia marcada na figura 4.40, foi reforçada com as sucessivas construções de ampliação do parque fabril da empresa sendo construídas ao longo do Ribeirão, conforme demonstra a figura 5.26. O ribeirão faz a delimitação do espaço industrial e por estar represado participa da concepção e da formação da paisagem local que caracteriza a identidade deste espaço figura 5.27.

Figura 5.26: Sucessivas ampliações do parque fabril ao longo do Ribeirão. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.27: A identidade do espaço. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Uma passarela faz a ligação entre as duas margens do Ribeirão, onde os funcionários e empresários passam todos os dias, pois o estacionamento fica do outro lado do ribeirão. Caminhando sobre essa passarela, as pessoas podem perceber melhor essa relação, pois as edificações industriais ficam à beira do ribeirão, que nessa parte se apresenta parcialmente represado (figura 5.27). A passarela fica localizada estrategicamente, onde de cada lado fica uma residência da família Karsten preservada, a mais antiga ao lado do espaço industrial (profano) e a mais recente ao lado da Igreja (sagrado), conforme demonstrado na figura 4.43.

Figura 5.28: A passarela conectando os espaços e as residências da família Karsten. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.29: Perspectiva da passarela conectando as residências da família Karsten. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Uma outra identidade que permanece inalterada ao longo dos anos é a relação entre a chaminé e a torre da Igreja. Essa relação entre a chaminé e a torre da Igreja é algo constante na espaço, que pode ser vista em diversas perspectivas diferentes ao longo da história, nas duas margens do Ribeirão e ao longo de todo o Vale. Assim como a figura 4.43 já demonstravam essa relação, com a perspectiva sob o Ribeirão do Testo, a figura 5.30 demonstra a permanência dessa relação, fortalecendo ainda mais a identidade do local.

Figura 5.30: Permanência da identidade do lugar. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A figura 4.47 demonstrava a perspectiva a partir da entrada do parque fabril em 1970, e a figura 5.31 visa demonstrar como essa relação permanece até os dias atuais, fixando ainda mais a identidade do lugar. A diferença entre a altura da chaminé da fábrica e a torre da Igreja demonstra também a maior importância do complexo industrial para o espaço urbano do que a Igreja. A figura 5.31 sintetiza as relações entre o espaço produtivo e o espaço urbano e destes com o ambiente natural.

Figura 5.31: Relação entre o espaço produtivo e o seu entorno. Fonte: Bielschowsky, 2009.

5.3. O estado atual do espaço urbano-industrial no Garcia

Atualmente o espaço onde está implantada a unidade fabril da Coteminas S.A., que inicialmente pertenceu a E. I. Garcia e a Artex, e sua área de influência demonstra grande diferença com relação às prioridades da empresa e a relação dela com seus funcionários, seu entorno e com a cidade. A empresa aumentou significantemente sua área construída em sua unidade fabril, com a construção de inúmeras novas edificações que foram ocupando praticamente todo o espaço ainda disponível, e isso inclui à antiga rua, praça pública, cooperativa e o antigo campo de futebol. As casas populares, já haviam sido vendidas aos funcionários em condições facilitadas em 1966 e das aproximadamente 240 existentes, sobraram apenas algumas poucas dispersas ao longo da Bairro da Glória. A maioria deu lugar à construção de novas edificações, quase todas comerciais devido a importância das ruas, assim como as que permanecem existentes também são de uso misto, moradia e uso comercial na fachada frontal, conforme figura 5.37 com casas ainda existentes.

Figura 5.32: Atual vista área do complexo industrial. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

A portaria principal do complexo industrial se concentra na entrada anteriormente utilizada apenas pelos veículos pesados, de carga e descarga, e estacionamento da empresa, localizado onde anteriormente era o campo de futebol do Amazonas E. C., que foi todo aterrado, assim como as demais áreas do complexo industrial. A entrada é bem demarcada pelas palmeiras imperiais, onde para a direita fica localizado o estacionamento de veículos leves e para a esquerda o início do complexo industrial, onde os veículos pesados entram por onde seria o antigo traçado da Rua Amazonas até certa parte.

Figura 5.33: Portaria principal no local do antigo campo do Amazonas E.C.. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Figura 5.34: Portaria principal na Rua Amazonas e o complexo industrial. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Figura 5.35: Novo traçado da Rua Amazonas e o complexo industrial. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Seguindo externamente ao parque fabril, é necessário percorrer o "novo" trajeto da Rua Amazonas implantado em 1974 (Figura 4.88), que também recebeu uma demarcação através de Palmeiras Imperiais exatamente entre o início do novo traçado até encontrar a grande reta traçada por trás do antigo parque fabril, conforme a figura 5.35. A partir dessa reta cria-se uma perspectiva, entre o morro e a unidade fabril, em direção à nova Praça (ou apenas rótula do sistema viário) Getúlio Vargas (figura 5.36), local onde havia uma grande concentração de casas populares da vila operária anteriormente (Figura 4.65).

Figura 5.36: Atual Praça Getúlio Vargas e a Rua Amazonas ao fundo. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

A partir da Praça Getúlio Vargas, ocorre a divisão da Rua Amazonas em duas vias importantes, a Rua da Glória que é a principal conexão do bairro da Glória e a Rua Progresso, que é a principal conexão do bairro Progresso. Seguindo pela Rua da Glória, já não existe mais relação direta com a empresa, visto que as antigas casas populares e a antiga cooperativa de consumo não pertencem mais a empresa. Porém, as residências da antiga vila operária ainda existentes nos remetem ao tempo em que existia uma relação direta da empresa com seus funcionários e com a cidade, através da ação direta nos bairros próximos.

Figura 5.37: Casas populares remanescentes em frente ao complexo fabril. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Seguindo pela Rua Progresso pode-se perceber diversas situações inusitadas e a perda da identidade desse local. A primeira grande decepção é o espaço da antiga Praça Getúlio Vargas, um espaço público que foi apropriado pela empresa de tal forma que hoje não é possível ter referencia nenhuma à esse elemento urbano de grande importância no passado. Seguindo em frente, uma surpresa relativamente boa, é a existência do primeiro edifício fabril da Artex, de 1936. O edifício não apresenta nenhum destaque por estar em uma via de grande fluxo rápido de passagem e não ter sido criado nenhum espaço que o valorize como deveria.

Figura 5.38: Edifício histórico e antiga praça sem maiores referência. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Surpresa relativamente boa porque, num espaço onde quase nada foi preservado, a existência de um edifício-chave para se compreender a história desse espaço urbano-industrial serve como elemento de referência e que pode reconstituir alguma identidade.

Figura 5.39: Edifício histórico visto pelo lado externo do complexo fabril. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

A edificação está parcialmente preservada, externamente, com a alvenaria em boas condições, mas com todas as aberturas vedadas, inclusive as mansardas na cobertura, para que não se possa ver ou saber o que existe ou acontece na parte interior do edifício, que está vazio.

Figura 5.40: Edifício histórico visto pelo lado interno do complexo fabril. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Prosseguindo pela Rua Progresso, praticamente ao lado do antigo edifício parcialmente preservado, tem-se uma grande perda na dinâmica urbana e a perda de identidade do local. A antiga portaria principal, onde anteriormente acontecia a entrada dos funcionários, apresenta seu portão fechado. A própria Artex, ao incorporar a empresa E. I. Garcia, eliminou diversos fatores que contribuíam para a dinâmica local e o cotidiano das pessoas, com o fechamento de vias, ponte, campo de futebol e edifícios que marcavam o espaço urbano local. A Coteminas faz da mesma forma, com a desculpa de reorganização funcional e logística. Fechou o portão principal da Artex, mas não apenas pelas desculpas dadas, mas para marcar o espaço da sua maneira. Esse espaço foi de importância fundamental no decorrer da história urbano-industrial pelos diversos fatores anteriormente já citados, como por exemplo, ter sido neste local onde teria sido implantada a primeira fabriqueta têxtil da cidade, a linha imaginária onde percorriam os principais fluxos, desde o tapume que represava a água para o fornecimento de energia, o local onde foi construída a grande chaminé da antiga empresa e mais tarde, bem em frente à portaria, ficava situado a cantina, o refeitório e o centro social da empresa. Com relação ao antigo refeitório, o espaço foi doado para o governo estadual, que doou para o governo municipal em para a construção do ambulatório do Garcia, uma antiga reivindicação popular de décadas.

Figura 5.41: Antiga portaria principal do complexo fabril. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Finalizando o percurso, temos a ADR Artex, que anteriormente era restrito para o uso dos funcionários, mas atualmente funciona como um clube comum, onde qualquer pessoa pode se associar e desfrutar da excelente infra-estrutura existente.

Figura 5.42: Imagem da A.D.R. Artex. Fonte: Bielscchowsky, 2009.

Figura 5.43: Implantação da A.D.R. Artex. Fonte: Adalberto Day, 2009.

5.4. O estado atual do espaço urbano da Itoupava Seca

Atualmente o espaço urbano onde se implantaram grande parte das indústrias do segundo período da industrialização blumenauense apresenta um grande problema urbano que é a desativação e a retirada de suas unidades fabris para outros locais com melhor infra-estrutura, principalmente com melhor localização dentro do atual modelo de logística rodoviário implantado no Brasil. Nesse mesmo espaço urbano é possível encontrar diversas situações ocorrendo simultaneamente, como apropriação de uma ruína industrial por moradores de rua, enormes terrenos ocupados parcialmente por empresas de transporte e logística, algumas edificações industriais com mais de 80 anos de existência funcionando e outras já desativas sem nenhuma referência maior, um importante elemento da dinâmica urbana atual do local que é o Campus II da Universidade Regional de Blumenau - FURB localizado no antigo espaço que abrigava alguns depósitos e oficinas da antiga EFSC que foram recuperados e readaptados para as novas funções e a implantação de uma praça pública em um dos três quarteirões do espaço, que permaneceu abandonado por dezessete anos, que ocupava a antiga Fábrica de Gaitas Alfredo Hering, o popular "trevo da Gaitas Hering".

Além desses elementos urbanos que constituem a atual dinâmica desse espaço, existe a presença física das unidades industriais da Cremer e da Altona, em pleno funcionamento, que gera um enorme conflito de interesses entre os espaços de produção e os espaços urbanos, principalmente quando gera influência direta nas funções vitais do atual modelo de gestão do território, que em Blumenau fica evidente, que é a prioridade do transporte individual. Logo, pode-se concluir desde já, que este espaço dotado de grande infra-estrutura para os espaços de produção já não atendem mais as expectativas nem para os empresários que necessitam implantar suas unidades fabris à beira das grandes artérias de escoamento de produtos do atual modelo de transporte rodoviário brasileiro e nem as expectativas urbanas do atual modelo de gestão do território municipal, que visa priorizar o transporte individual e especular essas áreas dotadas de grande infra-estrutura, tornando esse espaço urbano de grande importância histórica em grandes vias de passagem, com a liberação de maiores gabaritos e a valorização dos terrenos por estarem à beira dessas vias de passagem cotidianas de grande parte da população da cidade e da microrregião de influência. A Cremer já possui algumas unidades fabris localizadas na BR-470 e a Altona pretende transferir sua unidade fabril para a BR-101, em Barra Velha (Fonte: Folha de Blumenau, 03/04/2009).

Figura 5.44: Ruínas industriais na Rua São Paulo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Para compreender o atual espaço urbano da Itoupava Seca será feito um percurso pela Rua São Paulo, entre as pontes do Tamarindo e Santa Catarina. O início deste percurso é marcado pelo acesso á Ponte do Tamarindo, que ao invés de passar por cima da Rua São Paulo onde existia a continuidade nesse sentido, desviou o fluxo em direção ao espaço analisado e se tornou a principal via que conduz o tráfego para a margem esquerda da Rio Itajaí-Açú em direção ao bairro Fortaleza e a saída para a BR-470 pela via expressa. Com o rompimento do sentido principal do fluxo, da perspectiva em direção à continuidade da Rua São Paulo, a implantação deste viaduto de acesso à ponte e a permanência de uma ruína industrial que foi apropriada por moradores de rua, houve uma desqualificação deste espaço urbano para a cidade como um todo, gerando um espaço inseguro e confuso, tanto para os pedestres como para o tráfego de veículos. O elemento simbólico da chaminé da antiga torrefação do Café Blumenau (figura 4.94) marca verticalmente este espaço. Após contornar o viaduto e voltar para a R. São Paulo, enconta-se o complexo industrial da Bebidas Thomsen.

Figura 5.45: Edifícios preservados da Bebidas Thomsen na Rua São Paulo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.46: Edifícios preservados da matriz da Altenburg na Rua São Paulo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Prosseguindo pela Rua São Paulo encontra-se o espaço que abriga o núcleo inicial do complexo fabril da empresa Altenburg no mesmo terreno em que ficava a residência da família, que também se encontra preservada. Na figura 5.46 é possível perceber a edificação residencial em destaque na fachada frontal da R. São Paulo. O núcleo fabril nasce nos fundos do terreno, fato que diminui a relação entre o ambiente fabril e o espaço urbano. Posteriormente será edificada a casa comercial da empresa, que permanece em funcionamento até hoje, ao lado do espaço residencial-fabril inicial (figura 5.47).

Figura 5.47: Atual casa comercial e antiga residência-complexo fabril da Altenburg. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.48: Edifícios preservados da matriz da Altenburg na antiga via ferroviária. Fonte: Bielschowsky, 2009.

O núcleo fabril que nasce nos fundos do terreno, que diminui em parte a relação entre o ambiente fabril e o espaço urbano da Rua São Paulo, cria também uma nova relação urbana, entre o espaço de produção e os meios de transporte e locomoção. A figura 5.48 demonstra essa relação na fachada dos fundos, voltada para a antiga via férrea que ali passava.

Voltando ao percurso pela Rua São Paulo, é possível encontrar grandes terrenos vazios ou utilizados parcialmente por empresas de transportes, por exemplo, a disposição da especulação imobiliária, que aguarda maior valorização dos terrenos com a retirada das últimas unidades industriais deste espaço urbano e a liberação para a construção de torres residenciais ou comerciais com maiores gabaritos por parte do poder público local.

Figura 5.49: Terrenos fechados na Rua São Paulo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Prosseguindo pela Rua São Paulo encontra-se o espaço que abrigava os galpões da antiga E.F.S.C., onde atualmente funciona o Campus II da FURB.

Figura 5.50: Espaço dos galpões da antiga E.F.S.C., atual Campus II da FURB. Fonte: FURB, década de 1980.

A figura 5.50 demonstra o espaço do atual Campus II da FURB, onde é possível observar diversos detalhes, como a disposição dos antigos galpões e do traçado da extinta E.F.S.C., que cruzava a Rua São Paulo e passava por trás do complexo industrial da antiga Gaitas Hering (conforme demonstra a figura 4.101), ainda presente nesta figura. Com relação ao espaço urbano local, verifica-se que o edifício principal da antiga Gaitas Hering faz a marcação do espaço e define o final da Rua São Paulo, início da Rua Bahia e acesso à ponte Santa Catarina, que faz a conexão com a margem esquerda do Rio Itajaí-Açú.

Figura 5.51: Antigo traçado e galpões da E.F.S.C. reutilizados pela FURB. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Os antigos galpões foram reformados para atenderem as novas funções. A maioria das edificações sofreu bastantes alterações nas partes internas dos edifícios, mas preservaram em boa parte as fachadas externas dessas edificações.

Figura 5.52: Galpões da antiga E.F.S.C. reutilizados pela FURB. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.53: Edificações comerciais e residenciais abandonadas na R. São Paulo. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A desativação da malha ferroviária e o constante fechamento, abandono ou a retirada dos complexos fabris deste espaço urbano que está sendo analisado causa grande empobrecimento para a dinâmica urbana local. Além dos reflexos imediatos causados no espaço urbano e na dinâmica social desta área, verifica-se também o fechamento, abandono e esvaziamento das demais edificações, como as edificações de uso comercial ou de prestação de serviços e posteriormente as edificações de uso residencial.

Esses espaços esvaziados causam empobrecimento urbano dessas áreas, com a ausência de dinâmica urbana local que gera movimento e segurança no espaço. Essas edificações abandonadas causam também depreciação da paisagem urbana e diversos efeitos em escala, como o fechamento das atividades no seu entorno imediato e a perda de práticas sociais locais desenvolvidas no cotidiano de seus moradores, que define também a identidade do lugar.

Figura 5.54: Vista panorâmica da área analisada. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A figura 5.54 demonstra a vista panorâmica da área analisada, onde ao fundo aparece a Ponte do Tamarindo e a chaminé da antiga torrefação do Café Blumenau, as alterações no gabarito das novas edificações que já descaracterizam o conjunto urbano atual. A figura 5.55 demonstra o entorno dessa área, onde na margem esquerda aparece a imponência do complexo industrial da TEKA e do lado direito a imponência da Electro Aço Altona.

Figura 5.55: Vista panorâmica do entorno da área analisada. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.56: Antigo traçado da ferrovia e galpões da E.F.S.C.. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A figura 5.56 demonstra o antigo traçado da ferrovia, que passava ao lado dos galpões atualmente utilizados pela FURB, cruzada a Rua São Paulo e passava por trás do complexo fabril da antiga Gaitas Hering, que na figura já não existe mais. Dos três quarteirões onde estavam implantadas as edificações fabris (figura 4.101), apenas a primeira edificação situada na Rua São Paulo foi reaproveitada para um novo uso. O quarteirão do meio teve suas edificações fabris totalmente destruídas e o terreno se encontra vazio e abandonado neste momento. O quarteirão onde ficava o edifício principal e mais representativo teve suas edificações destruídas e foi construída uma praça pública (rótula viária) neste local.

A figura 5.57 demonstra o reaproveitamento de parte da estrutura de um antigo edifício fabril abandonado com boa parte de sua estrutura comprometida, inclusive sem a cobertura. Apesar de ter sido reformado para ser reaproveitado para algum uso que pudesse ser implantado neste local, atualmente o edifício encontra-se vazio e a disposição para locação, ao lado do quarteirão vazio, o que demonstra a perda de identidade do local.

Figura 5.57: Antigo espaço do complexo industrial da Gaitas Hering reaproveitado. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Figura 5.58: Espaço interno do antigo complexo industrial reaproveitado. Fonte: Bielschowsky, 2009.

A figura 5.58 demonstra o espaço interno de uma edificação que teve sua estrutura reaproveitada, foi reformada e esta aguardando a possibilidade de receber novos usos. O espaço que aparece na figura 5.59 é o quarteirão do meio do antigo complexo industrial que foi demolido. O espaço se encontra abandonado, onde mesmo com a retirada das edificações para evitar a apropriação desse espaço pelos moradores de rua, vinha sendo utilizado como ponto de venda e consumo de drogas, segundo os moradores locais.

Figura 5.59: Antigos espaços do complexo industrial da Gaitas Hering. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Ainda na figura 5.59 é possível perceber a relação desse espaço abandonado, atualmente utilizado para a venda e o consumo de drogas, com a nova praça recém implantada no espaço onde ficava o edifício principal da antiga Gaitas Hering. A relação entre esses dois espaços que pertenciam ao complexo industrial, o espaço abandonado e a nova praça pública, pode ser mais bem demonstrado através da figura 5.60. Apesar de não ser interesse do presente trabalho criticar o espaço público oferecido à população local, vale advertir sobre algumas percepções obtidas no local. O espaço reproduz algumas situações problemáticas já encontradas em Blumenau, como a falta de arborização e de um ambiente agradável para relaxar, que faz com que a população não se aproprie desses espaços. Na figura percebe-se um único banco em um espaço generoso localizado exatamente onde não existe arborização e um grande espaço sem utilização. A praça-rótula fica localizada em um cruzamento de três vias de fluxo intenso, o que dificulta o acesso e causa poluição ambiental e auditiva, ocasionando grande desconforto ambiental. Com a presença do terreno abandonado, seus freqüentadores e a possibilidade de não haver a apropriação por parte da comunidade local devido a uma série de fatores, alguns aqui apontados, essa praça-rótula pode voltar a ser freqüentada pelas mesmas pessoas que freqüentavam as edificações fabris abandonadas, que foi a justificativa de sua demolição ao invés de se estudar alguma forma de reapropriação coletiva desse espaço.

Figura 5.60: A relação entre o espaço abandonado e a nova praça pública. Fonte: Bielschowsky, 2009.

Para ilustrar um pouco mais essa situação de ameaça em que se encontram as edificações industriais e a memória coletiva das pessoas que produziram esses espaços, pode-se observar o espaço do antigo complexo industrial da Chocolates Saturno, anteriormente ocupado pela fábrica Porcelanas Condessa, que apesar de não estar no espaço de análise deste trabalho, teve sua falência e posterior abandono na década de 1990. Após o fechamento da empresa, o edifício foi totalmente saqueado pelos próprios ex-funcionários, segundo moradores locais, num primeiro momento e por vândalos posteriormente. Com o edifício em desuso, abandonado e sem maiores cuidados, houve uma disputa extra-oficial deste espaço. De um lado as pessoas sem moradia que tentavam se apropriar e cuidar do espaço, e do outro lado as pessoas que não queriam que esse grupo se apropriasse do espaço remanescente e vândalos que continuavam a saquear e destruir o patrimônio industrial. Com o passar do tempo, o espaço com as suas edificações praticamente todas destruídas e descaracterizadas, foi sendo apropriado pelos catadores de papel, que começaram a utilizar este espaço para a triagem e seleção do material que poderia ser reciclado. Recentemente este espaço foi leiloado e adquirido por uma empresa privada de triagem para a reciclagem de papelão. Novamente, pode-se observar a omissão do poder público no trato urbano, que não se preocupou nem com a manutenção física do espaço, das edificações e da memória coletiva da comunidade local, nem com a possibilidade de contribuir com a organização e oportunidade de trabalho para as pessoas que se apropriaram deste espaço. Foi necessária uma empresa particular adquirir o espaço para refuncionalizar e reorganizar os trabalhos que ali já ocorriam novamente, ao invés de o poder público, que teve chance, conciliar preservação, reciclagem, proposta de novos usos e instituir uma política pública para esse problema urbano, que é a falta de espaços para o armazenamento e a separação de materiais que possam ser reciclados ou reaproveitados.

Figura 5.61: Espaço do antigo complexo industrial da Chocolates Saturno. Fonte: Bielschowsky, 2009.

6. CONCLUSÕES

O presente trabalho pretendeu demonstrar através da reconstituição histórica, principalmente pela evolução das paisagens, a importância das empresas e da instalação de seus complexos industriais em pontos dispersos da malha urbana para o desenvolvimento econômico e sócio-cultural da cidade de Blumenau. Esses espaços que se desenvolveram a partir da implantação dos complexos fabris representaram e representam ainda hoje os diversos períodos da evolução urbano-industrial desses espaços, de seus bairros e de sua importância na configuração da malha urbana da cidade e por isso devem ser preservados, o que requer uma ação do poder público no sentido de defender a memória urbana da cidade.

A análise da evolução da paisagem permitiu perceber as especificidades de cada espaço, destacando elementos simbólicos que vão constituir a identidade de cada local. Ao analisar figuras, fotos e imagens foi possível ter apreensões distintas sobre o mesmo espaço analisado em mapa, permitindo à observação uma dimensão a mais, além das perspectivas e escalas da relação entre o ambiente construído com o ambiente natural. Dessa maneira podemos concluir que cada espaço, mesmo os que foram apropriados no mesmo período, se desenvolve de maneira diferente.

Os três complexos industriais implantados praticamente ao mesmo tempo foram, de modo geral, responsáveis pela forma de apropriação do espaço natural encontrado e pela implantação de diversos tipos de equipamentos urbanos e sociais, que muito contribuíram para o desenvolvimento urbano desses espaços. Porém, dentro desse conjunto de intervenções desse grupo, pode-se observar algumas especificidades no trato urbano do espaço, nas relações sociais com seus funcionários e colaboradores, na preservação do ambiente construído ou na relação com o entorno natural.

No espaço do Vale do Bom Retiro, conclui-se que a Cia. Hering procurou preservar seus edifícios mais simbólicos e significativos construídos e a relação desse conjunto preservado e o ambiente construído, com as necessidades produtivas, com o ambiente natural e a paisagem do entorno. A grande perda ocorreu na dinâmica urbana local, com a retirada da vila operária e de seus colaboradores desse espaço, ocasionando a perda das relações sociais constituídas entre moradores locais, funcionários e empresários.

No espaço do Vale do Ribeirão Testo, conclui-se que a Karsten preservou bastante a relação do complexo industrial com o entorno e a natureza, ampliando e modernizando seu parque fabril em direção a SC-418 (Rodovia Johann Karsten), que liga Pomerode à BR-470 em Blumenau. Saindo da SC-418 que é uma via expressa. Entrando no bairro do Testo Salto é possível verificar a manutenção de diversos costumes e tradições culturais expressas pela população local, como a forma de alimentação e a manutenção de um dialeto da língua alemã que pode ser observado nos pequenos bares, restaurantes, casas comerciais e locais de prestação de serviços da localidade. Além da preservação da cultura social, verifica-se também a manutenção da relação cultural entre o ambiente construído e o ambiente natural. Apesar de não existir uma vila operária bem definida, é possível verificar a interferência da empresa no cotidiano das pessoas e do complexo industrial na dinâmica urbana local. Neste espaço a vida privada e a vida social ainda se desenvolvem em torno dos horários de produção. A maior perda neste espaço foi a falta de preservação dos edifícios fabris históricos mais significativos que ajudariam a contar melhor a evolução urbano-industrial deste espaço.

O espaço do Vale do Ribeirão Garcia foi o que sofreu as maiores intervenções urbanas de grande impacto para a população local. Essas intervenções ocorreram de maneira positiva durante a criação e desenvolvimento dos dois complexos industriais de grande porte, porém, com a fusão desses complexos industriais, as alterações urbanas de grande impacto urbano-social foram, na sua grande maioria, negativas. A partir dessa fusão, as perdas foram significativas, pois com a necessidade de ampliar sua área fabril construída, eliminaram-se os edifícios mais representativos e os elementos urbanos mais importantes para a dinâmica urbana do local. A venda das casas populares, pertencente à empresa E.I.Garcia, para seus funcionários em 1966 por preços acessíveis, demonstrava a evolução urbana do bairro e o desejo de novos usos do solo. A maioria das residências foi substituída por casas comerciais ou de prestação de serviços, pois estavam localizadas na rua principal do bairro. A perda das relações sociais constituídas entre moradores, funcionários e as atividades decorrentes da empresa, tanto pelo deslocamento residencial de seus moradores, como pelo deslocamento das atividades sociais da empresa, ocasionaram empobrecimento urbano e cultural para esse espaço. A venda desse grande complexo industrial para um grande grupo exterior à cidade e a perda constante de diversos elementos simbólicos ao longo dos últimos anos contribuíram ainda mais para a perda de identidade da população deste local.

No espaço da Itoupava Seca pode-se concluir que os diversos complexos fabris, com distintos interesses, que produzem diferentes objetos, se implantam em um espaço dotado de boa infra-estrutura, porém, pela falta de maiores vínculos entre empresários, funcionários, moradia, espaços de produção e o espaço urbano não conseguem criar uma identidade específica. Talvez se tenha aqui exatamente o oposto, a falta de espaços e elementos simbólicos seja a identidade do local. Nas pesquisas *in loco* realizadas com antigos moradores e comerciantes locais, foi possível constatar um espaço atípico de uma cidade industrial onde ocorre a concentração industrial. Esse espaço foi apropriado por boa parte da elite local, que além de implantarem suas unidades fabris, implantaram também suas residências nas proximidades, ou seja, em vez dos espaços disponíveis terem sido destinados à construção de residências dos funcionários dessas empresas, parte da elite local o fez, segregando espacialmente antigos moradores dessa localidade. Como não foram as empresas que equiparam o espaço urbano e não contribuíram muito para o desenvolvimento social local, fica difícil definir características que identifiquem o espaço. Conclui-se então que esse espaço urbano foi um bairro industrial sem a presença física de moradia de grande parte de seus funcionários.

A facilidade da escolha deste espaço para a implantação das unidades fabris ocorreu de forma bastante rápida, pela disposição de terrenos e a facilidade que a infra-estrutura oferecia. Essa rapidez na hora da implantação ocorreu da mesma forma, porém de maneira inversa, na hora em que esse espaço já não era mais tão atraente, com o final do transporte fluvial e depois do ferroviário. A maioria das unidades fabris localizadas neste espaço fechou, foram abandonadas ou se deslocaram para outras áreas de maior interesse estratégico e logístico, deixando resquícios no espaço urbano, como terrenos vazios e abandonados que se encontram a disposição dos especuladores imobiliários que vão aproveitar a grande infra-estrutura existente e o alto valor de mercado do local.

Apenas duas grandes empresas e uma de porte menor permanecem neste espaço analisado, que são a Ectro Aço Altona, a Cremer e a Bebidas Thomsen. A retirada dessas empresas é questão de tempo, pois a Cremer já possui outras filiais, sendo que duas estão localizadas na BR-470 para atenderem suas necessidades logísticas e a Ectro Aço Altona já cogita a possibilidade da criação de uma grande unidade industrial na BR-101, em Barra Velha/SC.

O desaparecimento de parte da história da evolução da cidade ocorre pela falta de uma política de preservação, conservação e manutenção dos bens patrimoniais de relevante importância para a memória urbana. A importância desses espaços de produção e de apropriação coletiva, a importância que estes espaços tiveram ao longo dos anos para a conformação da malha urbana atual, a evolução dos maquinários, a evolução das técnicas produtivas, a evolução das técnicas construtivas, a evolução dos meios de transporte, as conquistas sociais dos trabalhadores, enfim, a contribuição dos meios de produção no espaço urbano, no trato urbano e social desses espaços, constituem um acervo material e imaterial que deve ser considerado Patrimônio Industrial e por isso deve ser preservado para a manutenção da memória urbana da cidade.

Esses espaços dispersos contribuíram para o desenvolvimento da totalidade da cidade, possuem signos e símbolos que caracterizam sua identidade. Eliminar esses signos aos poucos para que se perca a identidade desses espaços é uma forma de eliminar também a questão temporal, fazendo com que as pessoas percam a noção de tempo, onde novos signos podem surgir a qualquer hora. Porém, esses signos não podem constituir uma identidade de uma hora para outra, pois é preciso muito tempo para haver tamanha assimilação que caracterize a identidade de uma coletividade.

As políticas de preservação se fazem necessárias para a manutenção da memória urbana de Blumenau. Além da preservação de alguns edifícios isolados, é necessário preservar também o conjunto que lhe dá o contexto em que se insere e a ambientação desses espaços com a finalidade de se produzir ou reproduzir as relações sociais que de maneira geral estão enfraquecidas e oferecer condições para que se possa instituir a reapropriação coletiva desses espaços.

O que dizer, então, do patrimônio industrial, frente à realidade que se mostra de forma tão nítida e esclarecedora? Da implantação da malha agrícola inicial, do desenvolvimento comercial e industrial, alinhavando com os diversos sinais das crises ambientais e econômicas, é necessário um enfoque em ações nessas áreas de grande valor patrimonial e cultural, que são, também, objeto de maior especulação imobiliária, visto a infra-estrutura existente, e que, portanto, sofrem grande ameaça da perda de identidade do seu conjunto. A proteção legal, além de ser um instrumento importante para a recuperação do patrimônio industrial, pode colaborar com medidas preventivas.

Algumas diretrizes políticas, sugeridas na Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial, poderiam ser adotadas, tais como:

- Políticas públicas e sociais para adaptação à flexibilização da economia: as comunidades industriais que estão ameaçadas por rápidas mudanças estruturais devem ser apoiadas pelas autoridades locais e governamentais. Devem ser previstas potenciais ameaças ao patrimônio industrial decorrentes destas mudanças, e preparar planos para evitar o recurso a medidas de emergência;

- Políticas públicas para evitar o sucateamento dos parques industriais: devem ser estabelecidos procedimentos para responder rapidamente ao encerramento de sítios industriais importantes, a fim de prevenir a remoção ou a destruição dos seus elementos significativos. Em caso necessário, as autoridades competentes devem dispor de poderes legais para intervir quando for necessário, a fim de protegerem sítios ameaçados;

- Políticas para reciclagens: a adaptação coerente, assim como a reutilização, podem constituir formas apropriadas e econômicas de assegurar a sobrevivência de edifícios industriais, e devem ser encorajadas mediante controles legais apropriados, conselhos técnicos, subvenções e incentivos fiscais.

Com relação ao atual modelo de gestão do território blumenauense, podemos perceber que a memória urbana da cidade está ameaçada, visto que as principais formas de implantações, adaptações ao meio existente, ampliações e alterações urbanísticas e arquitetônicas, ocorreram nas partes mais antigas da cidade. Se essas áreas não forem preservadas, ao invés de serem substituídas para atender aos interesses imediatos dos especuladores, com o aval do poder público, os desastres serão cada vez maiores e mais intensos, inclusive os ambientais, como o ocorrido em 2008. O poder público deve valorizar e preservar essas áreas, adequando seus usos para a manutenção e desenvolvimento da cultura local ao invés de importar modelos exteriores ao meio em que está inserido.

Contrariando a própria história da cidade, o atual modelo de planejamento e gestão do território não leva em consideração a importância desse conjunto de Patrimônio Industrial descrito anteriormente e de fundamental importância para a memória urbana e coletiva da sociedade local, bem como, das futuras gerações. Resta, frente às evidências, reverter o fluxo dos acontecimentos e decidir pela preservação e valorização dos espaços históricos mais antigos e de sua paisagem cultural.

Cabe aqui sua dimensão política. Sem a preservação e valorização da memória, que tem nos elementos construídos e vividos suas principais referências temporais e espaciais, o presente de uma cultura perde as referências ideológicas, econômicas e culturais que a originaram. O poder público tem a obrigação de revalorizar o passado das cidades através de políticas e projetos de preservação, recuperação e restauração do patrimônio que ainda se encontra presente na paisagem urbana. Porém, de nada adianta se essas políticas pensarem apenas nas edificações de forma isolada, pois é necessário que se pense na preservação e valorização do conjunto como um todo, considerando a ambientação desses espaços que contribuem para a fixação da identidade local com o ambiente construído, onde prevaleçam os interesses coletivos e tão necessários para as próximas gerações.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIELSCHOWSKY, B. B., PIMENTA, M. A. C. Reestruturação Industrial e Espaço Urbano e Regional em Santa Catarina. In: XI Seminário de Iniciação Científica da UFSC, 2001, Florianópolis. **Anais do XI Seminário de Iniciação Científica da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2001.

_____. Memorial Têxtil Hering: Proposta de Reciclagem Industrial em Blumenau-SC/ Brasil. In: I Encontro em Patrimônio Industrial, 2004, Campinas/SP. **Anais do I Encontro em Patrimônio Industrial**. Campinas: UNICAMP, 2004.

CAMPOS, Renato R.; CÁRIO, Silvio A. F.; NICOLAU, José A. **Arranjo Produtivo Têxtil-Vestuário do Vale do Itajaí/SC.** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/notatec/ntec18.pdf>. Acesso em: 01 julho 2008.

CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre. ***Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement.*** Paris: PUF, 1988.

CUNHA, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense**: um exemplo para o Brasil. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DAUFENBACH, Karine. **Hans Broos: A Expressividade da Forma**, 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Egon Eiermann (1904-1970) Die Kontinuität der moderne. Städtische Galerie Karlsruhe und Bauhaus-Archiv Berlin, 2004.

FIGUEIRA, Archibaldo. **A Hering de Blumenau**: Um século 1880-1980. Blumenau: Laborgraf, 1980.

FIGUEIREDO, Lauro César. **Memória e Experiência de uma Cidade do Paraná: a cidade de Maringá**, 2005. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

FONTES, Paulo. **Mapeando o patrimônio industrial em São Paulo.** Patrimônio-Revista Eletrônica do IPHAN. Dossiê: Herança Industrial, N. 04, Março/Abril de 2006. Disponível em: http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=166. Acesso em 15 abril 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Espaços de esperança.** São Paulo: Loyola, 2005.

HERING, Ingo. Indústrias. Desenvolvimento da indústria de Blumenau. **Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de Setembro – 1950.** Blumenau, [s.n.], 1950.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí:** o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

_____. ***La vida contidiana em el mundo moderno.*** Madrid: Alianza, 1972.

LE GOFF, Jacques. **Historia e memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política.** São Paulo: Martins Fontes, 2003

MAMIGONIAN, Armem. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro, n.3, ano XXVIII, 1965.

_____. **Teorias sobre a industrialização brasileira.** Cadernos Geográficos – UFSC – Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

MENDONÇA, Adalton M. Vazios e ruínas industriais. Ensaio sobre friches urbaines. **Arquitextos**, São Paulo, v.14, n.83, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp083.asp>. Acesso em: 01 julho 2008.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **A fibra tece a história**: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau. Blumenau: Sintex, 2000.

PIMENTA, Margareth C. A. A expansão da atividade têxtil e da confecção em Santa Catarina. **Revista Geosul.** Florianópolis, v.11, n.21/22, p.58-91, 1996.

_____. Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina. **Revista Dynamis.** Blumenau, v.6, n.24, p. 62-83, Julho-Setembro 1998, Editora da FURB, 1998.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **A Cidade, As Classes e a Política**: uma nova questão urbana brasileira? In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.) CIDADE: história e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** São Paulo : Hucitec, 1978.

_____. **Pensando o Espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel,1985.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec,1988.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 1997.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim.** Porto Alegre: Movimento, 1974.

_____. **Fazer a América**. In FAUSTO, Boris (org.). SP: EDUSP, 2000.

SIEBERT, Claudia A. F. **Estado e Indústria: A Reestruturação Produtiva e o Reordenamento Territorial do Médio Vale do Itajaí - SC**, 2006. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

WITTMANN, Angelina C. R. **A estrada de ferro no Vale do Itajaí. Blumenau:** EDIFURB, 2001

WEIMER, Günter. **Vida e Morte da Cidade Teuto-Gaúcha**. In Urbanismo no Rio Grande do Sul. WEIMER, Günter (org). Porto Alegre: UFRGS, 1992.

7.1. Bibliografia recomendada

ADAMS FERNÁNDEZ, Carmen: *Bustiello: un ejemplo de rehabilitación integral del patrimonio industrial, em Preservación de la arquitectura industrial en Iberoamérica y Espana.* Granada: Instituto Andaluz del Patrimonio, 2001.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BROOS, Hans. Artigos publicados durante o ano de 1990. Blumenau: *Jornal de Santa Catarina*, 1990.

_____. *Confissões improvisadas de Hans Broos.* Blumenau, junho de 2007.

CLAVAL, Paul. *La Logique dês Villes.* Paris: Litec, 1981.

CUNHA, Idaulo José. *A indústria catarinense rumo ao novo milênio: desafios, evoluções e oportunidades.* Florianópolis: FIESC/ SEBRAE-SC, 1996.

FANUCCI, Francisco; FERRAZ, Marcelo: *Brasil Arquitetura*. SP: Cosac Naify, 2005.

FIESC 50 anos: uma história voltada para a industrialização catarinense. Florianópolis: Editora Expressão, 2000.

GEORGE, Pierre. *Geografia Urbana.* São Paulo: Difel, 1983.

GRUBER, Kart. *Forme et caractere de La Ville Allemande.* Bruxelles: Archives d'Architecture Moderne, 1985.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a história.* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau - IPPUB. *Perfil Blumenau - 1996.* Blumenau, 1996.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LINS, Hoyêdo Nunes. *Reestruturação Industrial em Santa Catarina: pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

MAWAKDIYE, Alberto. *Destroços urbanos. Falta de preservação ameaça história da indústria brasileira.* Revista Problemas Brasileiros. Nr. 374 mar/abr 2006. São Paulo: SESC, 2006.

MENEGUELLO, Cristina; RUBINO, Silvana B. *Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil.* Oculum Ensaios. V. 1, p. 125-132. Campinas: PUCCAMP, 2005.

PELUSO JR. Victor Antônio. *Tradição e Plano Urbano.* In: Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1991.

PIÉTRI, Nicole ; MICHEL, Bernard ; BUFFET, Cyril. *Villes et sociétés urbaines dans les pays germaniques.* Paris: C.D.U. et SEDES, 1992.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. *Industrialisation et Territoire: le cas de l´industrie textile et de la confection au Brésil*. (1850-1980). Tese de Doutorado. Universidade Paris IV, Sorbonne, 1994.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação do patrimônio industrial na cidade de São Paulo: o bairro da Mooca.* Dissertação de Mestrado. SP, FAUUSP, 2004.

SANTOS, Milton: *A Urbanização Brasileira.* São Paulo: Hucitec,1993.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise de evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

SIEBERT, Claudia Freitas. *Estruturação e desenvolvimento da rede urbana do Vale do Itajaí.* Blumenau: Editora da FURB. 1996.

SIEBERT, Claudia A. F. *A Evolução Urbana de Blumenau: o (des)controle urbanístico e a exclusão sócio espacial,* 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

VICHNEWSKI, Henrique Telles. *As Indústrias Matarazzo no Interior Paulista: Arquitetura Fabril e Patrimônio Industrial (1920-1960).* Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2004.

VIÑUALES, Graciela María. *Miradas sobre el patrimonio industrial*. Buenos Aires, CEDODAL, 2007.

ZEIN, Ruth Verde. Projeto, n.53, julho 1983, p. 81.

PESQUISA EM SITES, JORNAIS E REVISTAS:

Empresas:

www.ciahering.com.br

www.karsten.com.br

www.artex.com.br

www.altenburg.com.br

www.teka.com.br

www.haco.com.br

www.cremer.com.br

www.dudalina.com.br

www.sulfabril.com.br

www.heringharmonicas.com.br

Institucionais:

PMB - Prefeitura Municipal de Blumenau:
www.blumenau.sc.gov.br

FURB - Universidade Regional de Blumenau:
www.furb.br

SINTEX - Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem e do Vestuário de Blumenau:
www.sintex.org.br

ACIB - Associação Comercial e Industrial de Blumenau:
www.acib.net

AMPE - Associação das Micros e Pequenas Empresas de Blumenau:
www.ampeblumenau.com.br

CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas, Intersindical Patronal de Blumenau:
www.cdlblumenau.com.br

FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
www.fiescnet.com.br

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego:
www.mte.gov.br

ABIT - Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção
www.abit.org.br

FETIESC - Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Estado de Santa Catarina
www.fetiesc.org.br

Patrimônio Industrial:

TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
www.mnactec.cat/ticcih/

TICCIH-BRASIL – Comitê Brasileiro para a Preservação do Patrimônio Industrial
www.patrimonioindustrial.org.br

CMCPI - Comité Mexicano para la Conservación del Patrimonio Industrial
http://morgan.iia.unam.mx/usr/Industrial/index.html

AURPI - Asociación Uruguaya del Patrimonio Industrial
http://www.rionegrotodo.com/aurpi.html

APPI - Associação Portuguesa para o Património Industrial
http://www.museudaindustriatextil.org/appi/

APIC - Association pour le Patrimoine Industriel de Champagne-Ardenne
www.patrimoineindustriel-apic.com/

E-FAITH - European Federation of Associations of Industrial and Technical Heritage
www.e-faith.org/

Rotas de valorização do patrimônio industrial

Rota do Património Industrial do Vale do Ave - Portugal
www.rotanoave.com

The European Textile Routes
www.etn-net.org/routes

Route der Industriekultur
www.route-industriekultur.de

Route der Industriekultur Rhein-Main
www.route-der-industriekultur-rhein-main.de

Barcelona Tourisme Industrial
www.turismeindustrial.org

Waldviertler Textilstraße
www.tiscover.at/textilstrasse

Nord-Pas-de-Calais: Industrial Revolution and the North's Textile Industry
www.theotherside.co.uk/tm-heritage/background/textiles.htm

LWL-Industriemuseum
www.industriemuseum.de

Veranstaltungsportal "industriekultur-aktuell"
www.industriekultur-aktuell.de

Parc Fluvial del Llobregat, Colònies tèxtils
209.18.99.156

Spartacus Schoolnet: The Textile System
http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/Textiles.htm

VITRUVIUS – Portal de arquitetura e urbanismo

www.vitruvius.com.br

Arquitextos – ISSN 1809-6298

Olhares sobre o patrimônio industrial.
Graciela María Viñuales
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq091/arq091_03.asp

Esquecer para preservar.
Eneida de Almeida e Marta Bogéa
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq091/arq091_02.asp

Patrimônio industrial e memória. A formação da cidade de Itapevi SP a partir da contribuição da Fábrica de Cimento Santa Rita S.A. – 1953 a 1986.
Henrique Caruso Almeida
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp353.asp

Revitalização da área Pirelli, Bicocca 1985 – 2000.
Marisa Barda
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq006/arq006_01.asp

Vazios e ruínas industriais. Ensaio sobre friches urbaines
Adalton da Motta Mendonça
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp083.asp

Memória cultural e o patrimônio intangível.
José Albano Volkmer
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq009/arq009_02.asp

Incubadoras urbanas. Políticas de revitalização urbana através de subculturas. A experiência paulistana e o contexto internacional.
Merten Nefs
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq058/arq058_03.asp

História de um núcleo fabril: Frigorífico Z.D. Costi Cia. Ltda, Passo Fundo/RS.
Marilice Costi e Celi Maria Costi Ribeiro
http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp208.asp

Minha Cidade - ISSN 1982-9922

Patrimônio industrial em Sorocaba: revisitando a Manchester Paulista
Claudia dos Reis e Cunha
http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc138/mc138.asp

Demolição de galpões industriais na Mooca: descaso e impunidade
Cristina Meneguello, Fernanda Valentin, Giancarlo Bertini e Manoela Rufinoni
http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc196/mc196.asp

Numa velha fábrica de tambores. SESC-Pompéia comemora 25 anos
Marcelo Carvalho Ferraz
http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc212/mc212.asp

Patrimônio – Revista eletrônica do IPHAN

www.revista.iphan.gov.br

Dossiê Nº 4 – Herança industrial. Mar. / Abr. de 2006

Artigos:

Patrimônio industrial: passado e presente
Leonardo Mello e Silva

Patrimônio industrial e preservação
Beatriz Mugayar Kühl

Mapeando o patrimônio industrial
Paulo Fontes

Arqueologia industrial ou da industrialização?
Beatriz Valladão Thiesen

As cidades e os muros
Carlos Vogt

Patrimônio ferroviário na arquitetura e no urbanismo
José Leme Galvão Jr.

Reportagens:

De arqueologia a patrimônio
Rafael Evangelista

Trens e cana-de-açúcar
Patricia Mariuzzo

Utilidade venceu valor histórico
Carolina Cantarino

Falência, ruínas e salvamentos
Patricia Mariuzzo

Vilas operárias: patrimônio ameaçado
Carolina Cantarino

Artigos publicados em jornais e revistas:

A classe operária vai ao paraíso. *LUIZ SUGIMOTO*
Jornal da UNICAMP. Edição 266. Setembro de 2004.

O império muda de ares. *CARMO GALLO NETTO.*
Jornal da UNICAMP. Edição 270. Outubro de 2004.

Vilas de SP revelam história de trabalhadores. *SÉRGIO DÁVILA*
FOLHA DE S.PAULO, 09/11/2003.

Eixo fabril é vestígio da cidade que se apaga. *EDNEY CIELICI DIAS*
FOLHA DE S.PAULO, 28/11/2003.

De engenho a centro cultural da USP. *IURI PITTA.*
O ESTADO DE S.PAULO, 03/12/2003.

A redescoberta da SP parada no tempo. *JOSÉ MARIA MAYRINK*
O ESTADO DE S.PAULO, 04/07/2004.

Reforma de vila operária gera controvérsia. *FABIO SCHIVARTCHE*
FOLHA DE S.PAULO, 05/10/2004.

Escavações resgatam corrida do ferro no País. *JOSÉ MARIA TOMAZELA*
O ESTADO DE S.PAULO, 09/03/2005.

Nunca antes neste país os museus... *JOSÉ DO NASCIMENTO JÚNIOR*
FOLHA DE S.PAULO, 21/05/2008.

Restaurada, antiga sede da Comgás será aberta para visitação em SP. *Silvia Ribeiro*
20/02/2008
http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL305531-5605,00.html

Construção civil aposta em terrenos industriais para crescer em São Paulo. *Laura Naime*
25/05/2008
http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL489693-9356,00.html

Estádio Aderbal Ramos da Silva começa a ser demolido.
24/09/2007 - Futebol
http://www.tvgalega.com.br/hpn/noticias/index.php?nt_chave=c832f29ada8ddde&nt_tipo=NOTI

Projeto do terreno do BEC pode ter área comercial e prédios residenciais. *Francielle Furtado*
11/08/2008 - Negócios
http://www.tvgalega.com.br/hpn/noticias/index.php?nt_chave=282b5611d79675e&nt_tipo=NOTI

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo